



Who's worse than The Devil...
his son.

El Diablo

WALL STREET JOURNAL & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
M. ROBINSON

The image is a composite. The upper portion shows a man and a woman in a romantic pose, looking at each other. The man is wearing a white shirt and has his hand near the woman's face. The lower portion shows a woman with blonde hair lying in dark water, looking towards the viewer. The entire image is framed by a dark, irregular border.

TRADUÇÕES

Rhealeza

Staff

Tradução

Nix, Hígia, Mahadeva, Isis,
Artemise e Lilith

Revisão Inicial

Higia

Revisão Final

Higia

Leitura Inicial

Mitra

Leitura Final

Cibele

Formatação

Kyt e Cibele



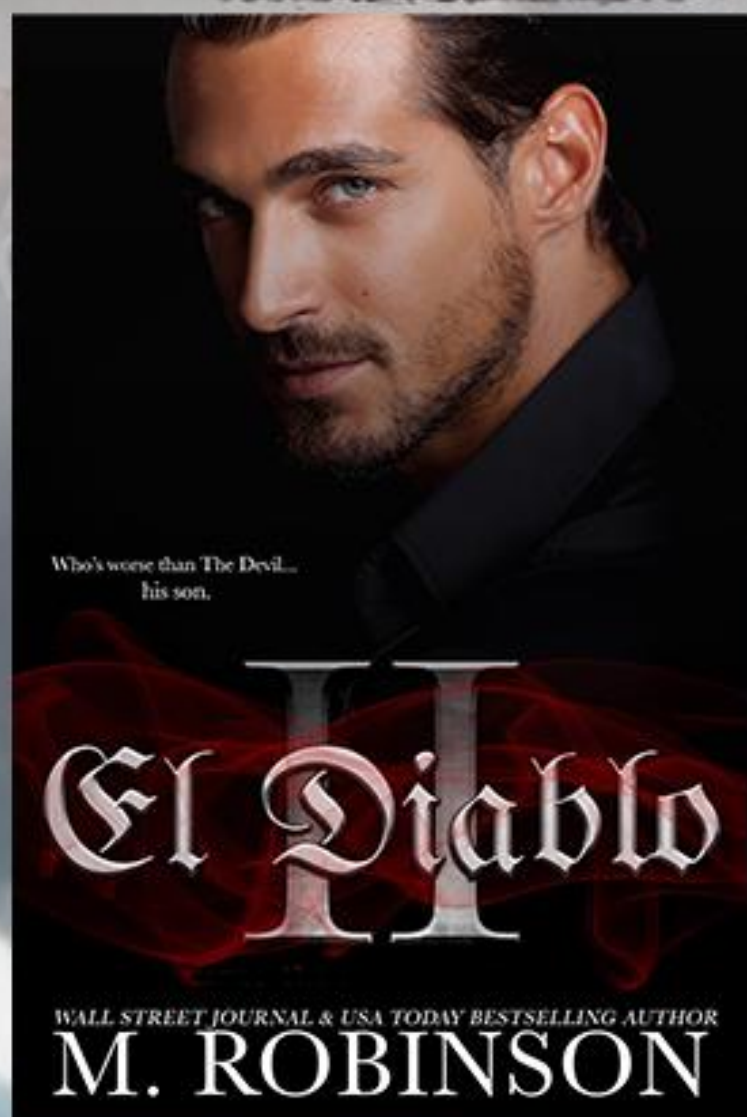
GRUPO
RHEALEZA
TRADUÇÕES

09/2020



LANÇAMENTO

LANÇADO



THE DEVIL

II El Diablo

M. ROBINSON

Série The Devil#02

SINOPSE

Os pecados do pai passaram a ser os do filho.

Ira por pegarem o que era precioso para mim.
Cobiça pelas vidas que eram minhas para tomar.
Preguiça para a destruição contra minha vontade.
Desejo pela vingança e o sangue que eu derramaria.
Gula pelas almas que ansiava.
Inveja pelos espíritos que eu ainda não tinha tomado.
Orgulho pelo legado que eu logo cumpriria.

Eu queria me lembrar de tudo sobre este momento.

Uma olhada. Um momento. Uma garota.

Ela bastou para eu perder o foco. Sienna Luciano, meu oitavo pecado mortal.

Foi o meu fim, mas não o meu legado. Foi apenas o começo de ...
A ressurreição de El Diablo. Permita-me apresentar-me.

Sou Crucifixio Martinez.

PRÓLOGO

Cruz

Com um olhar arregalado, meus olhos foram de um pesadelo para o outro. Mudando meu olhar para o caminho da ira deles, eu ofeguei alto. Incapaz de segurar minhas emoções, sufocando minha próxima respiração.

Meu peito apertou.

Todo o sangue foi drenado de minhas veias.

Eu estava congelando de repente.

Frio pra caralho.

Meus pés estavam grudados no maldito chão sujo embaixo de mim. Arrastando-me direto para o Inferno, onde o diabo me queria em casa.

Nossos olhos permaneceram conectados por vários segundos. Porra, poderia ter sido horas. O tempo simplesmente parou. Quando levantei meus olhos para os deles, não pensei duas vezes sobre isso.

Eu caí de joelhos e implorei: —Por favor.

Lágrimas escaparam dos meus olhos, não havia como escondê-las. Eu nunca havia sentido uma devastação assim. Estava me dilacerando, esmagando meus ossos, me despedaçando.

Um por um.

Eu era um monte de cinzas.

—Por favor. —Eu implorei, sem vergonha.

Achava que sabia tudo, tinha visto tudo, vivenciado tudo.

Eu estava errado.

Muito. Errado.

—Estou te implorando. —Não hesitei na minha decisão quando falei com convicção...

De acabar com tudo.

—Mate-me, então.



PARTE I

CAPÍTULO 01

Cruz

—*Pero, Papá!* —Minha irmã mais velha Adriana gritou. —*Mas, pai!* —Alto e claro em espanhol. O timbre agudo de seu tom desrespeitoso ricocheteou nas paredes da sala de nossa casa.

Se havia uma coisa que nosso pai exigia, era respeito em sua presença.

—Você não pode continuar a fazer isso comigo! Tenho vinte e dois anos! Uma adulta! *Non puoi!* —Ela se enfureceu. —*Você não pode!* —Em italiano.

Adriana só fazia isso quando estava louca pra caralho, fumegando de dentro para fora. Ela começava a falar em espanhol, italiano ou inglês, qualquer idioma em que fôssemos fluentes. Era como se sua mente não pudesse processar seus pensamentos rápido o suficiente, então ela cuspiu fogo em qualquer dialeto que viesse primeiro.

Ele estreitou seus olhos intensos e redondos para ela. Seu olhar a encarando com o comportamento intimidante que todos nós conhecíamos e experimentamos em primeira mão.

Principalmente *eu*, seu único filho.

Em um só fôlego, ele lembrou. —Eu posso fazer o que eu quiser, Adriana. Quem vai me impedir? *Você?* —Ele zombou em um tom condescendente.

Seu pavio curto não estava indo bem. Isso nunca ia bem com ele. Não que isso alguma vez tenha impedido qualquer um de nós de atizar a chama.

O que nosso pai esperava de sua prole? Seu sangue corria em nossas veias. Éramos exatamente como ele.

Exibindo isso com orgulho em momentos como esses, em que questionávamos sua autoridade. Tornando nossas demandas conhecidas. O resultado de nossa discussão nunca importava. Era a guerra dentro de nossas almas que precisava ser libertada.

Aos vinte e um anos, eu era menos de um ano mais novo que minha irmã. Quanto mais velhos ficávamos, mais difícil era para ele nos controlar. Não ajudou em nada o fato de ele guardar Adriana como um cão raivoso, pronto para destruir qualquer um que cruzasse o caminho dela, em pedaços com seus próprios dentes. Nunca pensando duas vezes sobre isso.

Nós dois sabíamos disso também.

Aos olhos da lei, ela era adulta. Embora isso não importasse, nosso pai ainda a tratava como uma garotinha. A prova disto era que ela ainda morava em casa sem esperança de se mudar tão cedo. Ele controlava todos os aspectos de sua vida e não tinha planos de mudar as regras que estabeleceu para ela desde que fora concebida.

No entanto, ele era muito diferente com seu único filho homem. Nosso pai não colocou um escudo na minha frente como fez com minha irmã. Muito pelo contrário, ele me deixou fazer o que diabos eu quisesse. Sempre dizendo que criou um homem para cuidar do que era dele.

Nossa família.

Ele esperava, não, exigia, que eu protegesse Adriana e nossa mãe com cada respiração, incluindo a última, se necessário. Com minha ajuda, nosso pai protegeu Adriana do mundo.

Eu, por outro lado, fui ensinado que o medo de qualquer coisa ou de alguém não era uma opção.

Talvez seja o simbolismo por trás do meu nome. *Crucifixio*, que significa cruz em espanhol. Sua mãe, minha falecida avó, usou uma cruz de prata em seu pescoço durante toda a sua vida, desde *El Barrio*, nas ruas da Colômbia, aos Estados Unidos da América, a terra dos livres e o lar dos bravos.

Eu tinha ouvido todas as histórias. Meu avô migrou para os EUA para dividir e conquistar. Ele era Deus na terra de seus discípulos gananciosos, que ansiavam ter sua cabeça na porra de uma bandeja de prata.

Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda.

Meu pai usou a relíquia de família até chegar a hora de minha mãe usá-la ao redor do pescoço. Para protegê-la de seu inferno. Algo que nosso pai fazia de melhor, e eu não estava falando sobre sua vida.

Seu rugido silenciava o diabo.

Ou devo dizer...

El Diablo.

Depois que nasci, a cruz foi passada para mim e eu nunca a tirei.

Minha proteção.

De quê?

Adriana encontrou seus olhos, totalmente ciente de que se não o fizesse, ele exigiria isso dela. Mantendo sua posição, ela ergueu a cabeça em desafio. Se eu percebi a postura desafiadora de Adriana, ele com certeza percebeu também.

—Por que você não pode me deixar viver minha vida? Hã? Por que é tão difícil para você me deixar ter alguma normalidade? Por que você não pode confiar em mim para tomar as decisões certas?

Nosso pai permaneceu assustadoramente calmo, colocando as mãos nos bolsos da calça. Ele simplesmente respondeu: —A confiança é conquistada, *peladita*. —Chamá-la de menina em espanhol só lhe rendeu uma expressão desdenhosa através de seus olhos estreitados. Ela odiava ser chamada de menina, tanto quanto odiava que ele a tratasse como uma. Ela desprezava isso mais do que qualquer coisa, e ele fez isso durante toda a sua vida.

—E o que eu fiz para não ter sua confiança? Hã? Você mal me deixou fora de sua vista. Fui educada em casa até meu segundo ano do ensino médio, mas Cruz foi autorizado a ir para a escola desde que começou a andar. Como isso é justo?

Onde quer que ela fosse, eu a seguia. Junto com três homens armados. A escola particular que frequentamos foi financiada por nosso pai. Ele construiu a biblioteca, o refeitório, o maldito campo de futebol.

O dinheiro sempre governou com punho de ferro.

A administração nos deixou fazer o que quiséssemos por causa do todo-poderoso dólar.

—Eu nunca disse que a vida era justa, Adriana. Quantas vezes devo lembrá-la de que tudo o que faço é para protegê-la?

—Papá...

—Cruz. —Meu pai a interrompeu. Inclinando a cabeça para o lado, ele olhou para mim. —Certifique-se de que ela não saia de sua vista esta noite. Você é a proteção dela. Tenho negócios a tratar primeiro. Encontrarei vocês lá.

—Oh meu Deus! É uma festa de formatura! Você está falando sério? O que exatamente você acha que vai acontecer? Vou comer bolo e tropeçar em um pa...

—Proteger minha irmã. Proteger minha mãe. Ouvi isso minha vida inteira. —Eu entrei na conversa, incapaz de me segurar por mais tempo. —Eu já sei, considerando que seus capangas nos protegeram com cada pormenor de nossas vidas desde que posso me lembrar. Mas me diga, *Padre*? —Eu enfatizei o pai em espanhol. —Do que exatamente estou protegendo-as?

Com o canto do olho, pude ver Adriana sorrindo para mim. Orgulhosa pra caralho que eu estava do lado dela. Nossa mãe estava atualmente no jato particular de nosso pai, voltando para casa depois de visitar sua família em Oak Island. Quando ela não estava por perto, os demônios dele decidiam sair e brincar.

—Não me questione, Crucifixo. Faça o que eu digo.

Foi a minha vez de estreitar os olhos para o nosso pai. Procurando pelas respostas que eu queria desesperadamente desde o momento em que percebi que nossa vida não era normal para os padrões de ninguém, exceto os dele. Crescer com guarda-costas faria isso com uma criança. Você vai duvidar de tudo inerentemente.

Os rumores.

Os pequenos sussurros.

A obediência absoluta que nosso pai impunha sempre que entrava em uma sala não era algo que poderíamos ignorar. Era claramente exibida bem na frente de nossos olhos. Embora ninguém nunca nos tenha dito o porquê...

Nós sempre soubemos.

Tínhamos visto as evidências com nossos próprios olhos. A internet era uma ferramenta poderosa que tínhamos à nossa disposição. Fotos das pessoas que atravessaram seu caminho e não viveram para contar a respeito estavam a apenas um clique de distância na rede mundial de computadores. Embora eu ainda não tivesse conhecido esse homem que as pessoas costumavam chamar de *o Diabo*. Tínhamos vislumbres dele, principalmente em discussões como essa.

Nem uma vez ele admitiu quem realmente era.

É.

Eu sentia isso na parte mais profunda dos meus ossos. No centro do meu ser. A verdade escondida à vista de todos. O diabo que eu nasci para ser, refletido em seus olhos assustadores e sombrios. O fogo, a escuridão, o brilho sem alma me encaravam toda vez que ele gritava uma ordem.

Ele também sabia.

Ele sentia o que eu via.

Agora não me entenda mal, ele era um pai incrível. Nós o amávamos tanto quanto ele nos amava. Mas quando se tratava de sua família, *El Diablo* surgia das profundezas do inferno em que ele se enterrara. Fingindo sua própria morte. Seus inimigos poderiam pensar que ele estava morto, embora seus demônios...

Aqueles com os quais ele lutou e tentou se esconder, ainda estavam prosperando e respirando ao nosso redor. Era luciferiano, suas chamas eternas nos queimando vivos.

—Aonde você vai?

—Aonde eu vou não te diz respeito e, francamente, Cruz, não é da sua conta.

Exceto que não era apenas por ele que eles estavam esperando. Eles ficaram à espreita, caçando o que realmente desejavam...

Eu.

—E se eu estiver fazendo isso ser da minha conta?

CAPÍTULO 02

Cruz

Ele não se moveu, não fez nenhum som. Se nosso pai achou graça ou ficou surpreso com meu desafio, ele não demonstrou por um segundo. Independentemente das situações ou circunstâncias, Alejandro Martinez sempre estava no controle de suas emoções. Você nunca sabia o que o homem estava pensando ou sentindo, ou que punição ele consideraria adequada quando decidisse que a discussão estava terminada.

Fraqueza nunca foi uma opção. Eu era o lobo ou a ovelha, não havia meio-termo.

Não quando se tratava dele.

Antes que eu pudesse sequer contemplar o que estava acontecendo, ou para onde isso estava indo, ele casualmente enfiou a mão em seu coldre e puxou a arma. Apontando-a para baixo ao lado dele.

Eu me afastei enquanto Adriana ofegou. Ambos chocados com a virada dos acontecimentos.

—*Papá...*

Sem olhar para a filha, ele ergueu um dedo na direção dela.

Silêncio.

Eu me lembraria das próximas palavras que saíram de sua boca pelo resto da minha vida. Em um tom de voz áspero, ele questionou: —Você quer ser um Martinez, Crucifixo?

—Cruz, não... —Adriana afirmou, antes de eu interromper.

Eu não hesitei. —*Sim*.

Muitas emoções conflitantes irromperam em questão de segundos. Eu ainda não entendia totalmente meu papel como Martinez, ou o que nosso pai queria dizer. Meu corpo travou quando ele ofereceu sua Glock para que eu a pegasse. Lá estava ele, o metal preto polido, brilhando no espaço entre nós.

O poder que detinha.

O controle que tinha sobre mim naquele segundo.

O caminho que me levaria para baixo.

Meu olhar foi de sua arma para seus olhos verdes vazios. Eu tentei como o inferno governar a incerteza repentina, percorrendo meu corpo em rápida velocidade sem fim à vista. Esta foi a primeira vez na minha vida que senti como se ele finalmente estivesse me mostrando o diabo dentro dele.

—Você quer ser um Martinez, Crucifixio? —Ele repetiu, acenando para um dos seguranças atrás de nós. —Ambrosio, *ven*. — Ele disse em espanhol para ele se aproximar.

O segurança veio rapidamente, conhecendo seu lugar e, ficou atrás de nosso pai.

—Seja homem, filho. E se eu te disser que Ambrosio nos traiu? Como você lidaria com isso?

—O quê?

—Você me ouviu.

—O que ele fez?

—O simples fato de eu ter dito a você que ele nos traiu é justificativa suficiente para corrigir as coisas. Família acima de tudo, Crucifixio. Incluindo a vida.

Sem pensar, meu olhar travou em seu segurança.

—Não olhe para ele. Olhe para mim. —Ele ordenou, chamando minha atenção de volta. —Olhe nos meus olhos quando estou falando com você, Cruz. *Sempre*.

Eu engoli em seco, lutando contra as emoções que tentavam subir até a superfície.

—Era isso que você fazia quando era El Diablo?

Ele astuciosamente arqueou uma sobrancelha. —Não acredite em nada do que você ouve e metade do que você vê. Você me entende?

—Você não respondeu minha pergunta.

—Eu não preciso.

—Você vai matá-lo?

Em um movimento rápido, ele me entregou sua Glock. —*Você vai?* Você quer se meter no meu negócio? Então você vai ter que merecê-lo. Você acha que pode encontrar El Diablo e não queimar no inferno? Você quer me desafiar? Então seja homem, *hijo*. Mostre-me do que você é feito.

—Oh meu Deus. —Adriana suspirou. —É verdade então? Você era o homem mais temido de todo o mundo? Você era El Diablo?

—Adriana...

Ela o interrompeu: —Responda-me!

Ele estava no rosto dela antes que a última palavra saísse de sua boca. Seu movimento abrupto fez com que ela tropeçasse, caindo direto no sofá. Ele olhou para ela, pairando sobre minha irmã com nada além de uma dominância devastadora irradiando de sua pele.

—Nunca levante sua voz para mim, *peladita*.

Ela balançou a cabeça, não acreditando em seus olhos.

Eu me forcei a me manter sob controle. O silêncio assustador que nos rodeava não estava ajudando minha disposição. Senti meu nervosismo aumentando mais uma vez, somando-se às perguntas intermináveis às quais eu sabia que nunca teria respostas.

—Sua vida inteira, eu te protegi de...

—Você. —Eu terminei sua frase por ele.

Nossos olhos se encontraram.

Naquele momento, eu entendi que este era um teste, um que havia sido realizado muitas e muitas vezes antes desta noite.

Foi assim que ele foi transformado em El Diablo? Meu avô fez isso com ele também? Era assim que os homens Martinez eram feitos?

Meu corpo se moveu no piloto automático, como se estivesse sendo puxado por um fio invisível. Evocando uma reação que não pude explicar nem negar, cruzando aquela linha imaginária entre o Céu e o Inferno. Uma força mistificadora, tão consumidora que não havia sentido em desafiá-la. A escolha foi feita por mim.

Estava no meu sangue.

Meu DNA.

A verdade refletida de volta para mim a cada passo, me trazendo mais perto de meu criador.

Eu fiquei ereto, olhando o Diabo bem nos olhos. —Eu sempre pensei que você fingiu sua morte porque estava se escondendo de homens que queriam seu sangue nas mãos. Não foi nada disso, não é mesmo?

—Um dia você aprenderá que agir de acordo com os pensamentos só vai te matar. Fatos, filho, ou você está apenas perdendo meu tempo.

—Você quer fatos? —Eu zombei, meus lábios se curvaram em um rosnado silencioso enquanto eu olhava para ele. —Vou te dar o mais importante. Você não estava se escondendo de ninguém além de si mesmo. Essa é a verdade para a sua morte imaginária, não é?

—Isso não é um fato, é uma pergunta. Quando vier atrás de mim, Crucifixio, certifique-se de controlar seu tom e suas emoções. Apenas obscurece seu julgamento. Você está tornando muito fácil para mim usá-lo contra você. —Ele se inclinou, olhando profundamente nos meus olhos. —O que explica por que você acha que pode se aproximar de mim e não sentir a ira da minha mão. Quem diabos você pensa que é?

—Como você disse, eu não acho, eu sei... Eu sou o filho do Diabo.

Meu pai inclinou a cabeça para o lado, dando um breve aceno de cabeça para a arma ainda na minha mão. —Então prove isso.

—Cruz, isso é ridículo. Ele está te provocando. Papá, que jogo você está jogando agora?

—Eu não jogo, Adriana. Estou simplesmente ensinando a seu irmão o que ele deve fazer. É a *sobrevivência*. É a diferença entre ser rei ou se curvar a um. Você é um graduado da faculdade agora. Um homem. —Ele se moveu para o lado, permitindo que Ambrosio aparecesse em meu campo de visão. —Esta é sua chance de ganhar seu lugar na *minha* mesa.

Eu fiquei ali congelado, cimentado no chão que estava desabando embaixo de mim. O tempo parecia estar parado enquanto os olhos de Ambrosio perfuravam os meus, o que só começou a desvendar uma resolução profunda em meu núcleo. Não ajudou que eu pudesse sentir fisicamente a apreensão de Adriana, batendo em meu corpo enquanto ela esperava o sangue dele fluir sobre minhas mãos.

Meu coração batia forte contra meu peito, o suor acumulava em minhas têmporas. Quanto mais eu ficava lá, mais difícil era puxar o gatilho. Eu podia sentir o olhar concentrado de meu pai, queimando um buraco na lateral do meu rosto.

Ambrosio nem piscou. Não havia medo em sua expressão. Não havia preocupação em sua postura. Nada. Nenhuma maldita reação. Eu não pude deixar de me perguntar o que o tornou assim.

Estava trabalhando para meu pai?

Ele viu muito?

Ele sabia que eu não seria capaz de fazer isso?

O homem parecia feito de pedra quando deveria estar desmoronando no chão. Implorando por sua vida, ou pelo menos proferindo suas últimas palavras.

Um pedido de desculpas.

Uma segunda chance.

Misericórdia.

Posso fazer isso?

Eu tenho isso em mim? Tirar uma vida que não me pertence, tudo em nome da família.

A partir do segundo em que meu olhar se conectou com o de Ambrosio, uma profunda sensação de dúvida e culpa me invadiu. Eu estava me equilibrando nessa corda bamba que era minha consciência.

Cada vez que Ambrosio piscava, eu imaginava que ele tinha família.

Uma esposa.

Uma filha.

Um filho.

Um maldito cachorro.

Ultrapassando o pequeno espaço entre nós.

—Agora ou nunca, Crucifixio.

Suas palavras estavam desabando sobre mim. Morando no espaço vazio e escuro do meu coração e alma que eu não sabia que tinha até este momento, me fazendo questionar absolutamente tudo.

Especialmente, se eu fui feito para este inferno...

Eu estava desesperado, sentindo uma perda completa. Meu interior agitou-se com indecisão, acendendo um arrepio desconhecido que correu pela minha espinha, mas tão rápido quanto veio, foi embora.

O diabo estava em meu ombro.

Meu pai.

Nosso pai.

El Diablo.

Eu não consegui controlar todas as emoções, me batendo na cara. Os "e se" não respondidos giravam na minha cabeça com a situação atual em que me encontrava. Tudo na vontade de meu pai.

Como se estivesse lendo minha mente, ele caminhou para a minha frente novamente. Colocando-se na linha de fogo, bloqueando a realidade e Ambrosio de minha vista.

Adriana deu um grande suspiro de alívio quando ele afirmou: —Sua mãe ficaria orgulhosa.

—E você?

Lentamente, ele recuou, acenando para que seus homens o seguissem.

Pensei que as palavras: —Você quer ser um Martinez? —Iriam me assombrar para sempre.

Eu estava errado.

Com um último olhar intenso em minha direção, ele declarou o destino do meu futuro.

—O Diabo já foi anjo, Crucifixo. E jamais se esqueça disso.

CAPÍTULO 03

Cruz

—Que porra foi essa? —Adriana rugiu, batendo a porta da minha Ferrari.

—Relaxa.

O carro esportivo vermelho foi um presente de meu pai no meu aniversário de 21 anos. Não era fora do normal eu ganhar um presente tão extravagante, especialmente dele. Morávamos em uma das cidades mais ricas de todo o sul da Itália, na costa de Amalfi, na província de Salerno. Não era incomum que nós ainda vivêssemos com os nossos pais. Era comum na Itália. Seus pais cuidavam de você até chegar a sua vez de cuidar de seus pais.

Família era tudo.

A casa em que crescemos era uma enorme e linda casa de estilo mediterrâneo localizada em um penhasco, com vista para o mar. Dinheiro nunca foi um problema para nós. Tudo o que queríamos, nos era dado. Sem perguntas. Para desaprovação de nossa mãe, nosso pai sempre nos mostrou as coisas boas da vida.

A educação deles foi muito diferente. Na verdade, extremos opostos. Ela era pobre e cresceu em um lar adotivo até os dezoito anos de idade. Seus guardiões não hesitaram em jogá-la no mundo real. Assim que eles deixaram de receber um cheque do governo para fornecer um teto sobre sua cabeça, ele desaparecera.

Apesar da vida dura que teve, nossa mãe era resiliente, uma sobrevivente. Em seu auge, ela foi uma *Prima Ballerina*, uma das

melhores, pelo que nos disseram. Ela se apresentou em todo o mundo em teatros completamente lotados de pessoas que estavam simplesmente hipnotizadas por suas habilidades e talento intocável. O balé pode ter sido o dono de seu coração, mas sua alma sempre pertenceria a nosso pai.

Alejandro Martinez.

Desde que eu conseguia me lembrar, ela dançava apenas para ele.

Embora as raízes humildes de nossa mãe tenham desempenhado um papel importante em nossa educação, isso não mudou o fato de que nosso pai cresceu com riqueza além da imaginação de qualquer pessoa. Ele possuía aviões, jatos, carros, casas em todo o mundo. A lista de bens que ele possuía era interminável.

Às vezes parecia que a única maneira que ele sabia como expressar seu amor por nós era por meio de bens materiais. Era como se ele pensasse que poderia compensar os pecados de seu passado dando-nos o que queríamos. Quando o que desejávamos era a verdade que ele não conseguia formar em palavras, pelo menos não para nós.

—Ari, não comece.

—Não comece? Não comece! —Ela enfatizou, permitindo que seu temperamento levasse o melhor dela. Com toda a atenção voltada para mim, ela exclamou: —Você está falando sério? Você não pode estar falando sério! Você não estava naquela sala comigo? Você ouviu o que ele queria que você fizesse? Para quê, Cruz? Para mostrar alguma lealdade a *la familia*? O que diabos isso significa?

—Ari... —Eu avisei, minha paciência se esgotando.

—Você não pode me calar desta vez! Fiz vista grossa para essa merda por muito tempo! Durante toda a nossa vida, nós sabíamos que algo estava errado! A maneira como as pessoas estão ao redor dele! Vamos lá, Cruz! Essa merda não é normal! Ou devo lembrá-lo dos guarda-costas que estão nos seguindo agora e tudo o que estamos fazendo é indo para uma maldita festa de formatura?

Eu não queria ir à maldita festa. No entanto, lá estava eu, vestindo um smoking Armani com malditos sapatos de couro italiano. Acompanhando minha irmã pé no saco em uma festa onde eu não conhecia ninguém presente.

—Adriana, chega. Você precisa se acalmar.

—Preciso me acalmar? Que tal você precisa reagir! Como diabos você fica tão calmo? Você é tão sinistro e assustador quanto ele. Você sabe disso, certo? Quanto mais velho você fica, mais age como ele e mais se parece com ele também!

—Isso é para me ofender, Ari? Porque da última vez que verifiquei, nosso pai nos deu tudo.

—Exceto a verdade sobre quem ele era... é. E agora ele faz essa manobra? Como você espera que eu reaja? Ele apenas provocou você para matar alguém a sangue frio e você está sentado aqui como se isso não tivesse acontecido! —Ela acenou com a mão freneticamente na direção de nossa casa.

Eu perdi a paciência, imediatamente girando o volante ao mesmo tempo que pisava no freio, fazendo o carro derrapar para o lado antes de parar completamente.

—*Carajo!* —Gritei —Caralho. —Em espanhol. Acenando para os seguranças que de repente estavam saindo de seus veículos para

ver o que estava acontecendo. —O que você quer de mim? Hã? Você quer que eu diga como me sinto? É isso que você quer?

—Sim! Por uma vez, adoraria saber o que você está pensando, em vez de bancar o bonzão como se fosse o rei do mundo!

—Adriana, apenas me pergunte o que você realmente quer saber, em vez de perder meu tempo com suas malditas birras.

—Eu não estou fazendo birra! Não sou uma garotinha.

—Então pare de agir como uma.

Ela estreitou os olhos para mim com um olhar penetrante, me irritando ainda mais.

—Bem. Se eu não estivesse lá. —Ela finalmente especificou. —Você teria tirado a vida dele? Você teria matado aquele homem?

—Eu faria qualquer coisa para protegê-la, Ari.

Ela piscou e seus olhos ficaram vidrados. —Então você mataria por mim?

—Se fosse preciso, morreria por *você*.

Ela ofegou, se afastando de mim.

—Ari...

—Isso não o torna melhor do que *El Diablo*, Cruz. Você se lembra dessas notícias, certo? *Alejandro Martinez, chefe do crime notório de New York, está sendo colocado para descansar hoje, depois de ser morto a tiros no centro de Manhattan em sua cobertura há uma semana. A investigação ainda está em aberto e não há indícios nesse momento de quem é o responsável por tirar a vida do homem mais comumente conhecido como El Diablo. Justiça foi feita. Provando que os mocinhos podem ganhar, no final.*

—Jesus Cristo, você memorizou isso?

—Claro que sim. Você quer saber o que mais eu lembro? Mamãe nos contando que ele fingiu sua morte e mudou seu nome para nos proteger de seu passado, quando na realidade eram de seus crimes que ele não queria que soubéssemos. Quantas pessoas morreram das mãos dele, Cruz? E quantas mais morrerão nas suas?

—Você está chateada, Adriana. Você não sabe o que está dizendo.

—É aí que você está errado, irmão. Pela primeira vez na vida, sei exatamente o que estou dizendo. Buscamos a verdade e ela esteve bem diante de nossos olhos o tempo todo. Sabíamos quem ele era e do que era capaz. Apenas fingíamos que não. Para quê? Qual era o sentido dele me proteger de seu mundo quando você sempre iria fazer parte dele? Se ia chegar a isso... você ter que se levantar ou se curvar, então por que esperar? Por que ele não nos contou desde o início qual era o seu destino? A verdade é que ele está criando outro homem para ser igual a ele. —Ela fez uma pausa, permitindo que suas palavras fossem absorvidas.

—É isso que você quer, Cruz? Seu legado? Ser o novo demônio? —Ela perguntou, ciente de que eu já estava perdido em meus próprios pensamentos.

O comentário de meu pai ecoou em meus ouvidos. —*O simples fato de eu ter dito a você que ele nos traiu é justificativa suficiente para corrigir as coisas. Família acima de tudo, Crucifixo. Incluindo a vida.*

As perguntas dela e as palavras dele apenas alimentaram o remorso e a vergonha que senti por não seguir em frente com a proteção à minha família.

Respirei fundo, inalando a mistura de couro e colônia que me rodeava. —Não me teste, Adriana. Você não vai gostar do resultado.

Ela zombou com repugnância, sentada no banco do passageiro virada para frente. Não me dando um segundo olhar.

Colocando o câmbio de volta na marcha, pisei no acelerador e partimos com os seguranças de nosso pai bem atrás de nós.

—Você é meu irmão, Cruz. Você sempre será meu irmão e não quero perdê-lo para uma guerra por sua alma.

Eu estaria mentindo se dissesse que suas palavras não estavam me afetando. Claramente, elas estavam.

—E se algo acontecer com você?

—Não vai.

—Como você sabe disso? El Diablo tem muitos inimigos, lembra?

—El Diablo está morto, Adriana.

—Não se você for a ressurreição dele.

Eu não sabia como responder, então fiquei calado. Era melhor permitir que ela pensasse o pior do que admitir abertamente para ela. Nós seguimos o resto do caminho em um silêncio ensurdecedor até chegarmos à mansão, onde seria a festa.

Ela foi a primeira a quebrar o silêncio enquanto caminhávamos até a porta da frente. —Sabe, você não tem que me proteger como um cachorro adestrado esta noite. Eu posso desfrutar da noite e você também.

—Boa tentativa, Ari, mas você não vai sair da minha vista.

—Cruz, você está me sufocando. Apenas me dê uma hora para mim mesma.

—Para fazer o quê exatamente?

—Oh, eu não sei... —Ela sorriu maliciosamente. —Talvez fazer amigos sem meu irmão e três homens armados ao meu lado. Huh, que ideia.

—Pelo amor de Deus, é aquela época do mês? Chega de comportamento de cadela, Ari. Você sabe que sua manipulação nunca funciona comigo como funciona com nossa mãe.

—Aposto que ela me deixaria ter um pouco de privacidade se estivesse aqui.

—Bem, ela não está, então você vai ter que lidar comigo.

—Veremos sobre isso. —Ela murmurou em um sussurro baixo, acenando para a anfitriã na entrada da propriedade.

—Bem-vindos, Cruz e Adriana Martinez.

Não era incomum que as pessoasoubessem quem éramos. Nosso pai mudou de nome depois de fingir sua morte, mas foi inflexível que mantivéssemos o nosso. Para o mundo, éramos apenas mais um Martinez. Ninguém juntou dois e dois, apesar de eu ser a cópia fiel dele.

Meu cabelo penteado para trás, afastado do rosto, só aumentava minhas maçãs do rosto marcadas e o queixo. Espelhando suas características marcantes. Minha pele bronzeada e pelos faciais escuros só aumentavam minha atração fascinante. Embora fossem meus olhos verdes que mais chamavam a atenção de todos. Pelo que me diziam desde que eu era um menino, meu olhar intenso parecia que poderia alcançar sua alma e possuí-la.

Exatamente como meu pai.

Éramos idênticos. Se alguém questionasse minha identidade, não havia como negar que éramos pai e filho.

A anfitriã sorriu para mim, jogando seu cabelo loiro para o lado. —Por favor, divirtam-se e se vocês precisarem de alguma coisa, e digo *qualquer coisa*, eu vou estar aqui esperando por vocês.

Adriana gemeu e eu dei à anfitriã um breve aceno de cabeça. Eu estava acostumado com as mulheres se atirando em mim. Ocasionalmente, retribuía o afeto delas. Principalmente quando eu queria que meu pau fosse chupado. As bocetas vinham facilmente. Elas sabiam que eu retribuiria tão bem quanto recebia. Minha reputação no quarto me seguia aonde quer que fosse.

Entramos, seguindo pelas grandes escadas angulares. Cobertas com treliças intrincadas em cada degrau. Abrindo-se para um amplo saguão com piso de mármore brilhante. As paredes desciam até onde eu podia ver.

—Há alguma mulher que não se atira em você? Não bastava ouvir sobre seu harém em todos os cantos de nossa escola e faculdade? Não há como escapar de suas atividades extracurriculares, irmão.

—Você quer dizer minhas fodas?

—Ugh. Você é tão grosseiro.

—Paus e pedras¹, Ari.

¹ A rima é usada como defesa contra xingamentos e bullying verbal, com o objetivo de aumentar a resiliência, evitar retaliações físicas e manter a calma e a boa vida. A rima completa geralmente é uma variante de: Paus e pedras podem quebrar meus ossos. Mas palavras nunca vão me machucar.

Ela revirou os olhos para mim quando eu bati em seu ombro de maneira provocadora, enquanto colocava minhas mãos nos bolsos da minha calça.

—Eu quero uma vida, Cruz.

—Você tem uma vida, Adriana.

—Não é a mesma que você tem.

—Você não tem prestado atenção, irmã. Você acha que eu deixaria você abrir as pernas para cada filho da puta que olhar para você? Eu quebraria a porra do pau dele antes que ele tivesse a chance de deitar em cima de você.

—E se eu *quisesse* deitar em cima dele?

—Então você estaria deitada em cima de seu caixão.

—Ugh! Você é tão frustrante! Você ouve a hipocrisia em suas declarações? —Ela gesticulou com uma mão. —Oi, sujo. —E depois com a outra. —Conheça o mal lavado.

Eu fiz o que faço de melhor quando ela me irritava, eu a ignorei. Caminhando pelo longo corredor, eu continuei com o meu negócio que era basicamente cuidar de Adriana. Olhei ao meu redor primeiro como se estivesse condicionado a fazer isso em todos os lugares que fosse. Sendo excessivamente cauteloso, meus olhos examinaram o mar de pessoas. Havia guarda-costas e seguranças cobrindo seus postos em diferentes locais ao redor do amplo espaço, junto com câmeras colocadas estrategicamente ao redor da mansão.

Para as pessoas comuns, tudo e todos se misturavam. Mas para meus olhos treinados, eles se destacavam como um filho da puta.

A casa em estilo toscano era tão impressionante quanto parecia. Eles não pouparam despesas com o mobiliário dourado, os móveis vistosos e os detalhes sofisticados. Tanto o interior como o exterior da propriedade apenas gritavam dinheiro e riqueza.

Dinheiro antigo, para ser exato.

Esta família era rica e tem sido por gerações. Só me deixando mais curioso para saber quem eles eram e por que estávamos aqui em primeiro lugar.

Por algum motivo, a voz do meu pai surgiu na minha cabeça.
—*Tenho negócios a tratar.*

Ignorei sua presença iminente que obscureceu meus pensamentos enquanto passeávamos pelo salão do baile. A música parou e o DJ anunciou: —Posso ter a atenção de todos, por favor? Agora é a hora da mulher do momento fazer sua tão esperada aparição.

Uma coisa era certa, eles se empenharam muito neste evento. Não era uma festa, era uma produção. Uma declaração.

Sobre o quê?

Para quem?

Em segundos, uma apresentação coreografada tomou o centro do palco.

—Fale sobre uma entrada. —Afirmou Ari, lendo minha mente. —E eu aqui pensando que minha festa de formatura foi impressionante.

Um homem mais velho agarrou o microfone, declarando: — Todos, por favor, levantem-se e deem toda a atenção à minha principessa, Sienna Luciano.

A multidão rapidamente se separou como o mar vermelho, criando um grande espaço para o espetáculo que era essa filha. Meus olhos voltaram para a cena que se desenrolava na minha frente. Como se fosse uma deixa, uma luz suave iluminou a sala aberta. Velas de repente se acenderam, se espalhando por toda a área como se magicamente aparecessem do nada. Eu nem vi ninguém acendê-las. Isso deu ao salão de baile uma aura translúcida.

—Ari, você sabe quem ela... —Eu não consegui terminar o que ia dizer.

Uma olhar.

Um momento.

Uma garota.

Me deixou completamente sem palavras. *Ela* foi tudo o que foi preciso para eu perder meu...

Foco.

CAPÍTULO 04

Cruz

Através de um olhar fascinado, observei cada movimento seu. Ela estava deslumbrante pra caralho em seu suave vestido rosa de renda que envolvia cada curva de seu corpo delicioso. Seus ombros e decote estavam nus de uma forma sexy e modesta. Havia algo na renda que se estendia por seus braços que a tornava muito mais atraente.

Ela gritava realeza.

Os brincos de diamante em cascata que ela usava apenas acentuavam seu pescoço longo e convidativo onde eu de repente queria deslizar meu nariz, para cheirar e chupar até que ela estivesse ofegando de necessidade. Quase imediatamente, me perguntei se ela tinha um gosto tão bom quanto parecia. Eu era um homem faminto morrendo de vontade de dar uma mordida. Seu cabelo estava preso com cachos emoldurando seu rosto delicado, mas definido, com uma coroa no alto de sua cabeça.

Eu me perdi em seus grandes olhos castanhos escuros, nariz pequeno e lábios carnudos. Ela era uma visão de tirar a porra do fôlego, fazendo-me perder a cabeça. Não havia como tirar meus olhos dela enquanto ela girava ao redor do salão em algum tipo de celebração ou tradição cerimonial.

Era sua hora de brilhar e ela iluminou o ambiente, cegando-me no processo, sem nem mesmo tentar. Ela encantou a todos com seu charme enquanto atraía toda atenção. Claramente amando ser o único

foco na sala. Essa garota era para ser a peça central do mundo de qualquer pessoa. Ela era uma coisa linda.

Meu olhar cativado se voltou para o mesmo homem que anunciou sua chegada, agarrando suas mãos e puxando-a para um abraço apertado.

—*Sienna, la mia principessa.* —Ele reconheceu. —Minha princesa. —Em italiano no microfone, sorrindo para ela com o orgulho e a adoração de um pai amoroso. —Eu não posso acreditar que você oficialmente se formou no ensino médio. Lembro-me de trazer você para esta casa quando era um bebê, como se fosse ontem. Como se passaram quase dezoito anos desde que eu a segurei pela primeira vez em meus braços?

Amorosamente, ela sorriu para seu pai, segurando as mãos dele na frente dela.

—*Principessa*, toda minha vida esperei você nascer. Você é o anjo que Deus me enviou do céu. Lembro-me de cada detalhe do seu nascimento e muitas vezes me pego reproduzindo-o em minha mente. Eu gostaria que você ainda fosse minha *piccola ragazza*, minha garotinha. Agora, aqui está você, bem na minha frente como uma jovem mulher pronta para enfrentar o mundo. Sienna, você criou amor em meu coração e preencheu o vazio que sua mãe deixou para trás.

Ela baixou a cabeça e parecia que estava se lembrando de uma memória.

—Quando sua mãe faleceu, você me deu a força que eu precisava para continuar. Você me lembra muito ela. Sua força de vontade, sua lealdade feroz e seu amor incondicional são apenas algumas qualidades que você herdou dela. Ela era o amor da minha

vida e sinto falta dela todos os dias. Sinto-me honrado por ser seu pai e por você continuar o sobrenome Luciano.

Por que eu conheço esse sobrenome?

—Quero que saiba o quanto estou orgulhoso de você. Sei que houve momentos em que você desejou que eu não a protegesse como eu protejo, mas *la mia principessa*, você é meu mundo inteiro. Tenho grandes expectativas para você e sei que chegará um dia em que não serei o único homem em sua vida.

—Oh, *Papà*...

Sua voz soou como música aos meus ouvidos. Suave, delicada, fazendo meu pau se contorcer.

—Não, não, não. —Respondeu ele com firmeza. —Quero que todos os seus maiores sonhos se tornem realidade. Você merece que um homem a ame como eu amei sua mãe. Alguém que irá protegê-la, respeitá-la e colocá-la acima de tudo. Nunca me casei novamente porque você se tornou meu mundo inteiro. Não há mais ninguém que possa ocupar seu lugar. Nem no meu coração nem na minha alma, ninguém mais.

—*Ti amo, papà.*

—*Ti amo anch'io.* —Ele repetiu em italiano. —Também te amo.

—*Prego em nome di Dio.* Eu oro em nome de Deus para que você esteja sempre segura e protegida *per mano di Dio*. —Ele professou. —Pela mão de Deus. Parabéns, Sienna. —Com ternura, ele se inclinou e segurou seu rosto para beijar sua testa. Lembrando-me de todas as vezes que nosso pai fazia o mesmo com Adriana.

—Eu nunca pensei que veria esse dia. —Minha irmã me chamou, puxando minha atenção para ela. —Crucifixio Martinez, você gosta dela. Uau. —Ela estava de queixo caído.

—Não posso admirar coisas bonitas?

—O fato de você ter acabado de chamá-la de bonita, só prova mais o meu ponto, querido irmão.

Eu não liguei para Ari, muito consumido pelo meu desejo de continuar meu ataque visual àquela garota. Seu pai a soltou e ela começou a cumprimentar seus convidados ao redor do salão. Estudei seus gestos, da maneira como ela virava o cabelo enquanto falava, fazendo com que seus convidados se agarrassem a cada palavra que saía de sua boca.

De seus movimentos sutis, à maneira como ela se levantava e balançava o corpo casualmente ao ritmo da música. Ela encantava todos ao redor, nunca quebrando o contato visual com quem estava falando. Da maneira como ela casualmente tocava em seus braços, até a forma como ria ou sorria quando deveria. Era flagrantemente óbvio que ela sabia como governar uma sala. Usando sua atenção para conseguir o que queria.

Ela poderia lidar com o fato de ser jogada para os lobos. Minha vontade de apenas ficar lá e estudá-la se despedaçou quando reconheci alguns dos homens com quem ela estava falando.

Tudo me atingiu ali mesmo.

—Ah, mas olha. —Adriana informou. —Ela está vindo até nós. Esta é sua grande chance de causar uma boa impressão. Não estrague tudo.

Meu olhar se fixou com o da princesa que agora estava de repente parada na minha frente.

Eu não vacilei, estendendo minha mão. —Parabéns, *princesa*.

—Não me chame assim.

Eu arqueei uma sobrancelha, pego de surpresa por sua língua afiada. —Então, deixe-me me apresentar. Eu sou Cru...

—Eu sei quem você é. Todo mundo sabe quem você é.

—Bem. —Inclinei minha cabeça para o lado. —É uma pena eu não saber quem você é.

—É assim que o infame Cruz Martinez dá em cima de uma garota? —Ela zombou maliciosamente. —Dizendo a ela que você nem sabe quem ela é? Se encantar uma mulher com comentários insultuosos é sua melhor tentativa de transar, então as garotas que você leva para a cama devem ser mais burras do que parecem.

—Você está procurando um convite para minha cama?

—Um risco na coluna da sua cama, marcando mais um número de suas conquistas não é uma posição que eu deseje manter.

—Podemos tentar qualquer posição, Sienna. Minha cama é apenas uma opção.

Eu juro que ela rosnou para mim, me excitando ainda mais.

—Acho que é hora de eu entrar nessa conversa. —Ari se intrometeu.

—Não se preocupe. —Sienna retrucou. —Terminamos aqui.

—Querida. —Eu sorri. —Estamos apenas começando.

Olhando-me de cima a baixo com um olhar mordaz, ela deu um passo atrás. —Eu fico longe dos *mafiosos*. Já tenho o suficiente de *La Famiglia* na minha vida.

—Eu estava errado. —Os pelos dos meus braços se arrepiaram e uma sensação familiar irradiou por todo o meu corpo. —Eu sei quem você é. Essa coroa na sua cabeça é adequada, considerando que você é Sienna Luciano. *Principessa mafiosa*. Princesa da máfia, certo?

Ela sorriu maliciosamente. —Se eu acreditasse em tudo que ouvi no noticiário, *El Diablo* estaria morto, *certo?*

Eu me afastei, não esperando que ela dissesse isso. Antes que eu pudesse responder, ela girou e saiu, me fazendo questionar o que diabos tinha acabado de acontecer.

—Huh, quem teria pensado...

—Ari. —Eu avisei, totalmente consciente de onde ela queria chegar com isso. —Não brinque comigo.

Minha irmã saiu na frente. —Putá merda, o inferno oficialmente congelou. Qual é a sensação de ser rejeitado pela primeira vez? Como um chute rápido nas bolas? Ela definitivamente provocou você.

—E você está me provocando.

—Então vá atrás dela. —Ela riu. —Garotas gostam disso. Você sabe, realmente mostrar que você se importa.

—Eu não sou um maricas, Ari.

—Você quer dizer um cachorrinho?

—Mesma coisa.

—Isso é porque você nunca se apaixonou.

—E agora você de repente é uma especialista no assunto?

—Eu sou mulher, Cruz. É instintivo para nós. Além disso, olhe para mamãe e papai. Depois de todos os anos que estão juntos, eles ainda estão loucamente apaixonados um pelo outro. Sempre tivemos um bom exemplo de como um casamento deve ser.

—Em qual ponto você quer chegar?

—O mesmo que você está ignorando. Você sabe que quer ir até ela.

—Eu não vou te deixar sozinha.

—Ummm... —Ela olhou ao redor. —Não vou ficar exatamente sozinha com todas essas pessoas aqui.

—Você sabe o que eu quero dizer.

—Então você vai apenas deixá-la dar a última palavra? Esse não é o irmão que eu conheço e amo.

—Quem disse que essa era a última palavra? Ela pode ter ido embora, mas sou eu quem decide quando terminarmos.

—Então prove isso.

—Ari...

—Vamos lá, Cruz. Apenas vá! Eu vou ficar bem aqui. Não vou me mover, prometo.

—Não.

—Bem. —Ela deu de ombros, acenando com a cabeça para atrás de mim. —Você é quem perde.

Virei-me para ver para o que ela estava gesticulando, pego de surpresa por ela estar dançando um pouco perto demais para meu gosto com alguém que reconheci imediatamente. Seu toque carnal e reivindicativo.

Em segundos, o ciúme estava tomando conta de mim a um ritmo incontrollável. Minha possessividade sobre ela se espalhou rapidamente por todo o salão.

Ele a puxou para mais perto de seu tronco, envolvendo o braço em torno da parte inferior das costas dela e colocando o braço esquerdo dela em seu ombro. Entrelaçando as mãos ao lado do corpo. Seus lábios carnudos se separaram quando ele inesperadamente colocou sua perna direita entre as dele, então ela estava praticamente montada em sua coxa. Abraçando-a contra seu corpo, ele não permitiu nenhum espaço entre os seios dela e seu peito.

Filho da puta.

Eu tranquei o olhar com Ari, que podia ver através de mim. Sempre tivemos um vínculo estreito e especial. Ela não era apenas minha irmã, era minha melhor amiga. Ela me conhecia como a palma da sua mão e vice-versa.

—O ciúme não combina com você, irmão. Parece que você pode ter alguma competição. Eles formam um casal fofo, no entanto.

—Você ao menos se lembra da última vez que você calou a boca? Sim, nem eu.

—Eu acertei um ponto fraco?

—Sim, bem na minha bunda.

—Oh! Olhe para ela agora. Ela está saindo e ele está seguindo atrás dela. Aonde será que eles estão indo? Talvez até o quarto dela?

É com o Giovanni que ela está? É ele, certo? Tem que ser ele. Ele é um notório mulherengo. Você precisa avisá-la.

—Ari...

—Isso é o que você faz, Cruz. Está em sua natureza. Você pode dormir com as mulheres por aí, mas não finge ser alguém que não é. Suas conquistas sabem no que estão se metendo. Você sabe que há rumores de que ele não gosta de aceitar um não como resposta.

Olhando de um lado para o outro entre Adriana e Sienna, suspirei profundamente, percebendo que era Giovanni e, obviamente, o canalha estava tramando algo.

Que outra escolha eu tinha?

—Não saia deste lugar. Você me entendeu?

Ela sorriu, satisfeita por eu ter cedido às suas exigências. — Em alto e bom som.

—Estou falando sério, Adriana. Não se mova.

—Anotado.

—Ari, presta atenção no que eu disse. Eu volto já.

—Não tenha pressa, prometo que estarei bem aqui esperando por você.

Meus olhos fizeram outra varredura rápida ao redor da sala, procurando por nossos seguranças.

—Relaxe, Cruz. Eles estão ali perto do bar. Você não pode vê-los? Eles são os únicos agindo como se não estivessem observando cada movimento meu. Ah e, Cruz, o que você fez com a arma do Papá?

Lentamente, me afastei, ignorando sua pergunta. Fiquei surpreso por ela ter perguntado, ela sabia que eu a tinha comigo. — Não faça eu me arrepender disso.

Saber que os seguranças estavam lá para protegê-la tornou um pouco mais fácil para mim sair. Eu nunca tinha feito isso antes e estaria mentindo se dissesse que não estava em conflito sobre o que estava prestes a fazer.

Deixei Adriana sozinha para ir atrás de...

Sienna.

Meu oitavo pecado mortal.

CAPÍTULO 05

Sienna

Giovanni me enjaulou com seus braços fortes e musculosos, lentamente me apoiando contra o parapeito da varanda, com vista para nossa propriedade.

Estávamos sozinhos, ninguém estava por perto. O que normalmente não seria o caso, não se meu pai pudesse evitar. Normalmente, eu tinha um arsenal de guarda-costas me cercando em todos os lugares que ia. Embora, como era a minha festa de formatura, fiz questão de solicitar que o dia fosse para mim. Sim, havia centenas de pessoas em nossa casa, exceto que elas não estavam lá por mim.

Era tudo para mostrar. Apenas para provar sua lealdade e prometer sua aliança a *La Famiglia*. Apenas o pensamento me fez revirar os olhos.

Eu amava meu pai, mas odiava o que ele representava.

Vita di mafia.

Vida da máfia.

Crime organizado, para ser mais exata. Minha única paz de espírito veio de saber que ele sempre sentava-se à cabeceira de qualquer mesa. Para a maioria das pessoas, isso os faria temer por suas vidas, para nós...

Era a única forma de vida.

—Você está deslumbrante com esse vestido. —Giovanni murmurou contra minha orelha, delicadamente roçando seus lábios de um lado para o outro. Arrastando meus pensamentos de volta para o presente, embora sempre tenha parecido como se vivesse no momento. Eu precisava. Eu nunca sabia quando meu tempo iria acabar, como tinha sido para minha mãe.

—Isso significa que não estou sempre deslumbrante?

—Sienna Luciano, você é uma maldita deusa e sabe disso.

Giovanni estava aqui para bajular meu pai.

—Mas *você* sabe disso?

Ele deu uma risadinha. —Este vestido ficaria ainda melhor no chão do meu apartamento.

—Sutil.

—Você não é mais uma menina.

—Eu não tenho dezoito ainda.

—Acredite em mim, estou contando os dias.

Eu também estou.

—Você tem alguma ideia do que está fazendo com meu pau agora?

—Eu sei... —Uma voz familiar respondeu por mim. —O que vou fazer com o seu pau se você não sair de cima dela.

Nossos olhos se conectaram e eu o encarei.

Crucifixio Martinez.

Eu não estava mentindo, eu sabia quem ele era. Ele se parecia exatamente com seu pai. *El Diablo* visitou nossa casa mais vezes do que eu podia contar. A primeira vez que o vi, eu era uma garotinha hipnotizada por seus olhos verdes brilhantes. Ele foi simpático comigo. A maioria dos homens era simpático comigo.

Eu era a filha única de Lorenzo Luciano.

Princesa da Máfia para Lúcifer.

Gângster notório e líder do *La Famiglia*.

Meu nome foi notícia no dia em que nasci. A imprensa me apelidou de Princesa da Máfia, e isso tem me assombrado desde então. Meu pai tinha suas mãos sujas em tudo, como os homens antes dele.

Drogas.

Armas.

Clubes.

Diamantes.

O que você pensar, ele estava envolvido de alguma forma, grau ou maneira. A única razão pela qual ele não estava cumprindo uma sentença de prisão perpétua era porque ele era intocável.

Políticos.

Policiais.

Detetives.

Oficiais.

Juízes.

A lista continua e continua...

Todos eram corruptos e estavam em seu bolso. Ele era a definição de crime organizado e havia pouquíssimas coisas que ele não possuía e operava. Nada poderia ser rastreado até ele. Ele construiu um império sobre nada além de negócios obscuros.

A escuridão que cercava nossa família apenas me arrastou cada vez mais para o abismo de nosso nome. Eu nasci neste mundo de pecadores que iam à igreja todos os domingos. Contanto que você confessasse seus pecados a Deus, tudo estava perdoado.

Até mesmo assassinato.

—*Perdoe-me, Pai, por eu ter pecado.*

Era muito mais fácil pedir perdão do que permissão.

Não pude evitar, coloquei-o em seu lugar. —Só porque você age como um machão, Cruz, não significa que vai fazer seu pau ficar maior.

Ele sorriu.

Ele teve a audácia de sorrir para mim.

Isso era o que eu desprezava nos *mafiosos*.

A prepotência.

A arrogância.

O direito.

O total desrespeito por qualquer um que se interpusesse em seu caminho. Eu detestava cada parte deste submundo, especialmente a mentalidade alfa.

Matar ou ser morto.

Era uma grande besteira, e eu não queria participar disso. Orava pelo dia em que pudesse deixar esta vida para trás. Mais três meses. Noventa dias e eu estaria fora daqui. Meu plano era partir no meu aniversário de dezoito anos. Eu deixaria a escolha nas mãos do meu pai se ele me quisesse me seguir, mas não podia mais ficar aqui com ele. Esta vida estava me enterrando viva. Eu não seria como minha mãe.

Mente acima do coração, não importa o quê.

O amor te deixa cego, e eu pude ver através da ilusão. Eu não acreditava no felizes para sempre, senão minha mãe ainda estaria viva. Em nosso mundo decadente, o amor só matava você. Eu não era ingênua o suficiente para pensar o contrário.

—Se esse filho da puta deixasse você respirar, então talvez eu não precisasse cuidar de você.

Giovanni se virou e eu agarrei seu braço, segurando-o de volta.
—Eu pareço precisar de sua proteção? Posso cuidar de mim mesma.

—Você é apenas uma mulher no mundo dos homens, *princesa*.

—Eu disse para você parar de me chamar assim.

—Só estou tentando proteger você, querida.

—Me proteger de quê? De homens exatamente como você?

—Você não me conhece.

—Sei o suficiente para não querer nada com você.

—Você a ouviu. Agora saia, antes que eu faça você sair. — Giovanni ordenou em um tom áspero que eu sabia que Cruz não apreciaria.

Ele não desistiria. Eles não foram feitos dessa maneira.

—O que te faz pensar que é tão diferente de todos os homens que eu já conheci? Todos vocês são farinha do mesmo saco. Você não é o primeiro nem será o último bastardo desavergonhado a entrar na minha casa, vestindo um smoking de grife, tentando foder seu caminho até a mesa do meu pai.

—Você acha que eu tenho um motivo oculto?

—Eu sei que você tem.

—Quantas vezes ela tem que dizer a você que não está interessada?

Em três passos, Cruz estava cara a cara com Giovanni.

O terraço de repente parecia menor com os dois homens altos, robustos e musculosos pairando um sobre o outro. Seus corpos exalando domínio como dois Pitbull lutando para ser alfa. Eles poderiam muito bem ter mijado em mim e encerrado a noite.

—Não somos inimigos. —Cruz ameaçou: —Não nos torne um.

A tensão aumentava a cada segundo que passava. A maneira como ele estava se envolvendo em minha vida me enfureceu mais do que palavras poderiam descrever. Eu engoli em seco, meu coração batendo forte contra o meu peito ao ponto que eu juro que eles podiam ouvir. Nosso mundo poderia ficar sangrento em dois segundos, e eu não queria que esses babacas arruinassem meu vestido personalizado.

—Que tal vocês dois irem embora?

—Se eu for embora, você vem comigo. Você escolhe. Podemos fazer do meu jeito ou do seu. De qualquer forma, não vou deixá-la sozinha com esse filho da puta que não sabe aceitar um não como resposta. —Cruz sibilou.

—O quê?

—Você me ouviu.

—Eu sou o último homem de quem você precisa protegê-la. —Declarou Giovanni, despertando meu interesse com suas palavras e seu tom ameaçador.

Ele acrescentou, falando com determinação: —Há homens muito piores em nosso mundo para se preocupar.

CAPÍTULO 06

Sienna

—Meu pai sabe disso? —Eu perguntei a ele. —Já que ele é o homem com quem você deve se preocupar.

Giovanni inconscientemente olhou para o chão, um sinal revelador de que meu pai não tinha a menor ideia de seus modos pervertidos.

Maricas.

—Há câmeras em todos os lugares. —Eu informei. —Eu começaria a correr se fosse você.

A expressão no rosto de Giovanni enquanto se afastava de nós era uma que eu já tinha visto muitas vezes.

Medo.

Nunca tirando seu olhar perturbado do meu, ele balançou a cabeça e saiu.

Depois que ele se foi, fui direto ao ponto com Cruz. Eu já estava cansada de perder meu tempo com este *cazxo*. —Se você está procurando gratificação, não vai conseguir de mim.

—Um simples agradecimento seria suficiente.

—Pelo quê?

—Por mostrar a você as verdadeiras intenções dele.

—E quanto às suas? Quando você vai me mostrar?

—Não tenho nada a esconder. O que você vê é o que você obtém.

—Isso faz sentido. Já que tudo o que vejo é um aspirante a mafioso que está apenas esperando para provar seu valor para qualquer mão que o alimente. Deixe-me dar um pequeno conselho, Cruz, não cague onde você come.

—Você beija seu pai com essa boca?

—Sim. —Inclinei-me, perto de seus lábios. —É a mesma boca que você quer em torno de seu pau.

Ele sorriu maliciosamente. —Me agrada saber que você está pensando em sua boca em torno do meu pau.

—Ugh! Você é vil.

—E seu amigo também.

—Ele não é meu amigo.

—Parecia assim para mim.

—Bem, as aparências enganam.

—Sua aparência é tudo, menos enganosa. —Ele afastou uma mecha solta do meu cabelo do meu rosto. —Você é deslumbrante. —Seus intensos olhos verdes se estreitaram em mim, enquanto ele corria o polegar pela minha bochecha.

Suas artimanhas desesperadas não me perturbaram. Eu estava acostumada com essa produção exagerada de homens tentando jogar seu charme para sentarem à mesa do meu pai. Isso não era sobre mim, nunca foi. Eu era simplesmente um meio para um fim. Além disso, homens como ele não sabiam amar. Eles vendiam suas almas para *La*

Famiglia. No final das contas, era a única coisa que importava, e suas supostas mulheres eram tolas por pensar diferente.

Eu me recusava a ser o segundo lugar de qualquer um.

Sempre.

Eu não era um troféu para ser exibido no braço de nenhum homem. Para fazer vista grossa ao estilo de vida tortuoso em que cresci.

As inúmeras infidelidades, o desrespeito, conhecer o seu lugar e só falar quando solicitada.

Foda-se.

Eu não era propriedade de ninguém.

Esses homens eram animais, e o único código pelo qual viviam e respiravam era a vida da máfia. Eu aprendi isso da pior maneira.

—Eu quis dizer o que disse. —Lembrei com uma voz severa, falando sério. —Eu fico longe dos mafiosos.

—O que te faz pensar que sou um gângster?

—Você está falando sério? Você realmente vai insultar minha inteligência? Eu poderia te ver a uma milha de distância.

—Então você estava olhando para mim.

—Não distorça minhas palavras. —Eu balancei minha cabeça. —Você é exatamente como seu pai. Por um segundo, pensei que fosse ele.

—E como você se sentiu? A ideia de ver meu pai. —Seu polegar não tinha parado de roçar minha bochecha.

—Seu pai não me preocupa. Em três meses, nunca mais terei que vê-lo novamente. Qualquer um de vocês.

—O que acontecerá em três meses?

Eu me afastei, encerrando esta conversa. —Não é da sua conta.

—Princesa...

—Eu disse para não me chamar assim.

—Você está certa. —Ele assentiu. —O pecado descreve você melhor.

—Desculpe?

—Sua beleza estonteante, sua atitude agressiva, essa boca suja... vale qualquer pecado que possa resultar disso.

—Eu não...

—Saia comigo.

—Isso é um pedido ou uma exigência? Porque não respondo a nenhuma delas. Eu não vou te dizer de novo. —Recuei desta vez e falei com convicção: —Fique longe de mim, Cruz.

Cruz

Ela se virou e começou a caminhar de volta para dentro.

—Isso está longe de terminar, Sin.

Sem se virar, ela levantou o dedo do meio e continuou andando. Eu não pude deixar de rir. Esta foi a primeira garota a prender minha atenção por algo que não fosse sexo.

Eu gostei dela.

Muito.

Foi uma emoção estranha para mim. Sentir algo por alguém que não era minha família.

—*Porra*, minha irmã.

Rapidamente olhei para o meu relógio, percebendo que havia passado mais tempo com Sienna do que pretendia.

—Merda.

Sem mais nem menos, um sentimento inquietante, mas perturbador, infiltrou-se no centro do meu ser. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, meu corpo girou, movendo-se por conta própria. Fui em direção à sala de banquetes, onde deixei Adriana. Rapidamente voltando por um corredor longo e estreito, passando por várias outras salas, percebi o quão longe eu realmente tinha ido.

Tudo que eu podia ouvir eram os sons dos meus passos ecoando nas paredes. Meus sapatos batendo no piso de mármore, um após o outro. Não conseguia chegar à sala de banquete rápido o suficiente. Meu coração estava batendo forte no meu peito, a pulsação no meu pescoço batendo profusamente contra a minha pele, enquanto o suor acumulava em minhas têmporas.

Em questão de segundos, meu olhar percorreu todos os lados quando entrei no enorme espaço, procurando por Ari. Inspecionando cada centímetro da cena se desenrolando na minha frente. Era como se eu quisesse gravar esse momento de pânico na minha memória.

Palavras não poderiam descrever o que eu sentia. Os sentimentos que surgiram em minha corrente sanguínea. Eu me forcei a me manter sob controle, enquanto procurava por ela entre a multidão de pessoas.

Ouvindo as palavras de meu pai: —*Proteja sua irmã.* —Uma e outra vez.

Cada osso do meu corpo estava imóvel.

Todos os músculos do meu núcleo se contraíram.

Cada parte de mim era incapaz de se mover.

Os seguranças não estavam em lugar nenhum. Nem...

Minha irmã.

Dando uma última olhada ao redor da sala, liguei para ela e foi direto para o correio de voz.

—*Aqui é Adriana, você sabe o que fazer!*

Segui por outro corredor. Correndo pela propriedade, precisando encontrá-la, sentindo como se minha vida dependesse disso.

E assim era.

A música tocava alto nos alto-falantes enquanto todos se misturavam e continuavam sem se importar com o mundo. Meu sangue ferveu, cego pela loucura de procurar por ela, mas ficando vazio.

Até que finalmente gritei: —Ari! Ari, onde você está?

Não havia como controlar a turbulência interna ou a onda de pensamentos voando pela minha mente e tomando conta de mim até

o último centímetro. Para um homem que se orgulhava de ter controle, eu não tinha absolutamente nenhum no momento. Apenas provando isso a cada segundo que passava.

A cada respiração irregular e profunda.

A cada piscar dos meus olhos dominados pelo pânico, eu ainda não conseguia encontrá-la.

Nenhum pensamento lógico foi capaz de se formar em minha mente. Eu só podia sentir o terror fluindo por cada osso do meu corpo. Minha paciência se esgotou, pendurada por um fio. Esse maldito fio se rompeu quando vi um de nossos seguranças com o canto do olho. Seu comportamento espelhava o meu.

—Porra. —Eu suspirei, esperando o pior.

Ele estava prestes a receber a porra da minha fúria. Eu corri através da multidão de pessoas, sem me importar em quem eu batia, e estava em seu rosto em dois segundos.

Agarrando as lapelas de seu paletó, eu fervei: —*Onde ela está?*

Seus olhos me disseram tudo que eu queria saber, mas eu ainda precisava ouvi-lo dizer as palavras. Como se não fosse verdade, essa não era a minha realidade, até ouvi-lo dizer isso.

—Onde diabos está Ari? Onde está minha irmã?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro como se não pudesse me dizer onde ela estava, ou o que aconteceu com ela.

—Estou... estou... estou...

—Eu vou te matar se você não me responder, porra! —Agarrei suas lapelas com mais força e exigência. Meus dedos ficando brancos

com a pressão do meu aperto. —Onde está Adriana? —Eu gritei na cara dele.

Foi a primeira vez na minha vida que vi o verdadeiro horror tomar conta do rosto de alguém.

—Me responda! —Eu o sacudi com força, tentando fazê-lo falar. —Onde diabos está minha irmã?!

—Nós... Nós...

Sem hesitar, eu o soltei e em um movimento rápido, puxei a arma do meu pai da parte de trás da minha calça, apontando-a bem em sua testa. Não dando a mínima para as pessoas que estavam testemunhando minha fraqueza.

—Onde. Está. Adriana?

Seus olhos se arregalaram, gaguejando. —Eu... eu... sinto muito, Cruz... eu não sei o que aconteceu. Em um minuto ela estava lá... e então no seguinte... ela tinha desaparecido.

—Desaparecido! Que merda isso significa? Para onde diabos ela foi?

Ele encolheu os ombros. Seu corpo tremia com cada palavra que escapava de sua boca. —Procuramos em toda esta propriedade, Cruz... não conseguimos encontrá-la... mas encontramos o celular dela no chão fora da propriedade...

Eu cambaleei para trás com o impacto de sua declaração. O ar foi arrancado de meus pulmões e a luta em mim se foi. Pura agonia rasgou minha mente, enquanto eu corria as mãos pelo meu cabelo, querendo arrancá-lo. Apenas desencadeando memórias de nossa infância. Lutei para manter minha compostura. Minha determinação

se estilhaçou ao nosso redor como cacos de vidro cortando minha pele.

Eu falhei em protegê-la.

Eu deveria protegê-la a todo custo.

Apenas quando ele me informou: —Sinto muito, Cruz. Ela foi levada.

Que eu senti como se tivesse morrido.

E o diabo dentro de mim...

Nascido.

CAPÍTULO 07

Cruz

Uma vez li que nossas mentes são nossas ferramentas mais poderosas, capazes de quase tudo. Especialmente quando envolvia trauma. A verdade se escondia dentro de si mesma.

O que você fez, Cruz? O que você fez, porra?

Meus olhos se fecharam por conta própria, enquanto eu deslizava pelo que parecia ser uma parede. Lentamente, desmoronando no chão frio e duro abaixo de mim.

Eu não conseguia me mover.

Eu não conseguia respirar.

Não consegui emitir nenhum som.

Nem uma palavra.

Tudo que eu podia fazer era sentir...

Eu estava lá, mas não estava. O tempo parou enquanto o mundo inteiro continuava sem mim. Eu me rendi de bom grado, permitindo que uma das últimas memórias que eu tinha de minha irmã aparecesse na minha frente. Como se estivesse acontecendo ali mesmo.

—Cruz. —Exclamou Adriana. —Você deve sempre cuidar de mim em todos os lugares que vamos?

—É meu trabalho protegê-la.

—Então, de quem é a função de protegê-lo?

—Eu não preciso de nenhuma proteção.

—É aí que você está errado, irmão. Você precisa de proteção mais do que qualquer outra pessoa. O diabo não vem até você como um demônio. O demônio se apresenta a você como tudo o que você sempre quis. Então me diga, Cruz? O que é que você quer?

—Que você esteja segura.

—Interessante. —Ela sorriu daquele jeito despreocupado e aborrecido a que eu tinha me acostumado. —Considerando que isso é tudo que eu sempre quis para você.

—Ari, quantas vezes eu tenho que te dizer que vou te proteger com meu último suspiro se for necessário.

—Sim, eu sei. Acredite em mim, é meu pior pesadelo. Você está morrendo de vontade de me salvar.

—Ari ...

—Não, Cruz. Não faça promessas que não pode cumprir.

—Eu não sei o que você quer que eu diga. Não há resposta certa ou errada.

—Eu sei no meu coração que isso não é verdade. Eu quero liberdade. Não é justo que eu tenha quase vinte e três anos e nunca tenha me apaixonado. Eu quero o que nossos pais têm. Você não quer?

—Nunca pensei nisso.

—Isso me deixa triste por você. Você sabe que a vida que levamos não é normal, Cruz. Sabemos disso durante toda a nossa vida. Apenas fingimos que

nosso pai não é um homem que a maioria das pessoas teme. Eu sei a verdade, e não é que ele era... é... El Diablo. É que você quer ser igual a ele.

—E por que isso é tão ruim, Adriana?

—Porque você se perderá no processo, e não posso ficar parada e não fazer nada a respeito.

—Isso é uma ameaça, Ari?

—Não. —Ela balançou a cabeça e olhou profundamente nos meus olhos. —É uma promessa.

Eu balancei minha cabeça, rezando silenciosamente para que isso fosse apenas mais um pesadelo do qual eu logo acordaria.

Um passo.

Cinco passos.

Quinze passos.

Vinte.

Eu estava andando?

Eu estava correndo?

Para onde eu estava indo?

Pisquei e de repente estava andando por um corredor, ouvindo vozes fracas à distância. Falhando miseravelmente em manter um ritmo constante.

Nublado.

Desorientado.

Confuso pra caralho.

Um pé na frente do outro, eu balancei para frente e para trás. Nada acalmava meus nervos. A ansiedade pelo que estava por vir vivia e respirava em meu sangue. Ele bombeava em minhas veias, produzindo uma vibração ensurdecedora por todo o meu corpo.

Eu não sabia o que era real ou falso. Tudo se misturava, formando mais fatos, mais enganos, mais demônios malditos que eu não sabia que tinha.

—Não estou aqui para perguntar o que fazer. Estou aqui para lhe dizer o que precisa ser feito. Quero todas as imagens de vigilância daqui a um raio de 50 quilômetros. Agora.

Era meu pai?

—Você o ouviu. —Outra voz familiar exigiu. —Vá! Agora!

Esse era o pai de Sienna?

Um punhado de seguranças saiu correndo da sala de onde eu estava a poucos metros. Minha confusão crescia a cada segundo que passava, sentindo como se estivesse caminhando por um sonho dentro de um sonho. Tentando desesperadamente navegar pelo espaço escuro e vozes que me rodeavam.

Quanto mais perto eu chegava, mais alto se tornavam.

—Mostre-me a filmagem do salão de baile. Eu quero ver meu filho. Onde está Crucifixio?

O peso do meu nome em sua língua soou como um juiz batendo o martelo, me condenando à prisão perpétua em um inferno insuportável. A realidade bateu em mim com força total, jogando toda a verdade em mim e me deixando tonto, mas lúcido de uma só vez.

O que eu fiz? Que porra eu fiz?

Meu coração começou a bater forte até a minha garganta, até que não havia mais passos a dar, mais mentiras em que acreditar, mais ilusões para me consumir. Não havia como escapar do que eu fiz.

Assim que entrei no que parecia ser o escritório de Luciano, fiquei cara a cara com as consequências de minhas ações. Não haveria como voltar disso, e eu sabia disso desde o segundo em que fiquei atrás de meu pai. Que estava examinando de perto as câmeras de segurança à sua frente.

Seu exterior calmo desmentia a tempestade que eu sabia que estava se formando no fundo de sua alma.

Seu comportamento controlado.

Sua voz composta.

Sua presença conhecida.

Fiquei lá parado, observando e esperando não sei o que, enquanto ele ordenava em um tom áspero e exigente. —Pare o vídeo aí e aumente o áudio.

—*Parabéns, princesa.*

—*Não me chame assim.*

Nossas vozes ecoaram nas paredes e meus olhos rapidamente foram para a tela. O que não pode ter sido mais do que alguns minutos, pareceu uma eternidade repleta de meu arrependimento e vergonha. Não havia como negar o que eu tinha feito, não quando a evidência irrefutável me acertou bem na porra da cara.

—*Eu estava errado. Eu sei quem você é. Essa coroa na sua cabeça é adequada, considerando que você é Sienna Luciano. Princesa mafiosa. Princesa da máfia, certo?*

—*Se eu acreditasse em tudo que ouvi no noticiário, El Diablo estaria morto, certo?*

Eu não pude evitar, mas tentei encontrar o perdão através da presença de meu pai. Dizer que eu estava acostumado à sua habilidade extraordinária de não mostrar nenhuma emoção seria um eufemismo. Mesmo agora, quando eu mais precisava dele, ele permanecia calmo e controlado. Imperturbável. De pé, com os braços cruzados sobre o peito. Ele não me deu atenção de forma alguma.

Embora, assim que a voz da minha irmã encheu a sala, seu corpo ficou tenso.

—*Você sabe que quer ir até ela.* —*Ela disse.*

—*Eu não vou te deixar sozinha.*

—*Ummm...* —*Ela olhou ao redor.* —*Não vou ficar exatamente sozinha com todas essas pessoas aqui.*

—*Você sabe o que eu quero dizer.*

—*Então você vai apenas deixá-la dar a última palavra? Esse não é o irmão que eu conheço e amo.*

—*Quem disse que essa era a última palavra? Ela pode ter ido embora, mas sou eu quem decide quando terminarmos.*

—*Então prove isso.*

—*Ari...*

—*Vamos lá, Cruz. Apenas vá! Eu vou ficar bem aqui. Não vou me mover, prometo.*

Ela. Jogou a isca. Para mim.

Direto e simples.

Claro como o dia.

Eu caí direto na armadilha dela. Balançando a cabeça em decepção, eu não conseguia mais olhar para a tela na minha frente. Em vez disso, baixei meu olhar para o chão com desprezo. A sala estava se fechando sobre mim e quanto mais eu observava e ouvia, mais a culpa do que eu tinha feito me derrubava.

Eu. Falhei. Com ela.

Eu falhei com ela, porra.

—*Não saia deste lugar. Você me entendeu?*

—*Em alto e bom som.*

—*Estou falando sério, Adriana. Não se mova.*

—*Anotado.*

—*Ari, presta atenção no que eu disse. Eu volto já.*

—*Não tenha pressa, prometo que estarei bem aqui esperando por você. Relaxe, Cruz. Eles estão ali perto do bar. Você não pode vê-los? Eles são os únicos agindo como se não estivessem observando cada movimento meu. Ah e, Cruz, o que você fez com a arma do Papá?*

—*Não faça eu me arrepender disso.*

Eu deveria saber.

Esperar.

Sentir.

Alguma coisa. Qualquer coisa.

No entanto, nada me preparou para o que aconteceu a seguir.

Nem todos os artigos que li.

Todos os vídeos que assisti.

Todos os rumores que ouvi.

Nada.

—Papá...

Em um instante, meu pai se virou e agarrou minha garganta. —Você deixou sua irmã para perseguir uma boceta! —Ele rugiu, aumentando seu aperto.

Impiedosamente, ele bateu meu corpo na parede de concreto atrás de mim tão forte quanto podia, batendo minha cabeça contra o tijolo, me fazendo ver estrelas instantaneamente. Sua decepção veio na forma de sua fúria, tirando o ar dos meus pulmões com o impacto de seu golpe.

Com um aperto mortal em volta do meu pescoço, ele me prendeu contra a parede. Não me permitindo respirar por um segundo. Meu peito arfou e meus olhos lacrimejaram. Eu engasguei por ar que não estava disponível para ser tomado. Todo o sangue parecia estar sendo drenado do meu rosto, até meus lábios que tremiam com o desejo instintivo e a necessidade de respirar.

Sobreviver.

—*Papá... Papá...* —Eu implorei, agarrando seu aperto cruel.

O som da minha voz só serviu para irritá-lo ainda mais, me sufocando selvagememente com mais força até que minhas palavras foram cortadas.

—Alejandro...

—Cuide da porra da sua vida. —Ele rosnou, interrompendo insensivelmente a tentativa de Luciano de me ajudar. —Saia. Agora.

—Ele é seu filho.

—Eu sei quem ele é e se você sabe o que é bom para você, fique fora disso e me deixe sozinho com ele. Isto é um negócio de família.

—Alejandro. —Lorenzo persuadiu. —Pense antes de fazer algo de que se arrependerá.

Seu estrangulamento afrouxou um pouco, e silenciosamente agradeci a Luciano por isso. Meu pai ordenou que seus seguranças ficassem enquanto Lorenzo se retirava da sala.

—Você acha que pode encontrar O Diabo e não ser queimado pelas chamas de seu inferno?

—*Eu sinto muito...*

—Você sente muito? —Ele zombou em um tom condescendente. Inclinando a cabeça para o lado, seu aperto aumentou na minha traqueia, prendendo-me em um aperto mortal.

Eu abri minha boca para falar, no entanto, apenas ofegos irregulares escaparam dos meus lábios.

—Desculpas não traz minha filha de volta.

—*Papá...*

—Achei que você quisesse saber quem eu era, *quem eu sou*, Crucifixo? Não é isso que você sempre buscou? Quer que eu lhe mostre o homem por baixo dos malditos ternos? Sou um homem mau, filho. Fiz coisas imperdoáveis. Mas eu nunca, *jamais*, traí minha família para perseguir a porra de uma boceta!

Ao som de seu comportamento severo, estremeci.

Toda a minha vida quis saber sobre o homem que chamavam de El Diablo. Nunca considerando o significado disso.

Porque, para conhecer o Diabo, eu precisava dizer adeus...

...para o meu pai.

CAPÍTULO 08

Cruz

—Você falhou comigo.

Três palavras que foram muito mais implacáveis do que seu ataque brutal à minha vida.

—Você tinha um trabalho! Um. Maldito. Trabalho! A única coisa que peço a você, a única coisa que já pedi a você! E você nem pôde fazer isso! Você a deixou! Você deixou sua irmã! Pelo quê? Por uma boceta! Você deixou minha filha por uma garota que você nem conhecia? Que porra de irmão você é? Que tipo de homem isso faz de você? Quem deixa sua carne e sangue por uma boceta, Crucifixo? Quem?

Minha cabeça girou.

Meus olhos doeram e ficaram turvos.

Minha respiração desacelerou.

Ele ignorou minha óbvia angústia enquanto continuava a estrangular o pouco ar que me restava. Meus pulmões queimavam com o esforço de tentar respirar.

—Agora ela se foi! Valeu a pena? Valeu a pena perder sua irmã para perseguir uma boceta? Minha filha!? Eu confiei em você! Eu confiei em você, porra!

Apesar da minha visão começar a embaçar, eu ainda podia ver que seu olhar assassino não se desviava do meu.

—Ela confiava em você, Crucifixio! Como você pôde deixá-la? Como você ousa me trair? Eu te dei tudo!

Seu aperto feroz só se intensificou com cada palavra que saía de sua boca.

Mais forte.

Mais duro.

Mais pressionado contra a parede eu fui.

Meus olhos tremularam e meu corpo começou a ceder. Eu estava perdendo a consciência.

—Você viu o horário no vídeo, Cruz? Porque eu com certeza vi. Passou-se menos de uma hora, uma fodida hora depois que você chegou! Você não conseguiu nem protegê-la por mais de uma hora! Sua falta de convicção me enoja! Nenhum filho meu escolheria *chocha* em vez de família!

Sua voz ecoou em minha cabeça enquanto um zumbido penetrante em meus ouvidos me devorava, criando pontos escuros que dançavam em meus olhos. Minha cabeça parecia pesar quatrocentos quilos enquanto minhas mãos caíam flácidas para meus lados.

—Estou tão decepcionado com você.

Eu podia sentir que estava me afastando do meu corpo.

—Fiz da minha missão proteger você, mas agora você não me deixou escolha! Você quer ser um Martinez, mas está perseguindo uma boceta quando deveria proteger sua família.

Toda a luta em mim se foi.

—Você não é um Martinez, porra.

Desapareceu como se nunca tivesse existido.

—Eu não suporto olhar para você. Você me entende? Você está me ouvindo?

E então tudo ficou escuro.

—Eu. Tenho nojo. De. Você

Antes que a última palavra saísse de sua boca, ele me soltou e eu imediatamente caí no chão.

Tosse, tosse, tosse...

Eu suguei o ar, exalando-o tão rápido quanto ele entrou.

Ofegando.

Chiando.

Engasgando.

Arfando.

Eu engoli em seco, minha garganta tão seca que queimava. Eu engasguei uma e outra vez, sentindo que ia vomitar. Nada saiu, apenas baforadas lamentáveis enquanto eu sufocava com minhas próprias respirações desesperadas. Agonizando no piso de madeira abaixo de mim.

—Você não é meu filho. *Meu* filho nunca colocaria uma boceta acima de sua família. *Nunca.*

—Eu... sei... —Eu murmurei, ofegando por minha próxima respiração. Através de um olhar brilhante, eu lentamente olhei para

ele. De repente, perdi o fôlego por um motivo completamente diferente.

Meus olhos se arregalaram imediatamente e meu coração apertou, vendo minha vida passar diante dos meus olhos através da ponta de sua arma carregada.

—É assim que começa o seu legado? Com sua irmã como sua primeira vítima? Talvez seja aqui que eu deva terminar isso para você. Hã? Olho por olho, Crucifixo.

Senti medo pelo que parecia ser a centésima vez naquela noite. Sua arma estava a centímetros do meu rosto, mirando bem na minha testa.

—Você não fode com o que é meu.

—Eu estou... eu... —Eu engasguei, tentando encontrar minha voz.

Ele balançou a cabeça, olhando para mim com tanto ódio e amor ao mesmo tempo. Lutando contra o ódio que sentia por quem amava.

Adriana sempre foi sua menininha, sua primogênita, ela era a luz em sua vida.

Em todas as nossas vidas.

O que eu fiz? O que eu fiz, porra?

—Confiar em você foi meu maior erro. Você falhou com sua família inteira. Onde estava sua honra? Se algo acontecer com ela, saiba que o sangue dela está em *suas* mãos. Você deu aos meus inimigos exatamente o que eles queriam. Seu sangue, o dela, o de sua mãe, valem um preço muito mais alto que o meu. Não posso mais te

proteger, Crucifixio. Você quer a verdade? Vou te contar a porra da verdade.

Ele se agachou ao meu nível.

—Fingi minha morte, porque escolhi o amor em vez da razão. Eu escolhi sua mãe acima de tudo e de todos. Certo ou errado nunca importou até ela. Afinal, quem é um homem sem sua família? Eu não poderia trazer ela, você, sua irmã... meu mundo inteiro para essa vida. Não era lugar para criar filhos e eu não sabia que Deus existia, até que olhei nos olhos de sua mãe. Eu sei que não merecia um final feliz, mas Deus me perdoe. El Diablo matou por isso de qualquer maneira. Para me salvar, tive que enterrar os inimigos. Você entende agora? Faz sentido? Qualquer um poderia ter levado sua irmã. No mundo do Diabo, a vingança é melhor servida por meio dos entes queridos.

Eu me empurrei para trás, explodindo. Eu estava sem palavras. Desde que eu conseguia me lembrar, eu queria ouvir suas verdades. Embora fosse uma realidade difícil de engolir, esperei ansiosamente que ele continuasse.

—Em toda a sua vida orei ao Senhor para que você não pagasse pelos meus pecados. Tudo que você precisava fazer era ficar com ela, Cruz. Apenas ficar com ela, porra. Você não achou que eu tinha um motivo para você ser o protetor dela? Você tem alguma ideia do que fez? Como você pôde me trair?

Quando não respondi rápido o suficiente, ele exigiu: — Responda-me! Eu quero saber por que você me traiu?

—Eu pensei... —Eu balancei minha cabeça, incapaz de me explicar corretamente. Eu não conseguia pensar com clareza com ele ainda segurando a porra de uma arma na minha cabeça. —Eu só... pensei... que a filha do Luciano estava em perigo. Eu não poderia simplesmente ignorar.

—Perigo? Em uma mansão cheia até a borda de câmeras?

—Não protegeu minha irmã.

—*Você* não protegeu sua irmã. Vamos deixar isso bem claro.

—Eu sei. E eu tenho que viver com isso, mas prometo a você que vamos encontrá-la.

—Suas promessas não significam merda nenhuma para mim. Da próxima vez que você começar a pensar que é homem o suficiente para tomar decisões sobre o que é melhor para *minha* família, pense novamente, isto é, se você conseguir ganhar minha confiança novamente, Crucifixo. —Ele quase enfiou a arma na minha têmpora. —Você queria saber quem eu sou, certo? Bem, aqui estou, filho. Você tem alguma ideia do que fiz às pessoas em quem não posso confiar?

Eu fechei meus olhos, eu tive que fazer isso. Parecia que o chão estava desmoronando sob meu corpo e comecei a cair. Cada vez mais fundo na superfície, cada vez mais rápido no buraco onde eu não conseguia respirar novamente. O impacto de suas verdades torturou minha alma.

—Não, não, não, olhe nos meus olhos quando eu estiver falando com você.

Eu olhei, desprezando o Diabo me encarando com um olhar gelado e calculado. Ele enfiou a arma firmemente na minha têmpora, mas eu não conseguia sentir nada além do meu coração batendo forte. Afundei mais e mais, cada vez mais perto do inferno.

A ironia não passou despercebida.

—É melhor você rezar para que a encontremos antes que eles tenham a chance de tocar em um fio de cabelo de sua cabeça, ou eu

juro pelo túmulo de minha mãe, Cruz. —Ele se inclinou para frente, perto do meu rosto. —Eu vou acabar com você, porra.

—Oh meu Deus, Alejandro!

Meus olhos se voltaram para a voz da minha mãe perto da porta. Ela ficou lá com uma expressão petrificada no rosto como se este fosse seu pior pesadelo, se desenrolando bem na frente de seu olhar dominado pelo pânico.

—O que você está fazendo! —Ela gritou, em pé, congelada em estado de choque. Paralisada pelo medo. Sem se mover um centímetro.

Meu pai não olhou para ela, ele simplesmente engatilhou a arma.

—*Alejandro, nãããão!* Ela gritou com tudo dentro dela.

Tudo aconteceu muito rápido. Fechei os olhos, preparando-me para a ira de sua vingança.

Perdoe-me, padre, porque pequei foi meu último pensamento, antes de senti-lo tirar a arma da minha testa. Meus olhos se abriram quando ele girou o braço para trás de suas costas.

O resto prosseguiu em câmera lenta.

BANG.

BANG.

Minha mãe gritou: —Alejandro! Não! —Bem quando outro tiro foi disparado.

BANG.

Ele acertou o último de seus três seguranças que deveriam estar protegendo Adriana bem entre os olhos. Estourando seus miolos através da nuca, espirrando no chão e nas paredes.

Ninguém se moveu.

Ninguém respirou.

Incluindo eu.

O corpo do segurança desabou no chão com um baque forte e estrondoso. Meu pai nem se deu ao trabalho de se virar para ver o que havia feito. Ele matou seus homens à queima-roupa, executando-os, acabando com suas vidas sem qualquer hesitação.

Sem aviso.

Sem remorso.

Sem vergonha.

Silêncio.

O cheiro de carne queimada permaneceu no ar, um cheiro que iria me assombrar para sempre. Testemunhar alguém sendo assassinado pela primeira vez era uma memória que eu levaria para o túmulo. Agora era uma parte de mim, eu querendo ou não.

Queimada em meus sentidos.

Enraizada em meu corpo.

Marcada em minha alma.

—Oh meu Deus, Alejandro... o que você fez? —Minha mãe exclamou, sua voz entoadada com nada além de angústia.

Ele não respondeu a ela. Em vez disso, ele simplesmente ficou parado, pairando sobre mim com uma expressão de puro desdém. Isso emanava dele.

—Eu digo o que quero dizer, e quero dizer o que digo, Cruz. É melhor encontrarmos sua irmã viva e ilesa, ou será o *seu* sangue em *minhas* mãos.

Eu balancei a cabeça, sabendo que ele falava sério. Em alto e bom som.

Matar ou ser morto.

Temer ou ser temido.

Anjo ou demônio.

Aprendi naquela noite que tudo corria junto.

Como o céu e o inferno.

CAPÍTULO 09

Cruz

—O que você fez, Alejandro?

—Eu cuidei dos negócios, Lexi. Foi o que eu fiz.

Ela balançou a cabeça freneticamente, olhando de um lado para o outro, dos corpos para ele.

—Não olhe para eles. —Ele ordenou, caminhando até ela. — Olhe para mim.

—Oh meu Deus... você me prometeu! Você me prometeu que isso tinha acabado! Você jurou que nunca traria nossos filhos para este mundo! Você me prometeu!

—Calma, Cariño. —Ele a chamou por seu apelido carinhoso, querida em espanhol, e em circunstâncias normais geralmente funcionava para acalmá-la.

—Calma? Calma! E não me chame de Cariño! Você espera que eu me acalme quando acabo de testemunhar você apontando uma arma para a cabeça de nosso filho e cometendo três assassinatos?

Ele estendeu a mão para ela.

—Não! —Ela deu um tapa em suas mãos. —O que está acontecendo? Cruz! —Empurrando-o para longe, ela correu até mim. —Você está bem? —Ela perguntou, agarrando meu rosto entre as mãos.

Eu balancei a cabeça, incapaz de formar palavras ainda. Ter que responder ao meu pai era uma coisa, precisar responder à minha mãe era completamente diferente.

—Jesus... o que está acontecendo?

Quando me levantei, meu pai e eu nos olhamos nos olhos.

—Não vou repetir, é melhor alguém me dizer o que está acontecendo! Agora!

Luciano entrou correndo em seu escritório, seu olhar voou dos cadáveres no canto da sala até meu pai que estava parado na porta com as mãos nos bolsos da calça.

Com um olhar, Luciano entendeu seu comando silencioso. — Gino!

—*Si, Capo.* —Respondeu ele. —*Sim, Capo.* —Significa chefe.

Sem dizer uma palavra, ele gesticulou em direção aos homens e o segurança não hesitou, entrando em ação. Mais dois homens entraram na sala e rapidamente começaram a trabalhar na eliminação dos corpos.

Com que frequência isso acontecia?

—Alejandro, onde está Adriana?

—Pergunte ao seu filho.

—Perguntar ao meu filho? —Ela repetiu suas palavras para ele, confusa por sua voz imparcial. —Ele é *nosso* filho.

Abri a boca para responder, mas a imagem das câmeras de segurança chamou minha atenção quando vi Adriana correndo na tela.

—Ari. —Eu informei, acenando para ela.

Ela estava seguindo para fora da propriedade, indo atrás de um cara que eu não reconheci. Do nada, uma van branca dobrou a esquina da propriedade e parou na frente deles. Ari se virou, uma expressão de espanto surgiu em seu rosto.

A porta do veículo se abriu, e em segundos alguém a agarrou por trás, cobriu sua boca e a arrastou para a parte de trás da van. As portas se fecharam rapidamente e o motor acelerou quando eles partiram. Estava acabado antes mesmo de começar. Adriana nunca teve chance.

—Gino! Quero Sienna trancada em seu quarto. Agora! — Luciano exigiu. —Ela não sai de sua vista até que eu diga o contrário. Você me entendeu?

—*Si, Capo.*

—Vinny, preciso que você feche a festa e que ninguém saia até que tenhamos falado com todas as pessoas presentes.

—*Si, Capo.*

—Vá!

Apesar de ouvir suas ordens, eu não prestei atenção nele. Soltei um suspiro que não percebi que estava segurando, experimentando minha própria morte. A loucura inesperada em minha mente me imobilizou, centenas de pensamentos bateram em minha mente como se eu estivesse recebendo o ataque de alguém.

Minha mandíbula apertou.

Meus punhos cerraram-se.

Minha mente entrou em modo de luta ou fuga.

Uma sensação intensa e avassaladora de raiva catapultou em minha postura, esmagando osso por osso em meu corpo. Meus instintos dispararam, a adrenalina percorreu meu corpo, queimando minhas veias e se fundindo ao meu sangue. Não parou por aí, minhas endorfinas dispararam, levando-me ao meu maldito ponto de ruptura.

Eu dei as boas-vindas aos demônios que surgiram das profundezas da minha alma.

Eu queria matá-los, porra.

Lentamente.

Membro por membro.

Até que eles implorassem por misericórdia.

Apenas o pensamento me concedeu paz em um momento em que eu ansiava pela guerra.

Perseguindo uma vida como a porra de um lobo à noite. Estava errado, mas parecia certo. O desejo de vingança se tornou minha fonte de refúgio, o ar que eu precisava para continuar respirando, para continuar me movendo, para avançar. Silenciando o fato de que, para começar, tudo isso era minha culpa.

O perdão que eu buscava era um ciclo vicioso no qual eu estava causando estragos, saboreando cada segundo enquanto podia. Porque, no fundo, meu pior medo havia se tornado minha realidade, minha irmã tinha sido levada e eu não tinha ninguém para culpar a não ser eu mesmo. Eu queria vingança, me fazendo perceber que não era diferente de nosso pai, e ele sabia disso também. Éramos a mesma coisa. É por isso que ele estava tão decepcionado comigo.

Eu não apenas o traí, eu era seu reflexo olhando de volta em seus olhos.

—Oh meu Deus. —Mamãe suspirou, tropeçando em seus pés enquanto caminhava em direção a meu pai. Entrando no que só poderia ser descrito como choque. —Eles levaram Adriana? Alguém pegou nossa garotinha? Como você pôde deixar isso acontecer, Alejandro? Onde você estava?

—Mamá. Não é culpa dele.

—Alejandro, você me prometeu que sempre protegeria nossos filhos! Você me prometeu!

—Cariño, deixe-me explicar.

—Deixar você explicar? Explicar o que exatamente? Como você mentiu para mim todos esses anos? Como você me traiu? Como nossa filha foi sequestrada debaixo de seu nariz, quando tudo o que você fez foi jurar que isso nunca afetaria nossos filhos!

—Cariño...

Ela o empurrou, mas ele não vacilou, irritando-a ainda mais. —Eles levaram Adriana! Eles levaram nossa filha por sua causa!

Ele envolveu os braços em torno dela, afogando-a ainda mais em seu desespero. Apenas fazendo com que ela revivesse a memória de assistir Ari sendo levada. Eu sabia porque também sentia. Quando ele a puxou para mais perto de seu peito, ela perdeu completamente o controle. Eu nunca a tinha visto reagir assim, mas nunca tínhamos experimentado nada neste nível de destruição e devastação.

—Não me toque! —Ela gritou, empurrando-o o mais forte que podia, repetidas vezes. Ele não se mexeu.

—Você jurou para mim! Você me prometeu! —Um após o outro, seus punhos bateram contra o peito dele.

—Lexi, acalme-se, porra.

—Você é um mentiroso! Eu confiei em você! —Ela soluçou, batendo nele sem parar, sem fim à vista.

—Mamá... —Cada grito e soco de seus punhos contra o peito dele aumentava o nó de culpa subindo em minha garganta.

—Como você pôde deixar isso acontecer! Você deveria protegê-la com sua vida, se necessário! Você mentiu! Você não passa de um mentiroso!

Meu estômago estava em nós, observando seu colapso enquanto ele permitia que ela despejasse toda sua fúria sobre ele. Ela sempre foi forte pra caralho. Ela tinha que ser para aguentá-lo e a nós. Os punhos dela bateram em seu peito e ele não se mexeu um centímetro. Continuando a ser o homem sólido que conhecíamos e amávamos.

Não foi até que ela gritou: —Como você pôde fazer isso? Como você pôde deixá-la ser sequestrada?

Eu não aguentei mais e gritei: —Fui eu!

Ela virou-se, surpresa. —O quê?

—Você o ouviu, Lexi.

—Eu não entendo. —Os olhos dela desviaram para encontrar os dele. —Foi por isso que você pediu ao motorista que me trouxesse aqui quando eu pousei? Você queria que eu a visse sendo sequestrada com meus próprios olhos? —Suas perguntas não faziam nenhum sentido, e era óbvio que ela estava lutando para acompanhar tudo o que estava acontecendo ao nosso redor. —Por que você está aí parado como se nossa filha não tivesse sido levada? —Ela não hesitou em pegar o celular do bolso de trás.

—Não. —Ele imediatamente o agarrou da mão dela.

—O que você está fazendo? —Ela questionou freneticamente.
—Como assim não? Precisamos chamar a polícia.

—Essa é a última coisa que precisamos fazer. O que você precisa fazer é se acalmar, porra.

—Pare de me dizer para me acalmar! Eu confiei em você! Você me prometeu que sempre protegeria nossos filhos! Onde você estava?

—Mamá...

—Envolver a polícia só fará com que Adriana seja morta.

—Então o que devemos fazer, Alejandro? Apenas ficar parados e esperar que eles a tragam de volta para nós?

—*Mi scusi*. —Luciano interrompeu. —Com licença. —Ao lado de meu pai. —Eu sei que isso é um assunto de família, mas sinto-me insultado por isso ter acontecido em minha casa.

Nossos olhos se conectaram com os dele enquanto ele apontava para si mesmo. —Dou minha palavra de que farei tudo ao meu alcance para garantir que sua filha volte para casa sã e salva.

—Jesus... —Ela cambaleou para trás com o golpe de sua declaração. —Eu fui uma tola, não fui? Todo esse tempo você manteve certas pessoas em sua vida e eu só pensei... Deus... não sei o que pensei. Eu confiei a você nossas vidas, Alejandro. Você tem mentido para mim todos esses anos?

—Eu mantive certas famílias em minha vida para proteger a nossa, Lexi.

—O que isso trouxe de bom quando nossa filha foi levada bem debaixo do seu nariz?

—Mamá! —Eu disparei, incapaz de segurar por mais tempo.
—Pelo amor de Deus! Não foi culpa dele. Foi minha! Eu deveria estar protegendo-a e a deixei.

—Você a deixou? O que isso significa?

—Isso significa que *eu* falhei com você. *Eu* te traí. Não ele. Foi tudo *eu*. Protejo minha irmã desde que me lembro, e me deixei levar pelo momento. Adriana me enganou. Ela mentiu e brincou comigo, e eu caí direto em suas mãos. Sienna...

—Quem é Sienna?

—Minha filha. —Respondeu Luciano por mim, trazendo nossa atenção de volta para ele. —Esta é a festa de formatura dela. Seu filho ficou apaixonado por minha filha esta noite, e por causa disso ele a salvou de um homem que poderia tê-la machucado. Observei pelas câmeras você, Sienna e Giovanni. Veja, Sra. Martinez, seu filho pode ter deixado sua filha, mas ele salvou a minha.

—Isso não muda o fato de que ele deixou a irmã para perseguir sua filha. —Papá argumentou.

—Não tinha motivos para acreditar que Adriana sairia de onde eu a deixei. —Disse a ele a verdade. Esperando silenciosamente que ele entendesse meu ponto de vista. —Foi um erro no meu julgamento. Ela me prometeu que não sairia dali.

—Sim, e você me prometeu que sempre a protegeria.

—As promessas foram feitas por todos, Alejandro. —Por um segundo, minha mãe colocou a mão nas minhas costas em um gesto reconfortante.

Seu consolo queimou.

Doeu.

Não fez nada além de me fazer sentir pior.

Eu não merecia simpatia. Eu estraguei tudo. Fim da história.

—Sra. Martinez, saiba que você tem o meu apoio e das cinco famílias.

—Não entendo o que isso significa. —Respondeu minha mãe com desdém.

—Significa que a encontraremos e faremos com que eles paguem. Ninguém me desrespeita em minha própria casa. *Ninguém*. —Ele se virou para meu pai. —Temos negócios a tratar, Martinez. —Com isso, ele girou e caminhou em direção a seus homens. Deixando-nos sozinhos.

—Leo! —Papá chamou seu braço direito, que nunca saía do seu lado. Eles cresceram juntos. Eu o conhecia como meu tio Leo.

—Leve-os para casa e não os perca de vista.

—Eu quero ficar.

—Cruz, não. —Ordenou Mamá.

—Eu sou adulto. Posso tomar minhas próprias decisões e quero ficar e ajudar a encontrar minha irmã. Isso é minha culpa e eu quero consertar.

—Alejandro, por favor. Já perdemos uma filha esta noite, não precisamos perder outro.

—Eu não sou uma criança.

—Sua mãe está certa. Você já causou danos suficientes por uma noite. Fique com ela, porém *Leo* será o encarregado de protegê-la. Já que não posso confiar em você.

Eu me afastei como se ele tivesse me dado um tapa na cara. Ele queria me machucar, e ele o fez. Eu poderia suportar as alterações físicas, mas a perda de sua confiança foi o começo do fim...

Para nós.



PARTE II

CAPÍTULO 10

Cruz

Cinco dias.

Cento e vinte horas.

Sete mil e duzentos minutos desde que minha irmã foi levada.

Eu mal tinha visto meu pai. Ele entrava e saía de casa dia e noite e, na maioria das vezes, não voltava para casa. Passando cada segundo tentando encontrar Adriana. Embora ele nunca tenha sido de dormir muito. Perdi a conta de quantas vezes o encontrei sentado em seu escritório a qualquer hora da noite. Às vezes ele estava na sala de estar, outras, na varanda. Mudava de acordo com seu humor.

Não conseguia me lembrar de uma época em que não acordava para ir procurá-lo. Meu corpo despertava do sono e não havia como voltar a dormir. Sem qualquer resistência, eu me levantava e meus pés não paravam de se mover até que eu o visse à espreita nas sombras. Era quando havia uma garrafa de bourbon ao lado dele e um copo em suas mãos, que muitas vezes eu me perguntava o que ele estava tentando esquecer.

Minha vida nunca fez sentido, nem a conexão que sempre senti com meu pai. Principalmente por causa de seu nome, e não me refiro a Martinez.

Cuidado com o que você deseja...

Minha irmã queria liberdade e veja aonde isso a levou. Eu queria saber sobre o homem a quem chamavam de El Diablo e agora

parecia que ele sempre fez parte do meu ser. Como se tivesse nascido com o demônio dentro de mim.

Nesses últimos cinco dias meu pai não falou comigo, não me deu atenção, nem olhou na minha direção quando tentei saber sobre o paradeiro de Adriana. Era muito mais complicado do que ele esperava que eu acreditasse. Não se tratava apenas de desapontamento com minha má tomada de decisão, era muito mais do que isso.

Ele manteve a verdade longe de mim por tanto tempo quanto pôde, porque no fundo de cada centímetro de sua alma, ele sabia quem eu era e o que estava destinado a me tornar. Não havia como chegar até ele, nem antes e muito menos agora, ele me excluiu completamente.

Minha mãe, por outro lado, falava comigo, mas ainda estava muito introvertida à sua maneira. A centelha e a vida nela desapareceram.

Sem risadas.

Sem sorrisos.

Ela mal se movia do sofá.

Esperando ansiosamente que meu pai entrasse pela porta para que ela pudesse emboscá-lo. Totalmente ciente de que ele não a envolveria em nenhuma de suas descobertas, a menos que ela se certificasse disso. Mesmo assim, ele a ignorava à sua maneira. A única preocupação que ele tinha por alguém no momento era por sua filha.

Nada mais importava além de levar Adriana para casa.

O que só aumentava a culpa que eu sentia a cada dia que passava. Eu tinha que fazer algo, não podia simplesmente sentar e

esperar que ela voltasse. Eu não fui feito assim. Ao longo dos anos, em minha busca pela verdade sobre quem era El Diablo, aprendi a trabalhar com um computador e, com isso, poderia dizer que era hábil em hackear.

Passei horas vasculhando o laptop de Ari tentando encontrar tudo o que eu pudesse que nos indicasse a direção certa ou nos desse pistas sobre o que aconteceu, ou onde ela estava. Pensei em encontrar um namorado ou pelo menos um cara que ela estava escondendo. Por mais jovem que possa parecer, ela sabia que não devia falar com estranhos, muito menos sair com um. Quem quer que ela tenha seguido para fora da propriedade de Luciano, era um rosto familiar, e ninguém poderia me dizer o contrário disso.

Depois de encontrar absolutamente nada em seu disco rígido, eu estava começando a deixar meu medo e inseguranças tomarem conta dos meus pensamentos. Não pude deixar de pensar no que ela estava passando nas mãos de um dos inimigos de meu pai.

Eu não conseguia dormir.

Eu não consegui comer.

Eu não conseguia controlar meus pensamentos acelerados.

Especialmente quando via minha mãe em um estado tão desolado no sofá.

Esperando.

Estávamos todos apenas esperando.

Na maior parte do tempo, me mantive ocupado o máximo possível. Cuidando de mamã, pegando a correspondência, certificando-me de que ela comia. Era difícil vê-la tão retraída, mas me esforcei na ausência de meu pai. Fazendo o que tinha que fazer.

Embora as noites fossem os momentos mais difíceis do dia para mim. Normalmente era quando minha irmã e eu saíamos. Assistíamos a um filme, falávamos sobre a vida, nosso pai, fazíamos as coisas normais que os irmãos fazem juntos. Não tínhamos muitos amigos fora um do outro. Era difícil saber em quem podíamos confiar e quem estava nos usando para obter dinheiro e status. No final de tudo, confiávamos um no outro.

Claro e simples.

Meu desejo de matar os filhos da puta que a sequestraram não diminuiu de forma alguma, comecei a fanatizar sobre isso. O que eu faria, como faria. Ouvi-os implorar por misericórdia era o que me ajudava a passar a maioria dos dias.

—Boa tarde, Sr. Martinez. —Cumprimentou Mariah, a carteira, enquanto eu pegava a correspondência de suas mãos.

—Quantas vezes eu tenho que dizer para você me chamar de Cruz? Sr. Martinez me faz parecer meu pai.

—*Con rispetto*. —Ela sorriu. —Com respeito. —Não era incomum que os nativos fossem multilíngues como eu.

—*Signore*, por que você parece tão triste? Está tudo bem?

Eu balancei a cabeça, mentindo para ela. —Tenha um bom dia, Mariah.

—Oh! *Signore!* —Ela interrompeu minha descida e apontou para um envelope. —Não há endereço de retorno neste aqui.

LEXI.

Quem teria pensado que quatro letras, grandes e em negrito poderiam ter a força de quase me derrubar de bunda no chão.

Que porra é essa?

A intuição era um sentimento poderoso. De uma sinapse à outra, ela disparou pelo meu sistema nervoso como uma bala no meu maldito coração. Não protegi Ari quando ela mais precisava de mim e não cometeria esse erro duas vezes. A questão não era quem me deixaria, mas quem me impediria.

Arrastei minha bunda para o meu quarto, precisando chegar ao fundo disso primeiro. Meu pai não estava em lugar nenhum e não havia motivo para incluir mamá. Ela já tinha o suficiente para lidar.

Fechando a porta atrás de mim, eu a tranquei e abri o pacote. Um CD brilhante caiu aos meus pés como a porra de uma granada que acabou de pousar embaixo de mim.

Agora ou nunca.

Peguei uma luva de couro da minha gaveta, certificando-me de não estar adulterando nenhuma evidência ou impressão digital. Depois de determinar que não havia mais nada no envelope, coloquei o disco no meu laptop e preendi a porra da respiração.

Nada poderia ter me preparado para o que eu estava prestes a ver, sentir, ouvir.

Não, Deus... por favor, não.

Minha mente.

Minha sanidade.

Quando você olha para o abismo, ele olha de volta para você engolindo-o inteiro. Possuindo sua alma. Você confia na escuridão para sobreviver. Estava além do meu controle.

A batalha interna surgiu na frente dos meus olhos, da minha mente ao meu coração, em cada maldito osso do meu corpo. Eu fiquei no fogo do inferno, rendendo-me à dor. Buscando conforto nas chamas.

Os pecados do pai passaram a ser os do filho.

Ira por pegarem o que era precioso para mim.

Cobiça pelas vidas que eram minhas para tomar.

Preguiça para a destruição contra minha vontade.

Desejo pela vingança e o sangue que eu derramaria.

Gula pelas almas que ansiava.

Inveja pelos espíritos que eu ainda não tinha tomado.

Orgulho pelo legado que eu logo cumpriria.

Eu queria me lembrar de tudo sobre este momento.

Adriana.

Amarrada a uma cadeira.

Seus olhos estavam cobertos.

Sua boca amordaçada.

Lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto ela chorava no que parecia ser um porão frio e sujo.

Seus cabelos desgrehados.

Suas bochechas machucadas.

Um corte profundo no lado da boca.

Meus punhos se apertaram.

Minha mandíbula cerrou.

Eu não vi nada além do fodido vermelho.

Brilhante. Vibrante. Vermelho.

Quando, de repente, uma voz sintonizada automaticamente ecoou pelas paredes e para dentro da minha pele como cacos de vidro rasgando minha carne.

—As paredes falam mal.

Portas escondem verdades.

Monstros enganam.

Serpentes colidem.

Tenha medo da chuva.

Esconda-se da neve.

Cuidado com o homem.

Você acha que conhece.

Pisquei, a tela ficou preta e o vídeo terminou.

No entanto, foi apenas o início da ressurreição de El Diablo.

CAPÍTULO 11

Cruz

Eu estava farto de marchar de acordo com as fodidas regras do meu pai.

Luz vermelha.

Vire à esquerda.

Luz verde.

Vire à direita.

Afundi até o chão o acelerador da minha Ferrari 458. Colocando a terceira no *paddle shift*², tentando me livrar das visões implacáveis do que eu acabei de ver e ouvir. Aumentei o volume da música, deixando-a o mais alto possível. Com a esperança de que ela afastasse as imagens de Adriana diante dos meus olhos. Ela martelou alto e forte em minha mente, imitando as batidas do meu coração e o zumbido em meus ouvidos.

Mudei para a quarta, acelerando pela noite. Ultrapassei os cento e vinte quilômetros por hora, acelerando para cento e trinta, cento e quarenta, cento e sessenta. Furioso pra caralho por ter permitido que isso acontecesse. Não conseguia chegar ao meu destino final rápido o suficiente, voando de veículo após veículo através do vale. Meu pé pesado no acelerador até que tudo que eu ultrapassava era simplesmente um grande borrão.

² O paddle shift é uma expressão em inglês que significa “abas de troca de marcha” ou, no caso dos carros, “câmbio borboleta”. Associado com sistemas eletrônicos de troca de marcha, ele permite que o condutor troque as marchas sem tirar as mãos do volante em carros automáticos.

Mudando de faixa.

Esquivando-me dos carros.

Nada poderia me impedir.

Eu era um maldito Martinez e provaria isso de uma vez por todas. Não se tratava mais de reconquistar a confiança ou o perdão de meu pai. Tudo o que importava, tudo que eu queria, precisava, não podia continuar sem...

Vingança.

Era hora de tornar minha presença conhecida. Ninguém iria me impedir, nem mesmo ele. Nem mesmo ela. Minuto após minuto, o vídeo se reproduzia em minha mente, enquanto eu tentava desesperadamente me concentrar na tarefa em questão. Era inútil. Tudo que eu podia ver era minha irmã amarrada a uma maldita cadeira com os olhos cobertos e a boca amordaçada.

Ensanguentada.

Machucada.

Destruída pra caralho.

—*Um dia você aprenderá que agir por impulso só vai te matar.*

Suas palavras de apenas alguns dias atrás ressoaram em minhas memórias. Eu estava atormentado por meus pensamentos que não tinham nada a ver com o que eu estava me metendo. A familiaridade do porão onde ela estava presa, gritava para mim como os sons agudos vindos de Adriana. No fundo da minha mente, eu estava ciente de que poderia estar longe, mas não era um risco que estava disposto a correr. Não quando se tratava da vida da minha irmã.

Voltei minha atenção para a estrada, árvore após árvore ao lado, tornando difícil ver meu caminho. Ficava borrado no fundo e desaparecia na distância. Ignorei os pensamentos que surgiam em minha mente, me concentrando na adrenalina correndo em minhas veias e se misturando ao meu sangue. A última coisa que eu queria era que minha ansiedade fosse interpretada como medo ou pior, provasse que não estava pronto para isso.

Quando na realidade, *isso* era tudo que sempre quis.

Virando uma curva acentuada à esquerda em uma rua secundária, fiz meu carro entrar na estrada de terra. Meus pneus escorregaram no cascalho quando fiz outra curva. Abaixando a música, eu dirigi para uma pequena cidade. Os únicos sons que eu podia ouvir eram meus pneus seguindo pela rota instável. Ficava mais escuro quanto mais eu dirigia, mexendo com emoções misturadas em meu interior.

Ari ou os homens que a sequestraram estariam lá?

Meus pensamentos giraram implacavelmente pelo que parecia ser a centésima vez, enquanto os bairros começaram a ficar mais rurais e degradados. A estranha quietude não estava ajudando minha disposição. Finalmente, todas as árvores de repente ficaram para trás, e foi então que percebi o quão fora da cidade realmente estava.

No meio da porra de lugar nenhum.

Assim que parei algumas casas abaixo daquela que reconheci, fiquei ali sentado com o coração na garganta. Minha mente, mais uma vez, ficou louca de raiva com pensamentos sobre o que poderia estar acontecendo atrás daquela porta da frente. As cortinas estavam fechadas e, assim, o mundo exterior estava bloqueado.

Segundos.

Minutos.

Horas poderiam ter se passado.

Perdi a noção do tempo sentado ali, contemplando meu próximo movimento. Até que meu corpo voluntariamente se deslocou como se estivesse sendo puxado por um fio, cruzando a linha imaginária de...

Certo ou errado.

Preto ou branco.

Céu ou inferno.

Antes que soubesse qual era o caminho para cima ou para baixo, eu estava parado em frente a porta. Sem aviso prévio, girei cautelosamente a maçaneta e abri-a lentamente com a arma firmemente apertada na minha mão. Centímetro a centímetro, dei as boas-vindas ao meu futuro e disse adeus ao meu passado. Eu não tinha ideia do que estava prestes a encontrar, sem hesitação da minha parte, do que estava lá para fazer, porra.

Só que alguém chegou antes de mim.

Não qualquer um.

El Diablo.

A primeira coisa que notei foi o rastro de sangue da entrada principal até a porta do porão localizada no canto mais afastado da sala. Estava fechada e eu não precisava adivinhar o que ou quem estava lá embaixo. Eu senti o trabalho de meu pai. Tinha seu nome escrito por toda parte.

Este era o meu momento da verdade.

Minha hora de brilhar e mostrar do que eu era feito.

Curve-se ao pai, mas obedeça ao filho.

O livre arbítrio era uma decisão e tanto, escolher entre o bem e o mal. Avidamente atravessei os portões do purgatório, preparando-me mentalmente para Deus sabe o quê.

Onde há fumaça, há fogo.

As solas das minhas botas queimaram assim que cruzaram o limiar da minha mortalidade. Eu me movi como um homem possuído por um demônio. Sentindo fisicamente o peso das algemas envolvendo meus tornozelos a cada passo que eu descia mais para o porão. Sustentando e digno das correntes que carregaria eternamente em nome do pai e do filho.

Um pé na frente do outro.

Quatro passos.

Três passos.

Dois passos.

Um.

Parei bem no final da escada, onde não havia mais mentiras para ele vomitar, mais ordens para eu seguir, mais fantasia para eu viver.

Esta foi a minha morte e eu a acolhi de braços abertos.

CAPÍTULO 12

Cruz

—Eu não sei! Eu juro que não sei, porra! —Um homem cujos tornozelos estavam amarrados às vigas com cabos, pendurado de cabeça para baixo, gritou alto o suficiente para quebrar vidros.

Suas mãos estavam amarradas atrás das costas, abraçadeiras de nylon as prendendo no lugar. Todo o sangue de seu corpo escorria para seu rosto quanto mais escapava das incisões profundas que meu pai infligia com a lâmina enferrujada em sua mão. O cara parecia ter sido espancado quase até a morte e quando isso não funcionou, ele cortou sua pele.

—Resposta errada, Sergey. —Declarou Papá.

—Nããããoooo! Nãããoo!

Agarrando a parte de trás de seus cabelos, ele cruelmente cortou do meio de seu peito até a parte inferior de seu abdômen.

—Se eu cortar você na diagonal, seus intestinos vão cair. A escolha é sua, não minha.

—Por favor... por favor... juro que não sei onde ela está!

—Isso é verdade? —Ele se afastou. —Mentir para mim só me deixa irritado pra caralho e confie em mim, Sergey, você ainda não me viu irritado.

—Estou te dizendo a verdade!

—Assim como eu. Agora podemos fazer isso da maneira mais fácil e você pode me dizer onde está minha filha, ou podemos fazer da maneira mais difícil e eu te destroço como a porra do animal que você é por levar minha filha.

—Eu não a levei! Não fui eu!

—Sergey. —Papai cantarolou em um tom diabólico. —Levei cinco dias para encontrar o homem nos vídeos das câmeras de vigilância. Ela estava seguindo *você* para fora da propriedade naquela noite. Você, Sergey. Somente você. Agora, quanto tempo você acha que vou levar para encontrar sua mãe, seu irmão e sua irmãzinha? Hã? Ela está no ensino médio, certo? Na Patrons Academy. Filho da puta, vou cortar todas as suas gargantas enquanto você assiste e implora para eu parar. Eu não vou parar. Nem por um maldito segundo. Então não me faça perguntar de novo. *Onde está minha filha?*

—Por favor... por favor... juro por Deus que não sei onde ela está!

Corte.

Ele cortou seu dedo, levando sua vítima a um ataque de agonia e angústia.

—Deus não está aqui agora, mas El Diablo com certeza está. Eu não gosto que mintam para mim, especialmente na minha cara! — Ele cortou outro dedo.

—Arggggghhhh! —Sergey gritou em pura angústia, claramente lutando para não desmaiar.

—Isso é por mentir para mim novamente e desrespeitar-me na frente dos meus homens. Eu sugiro que você seja homem e me diga onde está minha filha, porque estou ficando impaciente e vou passar

para o seu pau a seguir. Pare de me alimentar com suas mentiras antes que eu decida que não quero mais ser bonzinho.

—Escute. —Sergey gemeu com a mandíbula trêmula. —Vou ser honesto com você. Ok? Eu conhecia Adriana da escola, eles sabiam que eu a conhecia.

—Quem são eles?

—Eu não sei. Juro que não sei. Eles disseram que matariam minha mãe se eu não a trouxesse para fora e os deixasse usar minha casa. Eu não estava aqui. Não voltei até que eles disseram que eu podia, e quando voltei, eles já tinham ido embora. Eu juro para você que é tudo que eu sei.

—Como eles são?

—Eu só falei com eles por telefone e eles usaram um daqueles modificadores de voz. Eu não ouvi a voz verdadeira deles. Por favor... por favor... deixe-me ir!

—Deixar você ir? Aonde você vai, Sergey?

Seu peito arfou e suas narinas dilataram. —Para a porra de um hospital! Por favor! Por favor!

Com o canto do meu olhar, vi uma sombra na janela. Eu sorri largamente, meus olhos selvagens e atrevidos. Sedento por seu sangue. Levantando meu braço, apontei minha arma e puxei o gatilho.

Bang!

Atirando no pedaço de merda bem no meio dos olhos, matando-o à queima-roupa. Em menos de um instante, todos sacaram suas armas, incluindo meu pai. Pela segunda vez em poucos dias, ele apontou sua Glock bem na minha testa.

Nossos olhos se encontraram enquanto ele cambaleava para trás como se a bala tivesse atingido seu coração. Seu olhar atordado voou em direção ao meu alvo, imediatamente percebendo o que eu tinha feito.

Seus homens entraram em ação.

Armas apontadas e carregadas.

Dois guarda-costas o rodeavam, mais dois vieram até mim enquanto três subiam as escadas apressadamente em busca de outros inimigos.

—Crucifixo. —Meu nome saiu de sua boca.

Uma palavra.

Dez letras.

O meu nome.

O submundo girou ao nosso redor.

O caos irrompeu.

Todo o inferno veio à tona, mas nossa intensa conexão nunca se desfez. O tempo pareceu parar a partir do momento em que seus olhos perfuraram os meus, começando a desvendar a emoção que eu sempre quis ver dentro dele. Ele não tentou esconder.

A decepção.

A vergonha.

O arrependimento.

Tudo pelo que eu orei, ele me mostrou. Procurando ansiosamente por quaisquer resquícios de seu filho com nada além de

um olhar remissivo do menino que ele criou e do homem que eu me tornei. Eu imaginei minha infância passando diante de seus olhos.

Cada marco.

Cada conquista.

Cada pilar do nosso relacionamento.

Cada degrau.

Cada descoberta.

Cada avanço.

Levando-nos de volta a este ponto decisivo, o aqui e agora, onde tudo mudou rapidamente entre nós. Seus demônios emergiram, escurecendo o pequeno espaço. Tudo o atingiu com muita força. Seu pior pesadelo simplesmente se desenrolou na frente dele, arrastando-o para baixo, e eu estaria mentindo se dissesse que não sentia isso.

Não havia um centímetro da minha pele que não sentisse seu amor e ódio.

Incapaz de aguentar mais, ele estourou: —Que porra você fez?

O que ele esperava?

Não importa o que fizesse, eu não poderia vencer. Eu perdi, mas a verdade era...

Eu não me importava.

Sua opinião era nula e sem efeito.

—Eu salvei a porra da sua vida. —Antes que ele pudesse dizer outra palavra, fui até Sergey e coloquei o cano da minha arma sob seu queixo. Provando meu ponto.

Eu seria melhor do que ele.

—Última chance, filho da puta.

Encolhendo-se para longe de mim, Sergey fechou os olhos com força. Eu enfiei a Glock mais fundo em sua carne.

—Olhe nos meus olhos quando eu estiver falando com você.

Ele olhou.

Eu nunca entendi até este preciso momento porque meu pai sempre quis que nós olhássemos em seus olhos. Eles eram as janelas para a alma de uma pessoa que eu possuía.

—Pensando melhor. —Enfiei minha arma em sua boca, ele engasgou. —Perdoe-me pai por eu ter pecado. —Puxando o gatilho, eu explodi seus malditos miolos.

Eu já estava cansado de jogar. Consegui o que vim buscar.

Seu sangue em *minhas* mãos.

CAPÍTULO 13

Sienna

Dois meses depois

—Tio Gino! Eu quero falar com meu pai!

—Sienna, quantas vezes eu tenho que dizer que ele não está aqui?

—Tantas quanto forem necessárias para ele voltar para casa!

—Eu sabia que estava sendo irracional, mas não conseguia mais aguentar essa merda. —Não vejo o meu cavalo há quase dois meses! Não tenho permissão para sair de casa! Sou prisioneira em minha própria casa, tudo porque uma garota, que eu nem sequer conheço, foi levada da nossa propriedade? Isso não tem nada a ver comigo e tudo a ver com a família de Martinez. Agora, por que estou sendo arrastada para algo que nem mesmo aconteceu conosco?

—Não sabemos disso, Sienna. Adriana ainda não foi encontrada.

—Novamente, por que é meu problema? —Eu sabia que parecia uma vadia, mas estava cansada de ter minha vida ditada pelos problemas de outra pessoa.

—Aconteceu em nosso território.

—Sim! Com Martinez! Não conosco! Preciso ver o Massimo, tio Gino. Nunca fiquei tanto tempo sem montá-lo.

—Seu pai está se certificando de que alguém esteja cuidando de seu garanhão preto.

Massimo era meu bem mais valioso. Tudo o que eu tinha que era completamente meu. Papà o deu para mim quando eu tinha oito anos, ele era apenas um potro naquela época. Eu ando a cavalo desde que comecei a andar e finalmente recebi algo que ninguém poderia tirar de mim.

—Não é a mesma coisa, tio Gino, e você sabe disso. Massimo não gosta de ninguém além de mim. Ele fica louco se alguém que ele não conhece tenta alimentá-lo. Como você acha que ele vai reagir a outra pessoa o montando? Se algo acontecer ao meu cavalo, nunca vou perdoar papà! Massimo é tudo o que tenho.

—Chega de drama, Sienna.

—Drama? —Eu perguntei, ficando mais furiosa e exasperada.

—Você sabe que isso não é verdade. Você tem seu pai, seus tios, sua família.

—Minha família tem a máfia. Eu não venho primeiro, a máfia sim.

—É tudo a mesma coisa.

—Não para mim!

Por que ninguém nunca entendeu meu lado das coisas?

Era como se eu estivesse falando com uma parede. Pelo menos com o tio Gino, eu podia expressar minhas frustrações. Ele não era meu tio de verdade, mas era o braço direito de El Capo e isso era mais espesso que sangue. Se ele não estava perto do meu pai, ele estava ao

meu lado. Eu passava mais tempo com ele do que com papà. Ele estava lá quando eu nasci e carregava o título de meu padrinho.

Na cultura italiana, a família é tudo. O amor e a devoção de meu pai nunca foram motivo de debate. Eu era todo o seu mundo, mas *La Famiglia* também era. Caminhávamos de mãos dadas. Não importava o que eu dissesse ou como me sentisse em relação a qualquer situação. No final de tudo, quaisquer que fossem as decisões que meu pai pensasse serem do meu interesse, prevaleciam sobre quaisquer palavras ou emoções que saíssem de meu coração e alma.

Eu estava presa e não havia nada que pudesse fazer a respeito. A única paz de espírito que eu tinha era meu aniversário de dezoito anos, que ainda estava a um mês de distância. Eu seria uma adulta pela lei. Poderia fazer minhas próprias escolhas de vida com ou sem o consentimento de El Capo. Eu sonhava com esse dia, ser livre desta vida de purgatório onde a realização para uma mulher vem na forma de com quem você é casada e o nascimento de um filho para continuar o nome e legado desses *homens de honra*³.

O código de honra.

Foda-se. Essa. Merda.

—Sienna, você quer jogar cartas? Vamos jogar Blackjack, você está ficando muito boa.

Eu dei de ombros, eu estava.

Eu gostava de números, gostava de contar cartas.

—Tudo o que você está fazendo é tentar me apaziguar.

—Está funcionando?

³ Termo em inglês: Made man - Um Homem feito ou homem de honra, é uma expressão usada pela Máfia Cosa Nostra americana para definir um membro em pleno direito e efeito na organização.

—Não. —*Talvez.*

—Posso ligar para minha amiga? Não falo com Aurora desde minha festa de formatura. Por favor...

—Sienna, você é uma senhora. Não implore.

—Tio Gino... Papà desligou o telefone fixo e meu celular. O único telefone que funciona é o de seu escritório. Preciso saber o que aconteceu entre ela e Diego. Oh meu Deus, eles terminaram? Eles estão juntos? Essas são coisas que uma melhor amiga precisa saber. Eles estavam tendo problemas. Ela provavelmente pensa que estou morta.

—*Gesù Cristo, Sienna Contessa Luciano, mi stai dando i capelli grigi.*
—Ele praguejou. —Jesus Cristo, você está me dando cabelos grisalhos.

—Todo o seu cabelo já está grisalho, não posso te dar mais.

Ele suspirou, colocando seu celular no balcão. —Estou indo para a cozinha. Você está com fome?

—Sim.

—Estarei de volta em vinte minutos.

Eu sorri, balançando a cabeça.

Essa era a nossa dinâmica. Dentro do razoável, tio Gino sempre cedia aos meus pedidos. Meu pai confiava em seu julgamento, embora isso não significasse que ele fizesse vista grossa para o que tio Gino aprovaria. Ele verificava os registros telefônicos, conhecia cada pessoa na minha vida. Eles tinham que passar por ele para serem meus amigos. Se ele dissesse não, eu nunca mais veria aquela pessoa.

Depois que ele fechou a porta atrás de si, peguei seu telefone e disquei o número de Aurora.

—Olá?

—Ei!

—Sienna? Puta merda, pensei que você estivesse morta!

—Sob a vigilância do meu pai? Nunca.

—Onde você esteve?

—Em prisão domiciliar.

—O que você fez? Seu pai descobriu sobre...

—Claro que não! Eu realmente estaria morta se ele descobrisse.

—Por isso que pensei que você estava! Nunca mais faça isso comigo. Tenho acendido uma vela para Santa Maria por você todos os dias, Sienna. Liguei para você, mas seu telefone diz que está fora de área.

—Eu sei. Sinto muito.

—Então, o que aconteceu? O que está acontecendo?

—Não posso falar sobre isso.

—Nós conversamos sobre tudo.

—Eu sei, mas não posso falar sobre isso.

—Por quê?

—Para o seu próprio bem.

—Você parece seu pai.

—A maçã não cai longe da árvore.

—Sienna, você está bem?

—Tão bem quanto posso estar.

—Quando você poderá sair de novo?

—Eu não sei. Logo, eu espero.

—E quanto a Massimo?

—É por isso que estou ligando. Você pode ir ver como ele está para mim?

—Seu cavalo me odeia.

—Ele odeia todo mundo, não é nada pessoal. Por favor, apenas verifique se ele está bem.

—Tudo bem, sim. Eu posso fazer isso. Como faço para entrar em contato com você?

—Eu te ligo na próxima semana.

—De quem é esse número?

—Tio Gino.

—Vou salvá-lo no meu telefone.

—Não se preocupe, provavelmente será um novo número na próxima vez que eu ligar.

—Oh cara, Sienna. As coisas estão muito ruins agora?

—Pode-se dizer que sim.

—Você vai pelo menos me dizer algo?

—Eu odeio minha vida.

Ela riu.

Era bom me sentir normal, mesmo que fosse apenas por alguns minutos. Esses eram os pequenos prazeres que eu tinha, falar ao telefone com minha melhor amiga. Aurora sabia quem eu era e o que meu pai fazia. A Itália pertencia a ele. O nome Luciano governava, como aconteceu com meu avô e com meu bisavô antes dele. Gerações após gerações de mafiosos.

Ganância por dinheiro.

Poder.

Domínio.

O governo não controlava merda alguma, o crime organizado sim.

—De qualquer forma como você está? Coisas boas com Diego?

—Eca. Ele não é meu favorito.

Durante os vinte minutos seguintes, ela me contou sobre sua vida, e eu apreciei cada segundo de nossa conversa. Foi bom conversar com minha amiga e fingir que minha vida não era comandada por *Lorenzo Luciano, El Capo*.

Quando meu tio voltou, já tínhamos desligado. Eu não queria que ele escutasse e, se tivesse oportunidade, ele provavelmente o teria feito.

—Ei, obrigada por isso. —Expressei minha gratidão.

—Obrigada por quê? —Ele se fez de desentendido, piscando para mim. —Só fui buscar um sanduíche.

—Não estou vendo meu sanduíche.

—Seu desejo se tornou realidade. Seu pai está em casa e está perguntando por você.

—Sério?

—Sim, ele precisa de você em seu escritório.

Minha empolgação por finalmente vê-lo foi interrompida muito rapidamente, eu me afastei, confusa. —Seu escritório?

Nunca houve nada de bom ao entrar no escritório do meu pai. Só era chamada lá quando estava em apuros ou ele tinha notícias que eu não apreciaria. Atrás daquelas quatro paredes, seu escritório sempre significou negócios.

—Sienna, não vamos deixá-lo esperando.

Merda. Ele descobriu? Ele sabe?

Eu balancei a cabeça, seguindo tio Gino para fora do meu quarto e pelo corredor. O escritório do papà ficava na outra ala da propriedade, a mais distante do meu quarto. Nossa casa era uma mansão de mil e quatrocentos metros quadrados em mais de quarenta mil metros quadrados de terra, e tinha segurança caminhando pelo terreno dia e noite. A imprensa não estava errada a meu respeito, eu cresci como uma princesa da máfia. Meu pai não teria feito de outra maneira.

Nunca quis nada. Eu tinha as melhores roupas de grife, os sapatos mais caros e sofisticados. As joias que eu possuía eram todas de ouro, assim como os acabamentos de nossas casas em diferentes

locais do mundo. Tínhamos um avião, um jato, um helicóptero, vários iates, garagens cheias de carros e motocicletas. A lista de luxos era interminável. Minha vida era extravagante, era tudo que eu conhecia. Eu não tinha medo do meu pai. Eu o respeitava e amava. Ele nunca me machucaria. Pelo menos não fisicamente.

Emocionalmente, ele era o rei disso.

Não era intencional ou malicioso. Ele simplesmente queria o que era melhor para mim, sem nunca perceber que eu poderia tomar essas decisões também. Na maior parte, tínhamos uma relação de amor com momentos de desdém aqui e ali.

Quanto mais perto eu chegava de seu escritório, mais nervosa ficava. Eu estava pirando internamente. Odiava ser pega desprevenida. O maior problema com meu pai era sua tendência de ser superprotetor comigo.

Não sei dizer quantas vezes o ouvi ameaçar: —Só há duas maneiras de sair desta casa, com uma arma apontada para a cabeça ou em um saco para cadáveres. —Para qualquer pessoa que ele pensasse não ser um bom exemplo.

Meus amigos precisavam ter a autorização dele.

Meus professores.

Meus instrutores de equitação.

Basicamente, qualquer pessoa que estivesse na minha presença precisava ser aprovada por ele.

Ele fazia uma verificação de antecedentes, para ter certeza de que conhecia os meandros da vida deles. Onde moravam, com quem sua família tinha laços. Tudo, até mesmo seus tipos sanguíneos.

Eu respirei fundo, contemplando seu próximo movimento. Adriana não tinha sido encontrada. Ela estava desaparecida há pouco mais de dois meses. Era a única informação que tio Gino compartilhava comigo, eu sabia que era melhor não pedir ao meu pai qualquer atualização sobre ela. Ele não me diria e ficaria desapontado por eu ter perguntado em primeiro lugar. O papel de uma mulher nesta vida era ser a mãe e cuidadora do lar. Nossa casa não era nem perto do que ele fazia diariamente para viver.

Ele me mandaria embora de novo?

Eu saí de casa no meio da noite várias vezes ao longo da minha vida com um arsenal de guarda-costas ao meu redor. No ano passado foi a primeira vez que tive que deixar o país por seis meses exatamente da mesma maneira. Fiquei com minha tia em New York até que fosse seguro o suficiente retornar à Itália. Eu tinha muito menos liberdade na América do que na minha terra natal.

Assim que chegamos às portas de seu escritório, respirei fundo novamente enquanto tio Gino batia para avisá-lo de que estávamos lá. Eu nunca tive permissão para simplesmente entrar, eu tinha que bater, e ele tinha que saber que eu estava descendo para vê-lo. Eu não poderia pegá-lo de surpresa. Muita merda acontecia por trás destas portas fechadas, e papà garantiu que nunca estivesse na minha presença.

Havia regras que eu tinha que seguir.

Fim da história.

—*Entra!* —Papai gritou: —Entre.

Com meu coração batendo forte no meu peito, inalei uma última respiração pesada. Tio Gino abriu a porta, dando-me um olhar reconfortante. Totalmente ciente de que eu estava enlouquecendo

internamente, mas permanecendo calma por fora. Fui criada para não demonstrar nenhuma emoção, especialmente quando se tratava de El Capo.

Passando pela soleira, anunciei com um sorriso: —*Papà, sono così felice di vederti...* —Parei de andar, parando bem perto da porta. Incapaz de terminar minha frase dizendo o quão feliz eu estava por finalmente vê-lo.

Sem movimento.

Sem respiração.

Fiquei sem palavras.

Prestes a ir...

À guerra.

CAPÍTULO 14

Sienna

El Capo estava sentado à cabeceira da mesa retangular de mogno no meio da sala aberta. Nada de bom veio dele sentado lá em vez de em sua mesa quando eu entrei. No entanto, não foi meu pai que me deixou sem fôlego, ou os rostos dos homens que reconheci instantaneamente. Percorri meu olhar de um mafioso para o outro.

Campisi.

Nicolasi.

Sinacore.

Rossi.

As cinco famílias.

Incluindo El Diablo.

Martinez estava sentado à esquerda de *Papà*. Nenhum dos gangsters mais poderosos e influentes do mundo chamou minha atenção como o homem sentado à direita de meu pai. Ele estava exibindo um fodido sorriso que eu imediatamente queria esbofetear de seu rosto de menino bonito.

Juro por tudo que é mais sagrado, naquele momento todo o meu futuro desabou sobre mim quando vi quem menos esperava.

Ele. Estava. Lá.

Impiedosamente presunçoso.

Implacavelmente astuto.

Pronto para assinar minha certidão de óbito.

Sua aparência arrogante me lembrava muito a de outro *homem de honra*. Romeo Sinacore, o neto mulherengo de Sinacore que eu tinha visto algumas vezes. Ele era um idiota de primeira linha. Permitindo que seu pau falasse enquanto sua arma encerrava a conversa.

Não foi até que papai ordenou: —Sienna, sente-se. —Que eu sabia que minha vida nunca mais seria a mesma.

O fato de papà ter se dirigido a mim pelo meu nome apenas provou o que eu estava sentindo. Isto era sério, ou então ele teria dito: —*Princesa*.

Acenando para a cadeira vazia diretamente em frente a ele, eu caminhei lentamente até ela. Quinze passos foi o suficiente para eu chegar ao assento. Mantive meus olhos fixos nos dele, consciente de que ele simplesmente exigiria se eu não o fizesse.

—Chamei você aqui hoje para dizer o que vai acontecer a seguir, Sienna.

Lá vamos nós com meu nome novamente.

Não respondi, consciente da nossa dinâmica. Principalmente em seu escritório.

Fale quando lhe for solicitado.

—Você teve permissão para entrar aqui por um motivo e apenas um. Vou informá-la sobre o que vai acontecer e quando vai acontecer. Não haverá espaço para discussão ou questionamentos

sobre o que estou prestes a lhe dizer. Isso não é negociável. Foi decidido em seu nome e ponto final. Você me entende?

Não sei como foi possível, mas meu coração disparou. Afundando minhas unhas nas palmas das minhas mãos sob a mesa, tentei desesperadamente manter minhas emoções sob controle e me obriguei a não desmaiar. A sala estava girando, fechando-se sobre mim, centímetro a centímetro.

—Sim.

—Você sabe que eu te amo e nunca iria colocá-la em uma situação que você não pudesse lidar ou em perigo. Estou sendo claro?

—Sim.

—Sienna Contessa Luciano, você é minha filha. Minha única filha, minha carne e sangue. Você representará nossa família e fará a coisa certa. Isso não afeta apenas a sua vida e a minha, mas afeta a todos nesta sala.

Engoli em seco, cravando minhas unhas mais profundamente em minha carne.

—Você sabe quem são esses homens. Você sabe o que aconteceu em nossa casa há dois meses. Por causa de nossa vida, temos que ter certeza de que somos mais fortes agora do que nunca. Nós levaremos isso até o fim. O que precisamos é de uma frente unida para garantir que isso nunca aconteça novamente. Nem para a família Martinez, nem para nós, ou para qualquer outro homem nesta sala. Todos concordamos que isso é melhor para *La Famiglia*, Sienna. Não é pessoal, é negócio.

—*Sì*. —As cinco famílias anunciaram em uníssono.

—Sua vida está em jogo e isso é algo que não considero levemente. —Exclamou Papà.

Eu queria vomitar.

Eu precisava vomitar, porra.

Juro com todos os ossos do meu corpo que sabia o que ele diria a seguir.

—Sienna, levante-se.

Eu não conseguia encontrar palavras para expressar outra coisa senão a agitação percorrendo por cada fibra do meu ser.

Eu. Estava. Fumegante.

Em um tom dominante, eu rebati. —Não.

Papà não vacilou, ele bateu com o punho na mesa, fazendo-me estremecer.

—Não me desafie! Primeiramente eu sou seu pai, isso não é uma escolha. É uma ordem. Agora, levante-se.

Meus olhos se encheram de lágrimas, não havia como segurar ou esconder dele. De qualquer um deles. Eu não me importava que não estivéssemos sozinhos, e eu estava mostrando fraqueza a uma sala cheia de homens que levariam um tiro no coração antes de demonstrar qualquer emoção.

—Por favor. —Eu respondi com lábios trêmulos. —Não faça isso.

—Sienna, não vou falar de novo.

Eu usei as lágrimas que escorriam pelas laterais do meu rosto como uma medalha de honra, enquanto ficava de pé.

Com orgulho.

Ninguém poderia tirá-los de mim. Nem mesmo El Capo.

—Venha aqui.

—Eu estou te implorando... por favor, Papà.

Com um olhar, ele martelou o último prego em meu caixão. A contragosto, fui até ele até ficar de pé ao seu lado e o homem sentado à sua direita. Quando meu pai agarrou minha mão, fechei os olhos.

Ele argumentou: —Faço isso porque te amo, você não vai entender agora, mas um dia vai entender.

No segundo em que senti El Capo colocar minha mão nas mãos do mafioso que eu mais desprezava, não havia como voltar atrás. Eu nunca perdoaria Papà.

Nunca.

Resistindo ao desejo de gritar e correr, eu me mantive firme.

—Sienna, abra os olhos. —Ele ordenou mais uma vez em um tom que não pude ignorar.

Eu abri, demonstrando o máximo de ódio que eu conseguia, com meu olhar furioso em direção ao filho da puta agora parado em minha frente. Quando vi o anel de diamante que o idiota estava deslizando em meu dedo, mordi minha língua até sentir o gosto de sangue.

Era o anel de noivado da minha mãe.

Aquele filho da puta.

Uma vez que estava em meu dedo, ele levou minha mão aos lábios e beijou-a. Permitindo que sua boca se demorasse por muito

tempo antes de se inclinar e sussurrar em meu ouvido: —Até que a morte nos separe. Você é minha agora, *princesa*.

Abruptamente, eu o empurrei com força.

Ele sorriu.

Bastardo.

—Sienna! Isso não é maneira de tratar seu noivo. Peça desculpas.

—Capo, não preciso de desculpas. —O filho da puta teve a coragem de me olhar de cima a baixo com um olhar predatório. — Eu gosto de sua agressividade.

—Deixe isso para a noite de núpcias. Até então, minha filha é minha.

Minha.

Como se eu fosse apenas propriedade de alguém e não uma pessoa real com desejos e necessidades.

Não pude evitar, ataquei com uma voz odiosa: —Você amava Mamà. Você sempre disse que queria isso para mim. Você prometeu que eu experimentaria o amor que você teve com ela, você jurou que eu me casaria por amor e não por um acordo.

—Você me ama, *princesa*. Você simplesmente não sabe ainda.

—Eu. Odeio. Você.

Ele encolheu os ombros. —Amor e ódio são uma linha muito tênue.

—Isso. Não. É. Amor. É. Uma. Sentença. De. Morte.

—Sienna, chega! —El Capo rugiu.

Não achei que isso pudesse ficar pior. Eu estava tão errada.

Papà acrescentou: —Você se casará no próximo mês, no seu aniversário.

Eu zombei com um suspiro desagradável. O dia em que eu deveria ser libertada se transformou no dia que eu morreria.

Meu aniversário de dezoito anos.

A data em que me casaria com meu arqui-inimigo.

Crucifixio Martinez.

O filho de El Diablo.

CAPÍTULO 15

Cruz

—Temos negócios para terminar, Gino. Leve Sienna de volta para o quarto dela. —Ordenou Luciano.

—*Si*, Luciano.

—Papà...

—Sienna, diga adeus ao seu noivo. Você não o verá novamente até o dia do seu casamento.

—E depois, o quê?

—Então você será sua esposa e obedecerá às suas ordens.

Ela olhou para mim. —Eu nunca irei.

—Sienna... —Ele advertiu em um tom severo.

—Onde vamos morar?

—Você não precisa se preocupar com nada disso. Está tudo resolvido.

—Portanto, não só não tenho nada a dizer sobre meu marido ou minha vida. Não tenho uma opinião quando se trata de minha casa?

—*Princesa...*

Ela me interrompeu: —Quantas vezes eu tenho que dizer para você não me chamar assim?

—Pelas minhas contas, esta é apenas a quarta.

—Você apenas tem uma resposta para tudo, não é?

—Vou dar o número do seu pai para a decoradora de interiores e você pode ligar para ela para marcar um horário em que você possa ir à nossa casa e descobrir os detalhes inúteis que eu não poderia me importar menos.

—Você ouviu, Papà? Ele não poderia se importar menos comigo.

—Não distorça minhas palavras.

—Ótimo. Que tal você não falar comigo, então?

—Sienna... —Seu pai repetiu no mesmo tom severo.

—Este noivado está começando de uma forma fabulosa. Mal posso esperar para ver como será nosso casamento. —Ela retrucou.

—Pelo menos você está pensando em nosso casamento.

Ela deu um passo à frente, ficando cara a cara comigo e eu resisti ao desejo de reivindicar seus lábios. —Vamos deixar uma coisa bem clara, Cruz. Só vou me casar com você porque não tenho escolha, mas juro que nunca serei sua esposa como isso lhe interessa.

El Capo bateu com o punho na mesa, com muito mais força do que momentos atrás. —Você não vai desrespeitar seu noivo na minha presença nunca mais! Eu criei você melhor do que isso. Você me entendeu?

Antes que ela se metesse em mais problemas, inclinei-me e beijei sua bochecha.

Murmurando em seu ouvido para que apenas ela ouvisse: — Uma vez que você carregar meu sobrenome, já é metade da batalha. Eu ganhei. Eu tenho toda a sua atenção agora? Porque, querida, existe uma conexão entre nós. Você a vê. Você a sente. Você a quer. *A mim.* E se continuar a negar o que é meu, tudo o que tenho a fazer é pegar o que me pertence... *Você.*

Ela rosnou, fazendo meu pau estremecer. Como eu não queria uma bala na cabeça vinda de seu pai, fui beijar sua bochecha uma última vez, mas a merdinha olhou para mim sobre o ombro e foi embora.

Sem dizer adeus.

Eu ri. Eu não ria desde que Adriana foi levada. Foi uma boa mudança de ritmo, mesmo que apenas por um segundo.

—Da próxima vez que te encontrar, *princesa*, você vai dizer: “eu aceito”.

Ela me ignorou e saiu. Sem olhar para trás.

—Peço desculpas em nome da minha filha. —Declarou Luciano, voltando minha atenção para os homens.

—Lorenzo, todos nós temos filhas. —Papà lembrou enquanto eu me sentava. —Elas são mais difíceis de controlar. A minha teria respondido da mesma maneira. Você está fazendo o que é melhor para ela. Ela acabará entendendo e agradecendo por isso.

Luciano assentiu, apreciando seus sentimentos. —Agora, vamos ao que interessa e o motivo de estarmos aqui. O casamento será notícia de primeira página, será noticiado na mídia, por meio de fontes online e nas estações de notícias. Será o casamento do século daqui até a América e de todos os estados e países entre eles.

—Falei com o detetive Dylan McGraw, ele sabe que Adriana foi levada e o que tenho que fazer. —Revelou Papà.

Tio Dylan era um amigo próximo de nossa família. Meu pai me disse que foi ele quem o ajudou a fingir sua morte, há quase duas décadas.

—Obviamente, os homens que levaram sua filha, Alejandro, sabem que você está vivo, mas você está pronto para que o mundo descubra também? —Luciano questionou, acenando para ele.

—Farei o que for preciso para trazer minha filha para casa. Estou envelhecendo, Lorenzo. Esta é a única escolha que me resta. Eu nunca quis trazer minha família para esta vida, no entanto, as coisas mudaram da noite para o dia. A união de nossas famílias fornecerá a proteção de que preciso para encontrá-la. Quem levou Adriana saberá que não estou mais escondido e, acima de tudo, uni forças com uma de *La Famiglia*. Eles vão perceber muito rapidamente com quem se meteram. Exceto que não é apenas El Diablo. São as cinco famílias.

—Alejandro, é melhor assim. —Nicolasi entrou na conversa. —Eles acham que você está sozinho e fraco. Ao se expor, você não apenas estará mostrando a eles que está unido ao El Capo, mas também o que isso implica. Nós. *La Famiglia*. Você está declarando guerra e nós venceremos.

—Vamos precisar de segurança extra na igreja e na recepção. Eu só posso imaginar a porra do show de merda que vai ser com repórteres querendo a primeira foto exclusiva sua. Além das primeiras fotos de Cruz e Sienna como um casal. A notícia do seu renascimento chegará à mídia na manhã da cerimônia, Martinez. Como o Carbone já entrevistou você, ele é o responsável por repassar as informações aos demais repórteres. —Revelou Rossi.

—Vamos pegar os filhos da puta que levaram sua filha. Eles estarão cagando nas calças quando perceberem o que fizeram. *I figli delle puttane*. —Sinacore expressou maliciosamente. —Os filhos da puta. —Colocando as mãos sobre a mesa. —Subestimaram seu poder em nosso mundo. Você pode ter “*estado morto*” nos últimos vinte e dois anos, mas ainda é o El Diablo. Acredito que levaram sua filha porque pensaram que poderiam. Vamos provar a eles como eles realmente estavam errados.

Prestei muita atenção a tudo o que eles estavam discutindo, como eu havia feito nos últimos dois meses. Desde a noite da minha primeira matança, o relacionamento entre mim e meu pai havia mudado. Acho que em grande parte ele estava orgulhoso de mim, eu provei minha lealdade à nossa família na noite em que salvei sua vida. Mamà não gostou da ideia de me ver neste mundo, mas minha irmã ainda estava desaparecida e, a essa altura, tudo o que importava era trazê-la para casa.

Dois demônios eram melhores do que um.

E, como meu pai tinha acabado de ressaltar, ele estava envelhecendo. Era hora de passar o trono para seu único filho. Ainda não tínhamos recebido outro vídeo de Ari ou um pedido de resgate. O que nos levou a acreditar que não se tratava de dinheiro. Embora eles tenham enviado algumas fotos. Cada uma mais perturbadora do que a anterior. Depois que eles enviaram meio litro de seu sangue na semana passada com uma carta anexada contendo outra mensagem enigmática, minha mãe quase teve um colapso nervoso.

Precisávamos de outro plano de ação. Mais recursos, mais poder. El Diablo tinha autoridade nos Estados Unidos e na Colômbia, mas na Itália a história era diferente. Quando dissemos a Mamà o que eu tinha que fazer, ela não questionou. Como eu disse, tudo o que importava era trazer Adriana para casa.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava satisfeito com o fato de ter que me casar com Sienna. *Princesa da Máfia*.

Eu queria.

Eu. Queria. Ela.

Se minha irmã não tivesse sido sequestrada, eu não teria parado até que Sienna Luciano fosse minha. Isso apenas acelerou o processo e eliminou a besteira de ter que cortejá-la. Eu nunca fui bom nisso de qualquer maneira. Ela sabia quem eu era, e eu não precisava fingir ser outra pessoa para ganhar seu coração ou sua confiança.

Sem mentiras.

Sem incertezas.

Sem me subestimar.

—Todos nós sabemos que você fez muitos inimigos antes de fingir sua morte. —Reconheceu Luciano. —Qualquer um poderia ter levado sua filha. Principalmente com todos os nomes que você confessou para se afastar. Como isso aconteceu em minha casa, temo pela segurança da minha filha. Sei que a união de nossas famílias só oferecerá proteção adicional. Todos os olhos estarão sobre nós, o que por si só vai garantir que qualquer um não volte a tomar o que é nosso.

Ele estava certo. A imprensa faria a festa com essas notícias, e isso só pioraria com o passar do tempo. A exposição faria qualquer um pensar duas vezes antes de foder conosco. Eles ficariam com medo de que isso os levasse ao fim. Estávamos usando as notícias a nosso favor. Tornar nossa presença conhecida nos daria publicidade e ninguém iria querer mexer com isso.

A máfia era poderosa em números. Era um jogo que ninguém queria jogar. Não quando todos sabem seu nome e o que estava ligado a ele.

As cinco famílias.

—A verdade é, Papà. Eles encontraram sua maior fraqueza. Não foi sua esposa ou seu filho. É sua garotinha. Um homem sem família perde a alma, certo?

Ele estreitou os olhos em minha direção, ouvindo atentamente cada palavra que saía da minha boca.

—Quando encontrarmos os idiotas que levaram nossa própria carne e sangue, não vou parar até acabar com todos os membros de suas famílias pelo que fizeram. Eu quero o sangue deles em minhas mãos.

Suas almas eram minhas.

—Você me lembra muito meu neto Romeu. —Sinacore declarou, recostando-se na cadeira. —Vocês são dois canhões soltos e apaixonados por mulheres, mas vejo a maneira como você olha para Sienna. Parece que você só tem olhos para ela. Minha única esperança é que meu neto se acalme como você, mas vou esperar sentado. Ele não quer apenas uma mulher para si, ele quer todas elas. —Ele balançou sua cabeça.

—Um rosto semelhante ao de um menino bonito, que te leva para jantar antes de tirar sua vida sem pestanejar. Ele é um Mafioso Casanova. —Erguendo a mão no ar, ele uniu os dedos. —Ele vai ser o meu fim, aquele neto.

—Vou mantê-lo em mente para o futuro. —Prometi. —Eu quero os piores homens que você tem.

Sinacore assentiu. —Então Romeo é o seu homem.

Com isso, encerrei minha parte neste encontro, falando com convicção...

—Porque é aqui que comemos a carne e cuspiamos os ossos.

CAPÍTULO 16

Sienna

Um mês depois

Eu parecia a princesa que todos sabiam que eu era.

Fiquei em frente ao espelho do teto ao chão, usando o vestido de noiva de renda branca da minha mãe.

Seu anel de noivado de diamante brilhava contra minha pele bronzeada.

Sua coroa de cristal presa no alto da minha cabeça.

Eu era uma imagem viva dela, e não poderia odiar mais nem se tentasse. Eu não queria a vida dela, mas lá estava eu, sem escolha a não ser seguir seus passos até o altar. Rezando para não terminar em um saco de cadáveres como ela.

Pelo menos, ela se casou por amor e teve a oportunidade de vivê-lo. Eu, por outro lado, poderia acabar morta por um arranjo de nada além de poder e linhagens.

Eu teria que dar um filho a ele? Um filho?

O mero pensamento me deixou enjoada pra caralho.

—Sienna! Você viu isso? —Aurora, minha dama de honra perguntou, correndo para a suíte privada da igreja de Santo André. A mesma catedral em que meus pais se casaram.

—Vi o quê?

—Você está se casando! É notícia de primeira página!

—Meu casamento *arranjado*. —Eu corriji, arrancando o artigo de suas mãos.

A manchete dizia: —*Alejandro Martinez, conhecido mundialmente como El Diablo está vivo! Seu filho, Crucifixio Martinez, vai se casar com a Princesa da Máfia, Sienna Contessa Luciano, hoje na Catedral de Santo André.*

—Ugh... —Eu coloquei a mão sobre minha barriga. —Eu vou passar mal. —Continuei lendo em voz alta: —*Em um mundo onde você vale mais morto do que vivo, El Diablo decidiu se levantar de seu túmulo depois de quase vinte e três anos para dizer ao público que fingiu sua morte pela família que sempre quis. Oh, Deus, que nobre da parte dele.* —Eu revirei meus olhos. —*Escolhendo o amor em vez do crime organizado.* É sobre meu casamento *arranjado* ou para retratar este homem como Deus em vez de O Diabo?

—Você tem que admitir que é romântico! Ele desistiu de tudo por sua esposa e filhos.

—Aurora, abra seus olhos. Não há nada de romântico nos crimes que ele cometeu em nome da vida da máfia. —Prosseguindo, li: —*El Diablo decidiu que hoje, de todos os dias, seria a oportunidade perfeita para anunciar seu retorno ao mundo. Seu filho, que é a imagem espelhada de seu pai, vai se casar*

com a filha de Lorenzo Luciano esta manhã, em seu aniversário de dezoito anos. Fomos informados de que seu casamento terá mais de quinhentos convidados. Quinhentos convidados? Eles estão fazendo um espetáculo da minha morte!

—Garota, você ainda não viu a igreja. Seu pai não poupou despesas nesta cerimônia. Não consigo imaginar como será a sua recepção porque a igreja é muito luxuosa, coberta de ouro.

Segurei minha barriga com mais firmeza. —Acho que vou vomitar. Eu não posso fazer isso. Não posso casar com ele. Eu nem gosto dele, Aurora. Espero que ele seja atropelado por um carro quando estiver atravessando a rua em direção à igreja. Espero que meu noivo vá para o hospital! Isso não pode estar acontecendo! Eu não posso me casar com ele! Eu o odeio, porra!

—Shhh... você está praguejando na casa de Deus, Sienna.

—Eu não dou a mínima! Onde está Deus agora? Ele com certeza não está cuidando de mim!

—Ay, Sienna! —Ela fez o sinal da cruz em seu corpo. —Você não quis dizer isso.

Olhando para o teto, olhei para os anjos do mosaico no vidro. —Por que você está permitindo que isso aconteça comigo? Eu já não sofri o suficiente? Você tirou minha mãe de mim!

—Sienna, *per favore*. —Ela implorou. —Por favor.

—Quantos seguranças estão lá fora?

—Querida, você não pode escapar. A igreja tem um batalhão de homens em cada canto. Não há como você passar despercebida.

Você é a peça central de hoje, todos estão esperando você para fazer sua primeira aparição. Além disso, a mãe de Cruz está vindo para cá.

—A mãe de Cruz? Por que diabos ela está vindo aqui?

—Sienna, a boca! Você vai ter que se confessar antes de entrar na igreja.

—Aurora, coma minha b...

—Sienna, é tão bom finalmente conhecê-la.

Nossos olhares desviaram para a porta onde uma mulher que eu não conhecia estava parada. Ela estava usando um vestido de seda amarelo claro. Seu cabelo estava preso com alguns cachos emoldurando seu rosto pequeno e bonito. Foram seus olhos sombrios que mais me chamaram a atenção, Adriana os tinha. Lembrei-me do breve momento em que a vi na minha festa de formatura, quando estava discutindo com seu irmão.

Agora era hora de conhecer...

A mãe deles.

Minha futura sogra estava a poucos metros de mim e tudo que eu queria fazer era sair correndo de lá como um morcego saindo do inferno. Eu não precisava conhecê-la, saber quem ela era, aos meus olhos este não era um casamento de verdade. Eu não queria nada a ver com ela ou o que quer que ela tivesse a dizer.

Ela nunca tomaria o lugar da minha mãe.

Agora não.

Nunca.

—Uau. —Ela suspirou, olhando meu vestido de noiva.

Mais uma vez, meu pai não poupou despesas com o vestido de minha mãe ou com o casamento deles. Eles tiveram um namoro rápido, ele a pediu em casamento depois de seis meses de namoro. El Capo era dezessete anos mais velho do que ela, e ela não soube disso até que foram assinar a certidão de casamento. Para sua surpresa.

Ela cresceu pobre, muito humilde no início. Quando ele a conheceu por meio de um amigo, ele disse a ela que foi amor à primeira vista. Em poucas semanas, ele comprou para ela um colar de diamantes, um carro, pagou a casa de seus pais e a dívida deles, praticamente comprando seu afeto. Ele mostrou a ela uma vida que ela não sabia que existia. Embora não se tratasse de dinheiro, ela estava louca por ele. Ele deu a ela tudo que ela sempre quis, incluindo eu.

Uma garotinha.

Ela morreu quando eu tinha apenas oito anos, e foi por isso que Papà comprou um pônei para mim alguns dias depois do funeral. Dizendo que era um presente de Mamà, de antes de falecer.

—Você é deslumbrante. —A Sra. Martinez interrompeu meus pensamentos. —As fotos não fazem justiça a você, Sienna.

—Você está tentando me bajular na esperança de que eu fique feliz com esse acordo?

—Sienna! —Aurora repreendeu. —Sinto muito, Sra. Martinez. Ela normalmente é uma garota muito respeitosa.

—Está tudo bem. —Ela sorriu. —Compreendo. Esse casamento, ou, como você diz, este acordo, seria difícil para qualquer um. Acredite em mim, eu me sentiria da mesma forma se estivesse em seu lugar.

—Então, por favor, me ajude a pará-lo. Eu não quero me casar com seu filho. Não quero fazer parte da sua família. Eu nem quero fazer parte da minha. Eu odeio esta vida. Não quero participar de nada disso.

—Aurora. —Ela abriu a porta. —Você se importa de nos dar alguns minutos a sós?

—Claro. —Os olhos da minha melhor amiga encontraram os meus com julgamento. —Seja gentil e educada. Estou falando sério, Sienna. Isso não é culpa dela.

Eu não respondi, principalmente porque ela estava certa. Não era culpa dela, mas isso não mudava o fato de não ser minha também. Observei Aurora se afastar de mim para sair, fechando a porta atrás de si.

—Ugh! —Joguei o jornal na mesinha de centro, sentando no sofá. Inclinando-me para frente, coloquei minha cabeça latejante entre as mãos.

—Ninguém me entende. Você não tem ideia de como é crescer sem poder dizer nada. Não no que visto, com quem converso, aonde vou, o que faço. Ele me prometeu, Sra. Martinez! Papà jurou que eu me casaria por amor. Ele mentiu para mim. Ele me vendeu como se eu fosse apenas mais uma proposta de negócio. Apenas mais uma mercadoria para levar à mesa. Eu sou um ser humano. Não sou um troféu que ele pode conceder apenas à primeira oportunidade de melhorar nossos laços familiares. Mais poder. É tudo o que sempre foi importante para ele. Estou farta disso! Não é justo. Quero uma vida normal com amor e felicidade, onde não tenha que andar por aí com homens me protegendo.

Lágrimas escorreram pelas laterais do meu rosto. Eu não me importava se estava estragando minha maquiagem em que um

maquiador gastou três horas, incapaz de controlar todas as minhas emoções por mais um minuto. Os anos de frustração reprimida estavam fluindo sem remorso.

Um após o outro.

—Eu nem sei quais convidados ou familiares estão aqui agora. Não tenho ideia de qual é o esquema de cores. As decorações. O bolo. A comida. A porra do DJ. *Nada*. Eu não sei de nada. Eu não pude escolher meu marido. —Eu abertamente chorei em minhas mãos. — Eu não tive uma palavra a dizer. Eu nem consegui escolher minha casa!

Eu chorei mais forte.

Meu corpo tremendo.

Meu coração despedaçado.

El Capo o havia dilacerado.

CAPÍTULO 17

Sienna

Eu a senti sentar-se ao meu lado, colocando a mão nas minhas costas. Ela começou a esfregar para cima e para baixo em um gesto reconfortante.

—Eu sinto muito, querida. Eu só sinto muito...

Ouvi-la dizer essas palavras para mim e realmente sentir como se ela quisesse dizer isso me fez reagir de uma maneira que nunca imaginei. Eu me virei e joguei meus braços em volta do pescoço dela, precisando de um abraço.

Conforto.

Amor.

Compreensão.

Eu tinha tias, primos, mais família do que eu sabia o que fazer com eles. No entanto, esta estranha me fez sentir uma conexão profunda com ela por meio da sinceridade de sua voz. Eu sentia falta da minha mãe. Eu queria que ela estivesse aqui. Ela nunca teria deixado isso acontecer.

Nunca.

Antes de saber o que estava dizendo, repeti o que sentia: — Sinto falta da minha mamã. Sinto tanta falta dela que é difícil respirar. Eu queria que ela estivesse aqui. Sei que se ela ainda estivesse viva, isso não estaria acontecendo. Ela não teria deixado. Nunca vou perdoar meu pai por isso, Sra. Martinez! Ele é tudo que me resta, e eu

o odeio muito agora. Por que ele está fazendo isso comigo? Por que não posso ser mais importante ou valiosa do que *La Famiglia*? Mamà morreu por causa desta vida, e aqui está ele, de bom grado me jogando nela. Eu não entendo, eu quero entender, passei minha vida inteira tentando.

Ela me segurou com mais força, sentindo minha dor. Compartilhando abertamente: —Eu sei o que é não entender sua vida. Eu não cresci como você. Minha família era o oposto completo. Eu não posso te dizer quantas vezes eu chorei muito, orando a Deus para que minha mãe saísse daquela situação. Ela estava sempre triste, sempre chorando, sempre em um lugar escuro em sua mente. Fazendo promessa após promessa que ela seria a mãe que eu merecia. Aquela que eu precisava e queria com todo meu coração e alma. Ela sofria de depressão e tomava comprimidos que a deixavam como que em coma na metade do tempo. E, honestamente, acho que ela preferia assim. Ela não precisava fingir ser alguém que não era. Ela odiava me olhar nos olhos.

Eu me afastei e nossos olhares se conectaram. Com um sorriso amoroso, ela pegou um cotonete e o mergulhou no removedor de maquiagem antes de levá-lo ao meu rosto. Cuidadosamente limpado o desastre que minhas lágrimas criaram. Limpando-me e enxugando minhas lágrimas.

—Por quê?

—Me ver despertava seu tormento. Eu a lembrava de suas escolhas ruins.

—O que aconteceu com sua mãe?

Com uma expressão melancólica, ela respondeu: —Uma noite, ela tomou muitos comprimidos, adormeceu em meus braços e nunca mais acordou.

Eu me afastei, não esperando sua resposta. —Eu sinto muito.

—Podemos vir de mundos diferentes, Sienna, mas eu entendo o que você está passando mais do que você poderia imaginar.

—E quanto ao seu pai?

—Eu nunca o conheci. Ele fugiu de nós antes de eu nascer. Ele era o amor de sua vida. É por isso que ela odiava tanto olhar para mim.

Inclinei minha cabeça e suspirei, sentindo também a tristeza que brotava dela. Dando-me um sorriso reconfortante, ela colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha antes de colocar o cotonete sujo na mesa de centro. Pegando o pó facial em seguida, ela o pressionou suavemente em minhas bochechas.

—Eu sempre disse a mim mesma que morreria antes de deixar algo acontecer aos meus filhos, à minha família. Fui deixada nas mãos do homem que me criou como se eu fosse dele. Eu estava errada sobre ele. Suas intenções. Seu abuso...

Eu queria perguntar a ela o que ela queria dizer com isso, mas não queria impor. Ela estava compartilhando suas verdades mais profundas e sombrias comigo e era o suficiente por agora.

—Depois que ele faleceu, fui jogada no sistema e minha vida tomou um rumo inesperado. O balé salvou minha vida. Eu era a bailarina principal. Estudei na Julliard e atuei no palco do The American Ballet Theatre em New York. Dancei o Lago dos Cisnes da Big Apple até Londres, onde morei e respirei dança durante dez anos. Até que meu marido veio em meu socorro, provavelmente pela centésima vez na minha vida.

—El Diablo? Ele salvou você?

Sua postura ficou tensa enquanto ela retocava minha sombra e delineador.

—Eu só posso imaginar o que você pensa sobre meu marido. Aos olhos do mundo, ele era um demônio, mas aos meus, ele tem sido meu anjo. Ele me salvou. Inúmeras vezes.

Era engraçado como o mundo girava. Para muitos, seu marido era retratado de uma forma, mas para ela, ele era de outra.

—Ele é a razão de eu ter uma família. Conheci minha meia-irmã por meio dele também. Digamos que meu pai verdadeiro se deu bem. Minha mãe era a outra mulher. Ele teve um caso.

—O que aconteceu com ele?

—Ele morreu em um acidente de carro com sua esposa na época. Minha meia-irmã, Briggs, estava no veículo com eles. Ela foi a única que sobreviveu, e então Martinez a criou.

Franzi minha sobrancelha, confusa.

—Meu verdadeiro pai era casado com a irmã de Alejandro.

—A irmã dele morreu também?

—Mmm hmm... Martinez não tem família viva além de sua sobrinha, Briggs. E eu acho que é por isso que ele está tão interessado em Cruz se casar com alguém de sua família. Pode ser corrupto, mas a família vem em primeiro lugar na sua linhagem, e de uma forma considerável ele está dando a Cruz a família extensa que não temos. Aquela que ele sempre quis que tivesse. Além de minha meia-irmã que mora na Carolina do Norte, meus filhos não têm ninguém além de nós. Desde que Alejandro fingiu sua morte, não somos tão próximos como eu gostaria que fôssemos.

—Talvez as coisas mudem agora.

—Espero que sim. Embora Briggs e seu marido Austin saibam a verdade. Assim como seus filhos. Eles passaram muitos verões aqui na Itália conosco. Na noite em que Adriana foi levada, eu estava voltando de Oak Island, onde eles moram. Passei as últimas duas semanas na casa deles.

Inclinei minha cabeça para o lado novamente. —Por que você está me contando tudo isso?

Ela sorriu e seus olhos se iluminaram. —Porque eu quero que você saiba que não está sozinha. Achei que tinha sentido a pior dor que uma pessoa poderia sentir depois que minha mãe morreu, mas estava errada. O sequestro da minha filha superou isso dez vezes. Não desejo isso a ninguém e se posso oferecer um pouco de conforto e compreensão no dia do seu casamento e aniversário, então desempenhei meu papel por hoje.

—Oh...

—Oh?

—Só é estranho ter alguém do meu lado. Ninguém nunca fica. Todos na família do meu pai fazem parte desta vida. A maioria está em um casamento arranjado. Enquanto do lado da minha mãe, ele sustenta todos eles, o que justifica... —Eu dei de ombros. —Suas motivações para comigo.

—O dinheiro pode comprar muitas coisas.

—Há uma razão para ser a raiz de todo mal. Mas tenho fé que eles vão encontrar sua filha. Sei que eles vão trazê-la para casa. Você não precisa se preocupar. Principalmente agora, meu casamento

arranjado fará que quem quer que a tenha levado tema as consequências que terá de enfrentar.

—Que Deus te ouça. Este casamento pode ser uma maldição para você, mas para mim, para nós, é uma bênção. É nossa última esperança em encontrar Adriana. Você entende?

Nunca parei para realmente pensar sobre o que estava fazendo. Por que íamos nos casar, qual seria o resultado...

—Nunca poderei retribuir isso, mas saiba que meu filho é um bom homem. Ele a protegerá e se você lhe der uma chance, ele a amará. Se é que já não a ama.

—Ele nem me conhece.

—Você está certa. Embora eu tenha acabado de te conhecer e já a amo. Você é uma boa alma com um coração incrível. Eu posso ver a bondade em seus olhos. Apesar do que você está dizendo sobre seu pai, ainda posso ouvir o amor que você tem por ele em sua voz.

—Eu sei, e ele usa isso a seu favor. Eu amo e respeito meu pai. No entanto, ele e El Capo podem ser dois homens completamente diferentes.

—Compreendo. Meu marido pode ser da mesma forma. Quero que saiba que esta foi a primeira vez desde que minha filha foi sequestrada que me sinto otimista em relação ao futuro. Não apenas para ter Adriana de volta, mas para possivelmente, com o tempo, ter outra filha.

—Você quer realmente dizer isso?

—Com todo meu coração.

—Posso ir até você se precisar... quero dizer... é que... eu adoraria ter... você sabe... *alguém*. Não estou feliz com meu pai e às vezes parece que ele é tudo que me resta. Não sei se estou fazendo algum sentido.

—Claro. —Ela acariciou minha bochecha com as costas dos dedos. —Eu ficaria honrada em estar em sua vida de qualquer maneira que você me quisesse.

—Preciso que você saiba que ainda não estou feliz com esse acordo. No entanto, saber que poderei ter você em minha vida para me apoiar e compreender... bem, isso só torna as coisas um pouco mais fáceis para mim.

—Meu filho tem muita sorte de poder chamá-la de esposa. E acredite em mim, quando digo, eu sei que chegará um momento em que você será muito abençoada em chamá-lo de seu marido.

—Eu não sei nada sobre isso. Eu o odeio agora.

Ela zombou com uma risada. —Os homens Martinez têm esse efeito sobre nós. Quando se trata desses dois, Sienna, deixe-me dar um conselho.

—Oh sim? Qual?

—Quanto mais você forçá-los, mais eles vão forçar de volta.

Eu balancei minha cabeça. —Não vou aceitar isso de braços cruzados, Sra. Martinez, não serei submissa a ele.

—Por favor, me chame de Lexi, e eu não acho que meu filho gostaria que fosse assim.

—O que ele quer de mim então?

—*Você*. Totalmente. Não apenas em uma certidão de casamento.

—Então ele terá uma triste surpresa.

Ela riu. —Deixe que ele se mostre para você, Sienna. Eu prometo que uma vez que você o deixar entrar, você não se sentirá mais tão sozinha.

—Vou casar com ele porque sou obrigada. Sinto muito, Lexi, mas eu não quero isso. E não vou mentir para você e fingir que essa conversa vai mudar minha opinião.

—Eu sei. Dê tempo ao tempo.

—É tudo o que tenho agora.

—Pronto. —Ela pegou o espelho do balcão, segurando-o na minha frente. —Uma noiva linda.

—Obrigada por tudo isso.

—Não, Sienna. Eu que agradeço. Por tudo.

Eu me encarei no espelho, olhando para a mulher olhando para mim.

Sienna Contessa Luciano estava a poucos minutos de se tornar Sienna Contessa Martinez.

De Princesa da máfia para...

Esposa da máfia.

CAPÍTULO 18

Sienna

—*Principessa*. —Papà suspirou, entrando no meu quarto. —*Il mio amore, assomigli esattamente a tua madre*. —Ele disse com sinceridade. —Meu amor, você se parece exatamente com a sua mãe. —Agarrando minhas mãos para um abraço afetuoso.

Eu balancei a cabeça, desistindo da minha liberdade. Não adiantava tentar fazer com que minha voz fosse ouvida. Passei o último mês fazendo exatamente isso, sem sucesso. Cada vez que eu tocava no assunto, ele silenciava meu raciocínio com um dedo direto no ar. Ele não tinha nenhum problema em me calar.

—Feliz aniversário, Sienna. Minha garotinha não é mais tão pequena. Olhe para você. Você está linda. Uma *Principessa* da vida real parada em minha frente.

Quando eu não demonstrei nenhuma emoção, ele suspirou profundamente com uma tristeza em seu olhar que eu não via desde a morte de minha mãe.

—Por favor, sorria para mim. —Ele me persuadiu, e eu não segurei como me sentia. Não havia mais nada a perder, ele já estava levando tudo o que mais importava.

—Como você espera que eu sorria quando você está me obrigando a fazer algo que não quero fazer?

—Porque estou simplesmente fazendo o que é melhor para você.

—Não. Você está fazendo o que é melhor para *La Famiglia*.

—Sienna, isso não é verdade.

—É para mim.

—Eu nunca faria nada para machucar você. Estou envelhecendo, Sienna. Preciso saber que você está nas mãos de um homem que pode sustentar, proteger e cuidar de você.

—Posso me sustentar, proteger e cuidar de mim mesma.

—Você precisa de um marido.

—Eu preciso de amor antes de um marido.

—O amor virá mais tarde.

—Ou nunca.

—Sienna, você sempre foi obstinada. Você herdou isso de mim. Sua mãe também não foi fácil, mas...

—Mamà, nunca teria deixado esse casamento arranjado acontecer.

—Sua mãe era tão durona quanto você. Extremamente cabeça dura e às vezes desafiava minhas decisões. Porém, no final das contas, se eu dissesse que precisava ser feito, sempre havia uma razão para isso. Eu penso no futuro, Sienna. Especialmente quando se trata de você ou de nossa família. Esta não foi uma escolha que eu fiz levemente e está me matando saber que você está lutando contra esse casamento. Você precisa me obedecer nisso. Tudo o que faço é por *você* e pelo que é melhor para *você*. Diga-me, você sabe disso?

—Mmm hmm...

—*Sienna, por favore. Sembri così triste.* —Ele reconheceu. —Por favor, você parece tão triste.

—Eu não quero fazer isso. Por favor, Papà, por que você está fazendo isso comigo?

—Porque prefiro que você me odeie agora e ainda esteja viva do que me ame e eu tenha que planejar seu funeral em vez de seu casamento.

—Eu não entendo. Estou em perigo? Alguém virá atrás de mim a seguir?

Ele balançou a cabeça, me puxando para seus braços. —Eu apodreceria eternamente no inferno para mantê-la segura, Sienna.

—Eu sei, Papà. Seu amor por mim não está em questão. Eu sei que você morreria por mim se fosse preciso. É outra razão pela qual não entendo a necessidade de me casar quando você me manteve segura por dezoito anos. Por que agora? Sinto que você não está me dizendo algo, e isso me deixa chateada, considerando que é minha segurança. Eu não deveria saber?

Ele se inclinou para trás, olhando profundamente em meus olhos. —Alejandro é um homem muito poderoso. Eu o conheço há décadas. Eu sei o que ele representa e quem ele defende. Seu filho se prova mais e mais a cada dia. Ele me lembra muito de mim mesmo na idade dele. É disso que precisamos em nossa família. Como um confidente, um aliado, um marido para você e um pai para seus filhos.

Crianças? Que diabos?

Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: —A lealdade, dedicação e destemor de Cruz são apenas algumas das qualidades que vi nele em pouco tempo. O homem não conhece

limites. Ele está determinado, ele está disposto, é inteligente. Provando do que ele é feito diariamente. Cruz fará o certo por você, por nossa honra e por nosso código. Ele é quem eu quero ao nosso lado.

—E quanto a mim? Hmmm? E o que eu penso?

—Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida. Eu preciso que você dê uma chance ao Crucifixo.

—Uma chance para quê? Já estou me casando com ele. Ele nem precisa tentar. Vou levar o sobrenome dele. Vou morar na casa dele. Vou dormir na cama dele. Por lei, serei sua esposa. Você está me entregando a ele.

—Estou entregando a ele meu bem mais precioso em troca de sua segurança, Sienna. Você pode não ver assim hoje, mas guarde minhas palavras, chegará o dia em que você verá. Meu papel como seu pai é garantir que você viva a vida a qual está acostumada. Desde o dia em que você nasceu, eu me certifiquei de que você teve tudo o que sempre quis. Cruz vai te dar a vida que você merece. A mesma que trabalhei tanto para dar a você.

—Eu me casaria com um homem pobre e sem emprego, se eu o amasse.

—*Princesa*, você aprenderá a amá-lo. Quando a situação fica crítica, você deve saber quando escolher suas batalhas, Sienna Contessa Luciano. O casamento é um trabalho árduo. Não é fácil. Eu a criei para saber a diferença entre os dois. Você é uma garota sábia que cuidou bem de seu papà, mas é hora de concentrar sua energia em seu marido e em ter uma família com ele.

Meus olhos se arregalaram. —Papà... você não pode estar falando sério? Eu nem o conheço.

—Sienna, o melhor presente da vida é ter seus próprios filhos.

—Você está dizendo que está esperando que eu engravide?

O brilho em seu olhar respondeu à minha pergunta.

—Papà! Vamos lá! Você está se ouvindo? Não só este é um casamento arranjado, como agora você está assumindo que terei filhos arranjados? Isso é um absurdo!

—*Princesa*, não estou ficando mais jovem. Um bebê na lua de mel seria o melhor presente de minha filha e meu em breve, genro.

—Filhos? No plural? Como mais de um?

—Com o casamento vem uma família.

—Eu nem sei o dia do aniversário dele! Não sei seu nome do meio. Eu não sei nada sobre ele. Eu o vi duas vezes. *Dois vezes*, Papà! Por que você está fazendo isto comigo?

—É a coisa certa a fazer. Você vai me obedecer. Eu sou seu pai, Sienna. *Seu pai*. Estou sendo claro?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não havia como convencê-lo. Nada que eu pudesse dizer ou fazer mudaria o resultado do dia. Nunca estive no controle da minha vida e estava claro que nunca estaria.

Eu odiava isso.

Eu odiava ser colocada nesta situação como se eu fosse nada mais do que um peão, uma esposa, uma maldita fazedora de bebês! Apenas desencadeando a fúria enraizada que eu tinha por Crucifixo Martinez.

Filho da puta.

O respeito que eu tinha por meu pai era uma coisa, mas que não passaria para meu marido. Eu não devia absolutamente nada a Cruz, e ele estava prestes a pagar o preço pela minha mão em tudo isso.

—Capo. —Tio Gino interrompeu. —Estamos prontos quando você estiver.

Ele assentiu. —Não quero sair deste quarto sem dizer o quanto estou orgulhoso da mulher que você se tornou, *Principessa*. Sua mãe também estaria. Eu sei que você está chateada comigo. Compreendo. Eu vou permitir isso. Este dia também não será fácil para mim. Eu tenho que entregar você para outro homem. Não pensei que esse dia chegaria tão cedo. A casa ficará vazia sem você, Sienna.

Este era exatamente meu pai. Eu poderia ficar furiosa com ele por um minuto e então ele diria algo que me deixava com os joelhos fracos e o coração pesado. Eu o amava. Ele era um bom homem, o melhor homem.

Para mim.

Mamã.

Seus homens.

—Sinto-me honrado e grato em ter você como minha filha. Você tem sido uma presença constante em minha vida por tanto tempo e não estará mais em nossa casa.

Eu queria dizer que ele era a razão pela qual eu não estaria lá.

—Dito isso, quero assegurar-lhe que, embora viva na casa de outro homem, você ainda é minha filha e sempre estarei ao seu lado. Não importa o que aconteça.

—E se você estiver errado sobre Cruz? Hã? Você mal o conhece. E se ele for...

—Se ele te machucar de alguma forma, *Principessa*, ele terá que responder a mim, e confie em mim, Sienna, Cruz é um homem inteligente. Ele não me quer como inimigo. —Ele fez uma pausa, deixando suas palavras serem absorvidas. —Você não deve encarar este casamento como uma sentença de prisão, mas sim como uma oportunidade de perseguir seus sonhos sem ter que se preocupar em ser cuidada.

Meu sonho é fugir deste dia.

—Eu queria que sua mãe estivesse aqui para vê-la agora. A única coisa que posso oferecer a você no lugar dela é isto. — Lentamente, ele virou meu corpo até que eu estivesse de frente para o espelho de corpo inteiro.

Nossos olhos se conectaram no reflexo do espelho quando ele colocou uma cruz de diamante delicada em volta do meu pescoço por trás de mim.

—No seu primeiro aniversário, sua mãe comprou isso para você. Ela disse que queria dar a você no dia do seu casamento.

Eu respirei levemente, atordoada com a virada dos acontecimentos, sentindo como se ela de repente estivesse ali conosco.

—Obrigada, Papà.

Pela primeira vez na minha vida, vi seus olhos cheios de lágrimas. Eu nunca tinha visto uma lágrima sequer cair dos olhos do meu pai até hoje. Nem mesmo no funeral de mamà. Eu sempre me

lembraria dessa expressão em seu rosto. Era uma imagem que eu levaria para o túmulo.

Ficamos ali por não sei quanto tempo, perdidos em meu reflexo no espelho. Para mim, este não era um casamento de verdade. Era um casamento arranjado que eu estava sendo forçada. No entanto, para ele, era exatamente o oposto. Este era um casamento real e verdadeiro em todas as dimensões das palavras e significados. Ele realmente estava me entregando a um homem que ele acreditava ser do meu melhor interesse.

Um provedor.

Um guardião.

Um marido.

Seus lábios tremeram e, sem esconder, ele permitiu que suas lágrimas fluíssem de seu olhar solene. Isso dilacerou meu coração de uma maneira que eu nunca imaginei. Ver meu pai chorar não era um sentimento para o qual eu estivesse emocionalmente preparada. Preferia vê-lo com raiva do que assim.

—Por favor, não chore, Papà.

—Prometa-me, você vai tentar encontrar um lugar em seu coração para o seu marido.

—Isso não é justo. —Eu balancei minha cabeça. —Você não pode me pedir isso.

—Eu posso e estou.

—Papà...

—Prometa-me, Sienna. Eu preciso ouvir você dizer as palavras.

—Sinto muito, Papà. Posso lhe dar qualquer outra coisa, mas, por favor, não me peça para mentir para você. Eu não quero isso. Eu não o amo e não posso fingir que estou bem com isso, porque não estou.

—Ele é um bom homem.

—Como? Porque ele responde a você e à *La Famiglia*?

Ele ignorou minha pergunta. —Ti amo con tutto il mio cuore, Principessa. —Falando: —Te amo com todo meu coração. —Dando um último olhar para mim, ele se inclinou e beijou meu ombro.

Achei que era aqui que nossa conversa iria terminar. Ele gostaria que nosso tempo juntos terminasse em um momento doce e terno.

Eu estava errada.

Em vez disso, ele me girou novamente para que eu estivesse de frente para ele desta vez. Antes que eu pudesse dizer outra palavra, ele levantou meu véu, colocando-o na frente do meu rosto.

Terminando nosso momento pai e filha, ele acrescentou: — Vou permitir que você tenha sua opinião sobre este casamento arranjado, como você o chama, mas nem por um segundo pense que não espero que você seja a esposa de Cruz a partir do minuto que você disser “aceito”. Você conhece a tradição, Sienna. Amanhã de manhã, espero saber que ele recebeu o maior presente que eu poderia ter dado a ele...

Eu fechei meus olhos, eu tive que fazer isso. Eu sabia o que ele ia dizer.

—*Você.*

CAPÍTULO 19

Cruz

Eu examinei o lugar com um olhar comedido, encarando o mar de olhos concentrados em mim na frente da igreja. Certificando-me que os seguranças estavam em seus devidos lugares e as câmeras estavam alinhadas corretamente em todos os cantos da catedral. Tomamos precauções extras durante o dia.

Entre o ressurgimento surpresa de El Diablo e nosso casamento, todo cuidado era pouco. O número de repórteres fora da igreja era uma loucura do caralho. Claro, meu pai insistiu em entrar na igreja pelas portas da frente e não pelas traseiras, onde poderia ter passado despercebido. A imprensa o perseguia com perguntas após perguntas.

—Por que você fingiu sua própria morte?

—Você tem medo das repercussões que podem surgir?

—Você tem um desejo de morte, aparecendo depois de todos esses anos?

—Por que aqui? Por que agora?

Ele respondeu cada um com o melhor de sua capacidade. Certificando-se de prestar homenagem a sua família, revelando que estava saindo do esconderijo para comemorar o grande dia de seu único filho. Era hora de o mundo saber a verdade sobre sua morte.

Os jornalistas ficaram admirados com o quanto ele se sacrificou por amor, dada sua reputação de diabo. Todos os jornais publicariam o que nós queríamos. Teríamos as estações de notícias

do nosso lado na esperança de explorar o crime organizado. Mexendo na panela para que os homens que sequestraram Adriana temessem que El Diablo estivesse parecendo um herói. Claro, meu pai fez a cena para as câmeras, criando um frenesi que a mídia não se cansava de explorar.

A maioria das pessoas presentes em nossa cerimônia, eu não fazia ideia de quem eram.

Mas eu confiava em Luciano.

Meu futuro sogro.

Eu reconheci os rostos dos homens que importavam, eles eram os únicos que tinham importância. Com uma expressão contundente, não dei aos convidados dúvidas sobre as minhas intenções neste dia.

Lá estava eu...

Virando as páginas, abrindo os próximos capítulos da minha vida. No último mês não tínhamos recebido mais atualizações sobre Adriana. Procurei respostas, terminando com mais perguntas do que eu tinha no início. A única coisa que eu consegui foi me estabelecer na escuridão ao meu redor. Eu vivia todos os dias esperando por ordens de quem iria atrás. Encontrando satisfação nas almas que continuava a coletar.

O sangue dos inimigos em minhas mãos foi o que encontrei de mais gratificante. No espaço de quatro meses, eu era uma memória distante de quem eu costumava ser, enquanto abraçava o homem cruel que me tornei.

Sem remorsos.

Sem piedade.

Sem segundas chances.

Fiz o que me foi dito para fazer.

Matar.

Eu estava pagando minhas dívidas. Sendo filho de El Diablo, meu lugar na fila começava mais à frente do que o resto dos *homens de honra*. Embora isso fosse esperado de mim, já que eu era a cria do Diabo. Eu não me contive, não estava em mim. Se eu fosse andar pelo vale da sombra da morte, então eu iria me certificar de que nada ou ninguém ficasse no meu caminho.

Os sapatos com os quais entrei estavam cobertos de sangue.

Os ternos que usava eram revestidos de poder e prestígio.

Quando entrava em uma sala, exigia respeito.

Os pecados que cometi em nome de *La Famiglia* foram tanto para meu benefício quanto para o deles.

Eu assisti.

Eu escutei.

Eu aprendi.

Rapidamente, percebi como era fácil para mim assumir o trono que me pertencia.

Isto. Era. Meu.

O título.

A autoridade.

Alfa do maldito bando.

Eu era o lobo, ou o leão, simplesmente dependia de que dia era. Eu fiquei lá e pensei sobre a vida que estava levando até que sua presença agarrou minha alma. Minha noiva começou a caminhar pelo corredor como se tivesse sido feita para mim e apenas para mim. Do nada, eu mais uma vez senti uma sensação avassaladora de dever quando se tratava dela.

Sienna Contessa Luciano, em breve, Sra. Martinez.

Minha esposa.

Observei com admiração o quão linda ela era em um lugar cheio de pagãos. Como ela se destacava de todos na igreja. Ela estava deslumbrante, roubando todo o ar dos meus pulmões sem nem mesmo tentar. Seu cabelo preto estava preso no alto da cabeça com cachos soltos emoldurando seu belo rosto. O decote de seu vestido de noiva de renda branca era baixo na frente, emoldurando perfeitamente seu corpo exuberante. O vestido acentuava as curvas de seu corpo. Seguido pela cauda que tinha pelo menos seis metros de comprimento atrás dela.

Ela parecia elegante.

Adequada.

Pura.

Minha.

Fiquei fascinado. Não apenas neste momento, mas desde a primeira vez que coloquei os olhos nela. Meu pai costumava me dizer que sabia que minha mãe era a certa desde o momento em que a conheceu. Eu nunca entendi muito bem como isso era possível, ou se havia alguma chance de experimentar o amor à primeira vista.

Eu tinha.

Querendo tudo ou nada.

Em um piscar de olhos, houve uma conexão profunda que senti com ela como se a conhecesse durante toda a minha vida. Nem por um segundo eu questionei as emoções que ela tirou de mim com sua maldita boca sarcástica e aura angelical. Por baixo de tudo, ela era uma raposa camuflada de santa. Não havia como negar a atração magnética que eu sentia na presença dela.

Era uma corda bamba, minha possessividade imediata sobre ela. O desejo de possuir de sua mente e coração, até cada maldito pedaço de seu corpo celestial. Cada passo deliberado que ela dava, a trazia mais perto de nosso futuro.

Para mim.

A certa altura, era óbvio que seu pai começou a arrastá-la em minha direção. Eu não a via desde que Luciano informou a Sienna que nos casaríamos. No entanto, isso não me impediu de pensar nela. Eu ansiava pela sensação de sua pele sedosa e convidativa, ansiava pelo cheiro de seu perfume tentador, um homem faminto pelo que estava entre suas pernas.

A atração.

A luxúria.

O desejo de conhecê-la de dentro para fora.

Contei os dias para reivindicar mais uma coisa que era minha.

Ela.

Ela também sentiu.

Era por isso que o olhar intenso em seu rosto apontava abertamente em minha direção. Ela o usava com orgulho. Seu desafio para o que estava por vir...

Nosso casamento.

Era seu escudo.

Sua guarda.

A porra de uma barreira que ela construiu do tamanho das minhas grandes bolas.

A rebeldia de Sienna só a tornou muito mais atraente aos meus olhos. Eu mal podia esperar para tomá-la, porra. Possuí-la. Possuir sua alma. Em breve, ela perceberia quem estava no comando.

Eu.

Seu marido.

Se ela quisesse brincar de gato e rato, eu seria a porra de um leão e atacaria.

Uma vez que ela estava na minha frente e não havia mais passos a serem dados, Luciano levantou o véu e eu respirei fundo. Seus traços se tornaram mais proeminentes além de sua expressão. Ele revelou totalmente seus lábios carnudos e grandes olhos castanhos. Expondo a autenticidade da tristeza misturada com raiva em seu olhar sedutor e vingativo. Ela era uma visão, mortificada por causa de nosso futuro casamento.

Uma princesa da máfia que eu estava prestes a tornar rainha com as duas palavras simples: *“eu aceito”*.

Ela não ia sair dessa, *eu* não ia deixar.

Seu pai sussurrou algo em seu ouvido que eu não consegui ouvir antes que ele murmurasse no meu: —Estou entregando meu sangue a você, não me faça derramar o seu.

Eu balancei a cabeça, totalmente ciente de que ele falava a sério.

Depois que beijou suas bochechas rosadas, ele firmemente colocou as mãos de Sienna em meu aperto firme. Entregando-a para mim, ela estava literalmente indo das mãos de seu pai para as minhas. O gesto significava mais para mim do que ela jamais poderia imaginar.

Meu momento de felicidade foi interrompido quando percebi o quão forte ela estava tremendo, fumegando, irritada pra caralho. Sua postura afirmava exatamente como ela se sentia, sem ter que dizer uma palavra. Não pude deixar de achar sua reação divertida. Era evidente que ela me odiava, e eu não poderia ter me importado menos nem se tentasse. Apesar da minha falta de vontade de me importar, ela não queria se casar comigo, eu queria mostrar a ela que eu não era seu rival.

Em minha última tentativa de criar algum tipo de ponte entre nós, entreguei a ela o lenço do bolso do meu smoking.

—Para limpar a carranca do seu rosto. —Eu me solidarizei.

—Por que eu faria isso? —Ela argumentou maldosamente. — Isso parece meu funeral.

O padre pigarreou desconfortavelmente. Ele era a única pessoa que podia nos ouvir enquanto o coral harmônico ecoava ao fundo.

—Cuidado, querida. Suas palavras estão traindo seu vestido de noiva branco.

—Na verdade, não. Meu vestido é tão enganador quanto esta cerimônia, mas não se preocupe. Esta é apenas a ponta do iceberg. Aqui na casa de Deus, vou cometer a maior depravação. Meus votos para você. Esses serão os maiores pecados de todos.

Eu a puxei em direção ao meu peito e um suspiro de surpresa escapou de seus lábios. Inclinando-me em seu ouvido, não hesitei. Por meio de uma mandíbula cerrada, eu sussurrei a realidade do nosso casamento...

—Você vai ser minha esposa. Eu serei seu marido. Pela lei. Aos olhos do Senhor. Nossa sagrada união será real. Portanto, nem por um segundo pense que nossos votos serão mentiras e não significarão nada. Especialmente *para mim*.

CAPÍTULO 20

Cruz

Ela rosnou, tentando me empurrar, mas eu não vacilei. Em vez disso, segurei-a com muito mais força, provando quem estava no comando. Ela respondia a *mim*.

Não o contrário.

Exceto que Sienna não queria minha compaixão.

Compreensão.

Verdades.

Eu era o vilão.

Seu inimigo.

Nada mais, nada menos.

Eu estaria mentindo se dissesse que seu desdém flagrante por mim não estava evocando uma guerra com minha já tênue linha de paciência quando se tratava dela. Sem mencionar meu temperamento. Ela estava provocando uma reação em mim, e não iria gostar da minha resposta. Minha tolerância para seus fodidos acessos de raiva só poderia ir até certo ponto.

Se eu permitisse que ela continuasse com seu desrespeito na frente de todas essas pessoas, não poderia imaginar como ela pensaria em me tratar a portas fechadas. Eu colocaria um fim nisso aqui. Me depreciar não era algo que eu aceitaria com calma. Meu pavio curto já

estava por um triz para incendiar esta igreja, se ela não mudasse sua atitude muito rápido.

Seu olhar se desviou do meu, encarando fixamente a cruz que estava pendurada no alto atrás do padre na frente do altar. Eu sabia o que ela estava fazendo, mas nem mesmo Jesus poderia salvá-la de mim.

Durante a hora seguinte, tivemos nossa tradicional cerimônia de casamento italiana. Minha noiva teimosa manteve seu olhar concentrado no padre, seu olhar para frente, seu corpo tenso, nunca olhando na minha direção. Agindo como se eu não tivesse importância. Apenas alimentando minha loucura incontrolável, queimando um buraco no chão abaixo de mim. Cada oração do padre só aumentava a tensão que eu sentia em meu interior, pulsando em minhas veias, liberando meu lado que ela não queria conhecer.

Pelo menos não tão cedo.

—Sienna, seu noivo queria acender uma vela para sua mãe antes de prosseguirmos com os votos.

Ela recuou, surpresa com o que o padre compartilhou. —Por quê?

—Eu quero a bênção dela.

Logo que as palavras saíram da minha boca, seus olhos finalmente encontraram os meus.

—Por que você se importaria? —Ela questionou em uma voz baixa que eu só pude ouvir. —Você não se importa com o meu consentimento.

—No entanto, aqui estamos.

—E você acha que ganhou.

—Eu não acho. Eu sei. Você está prestes a se tornar minha.

—*No papel.*

—Sim, até *esta noite*.

Ela olhou para mim, cerrando a mandíbula.

O padre mais uma vez pigarreou, continuando a acender a vela. Quando ele chegou aos votos, o humor dela estava pior.

—Crucifixio, por favor, repita comigo.

Eu não precisava repetir depois de ninguém, eu sabia o que queria. Antes que ele começasse, agarrei o queixo dela e a fiz me olhar nos olhos.

Prometendo: —Eu, Crucifixio Martinez, te recebo, Sienna Luciano, como minha legítima esposa, para amar e respeitar de hoje em diante, na alegria e a tristeza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, *até que a morte nos separe*.

Querendo dizer cada palavra, quisesse ela ouvir ou não.

Sienna

Eu ia desmaiar.

Eu não posso fazer isso! Eu não posso fazer isso! Eu não posso fazer isso!

Enlouquecendo internamente, eu não conseguia ir adiante com isso.

Se eu corresse, ele me pegaria? Se eu gritasse, alguém se importaria? Se eu orasse... Deus me ouviria e me tiraria daqui?

Desde o momento em que entrei na igreja, era uma coisa após a outra.

Reconheci alguns convidados presentes, outros não.

Toda minha família e amigos.

La Famiglia.

Os seguranças.

Políticos.

A imprensa.

Click. Click. Click. Os fotógrafos tiravam fotos. Se o cinegrafista colocasse sua câmera na minha cara mais uma vez, eu iria quebrá-la.

Por que eu iria querer a filmagem de um dia que não queria nada mais do que esquecer?

Esta cerimônia suntuosa deve ter custado uma pequena fortuna ao meu pai. Eu achava que meus adoráveis dezesseis anos e minha festa de formatura foram extravagantes, elas não foram nada perto dessa provação.

Que. Porra.

Com base na última hora da minha vida, eu sabia que a recepção seria uma abundância de riqueza e poder que nunca pedi.

Fiquei impressionada com a multidão. Eu estava sendo sufocada por meu pai e pela *La Famiglia*, sufocando com os votos do meu noivo.

E agora...

Eu era a próxima. Era a minha vez de repeti-los para ele, quando tudo que eu queria fazer era esmagar seu rosto.

Eu. O. Odeio.

Tenho quase certeza de que desmaiei quando ele começou sua declaração de mentiras após mentiras que deveriam ser sagradas.

Como isso estava acontecendo?

—Sienna, por favor, repita depois de mim. —Anunciou o padre.

Tentei arrancar meu queixo do aperto de Cruz, mas o filho da puta deslizou sua mão para a minha nuca. Me prendendo no lugar.

Eu não conseguia me mover.

Eu não conseguia falar.

O bastardo iria se certificar de que meus olhos permanecessem nos dele.

—Eu, Sienna Luciano, te recebo, Crucifixio Martinez, como meu legítimo esposo, para amar e respeitar de hoje em diante, na alegria e a tristeza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe.

Se eu reiterasse aqueles votos que não quis dizer, não seria melhor do que o homem que acabou de professá-los para mim. Mais pecados em nome de *La Famiglia*, exceto que estes seriam meus para carregar.

No meu coração.

Minha alma.

Eu também seria uma pecadora.

Eu me recusava.

Abri minha boca para gritar, para dizer a ele: —Não! —No entanto, meus lábios não se moveram. Eu apenas fiquei lá em um estado de puro pânico, incapaz de fazer nada além de temer esse momento em que eu estava a segundos de me tornar uma esposa da máfia.

Não! Eu. Não. Posso. Fazer. Isto!

—Sienna... —O padre persuadiu. —Você aceita Crucifixio Martinez como seu marido?

Eu balancei minha cabeça. —Eu... eu...

—Princesa... —Cruz avisou em uma voz que eu não apreciei. Lembrando-me rapidamente de quem ele era e o que ele representava. Naquele tom de mafioso severo de “faça o que eu digo” que eu tinha ouvido do meu pai muitas vezes.

Eu fiz uma careta, cuspiendo fogo. —Eu aceito...

—Pronto. —Cruz interrompeu em um tom áspero que ecoou pelos tetos abobadados e vitrais da catedral. —Ela disse: 'Eu aceito'. Continue.

Eu recuei, ouvindo essas duas palavras repetidamente, correndo rapidamente pela minha mente. Elas vibraram em cada osso do meu corpo, esmagando meu espírito, minha independência, minha determinação.

Ela se estilhaçou ao meu redor, caindo como um castelo de cartas feito de santos e anjos. Acorrentando minha vida, meu futuro, minha morte, a este gângster.

Mais uma vez, encontrei minha voz. Expressando. —Eu aceito...

—Quantas vezes eu preciso me repetir, padre? Continue, *agora*.

—Cruz, por favor... —Sussurrei. —Estou te implorando. Me deixe ir.

O padre fez o que lhe foi ordenado. —Eu os declaro marido e mulher. Você pode beijar...

Um rosnado profundo de dentro do peito do meu recém-marido irrompeu antes que ele agarrasse com força o lado do meu pescoço. Eu tropecei para frente quando ele me puxou em sua direção, tentando me segurar, mas minhas mãos caíram sobre seu peito sólido.

O diabo nem mesmo me encontrou no meio do caminho.

Em menos de um segundo, sua boca caiu sobre a minha com uma paixão repentina que eu não esperava. Moldando-nos em uma só pessoa. Minha cabeça se afastou do impacto inesperado, explodindo por suas ações e ousadia desavergonhada.

Instantaneamente, meus lábios queimaram quando ele me beijou. Enfiando a língua na minha boca, ele devorou cada centímetro dos meus lábios como se não estivéssemos na frente do meu pai ou de uma igreja completamente cheia de família e amigos.

Click. Click. Click.

Repórteres, fotógrafos, todos foram à loucura. Esta era a chance de tirarem a foto de outro. Eles estiveram esperando por isso, e Cruz não os decepcionou.

Com um aperto forte, sua mão afundou em meu cabelo e eu inadvertidamente gritei pela pressão em meu couro cabeludo. Inclinando minha cabeça, ele a posicionou onde poderia prolongar seu ataque e aprofundar contra meus lábios já inchados.

Isto não era um beijo.

Era tudo uma reivindicação.

Primitivo.

Inebriante.

Dominante em todos os sentidos.

Isto não era para mim.

Isto. Era. Para. Ele.

E eu não era propriedade de ninguém.

Ninguém.

Eu fiz o que qualquer mulher respeitosa faria se de repente se encontrasse nesta situação.

Mordi sua fodida língua o mais forte que pude.

Até eu sentir...

Sangue.

PARTE III



CAPÍTULO 21

Cruz

Não brinque comigo.

Sua língua macia.

Seu perfume.

Seu corpo pressionado contra o meu.

Eu gemi alto, sentindo-a pela primeira vez. Eu não me importava que estivéssemos em uma igreja entre a família, amigos ou o pai dela.

El Capo.

Ela era minha agora.

Eu poderia fazer o que quisesse sem a aprovação ou opinião de ninguém, e mal tinha começado. Ela era o sabor do fruto proibido do Jardim do Éden.

Sienna Contessa Martinez, foi meu pecado mais doce.

Ansioso por algum tipo de conexão com ela, reivindiquei seus lábios da única maneira que eu sabia. Beijando-a como se minha vida dependesse disso.

Urgente.

Poderoso.

Intenso pra caralho.

Era tudo.

Ela era tudo.

A água que eu precisava para sobreviver, o ar que precisava respirar, o amor que ansiava mais do que qualquer coisa. A unidade de nosso casamento estava gravada em pedra e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Seu passado acabou no instante em que ela se tornou minha esposa.

Nosso futuro era tudo o que importava e ela aprenderia rapidamente como marchar na linha e aceitar seu destino, que estava vinculado ao meu agora. Afundando minhas mãos em seu couro cabeludo, chupei sua língua, saboreando seu gosto indescritível. Apenas quando ouvi seu grito, que me preparei para as repercussões de minhas ações descaradas.

Ela mordeu com força.

O gosto metálico do meu sangue imediatamente inundou nossas bocas. Meu pau se contorceu sabendo que ela apenas engoliu meu sangue como se engolisse meu esperma. Chame isso de doentio ou maluquice, mas eu não dava a mínima.

Eu rosnei, puxando abruptamente para trás, puxando seu cabelo pelo canto do pescoço. Ainda a centímetros de minha boca, ela ofegou contra meus lábios, tentando freneticamente se recompor do meu aperto. Nossos corpos tremeram com desejo inegável. Cada parte de sua determinação martelava ao meu redor.

Eu podia ouvi-la batendo em meus ouvidos.

Eu podia senti-la em meus ossos.

Quebrando as barreiras que ela seguramente tinha no lugar quando se tratava de mim. Juro que cada parte do meu sistema nervoso estava se desfazendo, desligando, tornando difícil de ver, quanto mais ficar de pé.

Não sei se foi a desobediência dela.

A discussão entre nós parecia muito com preliminares.

Ou o fato de que ela agora era a Sra. Martinez...

Era emocionante.

Eufórico, inebriante por si só.

Ela se debateu fracamente em meu abraço enquanto eu a segurava com mais força contra meu peito. Nós dois sem fôlego.

O que me fez dizer asperamente: —Vou me destruir antes que você possa. Você me entendeu?

Ela gemeu frustrantemente. Eu não sabia se era pelo que eu disse ou por saber que era verdade. Ou possivelmente por saber que ela não iria a lugar nenhum, a menos que eu permitisse. Fechando os olhos, ela tentou controlar sua respiração e todos os seus pensamentos.

Especialmente a porra do coração dela que eu estava cruelmente cortando em pedaços.

Afrouxei meu aperto, lentamente roçando meus lábios contra os dela. Querendo senti-la uma última vez. Seus olhos se abriram e eu vi antes que acontecesse. Vigorosamente, ela me empurrou com todas as suas forças. Eu deixei que ela sentisse como se estivesse no controle, era o mínimo que eu podia fazer.

Eu a deixei ir.

Ela não vacilou, pegando seu vestido e levando sua bunda para fora da igreja comigo andando atrás dela. Agindo com pura adrenalina e fúria pelo que ela começou...

Uma guerra total entre nós.

Assim que ela saiu da catedral, repórteres e câmeras a cercaram. Rodeando-nos como os abutres que eram.

—Sra. Martinez! Onde você vai? —Um gritou.

—Qual é a sensação de ser uma rainha da máfia? —Outro gritou.

Luzes, câmera, ação.

Os seguranças invadiram seu espaço, bloqueando os animais o melhor que podiam. Ela colocou as mãos na frente dela tentando ver através das luzes brilhantes piscando. Incapaz de controlar minha própria força, afastei-a deles com muito mais força do que pretendia. Precisando nos tirar de lá, totalmente ciente de que não iria parar por aí.

Apressando-nos a descer as escadas de concreto, ela tentou acompanhar o meu passo, enquanto eu apressadamente nos levava para a limusine que nos esperava na frente da igreja. O som de seus saltos clicando no chão bateu profundamente dentro do meu núcleo com cada passo que ela dava. Um a um, somava-se a todo o caos que irrompia em minha mente.

—Você está indo rápido demais. —Ela implorou, enquanto eu ia rapidamente em direção ao meu carro. —Você vai me fazer cair.

—Você nunca vai cair, eu sempre vou te pegar.

—Como você é nobre. —Ela puxou com força o braço do meu aperto, cuspiendo. —Você é de verdade? Quem diabos você pensa que é?

—Seu marido!

Click. Click. Click.

—Droga! —Eu arranquei uma câmera do meu rosto, jogando-a longe de minha vista com o homem preso a ela. Agarrando seu braço novamente, eu rosnei. —Não. Aqui. Não. Agora.

Ela olhou para mim, sabendo que ela não ganharia uma luta de poder físico contra mim.

—Solte...

Abri a porta da limusine e a joguei lá, batendo a porta atrás dela. Correndo para o outro lado, entrei, ordenando: —Vá! Agora!

O motorista obedeceu, pisando no acelerador.

Bem quando fechei a divisória para nos dar um pouco de privacidade, Sienna realmente perdeu a cabeça.

Fervendo. —Vá se foder! —Ela me atacou, simplesmente provando ser o pé no saco que eu sabia que ela seria.

—Eu te odeio! Você está me ouvindo? Eu te odeio pra caralho! —Ela rugiu, batendo no meu peito. —Você arruinou tudo! É meu aniversário! Eu deveria estar deixando essa vida para trás e agora estou presa por sua causa! Você tem alguma ideia do que fez? E quanto te desprezo por isso! Seu filho da puta egoísta!

Ela fez um movimento para dar um tapa no meu rosto, no entanto, eu interceptei, agarrando seu pulso. Usando o impulso de sua

raiva, eu a girei de volta no meu peito. Subjugando seus braços oscilantes, eu a segurei no lugar.

—Acalme-se, porra. —Eu rosnei.

—Por que você está fazendo isso comigo? Hã? Por que está me punindo por uma vida que eu não quero? Você quer que eu confie em você quando eu não consigo nem olhar para você!

Suas pernas se agitaram, sacudindo o corpo, tentando se libertar. Ela lutou muito contra meu forte abraço.

—Eu nunca serei sua esposa da maneira que importa! Você terá que me estuprar antes que eu deixe você me tocar esta noite!

Suas palavras me penetraram como as lâminas de uma faca. Torcendo a adaga bem no meu coração.

—Princesa...

—Eu disse para você não me chamar assim! Eu não sou princesa. Eu não sou uma rainha. Eu não sou nada além de uma esposa da máfia! Quanto tempo hein? Quanto tempo até você me trair? Bater em mim? Colocar-me no meu lugar quando eu não obedecer a todas as suas ordens e comandos?

—Jesus Cristo, acalme-se, porra!

—Nunca! Diga-me! Eu quero saber quanto tempo eu tenho até que você me mate e eu morra como minha mãe morreu por causa do meu pai?

Eu fiz uma careta, ouvindo-a confessar suas verdades, não era algo que eu esperava, certamente não neste momento.

—Eu vou proteger você!

—Besteira! Como você fez com sua irmã? Sua própria carne e sangue! Você nem mesmo conseguiu protegê-la! Onde ela está, hein? Eu sei! Ela provavelmente está morta em uma porra de uma vala agora, mas ela está melhor do que viver nesta vida com você!

Sua língua ferina alimentou minha raiva e eu a empurrei, fazendo-a bater as costas no assento de couro. Ela sibilou assim que seu corpo e cabeça colidiram com a superfície. Sem fôlego. Embora, ela não tenha recuado. Sua resposta instintiva de luta ou fuga surgiu e minha esposa escolheu...

Luta.

Nós passamos os minutos seguintes dando voltas, nós dois tentando ganhar controle um sobre o outro, até que eu só queria que essa luta pelo poder acabasse.

—Sienna, pare! Olhe para mim! Apenas olhe para mim, porra!

Ela fechou os olhos com firmeza, virando rigidamente o rosto e o corpo para longe do meu. Trazendo suas mãos acima de sua cabeça, eu as preendi no lugar, antes de subir em cima dela. Segurando-a, montei em seu pequeno corpo, pairando sobre ela.

Ela abriu os olhos, percebendo a posição repentina em que estávamos.

—É aqui que você rouba outra parte de mim?

Estreitei meus olhos para ela, dividido por sua concepção feroz sobre quem ela pensava que eu era e do que eu era capaz.

—Você honestamente acha que eu transaria com você pela primeira vez na parte de trás de uma limusine?

—Qual é a diferença entre aqui e uma cama? Em ambos os lugares, eu não quero você.

Eu estava no meu limite. Um homem só poderia ser empurrado até atingir seu limite. Meu aperto firme foi de seus pulsos para sua garganta e seus olhos se arregalaram. Ela ficou lá embaixo de mim, ofegando profusamente, exausta emocional e fisicamente. Por um momento, permiti que ela me tirasse o fôlego.

Aos meus olhos, ela ainda era tão bonita.

Antes que outro segundo se passasse, olhei profundamente em seu olhar atordoado. Prendendo seu olhar com o meu.

—Se você levantar sua voz para mim de novo, ou se você mencionar minha irmã mais uma vez, eu farei com que sua vida seja um inferno vivo e respirável. Não me tente, Sin. Porque você só vai fazer uma vez.

Falando com determinação, pus fim à nossa batalha. —Você é minha esposa há menos de uma hora. Não se torne minha inimiga, Sienna. Eu matarei por você. Eu morrerei por você. Mas não pense por um maldito segundo que eu vou te proteger... *de mim*.

CAPÍTULO 22

Sienna

Eu matarei por você. Eu morrerei por você. Mas não pense por um maldito segundo que eu vou te proteger... de mim.

Suas palavras se repetiram como um disco arranhado na minha mente. Como eu esperava, a partir do momento em que o DJ anunciou nossa chegada na recepção, me vi completamente perdida. Ouvi-lo nos declarar como Sr. e Sra. Crucifixio Martinez foi uma bala sólida no meu coração. Fui reduzida a uma Sra. Meu nome não importava mais, não quando estava vinculado ao de El Diablo.

Dançamos a música do casamento dos meus pais, *Al-Di-La* de Jerry Vale, pela primeira vez como marido e mulher. Eu estava lá, mas não estava. Não havia mais luta em mim. Eu perdi. Fim de jogo.

Ele ganhou.

Eu.

Dancei ao som de *Daddy's Little Girl* de Al Martino com meu pai.

Cruz dançou *The Prayers*, de Celine Dion e Andrea Bocelli com sua mãe.

Acho que desmaiei de novo quando o pai de Cruz me convidou para dançar.

—Meu filho fará o que é certo com você. —Proclamou ele com o que parecia ser uma sinceridade genuína.

Eu queria dizer a ele para ir para o inferno, mas decidi que não seria legal para mim. Se El Capo descobrisse que eu desrespeitei um de seus associados, eu nunca ouviria o fim disso.

—Mmm hmm. —Eu simplesmente murmurei, assentindo.

—Um dia você vai amá-lo. Eu te prometo isso.

Olhei profundamente em seus olhos. —Você pode me prometer minha liberdade?

—Cruz, não vai mantê-la refém. Ele vai tratá-la como sua esposa.

—Meu sobrenome agora é Martinez, o que por si só me mantém prisioneira a uma vida que não quero.

—A vida não é justa. As ações têm consequências, Sienna.

—Com todo o respeito, o fato de sua filha ter sido levada não tem nada a ver comigo. Sou tão vítima nisso quanto ela.

—Nossos entes queridos pagam por nossos pecados.

—Sim, aprendi isso quando tinha oito anos e minha mãe pagou com sua vida.

—Compreendo. Minha mãe pagou com a dela também.

Eu recuei, chocada por ele ter compartilhado isso comigo.

—Todos nós temos demônios. Cruz pode protegê-la, mas não pode afugentar os seus. Cabe a você enterrá-los.

—Você enterrou os seus?

—Aqui está a coisa sobre demônios, Sienna. Você pode enterrá-los, mas como eu... eles reaparecem. —Ele me girou quando a música estava chegando ao fim. —Obrigado pela dança.

A recepção transcorreu sem problemas. Todos celebraram o que deveria ser o dia mais feliz da minha vida. A bebida fluiu, a música tocou e todos os presentes foram ficando cada vez mais ébrios à medida que as horas passavam. Entregando-nos cartões cheios de nada além de dinheiro sujo do qual eu não queria fazer parte.

Os homens brincaram sobre meu pai ter que se desculpar por meu comportamento depois que eu corri para fora da cerimônia. Ele disse algo sobre como sua filha parecia um anjo, como sua mãe, antes de fazer o sinal da cruz em seu corpo. Terminando a piada, acrescentando. —Mas o fogo dela era cento e dez por cento siciliano. Uma bênção e uma maldição. Cruz estará muito ocupado com ela.

Todos riram, e tudo foi esquecido.

Em algumas frases, ele descartou todos os sentimentos que eu tinha.

Eu bebi... muito.

Eu precisava. Era a única maneira de eu sobreviver a esta noite. Taça após taça de champanhe desceu pela minha garganta. Se eu ouvisse mais uma pessoa dizer “*bebê na lua de mel*,” eu iria gritar até quebrar, com minhas cordas vocais, todas as garrafas de vidro que corriam soltas na festa. Cortamos o bolo, ele me serviu e eu fiz o mesmo. Apenas cumprindo o que era esperado de mim.

Eu joguei meu buquê, Aurora o pegou. Contando minhas pequenas bênçãos, meu pai não autorizou a remoção da minha liga⁴.

⁴ Nos EUA é tradição o noivo tirar a liga de sua noiva para depois jogar para os convidados. Acredita-se que quem receba será o próximo a casar-se

Quando chegou a hora de Cruz jogá-la, ele recebeu uma para atirar aos homens. Parecia mais que eu estava me preparando para o corredor da morte do que para minha própria noite de núpcias.

Minha família e amigos se despediram junto com meu pai. Eu juro, parecia que eu pisquei e as horas passaram voando. Antes que eu percebesse, estávamos em um elevador particular a caminho da suíte da noite de núpcias. Onde tudo na minha vida de repente ficou escuro como breu.

As portas de ferro se abriram, revelando o quarto maior e mais luxuoso que eu já tinha visto em toda a minha existência. O espaço era enorme, coberto de rosas. Não havia uma área que não estivesse revestida de pétalas vermelhas e vasos e vasos de flores. Eu entrei, sabendo que Cruz estava entrando na suíte atrás de mim. Cada passo que ouvia dele, imitava meu coração batendo forte e zumbindo em meus ouvidos.

Eu estava entorpecida.

Destruída.

Encontrando refúgio na garrafa de champanhe gelada, eu a abri.

A presença dominante de Cruz instantaneamente ecoou nas paredes. —Você já bebeu o suficiente.

—Eu bebi? —Fechei um olho, focalizando nele. —Não. Eu ainda posso ver você. —Colocando a garrafa em meus lábios, eu engoli.

Três.

Cinco.

Sete goles.

Até que Cruz a arrancou de minhas mãos. —Eu disse que você já bebeu o suficiente.

—Oh, senhor... você está agindo mais como meu pai do que como meu marido.

—Eu posso colocá-la sobre meu joelho e bater em sua bunda, se você quiser.

—Eu acho que você é quem gostaria muito disso.

—Não tanto quanto vou gostar de ouvir você implorar por isso.

—A única coisa que você vai me ouvir implorar é minha liberdade, que você roubou de mim.

—Eu acho engraçado você pensar que eu tirei alguma coisa de você. Considerando que este foi um casamento arranjado para mim também.

Eu estremeci, não pude evitar. Esta foi a primeira vez que o ouvi chamar nosso casamento de casamento arranjado. Talvez fosse a bebida correndo pela minha corrente sanguínea, mas feriu minha autoestima ele reduzir nossas núpcias a duas palavras sem sentido que não significavam nada para ele. Mesmo que eu mesma as tivesse dito inúmeras vezes.

Ok, Sienna, você definitivamente precisa parar de beber.

Como pregos em um quadro-negro, meus dedos deslizaram ao longo das paredes enquanto eu entrava no quarto. Parando na soleira, eu repentinamente notei a camisola de seda branca que minhas tias devem ter deixado em cima da cama.

—E eu aqui pensando que você tinha decorado este quarto para mim. Quer saber o que acontece a seguir, Cruz? —Eu me virei para encará-lo.

Em algum momento nos últimos minutos, ele deve ter tirado o paletó do smoking, que estava pendurado nas costas do sofá. Sua gravata também estava frouxa em volta do pescoço, enquanto os botões de cima de sua camisa também estavam abertos. Ele estava encostado na parede, os braços cruzados sobre o peito.

Irradiando tanto poder e autoridade, eu me peguei prendendo a respiração.

Porra... quanto eu bebi?

Minhas coxas se apertaram, engolindo o repentino nó na minha garganta.

Ele sorriu maliciosamente, lendo minha mente.

Eu afastei os pensamentos, fingindo que ele não me pegou olhando para ele. —É tradição da máfia italiana minhas tias invadirem aqui amanhã de manhã e tirar os lençóis de linho branco da cama. Você consegue adivinhar por quê?

Ele estreitou seus olhos redondos para mim, curioso para onde eu queria chegar com isso.

—Eles precisam ter certeza de que o sangue virgem da noiva encharcou os lençóis.

Ele recuou, sem esperar que eu dissesse isso.

—Doentio pra caralho, certo? Tipo, quem inventou isso? Oh eu sei! Algum mafioso que queria se exhibir para *La Famiglia* para que ele pudesse provar suas grandes bolas em outra pessoa que ele pensa

ser dono. Veja, eu sou rebaixada para apenas propriedade agora. Você poderia muito bem ter dado um tiro em mim. Cada inimigo que você fizer saberá que sou sua maior fraqueza. Não porque você me ama, ou me respeita, ou mesmo me valoriza. É simplesmente porque eles querem o que você tem. E isso não vai parar só em mim, Crucifixio. Eles vão tirar tudo de você, incluindo seus filhos.

—*Nossos* filhos. Eu nunca...

—Não me diga que você nunca deixaria algo assim acontecer, Cruz. Eu não sou estúpida ou ingênua. Você se casou com uma mulher que nasceu nesta vida. Eu sei mais sobre isso do que você. Por que você acha que seu pai fingiu a morte? Você não pode criar uma família neste mundo e não pensar que ela eventualmente será usada como garantia. Minha vida é mais valorizada do que a sua agora. Veja, a pessoa que foi morta se foi, acabou. Eles são enterrados. Cinzas às cinzas pó ao pó. É apenas um corpo que apodrece. São as pessoas que ficam para trás para lamentar sua perda. Esses lamentos são as consequências desta vida mafiosa. A morte é fácil, marido. Viver neste mundo que é difícil.

Se ele sentiu alguma emoção pelo que eu confessei, ele não expressou nada.

Querendo algum tipo de reação dele, acrescentei —Eu experimentei isso em primeira mão. Eu vi minha mãe morrer diante dos meus olhos.

—Eu sei.

—Oh, você sabe agora?

—Faço questão de saber tudo sobre você.

—Hmm... estou vendo... meu pai também disse que o carro-bomba era destinado a mim?

Nada.

Sem efeito.

A expressão neutra em seu rosto fez minha mente acelerar. Eu não suportava vê-lo me olhando do jeito que estava. Isso me lembrava de todas as vezes que eu queria saber o que meu pai estava pensando em situações semelhantes. Ele nunca me mostrou nada que eu queria ver. Quanto mais forte e acalorada a discussão, melhor controle ele tinha sobre sua compostura.

Uma fodida barreira que eu queria quebrar. Meu pior pesadelo havia ganhado vida, casei-me com um mafioso.

—Você vai apenas ficar aí parado e ser todo *você*?

—O que você gostaria que eu fizesse, Sienna? Mimar você, ter empatia, pedir desculpas por ser quem eu sou? Eu não vou fazer nada disso. Esta é a vida que vivemos e, ao contrário de você, estou tentando fazer o melhor dela. É por isso que eu queria você como minha esposa.

—O quê?

—Você me ouviu.

—Você acabou de dizer que este foi um casamento arranjado para você também.

—Eu não preciso que você repita minhas palavras, eu sei o que disse. Mas como você precisa ouvir de novo, esse casamento foi ideia minha.

Eu ofeguei. —Você está mentindo.

—Não faz sentido mentir para você. Você já é minha esposa.

Meus olhos se arregalaram. —Eu não entendo.

—Então preste atenção. Estou falando claramente com você.

—Ouça, idiota...

—Eu falo com você assim, Sienna? Eu poderia chamá-la de cadela furiosa agora porque você está agindo como uma, mas não a chamei.

—Você acabou de chamar.

—Para provar meu ponto.

—Qual é?

—Trate-me com respeito, a menos que você queira ver...

—*El Diablo?*

CAPÍTULO 23

Sienna

Ele sorriu maliciosamente de novo e resisti à vontade de chamá-lo de idiota.

—Quer você goste ou não, sou seu marido e espero ser tratado com decência.

—Ou o quê? Não tenho medo de você.

Do nada, ele saltou para frente e eu saltei para trás.

Idiota do caralho!

Em um tom arrogante, ele zombou. —Você tem certeza disso, Sin?

—Foi um reflexo.

—Você é sempre tão atrevida?

Dei de ombros. —Você é sempre um bastardo de coração frio?

—Já fui chamado de coisas piores.

—Oh... eu sei. Acredite em mim, todas as garotas da minha escola sabiam quem era Crucifixio Martinez. Sua reputação pomposa precede você e agora que te conheci... bem, posso dizer com certeza que os chifres se encaixam.

Ele deu uma risadinha enquanto seus dedos se moviam para a boca. Para frente e para trás, seu polegar começou a esfregar o lábio

inferior com nada além de intriga estampada em seu rosto. Estudando minha postura, querendo saber o que eu estava pensando, o que estava sentindo. Seu olhar rapidamente se tornou predatório e de repente eu achei difícil respirar.

—Pare de me olhar assim.

—Como?

—Como se você quisesse entrar na minha calcinha. Eu nunca vou deixar você entrar nela de bom grado.

—Você realmente quer testar sua vontade contra minha reputação?

—Ugh! Ótimo. É nossa noite de núpcias e você já está falando sobre suas prostitutas. —Eu revirei meus olhos. —Elas sabem que você se casou hoje?

—Ciúme não combina com você, Sienna.

—Não estou com ciúmes. Eu não me importo com o que você faz com o seu pau.

—Hmm...

—O quê? Eu não me importo.

—Eu não tenho certeza do que me diverte mais, você falando sobre meu pau ou você pensando que eu ligo para o que você se importa.

Eu não queria continuar acariciando seu ego, então mudei de assunto de volta para o que eu realmente queria saber. —Então, explique-se. Nosso casamento arranjado foi ideia sua?

—Não que eu lhe deva alguma explicação sobre meus negócios, mas responderei apenas desta vez quando você disser por favor.

—Oh meu Deus. Você não pode estar falando sério.

Ele se empurrou da parede, me ignorando. Era como se ele já soubesse tudo sobre minha personalidade. Eu odiava ser ignorada.

Eu o observei se servir de uma bebida no bar até que finalmente suspirei profundamente, deixando escapar. —Por favor.

Nossos olhos se conectaram.

—Foi tão difícil assim?

—Dolorosamente. Você vai me responder ou vai apenas ficar aí e se gabar?

—É isso que estou fazendo?

—Que diabos? Você precisa responder a tudo com uma pergunta? Apenas responda a minha.

Levando o copo aos lábios, ele bebeu em um gole.

—De qualquer forma, Cruz, não se apresse.

—Você está com pressa para alguma coisa?

—Sim, a porra da sua resposta.

Ele zombou com outra risada. —Você vai ter que trabalhar nessa sua atitude agressiva se quiser persistir em saber sobre meus negócios.

—E você terá que trabalhar em como responder quando uma pergunta for feita.

Ele largou o copo, finalmente divulgando. —Eu quero você, Sienna. É simples assim.

—E o quê? Meu pai estava apenas ansioso para me entregar ao primeiro gangster que teve a coragem de pedir a mão de sua filha em casamento?

—Eu sei o seu valor, ele sabe o meu. Fim da conversa.

—Sério? —Eu olhei ao redor do quarto. —Pensei que estávamos apenas começando.

—Venha aqui.

Eu olhei de lado para ele. —Não.

—Não vou falar de novo. *Venha aqui.*

—Não, eu não sou um cachorro.

—Considerando que você ainda está agindo como uma cadela, é discutível.

—Eu não estaria agindo como uma cadela se seu sobrenome não estivesse assinado em minha certidão de óbito. Eu vou te dizer como estou tão certa sobre meu destino, já que agora estou amarrada a você. A última palavra de minha mãe para mim foi '*corra*'. Eu não entendi, mas fiz o que me mandaram. Corri o mais rápido que pude de volta para nossa casa. A mesma em que eu ainda morava antes de meu pai me entregar a você. Ele não suportaria me separar disso. Minha mãe morava atrás daquelas paredes de concreto. Mesmo depois de sua morte, sua presença ainda estava lá. Ela sabia, Cruz. Ela sabia, porra, que havia uma bomba naquela limusine. Ela não deveria estar comigo, eu deveria estar indo para a escola sozinha. —Lembrei-me daquele dia como se fosse ontem. Ele se passou bem diante dos meus olhos.

Ele deu um passo em minha direção. No entanto, ergui minha mão, parando-o em seu caminho.

—Você tem ideia de como é saber que ela morreu por mim? Ela deu sua vida pela minha. Ela sabia que eles nunca parariam até que matassem um de nós, então ela se certificou de que era ela em vez de mim. Então agora tudo que posso fazer é esperar até que seja minha vez de conhecer o destino dela. O que você acha, Cruz? Hã? —Eu o desafiei. —Será outro carro-bomba? Eu escapei da morte uma vez e nós dois sabemos que a morte não gosta disso. Não acho que terei a mesma sorte de novo.

—Sienna...

—Não faça isso. Não se atreva a me prometer coisas que estão fora de seu controle. Não sou fraca, marido. Eu não preciso ouvir suas mentiras sobre a proteção que você vai me oferecer. Meu pai tinha dezenas de seguranças cercando minha mãe dia e noite e ela morreu bem em nossa propriedade. Então foda-se você e sua vida mafiosa. Eu não pedi por isso. Eu não queria isso. O título de Sra. Martinez acabou de me custar meu futuro, minha morte em suas mãos. Isso é o que você quer, certo? *Eu?* Meu sangue virgem? —Abri o zíper do meu vestido e ele caiu aos meus pés. —Bem, eu não preciso colocar uma camisola de seda para isso. —Violentemente, chutei meu vestido para ele.

Eu já tinha superado essa merda. Eu daria a ele o que ele queria, desde que isso me mantivesse no controle de algum aspecto da minha vida.

Fiquei com meu espartilho.

Calcinha.

Meias finas.

Saltos.

Seus olhos embebedaram-se em mim e meus impulsos não vacilaram. Na verdade, a expressão em seu rosto despertou minha vontade de me mostrar a ele. Provando que eu poderia ter tanto poder, se não mais do que ele.

Lentamente, sentei-me na beira da cama e sedutoramente deslizei para o meio. Seus olhos verdes hipnóticos e assustadores nunca se desviaram do meu rosto.

Meu estômago se agitou.

Meu coração parou.

Quando ele começou a caminhar até mim. Cruz não andou, ele desfilou.

Determinado.

Distinto.

Parecendo totalmente parte do diabo.

Até que ele estava parado ao pé da cama, bem na minha frente. Inclinando a cabeça para o lado, ele perfurou o meu olhar com seu olhar sinistro. Sua aparência assumiu um comportamento totalmente diferente agora. Em um movimento rápido, ele agarrou meus tornozelos e arrastou meu corpo em direção a ele.

Eu gritei, pega de surpresa com sua força bruta acabando com meu silêncio. Em menos de um segundo, ele abriu minhas pernas e grosseiramente agarrou minhas coxas. Minha bunda estava agora na beira da cama, ele me colocou onde ele me queria...

Seu pau contra o meu núcleo.

Meu peito arfou. Eu estava começando a andar em uma linha muito tênue entre a luxúria e a aversão. Exceto que eu não iria recuar. Eu sabia no que estava me metendo ao provocá-lo. No final do dia, eu levaria seus demônios acima de sua simpatia. Eu não queria sua bondade. Aos meus olhos, ele seria para sempre meu inimigo.

Ele queria uma esposa, eu lhe daria uma prostituta.

—Foda-me, Cruz, para que meu sangue possa atestar sua lealdade a *La Famiglia*.

Ele arqueou uma sobrancelha antes de se inclinar para frente. Com sua boca a centímetros de meus lábios, ele murmurou: —É isso que você quer, Sin?

Eu ergui minha cabeça. —Como se importasse para você se eu dissesse que não. Apenas faça isso. Roube outra coisa de mim, mas não pense por um segundo que isso não é estupro se eu não estiver gritando ou implorando por misericórdia. Você nunca verá minhas fraquezas. *Nunca*.

Rosnando do fundo de seu peito, ele sentou-se e alcançou o zíper de sua calça. Virei a cabeça, fechando os olhos com força. Preparando-me mentalmente para sua agressão ao meu corpo. A dor que eu sabia que estava chegando. Agarrando os lençóis, mordi meu lábio inferior até sentir o gosto de sangue. Ele estava tirando mais uma coisa que eu considerava tão sagrada para mim.

Minha alma.

Depois de tudo que passei, sempre foi minha. Era tudo o que me restava. Eu dei boas-vindas ao inferno que ele queimaria por toda eternidade com mais sangue em suas mãos.

Meu.

—Sienna, olhe nos meus olhos quando estou falando com você.

Relutantemente, eu olhei. Atordoada com o que vi. Havia um canivete em suas mãos.

—O que você está fazendo...

Cruelmente, ele deslizou a lâmina pela palma da mão.

—Oh meu Deus! Você está louco?

Levantando o braço para o lado de nossos corpos, ele rapidamente colocou a mão sobre os lençóis ao nosso lado.

—Se *La Famiglia* quer sangue, então será o meu que eles receberão.

Eu ofeguei alto, chocada pra caralho com o que ele estava fazendo por mim. Abri minha boca para falar, mas seu telefone tocou.

—O quê? —Ele rugiu, respondendo. —Sim... mmm hmm... estarei aí em trinta. —Ele desligou, colocando o telefone de volta no bolso da calça antes de olhar para mim novamente.

Com uma expressão de repulsa total que eu nunca tinha visto em seu rosto bonito, ele disse. —Eu quero uma esposa, não uma maldita prostituta. Eu nunca vou te foder sem o seu consentimento.

—Eu... eu... eu...

Ele saiu de cima de mim e eu imediatamente senti falta de seu toque. Seu calor. Seu ódio.

Ou isso era amor?

—Eu sou muitas coisas, Sienna. Mas eu não sou um maldito estuprador. —Ele jogou o edredom no meu corpo. —E nunca mais

me trate como um, porra. A menos que você queira que eu prove o quão molhada posso deixar sua boceta até que você me implore por misericórdia.

—Cruz, eu...

Recuando deliberadamente, seu olhar falava muito. —Você conseguiu o que queria, Princesa. Eu vou sair. Você vai ficar sozinha agora, então você pode continuar com sua patética festa de autopiedade.

Tudo aconteceu muito rápido, um minuto ele estava lá e no seguinte ele saiu furioso. Batendo a porta atrás de si. Fiquei deitada ali mesmo, congelada na cama por não sei quanto tempo. Fria e abandonada na minha noite de núpcias. Horas poderiam ter se passado enquanto minha cabeça girava e girava sem fim à vista.

Minhas orações foram atendidas.

Eu venci.

Ele saiu.

Mas por que parecia que...

Eu perdi em vez disso?

CAPÍTULO 24

Cruz

Três meses depois

—Eu juro que não sei onde diabos ela está! —Minha vítima berrou, gritando como se sua vida dependesse disso.

E assim era.

Torturar filhos da puta nunca foi tão fácil, e eu não estou falando sobre o verdadeiro ato sádico que eu fazia, era como eu o faria. Eu apareci armado com alguns homens ao meu lado, mas não havia muito que eu pudesse fazer com a porra de uma arma.

Eu tive que ser criativo. Carlo, que era um dos meus principais homens, amarrou o idiota a uma cadeira enquanto eu conectava um par de baterias de carro a cabos de transferência de carga. Minhas opções eram limitadas, estávamos na loja dele e essa porra foi tudo que pude encontrar. Depois que Carlo despejou um balde de água no filho da puta, usei a ponta desencapada do cabo para dar um grande choque nele.

Isto não era como algo que se vê na porra dos filmes, isto queimava sua carne com a intensa voltagem que corria pela água. Estava quente o suficiente para derreter metal. Eu tinha que ter cuidado para não matá-lo, tendo talvez um segundo para tocá-lo em qualquer parte de seu corpo antes que ele morresse de um ataque cardíaco. Então, comecei a trabalhar em seu pau e deslizei para cima.

Eu arranquei a mordaca de sua boca, o que o impedia de engolir a própria língua ou quebrar seus dentes com o impacto dos choques.

—Por favor! Eu juro! —Ele gritou. —Tudo o que ouvi foi que ela foi levada da Itália! Não sei para onde a levaram!

—Resposta errada, porra.

Coloquei a mordaca de volta em sua boca, embora, desta vez, eu tenha colocado o cabo bem sobre sua garganta. Bem acima de seu pomo de Adão. Seu corpo se convulsionou, tremendo incontrolavelmente enquanto ele espumava pela boca.

Entre *La Famiglia*, Sienna e a tentativa de encontrar Adriana, eu estava mais do que exausto. Todos os dias parecia que um alvo levava ao próximo. Totalmente ciente de que cada respiração poderia ser minha última enquanto o ceifador espreitava nas sombras. Apenas esperando para fazer sua presença conhecida.

Eu acabaria pagando as repercussões dos meus pecados, mas eu não me importava. Eu me tornei um filho da puta sádico que prosperava na dor, obediência e poder. Colocar uma bala na cabeça de alguém era muito fácil, eu gostava da perseguição, da tortura, da súplica pela minha compaixão.

Eu não tinha nenhuma.

Eu escalei cada fodida montanha e procurei em cada fodida caverna pelos homens que levaram minha irmã. Sempre tentando dizer a mim mesmo que eles ainda existiam, para começar, e ela ainda não tinha sido vendida a quem fez a maior oferta.

Eu invadi casas.

Negócios.

Propriedades em cima de fodidas propriedades.

Obtinha o máximo de informações que podia e que, no final, não nos levava a lugar nenhum, a não ser andar em círculos. Farejei os inimigos como a porra de um cachorro raivoso treinado. Usando todas as medidas necessárias para fazer os filhos da puta falarem.

A parte mais louca de tudo isso foram esses ataques cruéis que quase me fizeram sentir em casa. Ser mafioso era muito mais fácil do que ser um ser humano decente.

Meu coração virou pedra.

Minha alma sombria.

Meu futuro não estava prometido em nenhum caminho.

Esta vida me fodeu a ponto de nada fazer sentido quando entrava pelas portas da frente da minha casa. Minha mente estava sempre em alerta máximo, junto com as vidas que eu agora possuía. Reajustar-me à vida normal era a porra da pílula mais difícil de engolir. Era muito difícil desligar a mente de "matar ou morrer" em todos os momentos do dia.

As coisas mais bobas me faziam reagir com violência. Bastava um lapso momentâneo de julgamento e minha Glock estava na porra da sua cara. Eu vivi e respirei sangue nos últimos seis meses, desde que Ari foi sequestrada, elaborando ataques constantes.

Bombas.

Tiros.

Eu matei inimigos.

Eu perdi homens.

Os longos períodos de violência que passei foram uma surra psicológica. Eu estava constantemente desconfiado, fortemente ferido e facilmente irritado. Se você pensava que meu temperamento era ruim antes, você está redondamente enganado. Eu acordava várias vezes durante a noite, enlouquecendo por não conseguir encontrar minha arma. O pensamento de lutar ou fugir que eu tinha se tornou apenas lutar.

Agora era minha vida.

Sempre esperando a porra do outro sapato cair, sempre em alerta, sempre esperando para matar o que eu não conseguia ver. Todos esses empreendimentos exigiam a mesma coisa, sutileza e habilidades furtivas. Eu era o responsável por um grupo de filhos da puta impiedosos que não temiam nada. Criando as piores situações possíveis conhecidas pelo homem e voltando para mais.

Diariamente.

Eu disse adeus à minha humanidade para fazer parte deste mundo. Era a única maneira de sobreviver. Eu mal estava dormindo e, quando dormia, era um sono inquieto. Depois de todos esses anos, finalmente entendi por que meu pai não conseguia fechar os olhos por tempo suficiente para encontrar paz. Seus demônios não o deixavam.

Muitas vidas ceifadas.

Muito sangue em suas mãos.

Ele não enterrou seus inimigos, ele simplesmente assumiu suas almas.

Os dias eram longos e as noites ainda mais longas. Eu nunca estava em casa e quando estava, a cadela da minha maldita esposa era

exatamente isso. Não sei como era possível, mas nos últimos três meses, ela me odiou mais do que eu poderia ter imaginado.

Minha mera presença a fazia avançar em minha garganta como um lobo na noite. Jesus Cristo, mesmo se eu olhasse em sua direção, sua boca estalaria e não havia como calá-la de forma alguma.

Gritando obscenidades.

Exigindo saber onde eu estava.

Nós brigávamos sem parar.

Era óbvio que ela estava tentando provar a si mesma que eu não era nada mais do que o maldito gangster que ela imaginou que eu era. Não ajudou em nada o fato de eu voltar regularmente para casa com sangue de outra pessoa em minhas roupas.

A única coisa que minha esposa italiana chata fazia era cozinhar. Havia continuamente um prato de comida no fogão esperando por mim. Ela nunca comia na minha companhia. No entanto, o jantar sempre estava servido.

Na maioria das vezes, eu ficava olhando para ela enquanto ela dormia. Desejando desesperadamente encontrar algum tipo de refúgio através de seu corpo tranquilo e iluminado deitado na cama. Eu me sentava na cadeira, mais perto da estrutura da cama de dossel. Lutando contra o desejo de abraçá-la, de dizer a ela que queria reivindicar seu corpo uma e outra vez. Fodê-la a noite toda e depois segurá-la em meus braços, antes que eu atravessasse a tempestade novamente.

Idolatrá-la pra caralho.

Totalmente consciente do fato de que eu a estava arruinando para os dias vindouros, e não dando a mínima enquanto fazia isso.

Mas não era o suficiente... nunca seria o suficiente. Nada entre nós seria.

A cada dia que passava, eu ansiava por ela ainda mais.

No último mês, comecei a encontrá-la dormindo em diferentes lugares da casa. Em uma noite aleatória, eu a peguei do sofá, pensando que ela teria um ataque assim que sentisse meus braços em volta dela. Para minha surpresa, ela não o fez. Eu a embalei contra meu peito e a carreguei escada acima para o nosso quarto. Ainda não tínhamos dormido juntos na mesma cama, mas desde aquela noite, era para onde eu a levaria.

Nunca conversamos sobre isso, na verdade, ela nem sequer mencionou. Decidi deixá-la tocar no assunto sozinha. Uma coisa que aprendi rapidamente sobre Sienna era que se ela tivesse um problema com alguma coisa, ela faria isso ser conhecido. Eu esperei e ela não disse nenhuma fodida palavra. Até que ela dissesse o contrário, eu a carregaria até nossa cama e a vigiaria enquanto ela dormia.

Nossa conexão foi provocada pela escuridão e ainda assim, ela se tornou este farol de luz na minha vida sombria.

Seus lábios carnudos.

Seus grandes olhos castanhos.

Seu coração puro.

Eu queria sua alma. Tinha que ser minha.

Minha frustração com ela só aumentava a fúria que queimava meu sangue dia após dia.

O bastardo na minha frente começou a desmaiar, me arrastando de volta ao presente, em vez de onde eu ansiava por estar.

Com Sienna, minha esposa.

Agarrei seu rosto com força, tirando a mordaça de sua boca. —Não, não, não... você não vai morrer assim tão rápido, porra. —Eu não hesitei, precisando trazer sua carcaça de volta à vida, então atirei em seu joelho. Ele saltou da inconsciência, gritando como a morte.

Sua morte.

—Quando eles a tiraram da Itália? —Eu fervei, não vendo nada além do fodido vermelho.

Brilhante.

Furioso.

Vermelho vivo.

—Um mês! Acho que um mês! Isso é tudo que eu sei! Por favor! Juro que é tudo que sei!

—Onde? Seu merda! Para onde a levaram?

—Eu disse tudo que eu sei!

Ele mal disse a última palavra quando uma bala atingiu minha coxa, me fazendo tropeçar.

Não houve tempo para pensar.

Não havia tempo para respirar.

Não havia tempo para dar o fora daqui.

—Filho da puta. —Eu fiz uma careta, sentindo raiva de uma forma que eu não sentia antes.

O tempo pareceu escolher aquele momento para desacelerar de repente. Tudo o que prosseguiu foi em câmera lenta.

Eu me virei, apontando minha arma diretamente para a pessoa responsável, atirando para derrubar, sem hesitar.

Bang!

Com um maldito tiro na testa, explodi seus miolos. Não tive tempo para refletir sobre outra vida roubada que adquirir. Imediatamente enjoado. A última parte da minha mortalidade foi tirada à vista de todos, porra.

Foi a primeira vez que matei à queima-roupa...

Uma jovem mulher.

CAPÍTULO 25

Cruz

—Nãooooooooo! —Minha vítima gritou. —Minha esposa!
Minha esposa, porra!

—Merda! —Carlo entrou em pânico, lançando seu olhar para mim. —Eu não a vi, chefe. Eu juro...

Levantando minha arma, eu o derrubei em seguida. Uma bala no peito, fazendo seu corpo voar para trás. —Isso é por não vigiar minhas costas.

—Senhor, sinto muito...

Outra bala perto de seu coração. —Guarde suas desculpas de merda! Essa mulher poderia ter custado a porra da minha vida!

—Patrão...

O último tiro foi na cabeça dele. Seu corpo caiu no chão com um baque forte.

Sem erros.

Nenhum.

Ele pagou com a vida.

—Droga! —Gritei minhas frustrações, muito por Carlo ser meu homem principal.

—Eu vou te matar! —Meu inimigo ameaçou, apenas adicionando mais gás às minhas chamas. —Está me ouvindo? Eu vou fod...

Levantando minha Glock mais uma vez, eu atirei em seu coração. Minha cabeça latejava, minha perna latejava, minha maldita consciência estava me comendo vivo. Eu estava além da porra da dramatização.

Em menos de um minuto, matei três pessoas a sangue frio. Mancando até a mesa no meio da loja, sentei-me cuidadosamente para inspecionar o buraco na minha perna.

—Pelo amor de Deus. —Eu murmurei para mim mesmo, desfazendo minha gravata. Enrolei-a na coxa, usando-a como torniquete. A bala foi um tiro direto na lateral da minha perna, eu provavelmente precisava de pontos, mas não tinha paciência para isso agora. Eu estava muito chateado.

Literalmente queimando, porra.

Eu lidaria com isso mais tarde, quando chegasse em casa. Pensando que eu estava indo naquela direção, meu telefone tocou, chamando minha atenção.

—Sim. —Eu respondi. Este maldito dispositivo nunca parava de tocar.

—Encontre-me no vinhedo. —Ordenou Luciano do outro lado da linha.

—Vinte minutos. —Respondi. —Eu preciso de alguém para limpar essa bagunça na loja desse filho da puta.

—Envie-me o endereço por mensagem, eu mandarei alguém.

Desliguei e enviei a ele as coordenadas de onde eu estava.

Esta era a minha vida, onde e quando eu precisava, nada mais importava, nem mesmo minha esposa. *La Famiglia* vinha em primeiro lugar. Foi o que sacrifiquei para encontrar minha irmã.

Minha vida pela dela.

Através da visão nebulosa, consegui chegar ao meu carro e entrei. Abrindo o console central, peguei alguns analgésicos que mantinha lá para circunstâncias como essa e os engoli inteiros, sem água, antes de ligar o motor. Puxando o volante para a esquerda, fiz um retorno proibido na estrada em que estava, dirigindo em direção ao armazém industrial onde estava uma das melhores vinícolas de Luciano na Sicília.

Eu rapidamente aprendi que El Capo não fazia pela metade, nada a que seu nome estivesse ligado. Era o melhor que o dinheiro podia comprar, não importa o que ou quem ele tivesse que matar para se certificar de que seu nome permanecesse no topo da porra da cadeia alimentar. Eu admirava sua tenacidade em permanecer como o número um.

O que apenas me conduziu a este ponto no tempo.

Assim que cheguei ao vinhedo isolado no meio do nada, estacionei meu carro e entrei a pé. Estava escuro pra caralho e eu mal conseguia ver um pé na minha frente, mas quando entrei na área aberta das instalações, os holofotes imediatamente se acenderam. Cegando minha visão.

Levando minha mão aos olhos, gritei: —El Capo, você está aqui?

Em segundos, eu vi uma sombra sentada no final de uma mesa retangular no canto mais distante do armazém.

—Papá. —Disse, surpreso, reconhecendo instantaneamente sua estatura dominante sentado ali sozinho.

—Sente-se, Crucifixo.

Hesitantemente, eu assenti.

Esta era a primeira vez desde que Adriana foi sequestrada que meu pai e eu estávamos sozinhos. Geralmente estávamos com minha mãe ou Lorenzo, às vezes com as cinco famílias. Era pior agora, já que eu não morava em casa e tinha minha própria casa com Sienna. Uma casa de duzentos e setenta e três metros quadrados em um rancho dado por *La Famiglia*, como presente de casamento.

Quando eu estava perto da mesa, ele apontou para a cadeira diretamente em frente a ele, na outra extremidade. Dizer que não fiquei surpreso por ele estar me instruindo a sentar à cabeceira da mesa seria um eufemismo.

Eu fiz o que me foi dito, colocando minhas mãos à minha frente. Antecipando quem diabos sabe o quê. Respondia a El Capo mais do que a meu pai. Apesar de ele ter ressuscitado sua vida, não estava liderando o bando. Ele ainda estava envolvido em todas as decisões, mas não fazia parte da *La Famiglia* nesse sentido. Simplesmente tinha o apoio deles.

Você não pode simplesmente deixar a máfia, quando você está dentro, está para a vida toda. No entanto, seu papel como El Diablo não era mais o mesmo. Ele era mais velho, mais sábio, pagava suas dívidas. Os homens o respeitavam, *ponto final*. Não tinha mais que se provar a ninguém. Sua mera presença emanava autoridade.

Ele não fez rodeios, indo direto ao ponto. —O que aconteceu com a sua perna?

—Acidente. Eu preciso de um novo homem principal.

Ele me deu um breve aceno de cabeça, entendendo minha explicação sutil. —Não vou sentar na sua frente e dizer que queria essa vida para você, Cruz. Fiz tudo o que pude para manter este mundo longe de você, sua mãe, e... —Ele fez uma pausa, pensando claramente em Ari. —Minha filha... mas aqui estamos. No momento em que você deixou sua irmã, o futuro de nossa família mudou para sempre, e tudo o que posso fazer agora é garantir que você esteja protegido da melhor maneira que eu puder. Eu nasci nesta vida, foi meu legado ocupar o lugar do meu pai como os homens antes de mim ocuparam o deles.

Eu ouvi o que ele estava compartilhando, sem saber aonde ele queria chegar com isso.

—O sangue dos Martinez só conhece a violência e a vingança, e simulei minha morte para tentar mudar o curso de sua herança. No final, o diabo venceu independentemente. Talvez seja minha punição pela vida corrupta que vivi, pelos homens que matei, pelas famílias que destruí. —Ele balançou a cabeça com o que parecia ressentimento e vergonha. Era óbvio que ele estava consumido por seu passado de uma maneira que nunca havia me mostrado antes.

Era confuso, para dizer o mínimo.

Por que ele estava me mostrando suas emoções?

—Eu queria ser um pai honesto. —Justificou ele, interrompendo meus pensamentos. —Um marido honrado, um homem que poderia se arrepender por meio do amor e devoção de sua família. Eu estava errado. Eu não posso mudar o destino. A única

coisa que fiz foi irritá-lo. O preço dos meus pecados é sua alma para este mundo, e eu tenho que viver com as decisões que tomei e orar para que você encontre paz um dia. Passei mais de duas décadas tentando encontrá-la sozinho, apenas para atraí-lo para as profundezas do inferno.

Eu não sabia o que dizer, mal sabia o que sentir. Quanto mais vidas eu colecionava, mais difícil era sentir qualquer coisa. Roubar a vida de uma jovem pesava em meus ombros.

Este era um mundo masculino, durante séculos as mulheres e crianças foram protegidas da guerra. Eu odiava que isso não importasse mais.

Homem.

Mulher.

Menina.

Menino.

Criança.

Era tudo um jogo justo nesta vida mafiosa.

—Eu deveria saber melhor antes de dar a você a cruz de minha mãe. Eu costumava pensar que era proteção, nunca percebendo que era uma maldição até que fosse tarde demais.

Eu a segurei entre meus dedos, nunca a tirava.

—Bem quando eu penso que estou fora deste mundo sórdido, você é puxado para dentro.

Em uma tentativa de estabelecer sua integridade, declarei a verdade: —Consegui o que queria. Era apenas uma questão de tempo até que eu me tornasse como *você*.

—Eu sei. —Ele assentiu. —Eu sei desde o momento que você nasceu. É por isso que tentei tanto mantê-lo longe disso. Não posso controlar seu futuro, assim como não posso controlar o meu. A única coisa que posso fazer é garantir que você tenha o apoio de que precisa para viver uma vida desconhecida. Você escolheu isso, então este é o seu mundo agora. Eu tive o meu tempo. Eu saí há muito tempo. É a sua vez de carregar o fardo de colher o que você semeia.

—Eu não entendo.

Como se fosse uma deixa, Luciano entrou na sala com Gino ao seu lado e o que parecia ser uma faca em uma das mãos e um cálice de vinho na outra. Ambas as peças pareciam velhas, como posses de herança. Havia um significado e uma história por trás desses artefatos. Isso eu sabia.

Com um aceno de cabeça, ele ordenou que eu me levantasse.

Eu levantei.

Ao ficar na minha frente, El Capo declarou: —Você veio para esta vida, mas não sairá vivo. A única maneira de você deixar esta família é sendo enterrado.

Eu estreitei meus olhos.

O que se seguiu só pode ser descrito como uma experiência religiosa. Eu cresci em uma igreja, meus pais insistiram nisso.

Antes que eu pudesse pensar muito, Luciano continuou: —Você provou a si mesmo, Crucifixio. Fazemos prisioneiros sem desculpas. Você lidou esta tarde da maneira que precisávamos.

—Isso foi um teste?

—O que aconteceu hoje só prova que estamos fazendo a escolha certa. Proteger e eliminar primeiro, questionar as circunstâncias depois.

Novamente, eu não sabia o que dizer, então fiquei quieto. Era melhor assim.

—Nossas famílias foram unidas por um motivo. Eu te dei meu sangue. —Professou Luciano.

Pegando-me de surpresa, em um movimento lento e deliberado, ele deslizou a faca afiada diagonalmente por seu lábio superior. Adicionando: —Agora você vai me dar o seu.

Apesar de querer reagir, fiquei imóvel enquanto EL Capo trouxe a lâmina até meu lábio superior também. Com outro movimento rápido e repentino, ele fez um corte de uma ponta a outra.

Testemunhando: —Você se torna parte desta faca e se torna parte deste cálice. Junto com a lista de muitos homens antes de você. —Rapidamente, ele bebeu o vinho do cálice. Deixando para trás seu sangue na borda. —Você nunca falará sobre este momento, é uma das muitas regras não escritas da nossa união. Você levará esta iniciação para o seu túmulo.

—Iniciação a quê?

Ele me entregou o cálice.

Meus olhos se encontraram com os do meu pai, que de repente estava de pé ao lado do meu sogro. Havia um cartão de um santo em suas mãos, *Pio de Pietrelcina*. O santo padroeiro da dor, sofrimento e cura. Lembrei-me de ter aprendido sobre ele no estudo da Bíblia.

Meu pai pegou a faca da mão de Luciano, colocou fogo no santo, soldando o cartão na lâmina. Não houve tempo para pensamentos e impulsos, decisões já tinham sido tomadas em meu nome.

Enquanto El Capo recitava: —Assim como este santo queima, sua alma queimará. Você entra vivo, você sai morto. Este sangue significa que agora somos uma família. Você vive pela arma e pela faca, e você morre pela arma e pela faca. Você foi batizado quando era bebê, seus pais fizeram isso. Mas agora, desta vez, você será batizado com o sangue da máfia. —Ele me entregou o cálice. —Beba.

Eu fiz o que me foi dito. Engolindo o vinho de onde o sangue de Luciano permanecia. Lutando contra meus instintos, não ousei me mover um centímetro quando meu pai levantou a faca quente até meu lábio superior.

Eu assobieei, fechando minha mão assim que a lâmina em chamas tocou minha boca. Ele selou o corte com nosso sangue, em nome do santo.

—Você é um de nós agora. —Exclamou meu pai. —Minha morte não foi ressuscitada no dia em que anunciei que ainda estava vivo. Nunca foi sobre mim, Crucifixio. O diabo é ressuscitado por você, filho.

Nossos olhares se tornaram um quando ele revelou...

—*Você é o El Diablo agora.*

CAPÍTULO 26

Sienna

Mais um segundo.

Minuto.

Hora.

Dia e noite...

Solitária pra caramba.

Os últimos três meses em que estivemos casados passaram em um ritmo lento e constante. Eu senti cada momento desde o instante em que ele me abandonou na nossa noite de núpcias. Eu era uma prisioneira em minha própria casa. Uma casa pela qual eu não sentia nenhum apego. Provavelmente porque eu sabia que era um presente de *La Famiglia*.

Apenas o pensamento me fez revirar os olhos. Eles controlavam todos os aspectos da minha existência sem aviso prévio. Agora, atrás dessas paredes de concreto, tudo que eu tinha era tempo para pensar no quanto eu odiava minha vida. Incapaz de ir a qualquer lugar sem um arsenal de seguranças ao meu redor. E mesmo assim, eu não podia ir longe. Adriana ainda não havia sido encontrada, então seu sequestro se tornou minha prisão nesta enorme propriedade.

Tínhamos um rancho, mas não tínhamos nenhum animal.

Terra, mas sem família.

Tínhamos à nossa disposição tudo o que poderíamos pedir, mas nenhum amor entre nós.

Era um pesadelo vivo e respirável. Eu queria poder sair e tomar sol sozinha, sem ter que me preocupar em ser morta ou raptada.

Papà me ligava todos os dias para ver como eu estava e fazia questão de vir me visitar pelo menos uma ou duas vezes por semana. Ele sempre me assegurava que estava sendo cuidado e que não deveria me preocupar. Embora eu tivesse todo o tempo do mundo para fazer exatamente isso. Lexi também vinha me visitar com frequência, nós nos tornamos próximas. Não falávamos sobre meu casamento, passávamos a maior parte do tempo cozinhando. Distraindo uma a outra da realidade deste mundo. Ela sentia falta de sua filha, eu sentia falta da minha mãe. Encontramos conforto uma na outra.

Entretanto, o que eu realmente queria era Massimo, meu cavalo. Este foi o maior tempo que fiquei sem montá-lo e isso apenas desencadeou um ódio extra que eu tinha por Cruz. Massimo era minha fuga da realidade, meu lugar feliz. Onde não houve violência ou derramamento de sangue, nenhuma lembrança da minha mãe ou da vida em que nasci. Havia apenas paz em um mundo que causava estragos ao meu redor. Minha vida inteira foi uma grande pilha de malditos cadáveres. Cada vez que Cruz voltava para casa sujo de sangue, simplesmente me lembrava dessa verdade.

—Sienna, seu pobre marido! Como você não cuidou de seus deveres de esposa? —Aurora censurou, sentada na sala de cinema comigo.

Estávamos tendo uma maratona de reality show de The Real Housewives, mas, na verdade, estávamos apenas fofocando e

colocando a conversa em dia. Ela estava viajando com Diego por toda a Europa desde nosso casamento e esta era a primeira vez que a via ou falava com ela.

—Oh meu Deus! Agora você também! Aurora, você deveria estar do meu lado.

—Estou do seu lado, sempre e para sempre. Mas... você viu como seu marido é? Como você pode resistir a ele? Ele é um garanhão.

—Já tenho um cavalo, não preciso de outro.

—Cruz provavelmente é bem dotado como um também.

—Aurora!

—O quê? Não tente fingir comigo, Sienna. Eu sei que você deu uma olhada.

Eu olhei de lado para ela.

—O quê? Nem mesmo quando ele está no chuveiro?

Eu ri, não pude evitar. Minha melhor amiga sempre tornou tudo melhor e extremamente divertido.

—Aurora, ele nunca está aqui.

—Oh... eu vejo você, garota. Você já pensou sobre isso então?

—Eu não disse isso.

—Você não precisava. Eu conheço você, Sienna Martinez...

—Uau, isso foi estranho.

—O que foi estranho?

—Você acabou de me chamar de Sienna Martinez.

—Eu sei, é o seu nome agora.

—Sim, acho que sim. Eu não sei, foi apenas estranho ouvir você me chamar assim.

—Talvez você devesse começar a se chamar assim com mais frequência. Você sabe... —Ela deu uma volta no ar com o braço. — Quando você está montando nele.

—Aurora! —Eu dei um tapa de brincadeira nela.

—Sienna, chega de besteiras inocentes. Eu não acredito nisso. Eu sei que você pensa sobre ele nu. Você quer saber como eu sei?

—Como?

—Porque você está pensando nisso agora! Eu posso ver isso escrito em seu rosto. Você pode odiá-lo, mas isso não muda o fato de você se sentir atraída por ele. Você teria que ser cega para não estar, e mesmo assim, garota, a voz dele... ai meu Deus! Fale obscenidades comigo, baby!

—Oh meu Deus. —Toquei minha testa, balançando a cabeça. —Não posso ter uma conversa séria com você.

—O que não é sério sobre essa conversa? Você ainda não consumou seu casamento. Seu pobre marido.

—Tanto faz. Estou fazendo suas prostitutas trabalharem horas extras.

—Você não sabe disso, Sienna. Você está apenas presumindo que ele tem outras por aí baseada em suas próprias inseguranças.

—Isso não é verdade.

—Então no que você está se baseando?

—Todos os mafiosos da minha família.

—Assim. —Ela encolheu os ombros. —Talvez ele seja diferente. Seus pais parecem ter um casamento feliz. Quero dizer, ele fingiu sua morte por ela. Olá! Boa moral familiar bem aí, querida.

—Os *homens de honra* não têm moral.

—Mas eles têm honra.

Mordi meu lábio, ela tinha razão.

—Você precisa me dar algumas informações, Sienna. Eu sei que você disse que vocês brigam o tempo todo quando ele está aqui, mas se isso fosse verdade, então por que você continua fazendo o jantar para ele? Você obviamente sente algo por ele.

Eu encontrei a felicidade na cozinha, uma característica que herdei de minha mãe. Eu era italiana, era o que fazíamos, encontrávamos alegria nisso. Eu também era uma ótima cozinheira. Quando morava com meu pai, sempre cozinhei para ele. Era algo que minha mãe sempre fazia por ele e depois de sua morte prematura, assumi esse papel. Tínhamos governanta, cozinheira e equipe completa, mas eu estava acostumada a fazer o papel da dona da casa.

Preparava o jantar todas as noites, deixando um prato de comida no fogão para Cruz. Nem percebi que estava fazendo isso porque tinha feito por tanto tempo pelo meu pai, parecia uma coisa natural a fazer, tornando-se parte da nossa rotina. Eu acordava e encontrava um prato vazio na pia. Quando a comida ainda estava no fogão, eu sabia que ele não tinha voltado para casa. Eram os dias mais longos, me preocupando com ele.

Se ele estava bem.

Doente.

Vivo...

Eu era apenas humana, era natural para mim ficar preocupada. Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesma.

—Eu não sei. Estou acostumada a cozinhar para duas pessoas ou para uma casa cheia de tios. Eu não saberia cozinhar para uma pessoa mesmo se tentasse.

—Você é uma grande mentirosa. Na verdade, eu posso ver seu nariz crescendo. Você vai ter que se confessar amanhã por todas as mentiras que você me contou hoje.

Suspirei, ela era implacável. —Tudo bem, certo? Gosto de cozinhar para ele. —Admiti pela primeira vez em voz alta e para mim mesma. —Não acredito que acabei de dizer isso.

Ela zombou: —Mas por que, se você o odeia? Oh! Eu sei! É porque você não está mantendo as bolas dele vazias, então você está compensando mantendo a barriga cheia?

Eu comecei a rir, caindo no encosto do sofá. Ela sorriu, satisfeita consigo mesma.

—Você sabe o que dizem, Sienna. Um homem que come costeletas de primeira em casa não se contenta com cachorro-quente de fast food, por mais faminto que esteja.

—Quem diz isso?

—Mulheres sábias que possuem metade de tudo, como você. Enfim, de volta à conversa. O que mais está acontecendo? Hã?

—Bem... há uma coisa.

—Jesus, menina, eu estive aqui o dia todo. Diga logo, já estou envelhecendo apenas esperando a informação. O quê?

—Bem, não sei quando começou, mas já está acontecendo há algumas semanas.

Ela comeu mais um pouco de pipoca, toda sua atenção focada em mim.

—Certa noite, adormeci no sofá e devo ter dormido bastante porque não me lembro de ter sido movida.

—Movida? O que você quer dizer com movida?

—Acordei dormindo na minha cama.

—Cruz carregou você?

A expressão em seu rosto ficou surpresa quando respondi...

—Sim.

CAPÍTULO 27

Sienna

—Ele acordou com você na manhã seguinte?

—Não.

—Ok... você perguntou a ele se ele a carregou para a cama?

—Não.

—Por que não?

—Não achei que isso fosse acontecer de novo.

—Mas aconteceu?

Eu acenei com a cabeça.

—Quando?

—Todas as noites desde então. Quero dizer, quando ele volta para casa, na verdade.

Ela ofegou. —Sienna! Você esperou a tarde toda para finalmente me dizer isso! Como você pode?

Eu ri.

—Ele acordou na cama com você desde então?

—Não, não dormimos na mesma cama, mas...

—Há um mas? Como sexo anal?

—Aurora! Não!

—Droga.

—Acho que ele me observa dormir.

Ela inclinou a cabeça para o lado. —É sério isso?

—Sim, estranho, certo?

Juro que senti sua presença durante as noites em que fui para a cama sozinha. Muitas vezes eu acordava sentindo como se ele estivesse por perto, me observando enquanto eu dormia. Mesmo nas noites em que ele me carregava para o nosso quarto, esperei que ele fosse para a cama comigo.

Ele nunca fez isso.

Ele sempre saía, fechando a porta atrás de si. Às vezes, durante a noite, eu acordava em pânico novamente, sentando no colchão. Apenas para levar um tapa na cara com a ilusão de um homem que não estava lá. Isso me incomodou.

Muito.

—Você disse algo a ele sobre alguma dessas coisas?

—Não.

—Por que não?

—Eu acho que... —Eu pensei por um segundo antes de deixar escapar. —Eu não quero que isso pare.

Ela ofegou novamente, mais alto dessa vez.

—Eu sei, certo? O que diabos há de errado comigo? Eu o odeio.

—Ódio é uma palavra muito forte.

—Aurora, nós brigamos o tempo todo.

Quando ele estava por perto, o que era raro, brigávamos como cães e gatos. Era eu quem sempre começava, mas não conseguia me conter. Eu estava irritada, me sentia abandonada e ficava mais deprimida a cada minuto que passava. Ninguém sabia quando sua irmã seria encontrada. Sempre que eu perguntava a ele como as coisas estavam indo, ele me excluía e me mandava embora. Dizendo que isso não era da minha conta.

Isso simplesmente alimentou minha animosidade em relação a ele.

—Isso não é brigar, Sienna.

—Não é?

—Não. Isso são fodidas preliminares e o dia em que vocês finalmente fizerem isso, puta merda! Vai ser puro fogo! Mal posso esperar para ouvir sobre isso! Estou tão feliz por você! Espere só até ter seu primeiro orgasmo! E, como já ouvimos falar, seu marido sabe como dar múltiplos.

—Ugh! Essa é outra coisa que me incomoda. Eu odeio que ele tenha estado com tantas mulheres. Muitas das quais eu conheço.

—Ele é um homem.

—Eu sei, mas ainda assim... isso me incomoda.

—Você está punindo-o por isso?

—Não. Espera. —Eu olhei para o ar. —Estou?

—Parece que você está punindo-o por alguma coisa. Talvez você precise descobrir isso. Porém, pelo amor de Deus, converse com seu marido! Você está casada agora, Sienna. Você também pode

tentar aceitar isso e encontrar um meio-termo. Conheça-o. Tornem-se amigos. Os melhores casamentos começam como amizades. Você precisa dar a ele uma chance e parar de afastá-lo, ou você vai continuar vivendo uma vida infeliz e solitária. A menos que ele traia seu pai ou alguém próximo a ele, você está amarrada a Cruz para o resto da vida. —Ela balançou a cabeça, tentando transmitir seu ponto de vista.

—Você não vai sair desse casamento, então pode muito bem tentar ser sua esposa. Você não pode continuar assim, não é saudável. Você está apenas se enterrando em uma cova prematura, e estou falando emocionalmente.

Morar nesta casa estava começando a me cobrar um preço. Eu nunca percebi o quanto eu realmente odiava estar sozinha. Sem ter escola, Aurora ou Massimo para me distrair, realmente percebi a ausência de pessoas ao meu redor. Em algum momento ao longo do caminho, encontrei-me desejando uma conversa e interação humana.

Sem rumo, passei meus dias vagando pela propriedade na esperança de encontrar Cruz. Que talvez pudéssemos conversar, embora tudo o que parecíamos fazer era discutir, porra. Eu quase nunca o via. Ele estava lá cada vez menos com o passar dos dias, nunca me dizendo para onde estava indo ou quando voltaria.

Eu inalei uma respiração irregular, sabendo que ela estava certa. —Não sei se acredito no amor, Aurora.

—Por que você diz isso?

—Se o amor pudesse conquistar tudo, minha mãe não teria morrido.

—Oh, querida... —Ela me abraçou com força. —Às vezes, coisas ruins acontecem com pessoas boas. Isso não significa que você deve perder a fé no amor.

—Não posso perder alguém que amo dessa maneira novamente. A única razão pela qual eu sobrevivi na primeira vez foi porque eu tinha que estar lá para meu pai. Quem estará lá para me apoiar se algo acontecer com meu marido?

—Sienna, você está partindo meu coração. Você terá a mim. E se vocês tiverem filhos...

Eu me afastei. —Não, Aurora. Não posso trazer crianças para este mundo. Eu me recuso.

—Você não pode deixar de viver a vida. Cada pessoa na Terra tem a chance de coisas ruins acontecerem com ela. Eu poderia sair agora mesmo e ser atropelada por um carro. A vida é difícil para todos. Pessoas morrem todos os dias. É o ciclo da vida. Você é uma das mulheres mais fortes que conheço, Sienna Contessa Martinez. Você não se entrega a nada nem a ninguém.

Eu balancei a cabeça, precisando ouvir isso. —Eu te amo.

—Veja... o amor não é tão assustador. É lindo se você o deixar ser.

Pensei no que Aurora disse pelo resto do dia depois que ela partiu. Pensando em tudo o que Cruz e eu nunca falamos. Incluindo o que aconteceu na nossa noite de núpcias. Como previsto, minhas tias invadiram a suíte na manhã seguinte enquanto eu tomava o café da manhã na varanda. Sem que elas soubessem, eu estava sentada a poucos metros de distância, mais uma vez sozinha. Elas tiraram os lençóis, rindo o tempo todo. Dizendo alguma merda sobre o quão bonito meu marido era e que elas só podiam imaginar o tipo de noite que compartilhamos juntos.

—*Oh, ser jovem e apaixonada.*

Foi tudo uma zombaria, uma farsa de relacionamento e casamento. Começando com nossa cerimônia. Qualquer coisa que eu precisasse ou quisesse era entregue diretamente nos portões deste inferno. Mesmo que Cruz se certificasse de que eu era bem cuidada, nunca realizou meu único desejo que não lhe custaria nada.

Companhia.

Por que ele iria querer ficar perto de você, Sienna, se você sempre é uma vadia com ele?

Não podia acreditar que passei uma tarde com minha melhor amiga e agora estava questionando tudo. Principalmente o que sinto por ele. Tudo que eu realmente queria ou precisava era que ele me fizesse companhia, mesmo que as palavras não fossem ditas.

Contra meu melhor julgamento, meu corpo ainda acordava na maioria das noites. Pensando que ele estava lá, me observando dormir. Toda vez que eu abria meus olhos para pegá-lo sentado ali, ele não estava.

Eu acho que o isolamento pode fazer você sonhar o que você realmente quer, e eu ainda o queria. Ao mesmo tempo, eu o odiava quando ele estava na minha presença. Minhas emoções eram muito confusas e desordenadas.

Por que sentia falta de um homem do qual eu não queria saber? Ou será que eu queria?

A parte triste foi que, pela primeira vez na vida, me senti segura. Com ele. O que me confundiu mais do que tudo.

Que porra é essa?

Antes de saber o que estava fazendo, passei pelo escritório dele. Consciente de que não deveria entrar lá, no entanto, entrei. A

partir do momento em que entrei em seu espaço, fui confortada de uma forma que não esperava. A sala imediatamente proporcionou algum tipo de contentamento. Seu perfume potente perdurava em cada fenda do vasto espaço.

Por que eu de repente sentia falta dele?

Por que seu cheiro me confortava quando eu pensava que não queria nada com ele?

Por quê? Por quê? Por quê?

Suavemente, corri meus dedos por sua mesa, sua cadeira, paredes e janelas. Caminhando ao redor de seu lugar sagrado até que eu estava tocando seu sofá de couro preto no centro da sala. Trazendo a almofada de couro até meu nariz, inalei sua colônia almiscarada. Ele deve ter dormido neste sofá na noite anterior, cheirava a ele.

Não sei o que deu em mim, mas me deitei. Imaginando-o ali, pensando em mim. Puxando o cobertor sobre o meu corpo, coloquei minha cabeça no travesseiro que tinha acabado de cheirar e comecei a ler meu livro. Evitando as emoções e perguntas que perseguiam meus pensamentos.

O dia rapidamente virou noite, como sempre acontecia quando eu era cativada por uma história de amor. Meus olhos começaram a se fechar e eu desmaiei. Apenas para, mais uma vez, sonhar com ele me observando.

Exceto que desta vez, eu não caí direto em um sono pesado. Em vez disso, meus olhos se abriram instintivamente.

Sem pânico.

Sem loucura.

Sem incertezas.

Eu tranquei o olhar...

Com ele.

CAPÍTULO 28

Sienna

Pergunta após pergunta atravessou minha mente, catapultando meus pensamentos através de uma espiral descendente de por que ele parecia tão destruído.

Seu cabelo estava desgrenhado como se ele tivesse tentado arrancá-lo. Ele ainda estava usando seu paletó, provavelmente tentando cobrir o sangue em sua camisa. Através de um olhar injetado de sangue, escuro e dilatado, ele olhou para mim com sentimentos inabaláveis. Trazendo à tona todas as minhas inseguranças sobre as quais falei com Aurora esta tarde.

Por um segundo, pensei que meus olhos estavam me pregando uma peça. Ele estava me mostrando todas as suas emoções, o que nunca havia feito antes. Recusei-me a abandonar este momento, tentando acalmar minha imaginação excessivamente ativa da única maneira que pude, inventando razões e desculpas para seu comportamento inquietante. Isso tudo era muito devastador e desconcertante.

Ele estava sentado na poltrona, perto do sofá em que eu estava dormindo. Seu corpo inclinado para a frente com os cotovelos sobre os joelhos, enquanto suas mãos estavam à sua frente em um gesto de oração. Uma garrafa de Bourbon presa entre eles. Por trás de seu comportamento frio, eu podia dizer que ele estava internamente lutando contra algo que nunca diria em voz alta.

Principalmente *para mim*.

Assim que meu olhar foi para o corte queimado em seu lábio superior, eu soube, porra.

—Você é um deles agora, não é?

Ele não se mexeu.

Ele não ficou tenso.

Ele não fez nenhum som.

Seu silêncio falava alto, ensurdecador em meus ouvidos.

—Por quê? —Eu questionei, precisando saber. Esperando ansiosamente que ele respondesse.

Desde criança, ouvia rumores sobre a iniciação da *La Famiglia*. Minha avó uma vez me disse que era apenas boato, não havia certeza em um conto de velhas esposas. Eu não acreditava até este momento.

—Você entende o que você fez, Cruz? Você nunca poderá sair agora. Eles são completamente donos de cada parte sua. O sangue deles corre em suas veias. Você é um deles para sempre. Não há como voltar atrás, você está ligado a eles para o resto da vida de agora em diante. Por quê? Por favor, apenas me dê uma explicação. Eu tenho que saber por que você voluntariamente desistiria de sua alma dessa maneira. Para quê?

—No dia em que perdi o foco, perdi minha irmã. Sinto-me atraído por você, Sienna. Tenho estado desde a primeira vez que coloquei os olhos em você. Eu odeio isso porque deixou Adriana vulnerável. Não vou cometer esse erro duas vezes. Custe o que custar, farei o que for preciso para encontrá-la.

—Há mais do que isso, posso ver em seus olhos.

—Você está certa. Eu sou um Martinez. Está no meu sangue. Não vou dar desculpas por quem eu sou, nem mesmo para *você*.

—E a minha vida, hein? Eu também estou presa agora.

—Sua vida *é* minha vida. *Até que a morte nos separe*. Você pode agir como se odiasse este mundo, mas eu sei a verdade. Também posso ver nos seus olhos, Sienna. Seu sangue é igual ao meu. Não tivemos uma infância normal. *Foda-se o normal*. A única razão pela qual você acha que odeia este mundo é porque seu pai não manteve sua mãe segura. Ela morreu debaixo do nariz dele. Isso não é ódio. —Ele falou com convicção: —É medo.

Eu não recuei, revelando mais verdades: —Ambos significam o mesmo para mim.

—Sério?

—Sim.

—Uma ova. Eu vejo você dormindo. Eu vejo você em paz. Vejo você sorrindo quando está ao sol, na piscina, no seu jardim de rosas. Eu ouço você cantarolando a canção do nosso casamento quando está cozinhando, fazendo a cama, caminhando pelos malditos corredores. Você ri quando está lendo ou assistindo filmes. Eu. Vejo. Você. Sienna Martinez. Você pode me odiar, mas não tem medo de mim... então, sim, são duas coisas completamente diferentes.

Eu o confrontei: —Como você sabe tudo isso?

—Não faça perguntas estúpidas para as quais você já sabe as respostas, Princesa.

A coragem desse homem!

Eu pulei do sofá. —Eu sabia! Você esteve me observando!

Jogando a garrafa de licor do outro lado da sala, ele se lançou para frente com o rosto a centímetros do meu. Sua mão forte e calejada agarrou minha garganta com autoridade enquanto ele pairava sobre meu pequeno corpo. O vidro se estilhaçou contra a parede oposta, produzindo um som estrondoso que reverberou no fundo do meu núcleo. Como se tivesse sido eu quem colidiu com ele.

A dinâmica entre nós sempre foi de fogo e gelo, e metade do tempo eu não sabia qual de nós estava de que lado.

—Quantas vezes eu tenho que te lembrar, não levante a porra da sua voz para mim? Mesmo o mais paciente dos homens teria enfiado o pau na sua boca para calar você!

Sua reação não me perturbou nem um pouco. Eu tinha visto meu pai virar a mesa quando sua refeição não estava bem preparada.

—Isso é uma ameaça? Não tenho medo de você. —Frisei, ficando mais ereta.

—Isso é claro pra caralho.

Eu podia sentir seu hálito quente em meus lábios enquanto seu peito arfava de raiva. Seu aperto aumentou ligeiramente e depois diminuiu. Em meio a seu temperamento e movimentos bruscos, não pude deixar de notar que ele estava sangrando em seu curativo improvisado na perna direita. Meu olhar se deslocou rapidamente para o rasgo na lateral de sua calça.

—O que aconteceu?

Movendo a cabeça de um lado para o outro, ele soltou meu pescoço. —Maldito dia ruim.

Eu estremeci, entendendo as ramificações daquelas três pequenas palavras. Incapaz de controlar minha resposta, meu corpo se moveu por conta própria, caindo de joelhos na frente dele.

—Que porra é essa? —Ele murmurou, recuando pelo meu movimento ousado.

—Oh meu Deus. —Procurei seu ferimento. —Você levou um tiro?

Não permitindo que mais nenhum de seus sentimentos fosse visto ou ouvido, ele rudemente se afastou de mim e caminhou em direção à porta.

—Não é da sua conta, porra.

—Não é da minha conta? —Eu rebati, levantando-me enquanto o observava mancar para fora da sala.

Eu não poderia fazer isso por mais um segundo.

O empurrar e puxar.

A guerra sem tréguas.

Muitas frustrações reprimidas nos últimos três meses.

Sua distância.

Seu ressentimento.

Sua anarquia de uma vida ligada à minha.

Sem pensar, movida por pura emoção e adrenalina, gritei alto e claro. —Eu sou sua esposa!

Assim que as palavras saíram da minha boca, ele parou no meio do caminho. Meus olhos se arregalaram, reconhecendo o

significado do que tinha acabado de anunciar. Foi a primeira vez que reconheci o que era para ele.

Não havia como me conter, eu cuspi fogo rápido. —Você acha que eu não sei que você se ressentia por sua irmã ter sido levada? Você acha que sou estúpida o suficiente para pensar que você queria se casar comigo por outra coisa senão vingança? Eu sei a verdade! Você queria me punir! Você acha que é minha culpa que você a deixou! Se não fosse por mim, ela ainda estaria aqui e não estaria desaparecida, porra!

Sem resposta.

Nada.

Para o inferno com isso e sua indiferença.

Peguei o vaso da mesa de centro e joguei em sua direção. Cacos de vidro estilhaçaram na parede à sua frente.

—Eu também posso jogar coisas!

Em um turbilhão de paixão e fúria, girei ao redor da sala destruindo tudo em meu caminho. Minha determinação estilhaçou em um milhão de pedaços, imitando o vidro.

Liberando a raiva.

A culpa.

Os sentimentos que eu tinha por ele.

Eu não conseguia acompanhar o tormento, tudo clamava por espaço em minha mente. Prendeuse em mim como correntes em volta dos meus pés, me arrastando para o purgatório com ele. Eu invadi seu escritório, meus pés descalços pisando por toda a parte, deixando montes de nossas besteiras no meu rastro.

—Sienna, chega!

—Não!

Eu detestava que me dissessem o que fazer.

Meu pai.

La Famiglia.

Ele.

A parte sensata do meu cérebro foi feita refém da parte irracional. Eu permiti que meus sentimentos fossem sentidos pelo meu marido, querendo que minha voz fosse ouvida. Mesmo que isso significasse que eu estava parecendo uma lunática furiosa. Ele precisava reconhecer que eu não era a garotinha frágil que ele toalmente pensou que eu era. Eu não o deixaria pisar em mim sem me defender.

Se ele pensou que eu pularia com cada comando seu, latindo ordens como se eu fosse um animal de estimação com quem ele pudesse brincar ou repreender quando quisesse, ele estava muito enganado. Vigilantemente observando cada movimento meu, ele ficou lá, em sua estatura dominante, com uma expressão neutra que eu queria arrancar de seu rosto. Quanto mais eu destruía seu escritório, mais indiferente ele se tornava. Sua postura era fria, perfeita, sem vacilar um centímetro.

Meu desafio veio na forma de sua capacidade de me tratar como se nada do que eu fizesse ou falasse realmente importasse. Especialmente neste momento acalorado, em que eu não conseguia parar o caos para o qual estava me catapultando. Nossas vidas desabaram sobre mim, e eu acrescentei ao caos e à desordem permitindo que minhas emoções tomassem a melhor parte de mim.

Joguei arquivos de sua mesa.

Arranquei arte das paredes.

De uma só vez, com força, derrubei todos os enfeites da lareira. Eles atingiram o piso de madeira sob meus pés, se espatifando em mais destroços.

—O que é necessário para você me mostrar algo? Qualquer coisa! Isso. —Eu apontei firmemente para ele. —É por isso que eu não queria ter nada a ver com você! Não posso estar em um casamento onde meu marido esconde tudo de mim. Incluindo o que ele está sentindo!

Quatro seguranças invadiram a sala como morcegos saindo do inferno, trazendo seus olhares intensos para mim e depois para ele.

—Perdão, chefe. Nós pensamos...

—Minha esposa decidiu redecorar meu escritório. Como você chamaria isso, querida? Resolver conflitos conjugais provocados pela TPM?

Meu queixo caiu e minha mão agarrou a próxima coisa que vi de sua mesa.

—Você joga isso. —Ele zombou com um tom áspero. —E eu coloco um ponto final em ser culpado por todas as coisas arruinadas em sua vida. Acredite em mim quando digo, Sienna, farei sua linda bundinha pagar por isso. Eu prometo.

Eu recuei, pega de surpresa com o porquê da importância repentina disto. De tudo que destruí na sala, o que eu estava segurando?

Pelo canto dos olhos, tive um vislumbre de mim mesma.

—O que...

Olhando para o que estava em minhas mãos, eu fiquei à beira das lágrimas. Nunca imaginando que estaria vendo...

Uma foto minha com meu vestido de noiva.

CAPÍTULO 29

Sienna

—Esta é a única foto que tenho de você do dia do nosso casamento que você não parecia infeliz pra caralho.

Eu estava hiperventilando, meu peito subia e descia cada vez mais rápido. Meu coração batia cada vez mais forte. A veia do meu pescoço latejava, doendo contra minha pele úmida. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, nada mais que eu pudesse dizer. Eu estava perdida.

Eu não me sentia mais nada além de completamente perdida, porra.

—O que você está fazendo comigo?

Ele acenou para que os seguranças saíssem e eles o fizeram. Mais uma vez, estávamos sozinhos. Exceto que desta vez, todos os nossos demônios estavam presentes. Sentados sobre nossos ombros, esperando para dividir e conquistar.

Cruz bufou, inspecionando meu trabalho de onde ele estava. Ele balançou a cabeça, sua decepção se infiltrando em minha pele.

—Isso. —Ele gesticulou ao redor da sala. —É a merda para a qual eu volto para casa, dia após dia, após dia. Eu te trato assim, Sin? Eu desrespeito você em sua própria casa? Em seu lugar de refúgio? Eu entro e atormento você? Não. Não faço isso. Estou tentando te amar, Sienna, mas você torna muito difícil estar perto de você. Estou exausto tentando me provar para você. Eu não sou um santo, mas você não quer um maldito maricas. Você quer um homem. Alguém

que a coloque em seu lugar. Mantenha sua maldita atitude sob controle, porque Deus sabe o quanto você é briguenta. Você afirma ser minha esposa... então comece a agir como uma.

Eu engoli em seco.

Amar? Ele me ama?

—Você nem sequer me conhece. Por que eu deveria acreditar em você quando diz que está tentando me amar? Você nunca está aqui. O que você faz por mim, *marido*? Você não comprou este teto sobre a minha cabeça. Você não comprou nada para mim nesta casa, *nossa casa*. Tudo isso foi dado a nós, apenas entregue sem pedir por isso. Minhas roupas, meu carro, minhas joias. Jesus Cristo, até minha aliança de casamento. —Eu a segurei no ar. —Você não a escolheu para mim. Era da minha mãe. Este não é o *nosso* casamento, Cruz. É uma cópia a carbono de uma vida que eu nunca quis.

Eu estava prestes a admitir a verdade mais dura da minha infância.

—Não quero ter o casamento dos meus pais. Eles brigavam o tempo todo. Meu pai não era um mártir, ele traía, tinha outras mulheres desde que eu me lembro. Sim, minha mãe foi o amor de sua vida. Ela era seu anjo, mas ele não a respeitava. Ele fazia o que queria e esperava que ela ficasse de boca fechada pela vida que ele dava a ela.

Seus olhos ficaram vidrados enquanto ele ouvia cuidadosamente cada palavra que escapava dos meus lábios. Eu nunca havia compartilhado isso com ninguém, nem mesmo com Aurora. Era o meu segredo para guardar e, ainda assim, não pude deixar de contá-lo a Cruz. Eu tinha vergonha do casamento que meus pais tiveram.

Sim, houve muito amor. No entanto, também havia muito ódio. Foi a vida que vivi, nem tudo era beijos e felicidade. Foi principalmente trauma e cicatrizes.

—Amo meu pai com todos os ossos do meu corpo. Ele sempre foi o melhor papà, mas era um péssimo marido e levei muito tempo para perceber a diferença entre os dois.

Olhando para a foto, meu olhar demorou antes de continuar. —Minha mãe o amava muito, ela deu sua vida por ele, e eu não estou falando de sua morte. Eu nunca vou me permitir ser tão fraca, para deixar o amor me cegar do que eu quero e mereço. Você entende agora? Está fazendo sentido para você, ou você precisa que eu soletre?

—Princesa...

—O casamento deles tinha dois pesos e duas medidas em todos os aspectos. Ele tinha câmeras por toda a casa para observar cada movimento dela, embora ela não pudesse saber onde ele estava, com quem estava, a que horas voltaria para casa. Se... ele estava voltando para casa. Uma grande parte das minhas memórias da minha infância são baseadas em seu temperamento e pavio curto. Lembro-me de uma vez que um homem disse à minha mãe que ela era linda, e meu pai o jogou para fora da estrada e o espancou quase até matá-lo. Ele voltou para o carro e fomos jantar como se nada tivesse acontecido. Que merda é essa?

—Sienna...

—Oh! Mas o mais memorável era quando ele agredia ela. Minha mãe era forte, foi uma das razões pelas quais ele a escolheu como esposa. Ele sabia que ela poderia lidar com a brutalidade deste mundo. Você acha que eu sou briguenta? Você não tem ideia de quanta atitude ela tinha quando se tratava das infidelidades de meu pai. Ela incendiou o carro dele uma vez e depois acabou morrendo

em outro. A ironia, certo? Às vezes, a única maneira de calá-la era com uma mão pesada. E acredite em mim, meu pai tinha uma. —Eu hesitei por um segundo, organizando meus pensamentos.

—Acho que é por isso que ele nunca se casou novamente, ele sabia que nunca encontraria outra mulher para aturar suas atitudes, como minha mãe.

Ele deu um passo em minha direção. —Não faça isso. —Parei seus passos, ciente de que ele queria me confortar, e eu não estava pronta para aceitar sua solidariedade. Não contei tudo isso a ele em busca de compaixão. Na verdade, eu odiava me sentir impotente pela história da minha vida que estava compartilhando abertamente com ele. Achei que não tinha mais nada a perder, mas tudo a ganhar com essa conversa honesta.

—Eu odiava vê-los brigando. Às vezes, acho que ela queria morrer. Era sua única saída deste mundo. Você entra vivo, você sai morto, certo? Não é assim que funciona? —Eu balancei minha cabeça, tentando afastar uma das centenas de memórias que eu tinha. Controlando as lágrimas prestes a caírem de meus olhos.

—Meu pai sempre foi um homem muito egoísta. Exceto quando se tratava de mim. Eu era sua garotinha, seu orgulho e alegria. Ele me exibia tanto quanto fazia com minha mãe. Éramos sua vida inteira. Era um casamento tóxico, Cruz. Ele nunca, jamais me machucou, até que entrei em seu escritório há quatro meses e ele me disse que eu me casaria com você. Não, não disse. *Ordenou*. Esta foi a primeira vez que ele me usou como fez com ela para seu próprio benefício. Eu não queria odiá-lo, mas Deus me perdoe, eu odiei.

Eu não parei, não pude. Eu falei minha última verdade. —Eu vejo muito dele em você e isso me assusta demais. Prometi a mim mesma há muito tempo que não seria a esposa que fecharia os olhos

em troca de ter uma vida de luxo às custas da lealdade e do respeito de meu marido. Não vou dar minha alma a ninguém que não mereça, então pare de esperar que eu o faça.

Erguendo meu queixo bem alto, eu mantive minha posição. — Você tem que merecer isso. Simplesmente porque eu valho muito.

Eu disse isso. Não havia como voltar atrás. Estávamos presos no presente. O único caminho a seguir era em frente.

Juntos.

Ou separados.

Nossos olhares permaneceram conectados pelo que pareceu uma eternidade. Ele de um lado da sala, eu do outro. Minha bagagem no meio. Eu não daria um passo em sua direção se ele quisesse consertar as coisas entre nós, ele precisava fazer isso sozinho.

Em três longas passadas, ele estava parado em minha frente como se lesse meus pensamentos. Afastando o cabelo do meu rosto, ele olhou profundamente em meus olhos.

—Primeiro de tudo, vamos deixar algumas coisas bem claras, certo? Você entendeu tudo errado, Sin. Eu não estava tentando puni-la ao querer que você se casasse comigo. Eu queria você. Eu ainda quero. Nunca vou parar de te querer. Na noite da sua festa de formatura, você foi um presente ao entrar naquele salão. Eu observei você, e quando você finalmente veio até mim, eu sabia que precisava ter você. Embaixo de mim, em cima de mim, dentro e fora do quarto.

—Então é sobre sexo?

—Eu sou homem. É sempre sobre sexo. O autocontrole que tive com você nos últimos três meses poderia mover montanhas. Outra razão pela qual escolhi não estar aqui. Quero seu corpo tanto

quanto quero seu coração. Sua alma. Eu quero isso também. Posso parecer semelhante ao seu pai em muitos aspectos, mas também sou eu mesmo. O casamento dos meus pais não é nada parecido com o que você vivenciou com os seus. O sol nasce e se põe com minha mãe. Meu pai a idolatra, a adora desde o segundo em que pôs os olhos nela. Toda minha vida eu ouvi sobre o amor deles, da boca dos dois. É assim que me sinto em relação a você, Sienna. Desde o momento em que vi você entrar naquela sala, eu era seu.

Com as costas dos dedos, ele acariciou minha bochecha.

—Ela era sua salvação, seu lugar seguro, sua calma antes da porra da tempestade. A paz e o refúgio de que ele precisava para lutar neste mundo. E eu sabia, eu sabia, porra... você seria a minha também.

Em um movimento rápido, ele agarrou minha nuca. Antes mesmo de eu perceber o que estava acontecendo, ele estava beijando e afastando as lágrimas do meu rosto. Eu não percebi que estava chorando até que me agitei sob seus lábios, seu toque, meu corpo tremendo sob seu aperto firme.

—O mero pensamento de outro homem reivindicando você como dele, me fez entender o quanto você significava para mim. O quanto eu te queria. Não era ciúme, era uma maldita fome primitiva e, baby, estou morrendo de fome por você.

Mais lágrimas.

Mais beijos.

Mais. Mais. Mais.

—Quanto a esta casa, nós moramos aqui porque eu queria que você tivesse aquilo ao que está acostumada. A aliança de casamento... pelo amor de Deus, pensei... não sei o que diabos pensei. Vou

comprar um novo diamante para você amanhã, se isso for necessário para que você sinta que este casamento é nosso.

—Cruz. —Eu me afastei. —Não é sobre...

—Eu deixei você falar, agora é a minha vez.

Eu olhei para ele e ele sorriu daquela forma maliciosa.

—Não preciso trair você, Sienna, para me sentir mais homem.

Mordi meu lábio, tentando acreditar nele.

—Além disso. —Ele sorriu. —Sua personalidade italiana maluca é o suficiente para me fazer sentir como se eu fosse casado com várias mulheres.

Eu ri.

—Eu quero dar a você o que você precisa e merece, mas você não quer deixar, Sin. Você está disposta a lutar comigo por tudo. Não vejo você nas câmeras por nada além do meu prazer pessoal. Estou cuidando de você. Isso faz eu me sentir calmo em momentos de loucura. Seu sorriso, sua risada, sua voz terrível quando canta... É o que me faz continuar na maioria dos dias.

—Onde estão as câmeras?

Ele ignorou minha pergunta. —Eu nunca vou colocar a mão em você. Não com raiva. Não em vingança. Nem mesmo com a porra do meu temperamento. Seu pai e eu somos muito parecidos, exceto que eu não vou bater em um homem quase até a morte por ser ousado com você na minha presença, Sienna. Vou colocar uma bala entre os olhos dele, porra. *Você é minha*. Mesmo que eu tenha que matar para provar a qualquer um que não perceba que você é minha esposa. Seu sobrenome é sua proteção e se alguém quiser desrespeitar a santidade

disso, então vou fazer com que conheçam seu maldito criador. Você entende tudo o que eu disse?

Seus olhos continham tanta emoção.

Sua expressão sincera era quase difícil de acreditar.

—Porque, Sin. —Ele adicionou. —Eu adoraria mais do que tudo provar a você o quanto você possui cada parte de mim.

CAPÍTULO 30

Sienna

—Se você acha que eu estou de papo furado, baby, então jogue essa foto. Não importa para mim. Amanhã, quando você estiver limpando esta sala, vou me certificar de que ela esteja de volta à minha mesa. Perto de mim. Onde pertence.

Achei que ele fosse me beijar e estaria mentindo se dissesse que não fiquei desapontada quando ele tirou a moldura da minha mão e a colocou de volta em sua mesa.

—Com tudo isso dito, Sienna, a única coisa que está no nosso caminho é *você*.

—Senhor. —Um dos seguranças entrou na sala, me deixando desapontada.

Ele teria que me deixar agora, e esta era a realidade cruel do nosso casamento.

—Sienna, encontre-me no andar de cima em nosso quarto.

—Você está subindo?

—Foi o que eu disse.

—Você não está saind...

—Agora.

Relutantemente, lutei contra a abordagem rebelde a que estava acostumada com ele. Em vez de discutir, eu saí. Confusa sobre o rumo que as coisas tomariam a partir daqui. No caminho em direção

às escadas, parei na lavanderia para pegar o kit de primeiros socorros do armário de remédios. Depois de pegar o que precisava, fui direto para o nosso quarto. Tirei minhas roupas e entrei no chuveiro. Precisando desesperadamente de alguns minutos para mim mesma.

A sensação da água quente era incrível, derretendo o estresse com o qual meu corpo estava sobrecarregado. Devo ter perdido a noção do tempo, minutos se transformaram em uma hora antes de eu sair de lá e pegar uma toalha quente do suporte aquecido. Eu me sequei, vestindo minha camisola de seda e robe. Escolhendo, no último segundo, amarrar meu cabelo molhado em um coque bagunçado no alto da minha cabeça.

Quando eu entrei no quarto, Cruz estava desmaiado na cama. Fiquei surpresa por ele estar em nosso quarto, quanto mais dormindo no que deveria ser nossa cama matrimonial. Eu fiquei lá, achando graça em vê-lo deitado no meu lado do colchão, no entanto.

Esta foi outra novidade para nós esta noite.

Sorrindo como uma idiota, eu sabia que ele fez isso de propósito. Provavelmente pensando que o acordaria e quem sabe o que viria disso.

—Cruz. —Murmurei baixinho, de pé ao lado da cama com o kit de primeiros socorros em minhas mãos.

—Mmm...

—Eu tenho que verificar seu ferimento.

Ele gemeu sonolento: —Estou bem.

—Suas calças estão sangrando.

—Um pouco de sangue nunca fez mal a ninguém, mas *you* pode acabar sendo a minha morte.

—Cruz, estou falando sério. Ou você se levanta, ou o álcool e água oxigenada que estou prestes a derramar farão isso por você.

Com os olhos ainda fechados, ele sorriu. —Você vai me despir?

—Você precisa que eu faça isso?

—Mmm hmm, afinal sou um homem ferido.

—Eu pensei que um pouco de sangue nunca faria mal a ninguém.

—Oh, então você presta atenção quando eu falo. E eu aqui pensando que entrava por um ouvido e saía pelo outro.

—Oh não, com certeza, sim.

Ele riu, desafivelando o cinto e as calças. —Estou tão fraco, Sienna. Acho que você vai ter que assumir e puxá-los para mim.

—Você honestamente acha que isso vai funcionar?

Abrindo seus olhos, só havia malícia por trás de seu olhar. —Você já segurou uma arma, Sienna?

Eu levantei uma sobrancelha, curiosa para saber aonde ele queria chegar com isso. Nossas brincadeiras geralmente estavam em tudo, e eu estava começando a cobiçar todos os lados desse homem.

O bom.

O mau.

O perigoso.

Todos eram qualidades atraentes.

—Se você não fez isso. —Ele persuadiu, totalmente ciente que eu não tinha. —Então, meu pau seria um bom lugar para começar, considerando que ambos estão carregados pra caralho e têm mais de 23 centímetros de comprimento.

Meus olhos se arregalaram.

—Garanto que não há nada a temer.

—Como passamos de limpar sua ferida para segurar seu pau?

—Diga pau de novo. Exceto que desta vez abra seu robe, para que eu possa ver o que está escondido aí dentro.

—Ouça, *idiota*, eu sei tudo sobre você balançando sua arma.

—Então você sabe como sempre me certifico de acertar o alvo certo. Não é uma coisa fácil de fazer, mas sou hábil o suficiente para encontrar o local que fará você implorar por misericórdia.

—Não sei o que é pior, não ter certeza se você ainda está falando sobre uma coisa ou outra.

Ele sentou-se, colocando os braços atrás da cabeça. Afundando arrogantemente no edredom embaixo dele.

—Suas palavras me ofendem, o que você acha que eu sou? Sou apenas um homem com um buraco na perna.

—Está mais para buraco na sua cabeça.

Ele acenou com a cabeça em direção a sua virilha. —Há um buraco lá também. Se você mirar em sua boca, o acaricie algumas vezes, e ele vai disparar porra por sua garganta.

Eu ri, balançando minha cabeça. —Sim, e há um buraco no seu coração também, certo?

—Não, baby, não pode haver um buraco em algo que não está lá.

Ignorei seu comentário, não querendo estragar este momento. Inclinei-me, agarrando a bainha de sua calça e comecei a puxá-la. Não achei que sua brincadeira arrogante pudesse ficar pior.

Eu estava errada, aprender muito rápido parecia ser um tema recorrente entre nós. Assim que a calça passou por sua bunda, seu pau se projetou para fora.

—Oh meu Deus. —Eu imediatamente olhei para o chão. —Você não usa cueca?

—Minhas bolas gostam de respirar. Está tudo bem, Princesa, ele está apenas dizendo olá.

Eu fechei meus olhos, eu tive que fazer isso. Senti meu rosto ficar vermelho brilhante, acho que ele não estava mentindo sobre os vinte e três centímetros. Não era assim que eu imaginava que essa noite seria, embora eu não estivesse reclamando.

—É a primeira vez que você vê um pau, Sin?

—O que você acha?

—Acho que se você me disser que não, vou atirar no pau de outra pessoa.

—Outra pessoa? Você já fez isso antes?

—Olhe nos meus olhos quando eu estiver falando com você.

Eu não seria capaz de ouvi-lo dizer essas palavras novamente sem pensar sobre esse encontro. Antes, eu pensava que odiaria para sempre essa frase, agora... eu ficaria molhada ao ouvi-lo dizer isso.

—Então enfie seu pau nos lençóis. —Eu respondi, lamentavelmente tentando me livrar do meu constrangimento.

—Sienna, você é minha esposa. A única vez que você pode me dizer para enfiar meu pau é quando eu estiver enterrando-o dentro da sua doce e linda boceta.

—Oh meu Deus. —Eu toquei meu rosto.

—O que há de errado baby? Estou deixando você com calor?

—Eu só quero cuidar da sua perna.

—Se você olhasse para mim em vez de para o chão, veria que minha coxa já está costurada. Seu pai chamou o médico dele.

—Ugh... por que você não disse isso antes?

—Eu não pude resistir a ver se você era do tipo que fica toda vermelha. Eu tinha razão.

—Você é horrível.

—E você é adorável pra caralho. Meu pau está duro só de ver sua inocência se manifestar em minha frente.

Eu olhei para cima, fixando meu olhar no dele.

—Eu não sou tão inocente.

—Entendo, então você quer mais sangue em minhas mãos?

—De quem será o sangue? Dele ou meu? —Eu lancei a isca, jogando verde, apenas querendo ver o quanto ele poderia realmente achar que meu blefe era verdade.

A declaração mal saiu da minha boca antes que ele agarrasse meus pulsos e me arrastasse para cima dele em um movimento fluido.

Eu gritei, não antecipando sua reação. Minha barriga vibrou e minhas coxas apertaram. Eu resisti ao desejo de esconder meu rosto em seu peito quando senti seu pau duro contra meu núcleo.

—Mmm... —Ele gemeu, fazendo-me sentir todos os tipos de coisas que nunca senti. —Você fica muito bem em meus braços.

Seus lábios estavam a centímetros dos meus e eu juro que pensei...

Era agora.

O momento em que ele me beijaria novamente e tiraria essa dor que ele estava criando dentro do meu corpo. Achei que ele fosse dar o primeiro passo, mas ele não deu. Ele me observou com um olhar predatório, centímetro por centímetro seus olhos me absorveram. Havia algo mais lá também, algo que eu não conseguia identificar.

Luxúria.

Paixão.

Amor?

—Eu quero dormir com você exatamente assim. Quero sentir o peso do seu corpo em cima do meu. Quero acordar com você em meus braços todos os dias de agora em diante. Resumindo, Sin, eu quero você agora e para sempre.

—Você vai me beijar agora?

—Se eu te beijar, não vou parar.

—Quem está dizendo para você parar?

—Minha consciência.

—Oh, você tem uma?

—Eu tenho quando se trata de você.

—Eu pensei que você disse que eu era sua esposa e deveria estar agindo como tal.

—Você dormir em meus braços é um ótimo lugar para começar.

—Que tal me foder? Eu pensei que você queria isso também?

—Você está tentando me provocar?

—Está funcionando?

—Eu fodo, Sienna. —Ele respirou contra meus lábios em um tom áspero e direto. —É tudo que eu já fiz. Em bocas, bundas, bocetas. Eu não faço amor. Eu nunca fiz amor. Eu sou rude. Eu gosto de fazer com força. Puxo o cabelo, uso cordas, sufoco. Há algo sobre querer ver você à minha mercê que faz meu pau ficar muito duro.

Cordas? Como me amarrar?

—Eu estou sempre no controle, mesmo quando você estiver montando meu pau. Eu quero te foder com força, apenas para ter certeza de que você estará dolorida e, pronta para tomar mais. Tudo de mim. Desde o coração que não tenho, até a alma que vendi para ser seu, incluindo meu maldito pau explorando cada orifício em seu corpo. É preciso cada grama de controle dentro de mim agora, para

não tomá-la assim. É tudo que sei. Mas com você... —Ele passou levemente a língua ao longo do meu lábio inferior. —Eu quero mais. Não sei o que o amanhã trará. Nada na minha vida é garantido. Eu vou te proteger, dando meu último suspiro, se for preciso. Eu desejo você, anseio por você, e essas são coisas aterrorizantes para um homem como eu querer. Eu não mereço você, mas vou cuidar de você e nunca deixá-la ir. Até que a morte nos separe, Sienna. Você tem minha palavra.

—Promessa?

—Minha palavra é tudo o que tenho.

Suavemente, ele finalmente beijou minha boca.

Seus lábios eram suaves.

Ternos.

Convidando-me a me abrir para ele.

Meus lábios o fizeram sem que eu percebesse. A maneira como ele reivindicou minha língua, deixou meu corpo em chamas. Nós nos beijamos pelo que pareceram horas, perdidos um no outro.

Onde não havia violência.

Sem sangue.

Sem ódio.

Foi reconfortante.

Seguro.

Adormeci em seus braços, apenas para acordar sozinha na manhã seguinte.

—Cruz. —Sentei-me, procurando por ele no quarto. Ele não estava em lugar nenhum. No entanto, em seu lugar, havia um presente deixado ao meu lado.

Com um bilhete que dizia...

Você me faz querer ser um homem melhor.

CAPÍTULO 31

Sienna

Você pensaria que era Natal pela excitação que senti ao abrir a caixa turquesa da Tiffany. Com base em nossa conversa de ontem à noite, pensei que seria um novo anel, mas mais uma vez, Cruz provou que eu estava errada.

Eu ofeguei, perplexa pela ferradura incrustada de diamantes, brilhando fortemente contra o sol. Foi de tirar o fôlego. Não podia acreditar que ele tinha comprado isso para mim, significava muito.

Quando ele comprou?

Há quanto tempo ele o tinha?

Tirei o colar da caixa e corri para o banheiro. Eu queria colocá-lo enquanto me olhava no espelho. Passei em disparada pela porta, e parei completamente. Meus olhos se voltaram para o bilhete que estava colado na penteadeira.

Você está linda, Princesa.

O maior sorriso apareceu em meu rosto, não havia como esconder.

Vista-se. Tio Gino está esperando por você na sala.

Puxando o bilhete do espelho, coloquei-o no balcão, incapaz de conter minha excitação. Rapidamente, coloquei o colar, admirando o pendente no reflexo por alguns segundos, antes de correr para a porta. Ali, diante dos meus olhos, havia outro bilhete de Cruz.

Se você sair deste quarto vestindo aquela camisola, vai se arrepender. Eu prometo.

Eu podia muito bem ouvir sua voz autoritária, ecoando nas paredes e em minha mente. Não havia como negar que meu marido era um bastardo, e eu estava meio tentada a ver que tipo de punição ele aplicaria se eu não o ouvisse. Decidi não fazer isso, ansiosa demais para descobrir o que mais me esperava. Coloquei um shorts e uma regata, correndo para fora do nosso quarto e descendo a escada dupla no centro da nossa casa. Assim como Cruz informou, tio Gino estava sentado no sofá, lendo o jornal com uma xícara de café na mão.

—*Zio Gino!* —Exclamei seu nome, feliz em vê-lo. Eu não o via há algumas semanas.

—*Sienna, sei bellissima. Il matrimonio è d'accordo con te.* —Ele cumprimentou. —Sienna, você está linda. O casamento combina com você.

Jogando meus braços ao redor de seu pescoço, eu o abracei com força. —Estou tão feliz em ver você. Onde você esteve? Você não me visitou desde que fui às compras.

A única vez que tive permissão para sair de casa foi com meu tio ao meu lado. Ele ainda era o braço direito de *Papà*, mas Cruz não confiava em nenhum dos seguranças como confiava nele. Meu pai não tinha nenhum problema, ele se sentia exatamente da mesma maneira. Havia sempre um arsenal de seguranças ao nosso redor, embora o tio Gino liderasse o bando. Os homens ouviam todas as suas ordens.

Agarrando seu braço, começamos a caminhar em direção à porta. —Onde estamos indo?

—Se eu te contar, seu marido vai me matar.

—Ele não faria isso.

Ele riu, guiando meus passos até o carrinho de golfe estacionado no pavimento de travertino na entrada circular de nossa propriedade.

—Vamos entrar nisso?

—Sim.

Olhei para ele, confusa sobre para onde estávamos indo. Pela expressão em seu rosto, eu sabia que não havia esperança de obter detalhes sobre essa surpresa. Sentada ao lado dele enquanto ele dirigia, eu esperava ansiosamente. Esta era a primeira vez que estava dando um passeio em torno de nossa propriedade. Eu sabia que tínhamos uma quantidade obscena de terras fortemente protegidas, no entanto, foi um choque ver quanta terra nós realmente possuíamos e quantos seguranças protegiam nossas terras.

Tio Gino ligou o rádio e ouvimos um instrumental suave enquanto percorríamos o vasto rancho. Parecia que a cada poucos metros havia um segurança armado segurando um fuzil, em posição de sentido, protegendo-nos com sua vida se necessário. Sem perguntas, eles foram pagos para morrer, se precisasse. Seus rostos se misturavam e eu fiz uma nota mental para perguntar a Cruz quais eram seus nomes. A maioria dos homens que protegiam a propriedade do meu pai eu conhecia desde que era uma garotinha.

Alguns dos seguranças eu reconheci, outros não. Papà deve ter feito vários de seus seguranças virem proteger nossa casa. Por um minuto, fiquei nervosa por ele ter contratado novos seguranças para sua casa. Com essa insegurança, surgiu a realidade de que ele estava neste mundo toda a sua vida, ele teria cuidado com quem ele confiava.

Principalmente com sua vida.

O terreno era imaculado, o paisagismo surreal. Uma quantidade infinita de vegetação perfeita. As árvores, arbustos, grama eram do verde mais brilhante que eu já vi. Havia uma mistura de todos os tipos de flores que se alinhavam entre eles. Quando chegamos ao final da área cultivada, mais para trás da propriedade, meus olhos se arregalaram.

—Não... ele não fez. —Eu murmurei, pega desprevenida pelo que parecia ser a centésima vez nas últimas vinte e quatro horas.

Eu não podia acreditar em meus olhos.

—Seu marido terminou isso para você na semana passada. Ele queria que fosse feito até o seu casamento, mas os empreiteiros demoraram mais para conseguir o mármore importado e que as colunas fossem entregues.

—Oh meu Deus.

Tio Gino estacionou o carrinho de golfe em frente às enormes portas de madeira. Eu pisei em um caminho de pedra sob o arco da entrada. O cheiro reconfortante de couro suado, do feno, das aparas de pinheiro frescas, arreios e linimento. Sem esperar mais um segundo, abri as portas de estábulo personalizadas, revelando o teto abobadado muito alto com intrincados trabalhos em madeira nos arcos e nas paredes.

Segui para o amplo salão com piso de concreto preto. Meu queixo caiu quando me virei em um círculo completo, observando tudo ao meu redor.

As cores.

As decorações.

A sensação de uma casa espaçosa longe de casa.

Ele capturou tudo que eu poderia ter desejado sem nunca me perguntar.

Entrei na área principal mais elegante. O sol estava brilhando através de todas as janelas do espaço aberto, iluminando os enormes estábulos, onde bem diante dos meus olhos estava...

Massimo.

Meu Garanhão Negro.

—Tio Gino! Ele não fez isso! Massimo! —Eu gritei, correndo em direção a ele.

Ele me notou imediatamente e fez um grande alvoroço. Suas narinas dilataram-se, sua cauda balançou, relinchando sem parar até que eu estivesse ao seu lado.

—Meu bebê! Meu menino! Como você está? —Esfreguei minha bochecha em seu pelo macio, acariciando seu rosto. —Eu senti tanto sua falta. Você não tem ideia do quanto eu senti sua falta.

Ele me mordiscou com os lábios enquanto sua cabeça balançava para cima e para baixo. Mostrando-me seu afeto.

—Eu te amo, Massimo. Juro que quis te ver muitas vezes. Por favor, me perdoe. Eu pensei em você todos os dias.

Ele relinchou como se entendesse o que eu estava dizendo, ele entendeu. Tínhamos essa conexão.

—Há quanto tempo ele está aqui? —Perguntei ao tio Gino, que estava do lado de fora da baia, contente por eu estar tão feliz.

—Seu marido mandou trazê-lo esta manhã.

—Por que você não me disse que ele estava fazendo tudo isso?

—Não era minha informação para compartilhar.

—Então você sabia? Todo esse tempo?

—Cruz pediu ao arquiteto que projetasse seu estábulo como ele achou que você gostaria.

—Não acredito que ele nunca disse nada.

Pensei em todas as vezes que brigamos e eu o ataquei sem piedade. Sendo a maior vadia. Senti vergonha de tratá-lo da maneira que o tratei durante os últimos três meses. Eu gostaria que ele tivesse me dito, teria ajudado e provavelmente mudado muitas coisas.

—Este é o estábulo dos meus sonhos, tio. Como ele soube?

Ele encolheu os ombros. —Seu pai o deixou entrar em seu quarto uma tarde, enquanto você estava fora. Cruz disse que queria conhecer você. Acho que... ele queria.

Depois que minha mãe morreu, comecei a reunir uma coleção de todas as coisas que queria em minha vida. Ele deve ter encontrado meu livro de ilustrações. Durante os últimos dez anos, reuni recortes do estábulo dos meus sonhos. Era o único bem que eu queria mais do que tudo.

Fiquei admirada por ele realmente ter feito isso acontecer.

Eu mal podia esperar para montar Massimo. Pegando a almofada e a sela, coloquei-a nas costas do meu cavalo. Seus pés pisaram com a mesma excitação que eu estava sentindo.

—Eu sei, Massimo, também estou animada.

Eu inseri a embocadura em sua boca e me certifiquei de que era confortável para ele. Apertei as rédeas, repassando em minha mente a lista para um passeio seguro.

—Tio Gino, você se importaria de me levar de volta para a casa para me trocar?

—Não há necessidade.

Observei quando ele abriu a porta junto à baia de Massimo, apresentando-me mais uma surpresa. Havia um closet extravagante e enorme, com área de vestir e espelho de corpo inteiro. Todo o meu equipamento de equitação estava pendurado nas prateleiras, incluindo roupas e botas novas.

—Meu marido pensou em tudo.

Uau... Meu marido... Não acredito que acabei de chamá-lo assim para outra pessoa.

Como não tive paciência, peguei a primeira roupa que vi e rapidamente vesti. Em menos de cinco minutos, eu estava parada do lado esquerdo de Massimo, colocando meu pé no estribo para montá-lo. Acostumar-me a montar foi fácil, a expressão, “é como andar de bicicleta” era a mesma para um cavalo. Acenando para meu tio quando eu estava pronta, ele abriu a porta do estábulo.

Fiz um curto som com a boca, o comando para Massimo se mexer, e partimos como se nenhum tempo tivesse passado. Passei o resto da manhã e à tarde cavalgando pela propriedade, apreciando o quanto fui realmente abençoada. Cavalgando pelo campo, trotando e correndo, saltando sobre árvores caídas, admirando tudo o que a Mãe Natureza tinha para oferecer.

Meu dia estava completo, graças a Cruz. Além de sentir que esse era o melhor presente que ele poderia me dar, eu não podia acreditar que ele o escondeu de mim por tanto tempo. Eu o tratei tão mal e ele não merecia tudo de ruim que fiz a ele.

Com a brisa em meu rosto e o sol na pele, era tudo o que eu podia pedir e muito mais. A alegria que encontrei em estar com meu melhor amigo era difícil de expressar em palavras. Hora após hora passou voando, até que eu estava guardando Massimo para passar a noite. Nariz com nariz, colocando minhas mãos nas laterais de seu rosto, prometi a ele que voltaria na manhã seguinte e poderíamos fazer tudo de novo.

Tudo isso era possível...

Por causa do meu marido.

PARTE IV



CAPÍTULO 32

Alejandro Martinez

Entrei em uma igreja nas ruas chuvosas da cidade de New York. Um pé na frente do outro.

Deliberado.

Calculado.

Passos precisos.

Caminhando pelo corredor entre os bancos, eu segui meus demônios a um ponto sem volta. Gotículas de água caíram do meu terno no chão de mármore, por causa da tempestade lá fora. Eu imediatamente senti o julgamento dos anjos olhando para baixo nos vitrais da catedral.

O próprio Jesus Cristo estava pendurado na cruz à minha frente. O homem que morreu em nome de nossos pecados, enquanto eu ressuscitei em nome dos meus. Relâmpagos brilhavam através das janelas, dando um tom estranho sinistro quando o trovão soou, anunciando minha chegada ao reino do Senhor. Quase como se ele estivesse furioso por eu ter tido a audácia de aparecer em sua terra prometida.

Mais raios iluminaram com luzes estroboscópicas e os estrondos ecoantes soavam a cada passo que eu dava. Uma onda de culpa e vergonha caiu gradualmente pelo meu corpo como se Deus maldosamente jogasse água benta em mim. Ele banuiu minha alma e me expulsou de seu reino há muito tempo. Eu estava entrando

descaradamente em seu local de adoração para tentar salvar o que restava de minha humanidade.

Incapaz de continuar assim, eu precisava me arrepender.

Assim que cheguei ao final do caminho, fiquei na frente e no centro da igreja e inclinei minha cabeça em respeito. A última vez que estive aqui, foi quando minha mãe foi enterrada. As imagens de seu corpo sem vida ficaram comigo desde então. Eu ainda podia vê-la deitada em um elegante caixão de mogno vermelho ao lado do altar. Até Lexi entrar em minha vida, o cadáver de minha mãe foi a única coisa que vi em minha mente por muito tempo.

Um golpe diário na minha consciência.

Eu estava mental e fisicamente exausto, movendo-me puramente no piloto automático. Se eu parasse para descansar, não seria capaz de me levantar novamente. Desde que Adriana foi levada, eu mal dormia mais do que uma ou duas horas por noite. Cada segundo contava para que ela saísse viva. Esta não foi a primeira vez que vivenciei a perda de uma mulher em minha família. As mulheres Martinez morreram em meu mundo. Foi por isso que a abriguei com cada respiração do meu corpo. Rezando para que nunca chegasse a esse ponto, sabendo no fundo da minha mente que eventualmente chegaria.

O destino era vingativo desta maneira.

—Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. —Sussurrei, gesticulando com o sinal da cruz na testa e no peito antes de seguir em direção ao confessionário.

Em alguns passos, eu estava abrindo a porta e entrando no confessionário de madeira escura. Fechando a porta com cuidado atrás de mim, sentei-me no banco.

O Padre cumprimentou das sombras: —Boa noite, meu filho.
—Do outro lado da tela.

—Perdoe-me, padre, pois pequei. Já se passaram mais de seis décadas desde minha última confissão.

Não podia acreditar que me lembrava do que dizer. Meus pecados me enterraram vivo há muito tempo. O que foi ainda mais chocante foi que eu não explodi em chamas assim que passei pela porta da catedral. O diabo já foi um anjo, e talvez essa tenha sido minha graça salvadora.

—Prossiga, meu filho.

Eu zombei: —Tenho vergonha de quem sou e do que represento desde o dia em que matei por minha família. Minha irmã. *Amari*. Padre, eu não sou um bom homem. Durante a maior parte da minha vida, não fiz nada de certo e tudo de errado. Nasci em um mundo onde valia mais morto do que vivo. Fiz coisas das quais não me orgulho, vi coisas que jamais poderia ter visto, causei dor que não posso desfazer. Certo ou errado nunca importou até que eu conheci minha esposa. Desisti de tudo por ela.

—Continue.

—A primeira vez que matei um homem, tinha quatorze anos e não parei desde então.

Eu não precisava ver o rosto do padre para saber que ele estava surpreso com o que eu admiti. Verdade seja dita, era apenas o começo.

—Quando eu tinha dezoito anos, já havia assassinado mais homens do que havia perdoado. Alguns mereciam, outros não. A justiça sempre foi feita por minhas mãos. O perdão não faz parte do

meu mundo. Não consigo nem me perdoar pelos atos hediondos que cometi. Eu pertenço ao inferno, nesta vida e na próxima. Eu tentei, padre. Por mais de duas décadas, fui um homem honesto. Ser um bom pai e marido era tudo o que importava para mim até que minha filha foi levada. Foi muito fácil voltar para o que era natural desde o início da minha existência corrupta. Fui trazido a esta vida para seguir os passos dos homens que me precederam. Exceto... —Fiz uma pausa, organizando minhas memórias.

A realidade do homem que sempre fui.

—Eu não queria seguir ordens, então me certifiquei de que não precisaria. Eliminei os homens que tentaram me contrariar e tomar meu lugar como líder dessa depravação. Eu era o lobo, ou era a ovelha, certificando-me de que eu permanecesse como alfa para que as pessoas tivessem que se curvar aos meus pés. Se recusassem, pagavam com uma bala na cabeça ou no coração. Não havia limites do que fui capaz, padre. Eu matei por matar. Para me manter no topo. Inocente ou culpado, nada disso importava. Eu não tenho decência, era matar ou ser morto, e eu sempre escolhi o primeiro.

Inclinei-me, apoiando os cotovelos nos joelhos. O peso dos meus demônios me arrastando mais profundamente para a perdição.

—Tenho oitenta anos e já enganei a morte tantas vezes, que perdi a conta. Até que rapidamente me dei conta de que a morte seria muito boa para gente como eu. Ficar vivo, viver com as almas perdidas que tomei, é minha punição pelos pecados que cometi. Meu inferno é nesta terra, padre.

A lâmpada estalou acima da minha cabeça, arrepiando o cabelo em meus braços, e fazendo um calafrio percorrer minha espinha.

—Eu destruí famílias sem pestanejar. Assassinei inimigos apenas por me desrespeitarem. Fiz questão de ser temido para

continuar vivo e tenho visto meu filho fazer o mesmo nos últimos meses. Ele liderou o bando, exatamente como eu fiz durante várias décadas. Orei de joelhos para que ele encontrasse a paz de que precisa para viver a vida que está levando. Só que Deus parou de ouvir minhas orações no dia em que lhe virei as costas.

—Deus sempre perdoa, filho. Mas tem que começar por você. Continue.

Não hesitei, revelando o único pecado do qual nunca me arrependi. —Eu matei meu pai.

O silêncio foi ensurdecedor, até que ele finalmente disse: — Continue.

—Não tenho remorso por ter tirado a vida dele. Veja, ele ordenou a execução de minha mãe. Tentei fingir que era apenas mais uma consequência da vida que levávamos. Não era. Amaldiçoei Deus no dia em que ela morreu em meus braços, enquanto minha irmã e eu a víamos dar seu último suspiro. O funeral dela foi nesta igreja, padre. Esta é a primeira vez que piso aqui dentro desde então.

As memórias de sua cerimônia passaram pela minha mente. Me lembrando do que aconteceu na manhã de sua morte prematura. Um rolo de filme em repetição. O som de balas cruzando seu carro.

Os gritos.

O sangue.

O silêncio que se seguiu.

—Eu te odeio! Você me ouviu?! Eu odeio você! —Eu gritava para o Senhor por levar minha mãe para longe de mim.

Balançando a cabeça, afastei as memórias daquele dia.

—Minha irmã deixou a cidade depois do funeral de nossa mãe, mas não antes de me contar que estava grávida. Ela conhecia o mundo em que nascemos e me fez prometer que se algo acontecesse com ela, eu interviria e criaria sua filha. Seis anos depois, ordenei o assassinato de outro membro da família. Seu marido, meu cunhado, Michael. Eu o odiei desde a primeira vez que o vi. Eu sei ler as pessoas, padre. Foi assim que enganei a morte. Ele nunca a amou, ela era um prêmio para ele.

Fechei os olhos, pensando em outro lugar e época.

—Ele estava traindo minha irmã com a mãe de minha esposa, que mais tarde se matou por causa dele. Eu sei o que isso parece. Eu mesmo não acreditaria se não tivesse testemunhado tudo com meus próprios olhos. Amari era a melhor amiga da mãe de minha esposa, Sophia. Houve um tempo em que Sophia também significava algo para mim, mas ela era fraca. Tudo de errado para mim e para esta vida. Acho que Michael não amava nenhuma das duas. Ele não passava de um covarde, tentando ser um homem. A melhor coisa que saiu dele foi minha esposa. Para encurtar a história, ele abandonou Sophia quando descobriu que a engravidou de Lexi. Ameacei sua vida, se ele não confessasse tudo à minha irmã sobre seu caso e a criança. Dando a ele anos para contar a ela a verdade. Ele não... —Eu balancei minha cabeça, novamente inalando uma respiração profunda e sólida.

—Por isso, resolvi o problema com as minhas próprias mãos. Seguindo meu aviso, ele morreu em um acidente de carro. Mas minha irmã e sobrinha estavam com ele. Elas não deveriam estar com ele. Estava chovendo, semelhante a como está agora. —Eu zombei levemente. —Acredite em mim, padre, a ironia não passou despercebida por mim.

Outro raio caiu nos clareando com sua luz, fazendo parecer que o confessionário estava tremendo com o que eu estava confessando.

—Amari morreu por minha causa. Até hoje, neste momento, neste exato segundo... ela é o meu maior pesar por tudo que fiz em toda a minha vida. Minhas ações me comeram vivo desde o minuto em que soube de sua morte, que mais uma vez foi provocada por minhas mãos.

Uma única lágrima escorreu pelo lado do meu rosto, lembrando-me dela lá deitada, não mais cheia de vida, risadas ou amor.

Não estava mais cheia de nada.

—Ainda me lembro do dia em que tive que identificar o corpo dela no necrotério do hospital, como se isso estivesse acontecendo agora. Beijeí sua testa, esperando sentir seu calor, seu amor, sua alma, não senti nada disso. Ela era um cadáver gelado contra meus lábios. As últimas palavras que disse a ela foram: —Paz, deixo com você. Minha paz eu te dou. —Enquanto eu fazia o sinal da cruz sobre seu corpo sem vida. Antes que eu pudesse desmoronar e morrer junto com ela, eu saí e me entrei no quarto de hospital de minha sobrinha, Daisy. Ela era tão pequena, tão frágil, hematomas cobriam seu pequeno corpo do rosto às pernas. Havia máquinas conectadas em todos os lugares, enquanto ela estava inconsciente em sua cama de hospital. —Fiz uma pausa novamente, precisando de um segundo para me recompor.

Eu nunca havia compartilhado isso com ninguém além de minha esposa.

Ela sabia a verdade.

Meu anjo.

—O som do bipe do monitor cardíaco e o som sibilante rítmico do ventilador ecoaram ao meu redor. Enchendo-me de algum tipo de esperança. Às vezes, quando é tarde da noite, ainda posso ouvi-los. Ainda posso vê-la tão pequena e delicada, segurando seu cobertor favorito. O que eu havia mandado no primeiro aniversário dela.

Eu fui uma figura paterna horrível para minha sobrinha. Tentei compensar isso com seus filhos, no entanto, não consegui me perdoar por toda a merda que a fiz passar. Não importava quanto tempo passasse, quanto mais velha ela ficava. Eu ainda me lembrava dela como a garotinha que queria que eu a abraçasse e dissesse que tudo ficaria bem.

Recusei-me a mentir para ela. Em vez disso, eu a fiz pensar que o mundo era um lugar cruel, muito cruel.

Perdoe-me, Daisy. Eu só queria o melhor para você.

—Puxei uma cadeira ao lado de sua cama de hospital e sentei-me. Observando seu lindo rosto que me lembrava muito o de Amari. Alcançando a mão dela, eu a levantei e coloquei ao meu alcance. Minhas mãos eram tão grandes em comparação com as dela que as cobriam inteiras. Baixei a cabeça com vergonha pelo corpo ferido, machucado e cortado de Daisy. Soluçando pela última vez na minha vida. Dizer adeus à minha irmã foi a despedida final para o que restava do meu coração e alma, padre. Eu estava vazio por dentro. Era mais fácil desse jeito. Eu precisava desligar minha humanidade. Não queria mais sentir nada porque todos que importavam para mim tinham ido embora. Depois daquele dia, não havia mais nada de mim. Eu abracei o diabo. Não fiz apenas uma aliança com ele, padre. *Eu me tornei ele.*

—Filho, Deus trabalha de maneiras misteriosas. Por favor, continue.

—Eu cuidei de minha esposa desde o momento em que soube de sua existência. Eu a protegi, cuidei dela, amei-a quando não pensei que seria possível para um homem como eu amar alguém. Ela lutou por mim, e eu passei anos afastando-a até que não consegui mais. Fingi minha morte quando tinha cinquenta e oito anos, para estar com ela. Ela era muito mais jovem do que eu, vinte anos. Tive meu primeiro filho quando tinha cinquenta e oito anos. Nunca quis ter filhos, trazer vidas inocentes a este mundo. Eu fiz isso mesmo assim. Fingi minha morte para ter uma família. Para ser pai. Tudo o que eu não merecia. Eu aceitei de qualquer maneira. Sou um homem egoísta, padre. Minha vida por si só prova isso. Até sete meses atrás, eu não tinha matado ninguém por mais de vinte e dois anos. Eu pensei que esse mundo tinha ficado para trás. Achei que tivesse escapado do purgatório em que nasci. Achei que o sangue em minhas mãos, de todas as almas que eu possuí, estava finalmente limpo. Eu estava errado. Muito errado.

Eu balancei minha cabeça, sobrecarregado com todos os meus pecados.

—O amor me salvou, padre, mas o amor condenou meu filho ao mundo do qual lutei com tanta dificuldade para protegê-lo. Ele é meu pior pesadelo ganhando vida. Eu me vejo nele desde a primeira vez que o segurei em meus braços. Meu sangue só conhece a violência, e foi apenas uma questão de tempo para que meus genes fizessem efeito. A noite em que minha filha foi levada foi o que deu início a morte dele. Não havia como impedi-lo, ele tinha idade suficiente para fazer suas próprias escolhas. Para queimar no inferno ao lado de seu velho e dos antepassados dele. Eles convocaram Cruz,

e no final... eu perdi a batalha por sua alma. —Agora estou aqui, padre, querendo fazer a coisa certa.

—Você pode, filho.

—Estes são os meus pecados pelos quais me arrependo.

—Nosso Senhor Jesus Cristo, que deixou o poder a sua Igreja para absolver todos os pecadores que verdadeiramente se arrependem e creem nele, de sua grande misericórdia, perdoa as tuas ofensas. E pela autoridade que me foi confiada, eu te absolvo de todos os seus pecados.

—Amém.

—Dê graças ao Senhor porque Ele é bom.

—Sua misericórdia perdura para sempre.

—Seus pecados estão perdoados. Vá em paz, meu filho.

—Graças a Deus. Estou prestes a cometer mais pecados em nome da minha filha.

Fazendo o sinal da cruz, falei com convicção da minha própria execução...

—*Mesmo que isso me custe a vida.*

CAPÍTULO 33

Cruz

—Estou convencido de que você está em uma missão suicida. Se você pensou por um segundo que eu não teria percebido, você me subestimou.

Havia algo neste maldito idiota que me irritou desde o momento em que o vi na festa de formatura de Sienna.

—Você sabia quem era Adriana Martinez antes de participar do sequestro dela? Você sabia... —Eu me inclinei para frente, colocando meus cotovelos nos joelhos. —Estou tentando entender sua linha de pensamento. Eu não posso imaginar que você não viu como suas ações não trariam minha represália. Então me diga, Giovanni, onde ela está?

Estávamos no meu escritório no centro da cidade, tendo uma conversa particular. Sentei-me na poltrona enquanto ele sentou-se no sofá, em vez de estar amarrado a uma cadeira como nos meus interrogatórios habituais. Eu tinha que dar crédito, onde o crédito era devido. O homem tinha grandes bolas por não mostrar nenhum medo em minha presença. Ciente do fato, eu sabia a verdade e como ele contribuiu para o desaparecimento de minha irmã.

O idiota teve a audácia de sorrir. —Sua reputação precede você, Martinez. Você se tornou um verdadeiro diabo. Nos últimos sete meses, você matou mais homens do que qualquer pessoa em anos, tentando encontrar sua irmã. Eu posso ver por que... ela foi levada quando você deveria estar tomando conta dela. Qual é a sensação de ser promovido a isto. —Ele gesticulou ao redor da sala.

—Quando você era apenas o pau mandado do seu pai antes do sequestro dela. —Ele estreitou os olhos para mim, inclinando a cabeça para o lado.

Esperando.

Eu sabia o que ele estava tentando fazer. Ele estava jogando o jogo. Era fácil pegar quem estava mentindo, quem estava fingindo, quem estava blefando e quem apenas era um imbecil. A linguagem corporal de uma pessoa sempre me contava sua história.

Ele estava com medo, se entregando com os toques sutis de seus dedos no colo. Um movimento nervoso.

—O único pau mandado que vejo aqui é você.

—Só estou dizendo... —Ele deu de ombros. —Isso é um feito e tanto para alguém tão jovem.

—Só estou dizendo. —Eu zombei em um tom condescendente. —Se eu quisesse sua maldita opinião, pediria por ela, porra.

—Eu...

Não lhe dei chance de responder, pegando a pasta que estava sobre a mesa de centro e jogando-a em seu colo.

—Agora, aqui está uma pergunta que eu preciso que você responda antes de eu enviar meus homens à sua casa para cortar a porra da garganta da sua namorada. Ela está grávida, certo? —Eu arqueei uma sobrancelha. —Dois coelhos com uma cajadada só.

Sua mandíbula cerrou.

—Estou em posição de destruir toda a sua vida e ficaria mais do que feliz em pegar o telefone e fazer uma ligação. Uma porra de

uma ligação é tudo o que preciso para ter meus homens fodendo cada buraco no corpo dela, enquanto eu me certifico de que você estará assistindo. Então, vou perguntar mais uma vez, porra. Onde está minha irmã?

Estreitando seu olhar, ele me deu um olhar presunçoso. As expressões faciais sempre revelavam muito sobre uma pessoa. Os olhos realmente eram uma janela para a alma de uma pessoa. A energia de qualquer forma era comunicada através do olhar de um indivíduo. Nesse ramo de negócios, buscar esses sinais significava a sobrevivência do mais apto.

Nada mais.

Nada menos.

Quanto mais tempo eu ficava perto dele, mais eu aprendia sobre ele. Eu sorri, ignorando-o enquanto acendia um fósforo para meu charuto. Até mesmo compartilhar o ar que ele respirava estava me deixando mal do estômago. Sorvendo algumas baforadas profundas, soprei alguns anéis de fumaça na atmosfera densa.

—Foi tudo planejado? Você sabia... quero dizer, você não conseguiria encontrar seu próprio pau mesmo se estivesse em sua mão. Então, deixe-me reformular, os homens para quem você trabalhava sabiam que minha esposa seria a distração perfeita para pegar o que era meu?

—Eu não sei por que você está tão chateado. Veja a recompensa que você colheu. Sienna. Sua doce boceta virginal...

Não permitindo que ele falasse mal de minha esposa, eu me lancei para frente e agarrei sua cabeça. Esfregando a ponta do meu charuto direto em seu olho esquerdo.

—Ahhhhhh! —Ele gritou enquanto o sangue escorria por sua bochecha e o cheiro de carne queimada enchia o espaço entre nós.

Afundi mais em seu crânio até que finalmente recuei.

—Seu filho da puta! Meu olho! Meu olho, porra!

—Você está a um segundo de se tornar permanentemente cego. Agora, me diga onde minha irmã está, porra!

—Vá se foder!

Eu rosnei alto, agarrando sua cabeça novamente, antes de acertar seu outro olho.

—Por que você tem que testar minha mão às suas custas, seu filho da puta estúpido!

—Eu não sei onde ela está!

—Mentir para mim só desperdiça a porra do meu tempo!

Ele se encolheu, colocando a cabeça entre os joelhos. —Não consigo ver! Eu não consigo ver, porra!

—Não me diga! Você está prestes a nunca mais respirar se não começar a responder às minhas malditas perguntas!

Apertando as mãos na frente do rosto, ele ofegou por ar que não estava disponível para ser tomado. Observei com olhos fascinados, sem me mover um centímetro para ajudar o filho da puta.

—A última vez que soube, eles a tinham tirado do condado. Para onde eles a levaram? Preciso de um estado, uma cidade, uma maldita rua! Dê-me o que eu quero saber antes que eu pegue a porra do meu telefone!

—Não! Deixe-a fora disso!

—Já que você está tão interessado em desperdiçar meu tempo, permita-me acelerar o processo. —Não hesitei em ligar para um dos meus homens. —Traga-me a namorada de Giovanni. Agora!

—Certo! Ok! —Ele se rendeu como eu esperava.

Por mais que eu odiasse usar vítimas inocentes, isso fazia parte deste mundo cruel. Eu usava todos os meios necessários, não importando quem ou o que fosse. Os entes queridos sempre eram a melhor forma de isca ou garantia, era o que fazia este mundo girar.

—Sim! Foi tudo planejado! —Ele soltou, tentando recuperar o fôlego. —Só que eu não sei onde diabos ela está! Tudo o que me mandaram fazer foi afastar você de sua irmã naquela noite na festa. É isso aí. Eu não sabia que eles iriam levá-la. Eu juro! Por favor! Eu te imploro! Cancele seus homens!

Ainda ao telefone, rosnei: —Quem são *eles*?

—Não tenho certeza. Eu respondo a Vitale. Pergunte a ele!

—Vitale? Quem diabos é esse?

—Levante seu traseiro e descubra por si mesmo!

—Levantar meu traseiro? Levantar o meu traseiro?! Eu não tenho sido capaz de sentar minha bunda desde que minha irmã foi sequestrada!

Minha mente disparou com pensamentos.

Com culpa.

Com vergonha de todas as merdas por que passei pelas pessoas que mais amo.

Agarrei a frente de seu paletó, levantando-o do sofá com muita facilidade e batendo suas costas contra a parede. Seu corpo sacudiu com um baque duro, tirando seu fôlego por um segundo.

—Seu filho da puta de merda! —Eu fervei, atacando-o repetidas vezes com a ponta do meu charuto.

Desde seu peito, para seus braços, até cada centímetro que entrei em contato em seu corpo.

—Por favor, pare! Eu tive o suficiente!

—Eu ainda nem comecei! Me responda, seu filho da puta! —Eu joguei seu corpo pela sala.

Ele derrubou algumas cadeiras vazias, caindo sobre minha mesa antes de se levantar cambaleando. Limpando o sangue do rosto com as costas do braço, o imbecil realmente tentou me dar alguns golpes às cegas. Usando seu impulso, peguei um soco no ar com minha mão e virei sua bunda para bater seu corpo contra outra parede no canto do meu escritório. Fazendo a parede de gesso quebrar e cair sob nossos pés.

Imediatamente, ergui seu corpo fraco, empurrando-o com mais força contra a superfície. Puxando minha arma, aponte-a na parte de trás de seu crânio.

—Dê-me um motivo. Dê-me uma fodida razão pela qual eu não deveria estourar seus miolos?

—Você entendeu tudo errado! Se você não desistir, você será a razão da morte de sua irmã! Você está me ouvindo? A morte dela cairá sobre você!

Eu o deixei livre, dando um passo para trás. Ouvindo suas palavras se repetirem em minha mente, enquanto me agachava e pegava meu telefone do chão.

—Olho por olho, filho da puta. —Apertando o botão de chamada, dei a ordem. Fazendo o que tinha que fazer para provar meu ponto. —Pensando bem, não a traga para mim. Apenas corte a porra da garganta dela.

—Nãooooooooo!

Eu levantei minha arma e explodi a sua cabeça. —Quando você terminar com ela. —Eu disse ao telefone. —Venha ao meu escritório e limpe essa porra de bagunça. —Desliguei, para sempre condenado.

Eu era um homem mau, nunca afirmei ser outra coisa.

Quem diabos sabe o que sua namorada sabia, ter que amarrar pontas soltas significava a vida de minha família ou a deles. Os cadáveres não podiam falar ou buscar vingança.

Pisando em Giovanni, eu saí.

El Diablo nunca olhava para trás.

Eu estava exausto ao máximo, empurrando meu corpo cada vez mais à medida que os dias passavam. Apesar de Sienna dormir em meus braços na noite passada, não encontrei descanso por mais de uma ou duas horas. Mesmo assim, eu estava no limite. Não conseguia me lembrar da última vez que dormi bem ou profundamente. Nunca conseguia relaxar o suficiente para permitir que o sono assumisse o controle.

Não há descanso para os ímpios.

Os demônios que me assombravam nunca descansaram. Por mais cansado que eu estivesse, eles estavam lá comigo. Quanto mais perto eu chegava de encontrar minha irmã, mais difíceis as noites estavam se tornando. Um dia passava para o outro, eles estavam todos se misturando.

A única paz que eu tive foi fazer alguns progressos com Sienna na noite anterior. Gino me mandou uma mensagem com um vídeo dela quando viu seu estábulo e Massimo naquela manhã. Havia algo em observá-la que me trazia harmonia. De uma sala para a outra, seu rosto se iluminou, chocado com todas as surpresas que eu tinha para ela. Quando ela viu que eu havia trazido seu bem mais precioso para morar conosco, sua expressão quase me fez cair de joelhos. Minha esposa exagerou demais, na realidade.

Eu estava literalmente com ciúme de um maldito cavalo.

Durante todo o trajeto de elevador até o estacionamento, pensei em como era incrível a sensação do corpo dela em cima do meu. O cheiro de seu cabelo, a sensação de sua pele, o gosto de sua língua dentro da minha boca.

Ela era a perfeição.

Minha.

Tentando me acalmar com sua beleza e sorriso, assisti ao vídeo dela montando seu cavalo até o elevador apitar. Avisando que cheguei ao térreo. Meu tempo de tranquilidade não durou muito quando levei um tapa na cara com Gino em pé na minha frente assim que as portas se abriram.

Ele estava acostumado a me ver coberto com o sangue de outra pessoa, mas seus olhos se arregalaram quando ele percebeu

minha aparência. Olhando-me de cima a baixo com uma expressão que reconhecia muito bem. Familiarizado demais com ela.

Medo.

—Cruz...

—O quê?

—Sienna viu você?

—Quando?

—Agora mesmo. —Ele apontou e meu coração apertou.

—Por que Sienna me veria agora, Gino?

—Ela... eu... porra...

—Jesus Cristo, acabe com isso!

—Eu a trouxe aqui. Ela subiu para o seu escritório. Os seguranças voltaram, dizendo que ela disse a eles que ligaria quando estivesse pronta para sair. Fomos tomar um café já que ela estava com você.

Com um olhar agitado, questionei: —Você a trouxe aqui?

—Ela queria te agradecer por seu estábulo. Eu não sabia...

—Pelo amor de Deus! Onde ela está?

Ele balançou a cabeça nervosamente, todo o sangue drenando de seu rosto.

—Gino. Onde. Ela. Está?

—Cruz, se ela não está com você...

Nada poderia ter me preparado para o que ele diria a seguir.

Nem uma maldita coisa.

—Então ela se foi.

CAPÍTULO 34

Cruz

—O que você quer dizer com ela se foi?

—Cruz, nós...

—Foi embora? *Ou* foi levada?

Ele parecia que ia desmaiar, e não esperei que ele respondesse. Levantando meu telefone, liguei para seu segurança principal.

—Ei, chef...

Interrompendo-o, cuspi: —Onde ela está?

—Nós a deixamos no seu escritório.

—Você a deixou?

—Sim, ela... uh... ela pediu que fizéssemos isso.

—Desde quando você recebe ordens da minha maldita esposa?

—Senhor, eu pensei...

—Eu não te pago para pensar, porra. Seu trabalho é protegê-la!

—Chefe, eu... eu...

—Se eu não vir Sienna parada na minha frente em cinco malditos minutos, vou quebrar suas duas pernas com minhas próprias mãos. Você me entendeu?

—Sim...

Desliguei, fixando os olhos em Gino.

—Precisamos ligar para o Capo.

—O caralho que vamos.

—Cruz...

—Ei! —Eu rugi, apontando firmemente para ele. —Será a porra do seu funeral se não a encontrarmos. Eu a deixei sob seus cuidados, lembra? Ela era sua responsabilidade hoje.

Rapidamente, ele fechou a boca.

—Sim, foi isso o que eu pensei, porra. Por que você ainda está parado aqui, Gino? Vá. Procurar. Por. Ela.

Ele acenou com a cabeça fervorosamente, saindo da minha frente, antes que eu realmente perdesse a cabeça e mostrasse a ele o que acontece com os homens que me decepcionam. Só não fiz um buraco na cabeça dele porque ele era o braço direito de Luciano e, se não encontrássemos sua filha, ele mesmo faria isso.

Eu não podia voltar para o meu escritório, ainda estava um show de horror com o corpo de Giovanni.

Onde eu estava brincando de Deus, quando eu era realmente o Diabo.

Sienna não merecia uma vida cheia de violência, sempre olhando por cima do ombro, esperando que sua hora chegasse. Eu queria que ela vivesse uma vida de felicidade, uma vida que eu queria proporcionar a ela.

Segura.

Tudo que eu procurava era mantê-la protegida, porra. Três meses depois, e eu já a tinha perdido.

O que ela viu?

O que ela ouviu?

Onde diabos ela foi?

Eu estava com medo de responder às minhas próprias perguntas. A maior sendo...

Ela foi levada?

Eu não conseguia imaginar isso. Não ajudou as palavras de Giovanni ressoando em minha mente tanto quanto qualquer outra incerteza que eu tinha.

—Você entendeu tudo errado! Se você não desistir, você será a razão da morte de sua irmã! Você está me ouvindo? A morte dela cairá sobre você!

—Gino! Vou verificar a casa!

Saltando para o meu carro, acelerei de volta para nossa casa com o pensamento de que ela talvez tivesse voltado para lá. Sentindo-me um maldito fracassado o tempo todo, infringi todas as leis apenas para chegar até ela. Se algo acontecesse com ela por minha causa...

Minha irmã, e agora minha esposa.

Seria minha morte.

Graças a Deus, não demorou muito para chegar em casa. Deixando meu carro no estacionamento, segui para dentro de nossa casa. —Sienna! Sienna, você está aqui?!

Nossa propriedade era enorme e, durante os quarenta e cinco minutos seguintes, procurei de cima a baixo. Cada fenda, cada canto, cada maldito quarto.

Nada.

Ela não estava em lugar nenhum.

Corri para a garagem e pulei na minha moto, decidindo que seria mais rápido chegar ao estábulo dela dessa forma. O vento varreu meu cabelo, meu rosto, meu corpo inteiro, enquanto eu me sentia como se estivesse queimando vivo por dentro e por fora.

Parando completamente, gritei: —Sienna! —Em puro desespero antes de correr para seu estábulo. O pânico começou a tomar conta enquanto eu corria para dentro, passando pela soleira. —Sienna!

Ela também não estava lá. Apenas seu cavalo, Massimo.

Eu corri ao redor do terreno, amaldiçoando-o por ser tão enorme. Procurando em todos os lugares que eu poderia pensar apenas para encontrar o vazio. Lembranças de quando minha irmã foi levada voltaram à minha mente. Lembrando-me de como isso me fez sentir, perdendo a cabeça de um lugar para o outro. Pela primeira vez desde que minha irmã foi sequestrada, o medo começou a se manifestar. Estabelecendo-se profundamente dentro de meus ossos.

O lugar começou a girar, meu maldito estômago revirou. Agachando-me, não conseguia mais ficar de pé. Enterrei minha cabeça em minhas mãos, lutando por ar.

Meu mundo inteiro estava desabando sobre mim.

Novamente.

—Por favor... Deus... por favor, tenha misericórdia de mim.
—Orei descaradamente, não merecendo qualquer clemência.

Como se o Senhor acima respondesse às minhas orações, uma luz cegante de repente iluminou minha mente.

O telefone dela!

Peguei o meu da minha calça e liguei meu rastreador, localizando o dela.

Do nada, ele acendeu.

Brilhante.

Negrito.

Arrebatador.

Um endereço que não reconheci apareceu imediatamente, indicando que ela estava lá. Mais uma vez, sem seguranças ao meu lado, voltei para o meu carro. Caindo no assento, eu acelerei para fora da nossa garagem. Sem saber onde iria me meter, precisava estar preparado e liguei para Gino.

—Eu a encontrei. Encontre-me na Rumeli Road, 976. Traga todos os nossos piores homens. —Desliguei, tendo que me concentrar em chegar até minha esposa.

Acelerando a cento e dez.

Cento e quarenta.

Duzentos e dez no velocímetro da minha Ferrari, testando a potência do carro esportivo como se minha vida dependesse disso. Cruzando a rodovia, estradas secundárias, virando à esquerda, girando à direita, passando por cada maldito sinal vermelho. O motor na

aceleração máxima, o carro deu uma guinada, enquanto eu engatava a quinta marcha.

A adrenalina corria em minhas veias, queimando em meu corpo. Escaldante, fazendo-me sentir como um merda inútil. Minhas endorfinas dispararam, provocando meu ponto de ruptura. Tomou conta de cada centímetro da porra do meu ser.

Diminuindo para a primeira, dei uma derrapada desviando para a Rumeli Road, quase causando a porra de uma colisão com um caminhão. Os únicos sons que consegui ouvir foram os pneus cantando, quando parei completamente em frente ao que parecia ser uma igreja abandonada.

—Que porra é essa?

Peguei minha arma, saindo do meu carro em direção à entrada. Sendo extremamente cauteloso, para não ser ouvido. Ninguém deveria estar aqui se esta catedral estivesse fechada. Virando a esquina com minha arma firmemente segura em minhas mãos, apontei-a diretamente para o chão enquanto caminhava com cuidado pelo caminho longo e estreito. Ficando perto do prédio velho e desgastado.

É inteligente entrar nessas situações sem ser detectado. Pegar os filhos da puta de surpresa. Acabar com eles antes mesmo que saibam o que os atingiu. Era minha vida ou a deles, e neste momento...

Era Sienna na linha.

Que foi o que me trouxe a este lugar e tempo. Os minutos seguintes da minha vida aconteceram em câmera lenta. Quanto mais perto eu chegava da igreja, onde a porta estava entreaberta, mais a bile subia em minha garganta.

Eu estava sufocando com minhas próprias consequências.

Quantos homens eu matei em nome de *La Famiglia*, de minha irmã, e agora de minha própria esposa?

Eu não aguentava mais. Meu corpo inteiro parecia estar ficando sobrecarregado. Havia muitos pensamentos acontecendo ao mesmo tempo, e eu não conseguia controlar nenhum deles.

Uma eternidade se passou enquanto eu entrava, incapaz de chegar lá rápido o suficiente. Entrando pela porta dos fundos, apontei minha arma na direção do meu campo de visão. Em direção a uma figura sombria que acendia uma vela de joelhos diante de Deus.

Enquanto o diabo estava atrás deles.

Tirando o capuz do casaco, ela se virou.

A realidade do meu mundo me fez mirar minha Glock para o centro da...

Testa da minha esposa.

CAPÍTULO 35

Cruz

Lentamente, abaixei minha arma para o lado do meu corpo enquanto soltava um grande suspiro de alívio.

—Pelo amor de Deus, Sienna. Como você chegou aqui?

—Fiz uma ligação direta no carro do tio Gino.

—Então, onde está?

—Atrás do edifício. Eu o escondi fora de vista.

—Você tem alguma ideia do que você acabou de me fazer passar? Você ao menos se importa, porra? Ou você é tão mimada que não pensa em ninguém além de você mesma?

Com os olhos arregalados, ela se afastou. Balançando a cabeça, obviamente ofendida. —Por que você acha que estou aqui? Não é por mim. Embora, talvez eu devesse estar. Estou aqui por aquelas vidas inocentes que você mandou matar esta noite. Você me arrastou para o seu inferno e chamou isso de amor. Eu vi você. Eu te ouvi. Achei que sabia do que você era capaz, mas me enganei. Uma coisa é presumir e outra é ver com meus próprios olhos. Ouvir isso passando pela minha própria mente. Não posso acreditar que fui tão cega, pensando que você era diferente de todos os mafiosos que já entraram na minha vida.

—A verdade dói, baby.

—Seu bastardo sem vergonha! Ou devo dizer, assassino? Uma mulher inocente! Uma mulher grávida inocente! Como você pode?!

—Sou muitas coisas, Sienna, mas nunca menti para você. Em vez de me dizer besteiras... você deveria estar me agradecendo.

—Agradecendo a você? Pelo quê exatamente?

—Cada ordem que dou é para mantê-la segura! —Eu gritei, irritado por ter chegado a esse ponto.

Era apenas uma questão de tempo até que ela visse o meu lado que nunca tentei esconder dela ou de qualquer outra pessoa. Se ela não gostasse de quem eu era impiedosamente, ela teria que se acostumar com isso. Eu não mudaria por ela ou por ninguém.

—No final das contas, minha família vinha em primeiro lugar sobre tudo. —Eu dei um passo em direção a ela e ela deu um passo para trás. —O quê, baby? Você está com medo de mim agora? Você não estava com medo de mim na noite passada quando estava ofegante embaixo de mim, encharcando sua calcinha e se esfregando na porra do meu pau!

Ela não hesitou, dando-me um tapa na cara. —Você não pode falar assim comigo! Nunca!

Toquei o lado do meu rosto, sentindo a ardência causada por sua mão. Inclinando minha cabeça para o lado, eu rosnei antes de agarrar rudemente seu cabelo no canto do pescoço e puxá-lo para trás com força.

Pairando acima de seu pequeno corpo, eu rugi através de uma mandíbula cerrada. —Se você colocar suas mãos em mim novamente, eu vou...

—Você vai o quê? Bater em mim? —Ela atacou, seu peito subindo e descendo. —Eu pensei que você disse que não era como meu pai?

Eu a soltei, empurrando-a para longe de mim. Virando-me rapidamente, precisando de um minuto para me controlar e controlar o diabo. Não conseguia mais olhar para ela com amor.

Apenas raiva.

—Eu tenho sua atenção agora?

—Você tem minha atenção desde a primeira vez que coloquei os olhos em você, mas está perdendo meu respeito.

—Quer dizer que você realmente sente algo? Não achei que El Diablo fosse capaz.

Eu encontrei seus olhos.

—Na verdade. —Ela afirmou, levantando mais a cabeça. —A verdade é que vim para esta igreja porque pensei que seria o único lugar em que você não teria a audácia de entrar. Eu deveria saber, você não respeita a santidade de nada. Estou surpresa que você não tenha explodido em chamas no segundo em que passou pelo limiar do reino de Deus. Esta é a casa do Senhor. O Diabo não é bem-vindo aqui.

—Eu te seguiria para qualquer lugar. Do inferno ao céu, até a porra do paraíso, então você deveria ter pensado nisso antes de fugir como uma garotinha assustada. Se você não gostou do que ouviu e viu esta noite, é melhor parar de fazer perguntas sobre os negócios de seu marido. Não é pessoal, Sienna, são negócios. Mas fique tranquila, *esposa*, as coisas para as quais você deu total importância nesta noite são leves em comparação com o que um inimigo meu ou de seus pais fariam com você em qualquer momento.

Ela estremeceu, sabendo que eu estava certo. Eu podia ver nos olhos dela.

—Eu poderia lhe contar histórias que realmente fariam você me odiar. Embora, o que é mais desconcertante para mim é que você está de luto por um homem que estava te empurrando contra o parapeito de uma varanda, quando você não consegue nem mesmo foder com seu próprio marido.

Ela olhou para mim. —Ela estava grávida de um bebê. Um bebê!

—Não me diga merdas, Sienna. Quando ele se tornasse um homem, seria tarde demais. Eu não te protejo sendo legal pra caralho com ninguém. O inferno não tem a fúria como a de uma mulher desprezada. Você vê uma mulher grávida inocente, eu vejo vingança estampada nela. Você mesma disse, sua vida é mais valorizada do que a minha e estou me fodendo para de quem é o sangue que está em minhas mãos ou cuja alma eu tenho que tomar. Estou para sempre escravizado por demônios. Através das chamas, vou garantir que você viva até ter idade suficiente para atravessar os portões do paraíso. Nós dois sabemos que eu não estarei lá. Estarei apodrecendo no inferno por toda a eternidade, porque mantive você e minha família a salvo. Mas neste mundo. —Eu afirmei, apontando firmemente para ela. —Você é meu anjo e vou crucificar qualquer um que pense que é sua hora de cair.

—Não importa como você tente fazer isso, não quero ser a razão pela qual pessoas inocentes morrem. Me surpreende você pensar que eu não me importaria com o que você fez esta noite, quando você sabe que eu deveria ter morrido em um atentado com um carro-bomba. Eu tinha oito anos de idade! Uma criança inocente! E eu não busquei retaliação contra os homens que tiraram minha mãe de mim!

—Você não precisava, sua maldita pirralha ingrata! Seu pai fez isso por você!

—Claro que ele fez! Porque ele é igual a você! Um maldito criminoso que mata inocentes a sangue frio e justifica seus pecados culpando suas ações por noções preconcebidas de homens que são exatamente como ele! Chame as coisas pelos seus nomes, Cruz! É tudo uma merda! Você mata em nome da família porque você sente prazer pelo poder! O controle! Curve-se a mim ou então! Em nome do pai e do filho, assuma a responsabilidade pelo menos uma vez na vida! Se você tivesse feito isso, sua irmã não teria sido tirada de debaixo do seu nariz!

Ela estava brincando com fogo.

Queimando.

Em chamas.

Inferno.

Não havia como suprimir o diabo dentro de mim desta vez. Eu não pensei duas vezes. Em duas passadas largas, eu estava em seu rosto. Seus olhos dilataram quando eu saltei para frente, empurrando-a para trás contra o altar com minha mão sobre sua garganta. Seu corpo bateu na madeira envelhecida com um baque forte e alto.

Ela sibilou antes de rugir: —Vá para o inferno, Cruz.

Eu rosnei: —De onde você acha que eu vim? —Apertando minha mão em volta do pescoço dela, eu perguntei: —Você quer dançar com o diabo? Então prepare-se para queimar no inferno comigo. Eu nunca bateria em você, Sienna, mas não pense por um maldito segundo que não vou puni-la de outras maneiras por falar comigo como se eu estivesse abaixo de você. Se você mencionar minha irmã mais uma vez, juro em nome de tudo o que é sagrado para você, farei seu precioso cavalo pagar por isso.

Suas narinas dilataram-se. Eu não faria isso com ela, mas ela não precisava saber disso.

—Vidas inocentes foram tiradas desde o dia em que você nasceu, e isso não vai mudar simplesmente porque você acha que deveria. Você é Sienna Martinez, seu próprio nome significa a porra da morte. Eu não dou a mínima para o que você quer, Princesa. O que você pensa não faz diferença para mim. Eu vou te proteger de qualquer um! Exceto de *mim!* Você é minha esposa. Saiba o seu lugar, Sin, e se você não reconhecer que está orgulhosamente ao meu lado, terei prazer em lhe mostrar um lugar de joelhos!

O queixo dela caiu. —Você não passa de um mafioso do mal, fingindo ser um homem de verdade.

—Não, baby. —Eu me arrastei para frente, a centímetros de sua boca. —*Eu sou El Diablo.*

—E. Eu. Odeio. Você. Por. Isto.

Rugindo do fundo da minha garganta, engoli suas palavras com minha língua. Batendo meus lábios nos dela com necessidade e desejo, eu facilmente alcancei o fundo de sua garganta.

Reivindicando.

Marcando.

Fodendo sua boca com minha língua.

Pegando o que era meu e só meu.

Assim que a mente de Sienna percebeu meu ataque, ela tentou me empurrar.

—Renda-se a mim. —Manifestei contra seus lábios.

—Nunca!

Ela empurrou meu peito, uma e outra vez. Cada empurrão mais forte que o anterior. Mantendo meu aperto em torno de sua traqueia, eu a empurrei ainda mais contra o altar, sem desistir. Seu corpo pode ter lutado, seus lábios, no entanto, não pararam a dança pecaminosa em que nossas bocas estavam.

O empurrão.

A atração.

A paixão.

Cada golpe de nossas línguas nos unindo em um só.

Dolorido.

Latejante.

Nossos lábios se moviam como se fossem feitos um para o outro, enquanto ela lutava com sua mente, ordenando a seu coração que afastasse meu corpo do dela.

Nosso beijo foi cheio de desespero.

Urgência.

Maldita loucura.

Eu podia ouvir as batidas de seu coração e sentir o latejar de sua pulsação acelerando ao longo dos meus dedos.

Foi enlouquecedor.

Dominador.

Uma guerra sem tréguas.

Eu me afastei e ela ofegou com a perda. Seu peito arfava para cima e para baixo, quase em sincronia com o meu enquanto nos olhávamos fixamente.

Sienna

Respirei fundo para controlar minhas emoções, mas ele não estava facilitando para mim de forma alguma.

Meu corpo queria uma coisa.

Minha mente queria outra.

Onde estava meu coração em tudo isso?

Eu o odiava.

Eu o queria.

Eu odiava não ser capaz de me controlar perto dele.

O beijo parecia a água benta em que eu estava queimando. Ele era um homem mau, mau até os ossos, mas no momento em que seus lábios tocavam os meus, eu era *dele*. Que era precisamente o ponto que o diabo queria transmitir. A melhor coisa que ele já fez foi fazer as pessoas pensarem que ele não existia.

Minha mente decidiu falar pelo meu coração e corpo, repetindo o que acreditava ser verdade: —Você não é nada mais do que o homem que pensei que fosse. Você é apenas um mafioso com um terno caro que é comprado e coberto com o sangue de outra pessoa.

Sua expressão maliciosa se intensificou. —Filha da puta! —Ele ferveu de raiva.

Eu vi seus olhos ficarem implacáveis antes que ele agarrasse meu braço, jogando-me rudemente entre os bancos.

—Que mer...

Em segundos, fiquei sem palavras.

Enquanto meu pior pesadelo acontecia na minha frente pela segunda vez naquela noite.

CAPÍTULO 36

Sienna

—Sienna! Fique abaixada e tampe os ouvidos!

O som de balas abrindo fogo rápido ao nosso redor foi a primeira coisa que ouvi. Eles quebraram os vitrais e ricochetearam nas paredes ao redor da catedral.

Cruz entrou em ação, imediatamente puxando sua outra arma no coldre de dentro do paletó.

—Quando você fode com El Diablo. —Ele ameaçou, apontando as duas Glockes no ar, rapidamente abrindo fogo. —Você fica com a porra dos chifres!

Tiro após tiro soou no ar enquanto as cápsulas das balas caíam sobre nós. Eles acertaram o chão de mármore, rasgando-o. Vidro colorido e destroços caíram do céu como se Deus estivesse se envolvendo nesta batalha com os homens que o traíram e escolheram uma aliança com o diabo em vez de Sua Santidade.

A violência sempre fez parte da minha vida, mas esta era a primeira vez que a experimentava assim.

—Cruz!

—Sienna, fique abaixada!

Cada explosão ressoou profundamente dentro do meu núcleo. Eu estava sufocando no massacre.

Em seu sangue.

Suas mortes.

Suas almas.

Se o sangue era mais espesso que a água, então por que eu ainda estava me afogando na devastação de cada vida sendo brutalmente arrancada deste mundo...

Eu estava paralisada.

Congelada de medo.

Eu estava chorando? Gritando?

Não, os anjos não choram por Satanás.

Fechei os olhos, cobri minha cabeça e fiz a única coisa que veio naturalmente na horrível realidade da minha vida.

—Pai nosso, que estás no céu. —Rezei freneticamente enquanto uma única lágrima escapava do meu olho, escorrendo lentamente do lado do meu rosto, do meu queixo e para o chão empoeirado.

Banhando-se no sangue da máfia.

Eu juro que pude sentir o gosto.

A dor.

A perda.

Meu futuro mudou para sempre.

—Santificado seja o teu nome. —Gritei, deixando minhas lágrimas fluírem livremente.

Mais balas.

Mais vidros quebrados.

Mais. Mais. Mais.

Abrindo meu olhar petrificado, vi a violência se desenrolar na minha frente. Vida após vida caiu no chão, ferida ou morta. Eu senti em cada centímetro da minha pele.

Seus gritos.

Seus rostos.

Todo o sangue.

Muito sangue.

Isso se misturou, criando o inferno na Terra. Nesta igreja, compreendendo meu purgatório pessoal.

—Venha para mim! —Cruz me interrompeu, sua voz soando mais longe dos bancos em que ele me jogou.

A igreja era enorme, eu sabia que ele estava tentando executar o maior número possível de homens, mas eles não estavam recuando. Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo quando Cruz estava sozinho. O remorso por pegar o carro do tio Gino me atingiu de repente. Se eu não o tivesse roubado, ele estaria aqui ajudando Cruz com seus homens ao seu lado.

Se algo acontecesse com meu marido, seria minha culpa.

—Você sabe quem eu sou! Mostre-se e pare de se esconder! Venha até mim como um homem na casa do Senhor!

Eu balancei minha cabeça, tentando me desligar da escuridão que arrastava meu corpo para o abismo. —Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu. O pão nosso de

cada dia nos daí hoje. E perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos aqueles que nos tem ofendido.

—Seja homem! —Meu marido rugiu como um leão, seu tom abalou o fundo da minha alma. —Eu estou bem aqui! Bem aqui, porra!

Bang!

Bang!

Bang!

—Seja homem, porra, e se mostre para mim!

Cruz estava lutando por minha vida, enquanto eu me escondia lutando pelo divino Espírito Santo para ajudar a nos guiar para a luz.

Meu coração estava batendo muito rápido. Achei quase impossível respirar. Aumentando a cada disparo que soava. Cruz era um homem possuído em uma missão e ninguém poderia detê-lo.

Especialmente eu.

Minha mente disparou e meu peito ficava pesado a cada movimento.

Em meio a respirações desesperadas, continuei: —E não nos deixe cair em tentação. —Erguendo meus olhos marejados para o céu, juntei minhas mãos em um gesto de oração enquanto vários tiros ecoavam nos painéis de madeira. —Mas livrai-nos do mal...

A escuridão foi convocada.

Do nada, todo o ar dos meus pulmões foi embora em um piscar de olhos. Desapareceu como um ladrão no meio da noite. Um homem que eu não reconheci de repente estava parado acima de mim.

—*Amém.* —Ele zombou, apontando sua arma diretamente para...

Meu coração.

Cruz

Atirando na direção em que eles estavam vindo, disparei vários tiros. Tentando desesperadamente derrubar os filhos da puta. Um fluxo interminável de munição continuava vindo em nossa direção de todos os ângulos, tornando difícil acompanhar seu ataque inesperado.

—Venha para mim! —Gritei o mais alto que pude, puxando minha bunda para longe dos bancos em que joguei minha esposa. —Você sabe quem eu sou! Mostre-se e pare de se esconder! Venha até mim como um homem na casa do Senhor!

Esquivando-me.

Desviando.

Caindo no chão.

Eu derrubei qualquer coisa à minha vista para me proteger, atirando de volta quando a barra estava limpa. Esvaziando cartucho após cartucho, recarregando várias rodadas. Rapidamente, começando a ficar sem munição. A adrenalina atravessou meu corpo como uma bala em alta velocidade.

Peguei meu celular e liguei. —Gino! Onde diabos você está? —Eu puxei o gatilho, eliminando outro filho da puta nas sombras à minha direita.

—Sua esposa levou meu carro. —Ele fez uma pausa, ouvindo o alvoroço. —Que porra está acontecendo?

Rolando para a minha esquerda, fiquei atrás de uma coluna. —Uma emboscada! Venha aqui com todos os nossos homens! Agora! —Desliguei, preocupado com os homens rastejando na escuridão prontos para me foder.

Meu coração batia forte enquanto eu despejava a fúria causada por esse surto inesperado. Sabendo que tinha algo a ver com Adriana. Eu estava chegando perto de encontrá-la.

Isto não era um ataque.

Era um aviso.

—Você entendeu tudo errado! Se você não desistir, você será a razão da morte de sua irmã! Você está me ouvindo? A morte dela cairá sobre você!

As palavras de Giovanni no meu escritório mais uma vez vieram à minha mente enquanto eu gritava: —Seja homem! Eu estou bem aqui! Bem aqui, porra!

Bang!

Bang!

Bang!

—Seja homem, porra, e se mostre para mim!

Parecia que uma eternidade havia se passado antes que meus homens aparecessem, continuando de onde parei. Não perdi mais um segundo, corri de volta para Sienna. Eu odiava ter que deixá-la desprotegida, mas eu era um homem que iria lutar contra pelo menos vinte, se não mais.

—Me proteja! —Eu ordenei, decolando a toda velocidade em frente.

Dois assassinos atiraram em nós, acertando um dos meus homens várias vezes no peito. Lançando seu corpo para trás com o impacto, ele caiu no chão, instantaneamente morto. Meu outro segurança tentou me cobrir o melhor que pôde, mas um fluxo interminável de balas continuou voando em nossa direção.

De repente, senti uma picada ardente na lateral do meu pescoço e depois novamente na lateral do meu estômago. O sangue respingou em todos os lugares, eu não sabia se era deles ou meu.

—Que porra é essa? —Gino exclamou, entrando na igreja com duas armas nas mãos.

Segui o movimento de seu olhar, estreitando meus olhos, procurando na catedral, tentando localizar o que ele viu.

Nunca esperando...

O que me encarava de volta.

CAPÍTULO 37

Cruz

Consequências.

Eu lidava com elas diariamente.

Positivo.

Negativo.

Eram um e o mesmo. Eu não conseguia mais distinguir.

Minha vida.

Meu mundo.

O que eu queria e o que eu tinha. Ambos definiram quem eu era como homem. A violência tornou-se a resposta para tudo e para todos.

O que começou com Sienna...

Terminou com ela também.

Meu coração parou.

Meu peito apertou.

Todo o sangue foi drenado do meu rosto quando meu passado e meu presente colidiram, ficando cara a cara com outro dos meus piores pesadelos.

Oh, Deus. Por favor, não.

Sienna estava de pé junto ao altar.

Uma faca em sua garganta.

Uma arma apontada para sua cabeça.

Mantida como refém por um homem que eu não conhecia ou reconhecia, de pé, alto e orgulhoso atrás dela. O filho da puta sorriu de orelha a orelha, me observando enquanto eu a observava.

O medo no olhar de minha esposa me assombraria para sempre, estivesse eu acordado ou dormindo.

—Diga a seus homens para baixarem as armas ou cortarei a garganta dela bem aqui, agora mesmo. —Ele exigiu, empurrando a lâmina na veia que pulsava em seu pescoço. —Agora!

Ela choramingou enquanto o sangue escorria por seu peito.

Palavras não podiam descrever a culpa imediata e intensa que senti tomar conta de tudo o que restou de minha alma. Não havia nenhuma maneira de eu conseguir o tiro que precisava para matá-lo sem machucá-la, e eu não estava disposto a correr esse risco. Não havia escolha a ser feita. Não quando todo o meu mundo estava diante de mim à mercê de um louco. Eu fiz a única coisa que fazia sentido, a única coisa que parecia certa sobre todo o errado na minha vida.

Eu me rendi.

Com minhas mãos no ar, lentamente coloquei minhas armas no chão. Ordenando aos meus homens que fizessem o mesmo.

—Ela cheira a mel. —Ele murmurou, deslizando o nariz ao longo de seu rosto encharcado de lágrimas. —Eu me pergunto se ela tem o mesmo gosto.

Minhas mãos se fecharam.

Minha mandíbula cerrou.

Eu queria cortá-lo de uma ponta à outra.

Eu podia ler as emoções de Sienna como se fossem minhas. Ela petrificou. Seu corpo estava lá conosco, sua mente, no entanto, estava inteiramente em outro lugar.

Seus olhos vazios.

Sua expressão vazia.

Sua postura rígida.

Ela estava procurando refúgio dentro de si mesma.

—Deixe minha esposa fora disso. —Eu rosnei, lutando para me manter no controle da cena que se desenrolava diante de mim.

O conselho de meu pai meses atrás, ressoou em meus ouvidos.

—Certifique-se de controlar seu tom e suas emoções. Apenas obscurece seu julgamento. Você está tornando muito fácil para mim usá-lo contra você.

Era evidente que este homem sabia o que Sienna significava para mim, ou ele não a estaria mantendo cativa na minha presença. Apesar de querer desfazê-lo em pedaços, fui capaz de reunir a estabilidade de que precisava. Permitindo que ele pensasse que tinha poder sobre mim nesta situação.

Ele não iria matar Sienna, pelo menos não neste segundo. Ele já teria feito isso se quisesse.

Este era um jogo de gato e rato que ele queria que eu jogasse, obviamente não tendo ideia de com quem ele estava fodendo.

Não antes.

Nem agora.

—Mas ela é linda pra caralho. —Ele sorriu sadicamente, trazendo minha atenção para ele.

—Eu estive esperando para finalmente segurá-la em meus braços, desde o dia em que peguei sua irmã. Sua esposa é muito mais forte do que ela. Adriana chorou assim que a toquei.

Eu vi vermelho.

Queimando.

Quente.

Vermelho.

Lembrando-me da resposta de Giovanni quando perguntei para quem ele trabalhava, despejei: —Você é Vitale?

—O primeiro e único.

—Onde ela está?

—Ela está onde eu a deixei.

—Onde diabos é isso?

—Pelo cheiro do meu pau, ela ainda está na porra da minha cama. Sua irmã adora acordar com meu pau dentro de sua boceta. O que eu posso fazer? Ela implora como uma cadela no cio. —Sua risada psicótica doentia ecoou ao nosso redor.

Quem era esse cara?

Se não fosse por ele segurando Sienna contra sua vontade, eu o faria engolir suas palavras depois de cortar sua língua. As imagens do que eu faria com ele era a única coisa que me mantinha são e estável.

Fiz a pergunta que estava me atormentando desde o momento em que ele tomou minha própria carne e sangue. —Que porra você quer?

—O que é isso? Uma sessão de terapia? Eu quero o que todo homem deseja. Dinheiro, sexo, poder... Adriana me dá todos os três. Sienna será apenas um bônus adicional.

—É disso que se trata? Dinheiro?

—Eu acho que você precisa reformular sua pergunta, Cruz. Você me perguntou o que *eu* queria, não o homem para quem trabalho. Ele está por trás do sequestro da sua irmã. Eu só tenho que aproveitar as regalias e, foder... Adriana valeu as lágrimas que me custou domá-la.

—Domá-la para quê?

—Para ser meu animal de estimação.

—Seu filho da p...

—Ei!

Sienna estremeceu com seu tom afiado.

—Eu estou no controle! —Ele pressionou a faca mais profundamente em sua pele, fazendo-a choramingar novamente. — Estou comandando a porra do show agora! Você me entendeu? Me irrite mais uma vez e farei sua esposa sangrar por mim, e não estou falando em cortar sua garganta.

Eu inclinei minha cabeça para o lado, sentindo a ira de sua declaração. —Para quem você trabalha?

—Onde está a diversão nisso, se eu te disser? Você é El Diablo, certo? Interessante, porque tudo que vejo é um maricas parado na minha frente. Você quer saber onde sua irmã está? Você vai ter que jogar o jogo dele. É realmente muito divertido de assistir. Então dance, diabo, dance. —Abruptamente, ele acenou com a cabeça para seus homens. —Vamos embora, por enquanto eu terminei com ele.

Eu dei um passo em direção a ele, instantaneamente parando meus passos. —Juro por Deus que se você levar minha esposa com você, vou te encontrar e fazer você sofrer mil mortes, antes de deixá-lo morrer. Então pense duas vezes. —Eu avisei, querendo dizer cada palavra. —Eu não vou parar até que você seja meu.

—Estou ansioso por isso.

Seu olhar sombrio foi para Gino quando ele acrescentou: —El Capo, o pai dela. —A expressão em seu rosto cheia de fúria. —Irá trazer você de volta dos mortos apenas para matá-lo novamente. Pense antes de fazer algo de que se arrependa. Você tem alguma ideia de quem ela é?

Vitale zombou: —Princesa da máfia, certo?

—Você está assinando sua certidão de óbito se sair com ela.

—O que posso dizer? —Ele encolheu os ombros. —Gosto de viver a vida no limite.

—Sienna. —Chamei por ela e nossos olhos se conectaram. —Vou te encontrar. Eu prometo.

Por uma fração de segundos, eu vi tudo o que eu queria através de seu olhar.

Fidelidade.

Amor.

Confiança...

Em mim.

Sem pensar duas vezes, eu murmurei: —Eu te amo. —Pela primeira vez.

Seus olhos se fecharam, e eu sabia que ela os fechou por uma razão, e apenas uma razão. Ela queria que essas palavras fossem a última memória que ela tinha de mim, antes de eu encontrá-la novamente.

—Isso foi precioso. —Zombou Vitale. —Vou tentar o meu melhor para não fazê-la se apaixonar por mim, mas tenho esse efeito sobre as mulheres. Você pode simplesmente perguntar a sua irmã da próxima vez que a vir.

—Que mer...

Ele se virou, puxando minha esposa com ele. Me deixando sem palavras.

O que diabos ele quis dizer com isso?

Segundos depois, vimos seus homens o cercarem enquanto ele saía da igreja com Sienna ainda em seus braços.

Submissa.

Rendendo-se.

Precisando permanecer viva...

Para mim.

Foi preciso tudo dentro de mim, para não correr atrás deles e arrancar seus membros com minhas próprias mãos.

Eu o encontraria.

Tinha que encontrar.

Não só a vida de minha irmã dependia disso, agora a de minha esposa também.

Imediatamente depois de ouvir seus carros se afastando, acenei para meus homens e fomos atrás deles. Percebi rapidamente que estava certo assim que vi meu carro.

Gino saiu correndo da igreja com o telefone na mão.

—Não faça isso. —Eu ordenei, ciente de que ele iria ligar para El Capo.

—Cruz, ele vai te matar se você não contar a ele.

—E eles vão... —Eu acenei com a cabeça para o meu carro — Matar as duas se você fizer isso.

O líder estava me enviando em uma fodida caça a uma agulha em um palheiro. Um endereço foi escrito no para-brisa com o sangue de Sienna...

Ameaçando: —Venha sozinho ou então...

CAPÍTULO 38

Cruz

Três horas depois, eu estava dirigindo por uma velha estrada de terra em uma comunidade que parecia deserta. Quase como se fosse uma cidade fantasma. Muitas casas estavam destruídas, a grama estava mal cuidada e não havia veículos estacionados nas calçadas.

Sem crianças brincando lá fora.

Nenhum marido ou pai voltando do trabalho para casa.

Não havia vida neste bairro. Eles o escolheram por essa razão em si. Qualquer um poderia escapar impune de um assassinato quando não havia ninguém por perto para delatá-los. Estacionei meu carro fora do que parecia ser uma casa abandonada.

Sozinho.

Desprotegido.

Totalmente armado.

Saí para uma calçada mal iluminada em um bairro miserável, de repente questionando por que diabos eu estava aqui de todos os lugares. Meus olhos escanearam a área uma última vez antes de começar a me preparar mentalmente para o indizível.

— Vou tentar o meu melhor para não fazê-la se apaixonar por mim, mas tenho esse efeito sobre as mulheres. Você pode simplesmente perguntar a sua irmã da próxima vez que a vir.

As fodidas palavras latejavam na minha mente, juntamente com as perguntas intermináveis sobre o que diabos estava acontecendo.

Minha irmã estava apaixonada por ele ou ele estava apenas me provocando?

Ele a arruinou?

Por quê?

Qual era o objetivo de tudo isso?

Lembranças das mulheres que eu destruí com o único propósito de tentar encontrar Adriana consumiram meus pensamentos. Eu não era melhor do que Vitale e seus homens. Minha consciência sempre encontrava uma maneira de provar que eu sempre ouviria aquela vozinha no fundo da minha mente. Não havia como escapar disso.

Gritar repetidamente: —*Você é o mesmo! Você é o mesmo! Você é o mesmo!*

Tentei redirecionar minha atenção para a tarefa em questão, ouvindo o som de meus sapatos pretos batendo no concreto quebrado sob cada passo dos meus pés. Cada passo ecoou profundamente na escuridão à minha frente. Subindo os degraus quebrados de dois em dois até a varanda, parei na porta da frente da estrutura condenada.

Mais uma vez, aquela vozinha gritou: —*Nada de bom virá disso.*

Mais sangue.

Mais mortes.

Mais almas.

Possivelmente a minha desta vez. Eu não estava preocupado com o fato de estar desprotegido, eu poderia cuidar de mim mesmo. Era onde eu estaria entrando que deixava meus nervos no limite. Eu perderia minha cabeça se visse minha irmã ou esposa em qualquer situação comprometedora. Com base no meu breve encontro com Vitale, fiquei preocupado com a condição em que encontraria Adriana. Emocionalmente e fisicamente.

O que ele fez com ela?

O que ele estava fazendo com ela?

Quanto dano psicológico ele causou?

Minha pulsação acelerou, sentindo o significado dessas perguntas. As repercussões do que permiti que acontecesse com minha irmã eram um fardo que carregaria pelo resto da vida. Era difícil imaginar Ari como um espírito arruinado. Ela sempre foi tão cheia de vida. O nível de trauma que ela pode ter experimentado não foi algo que eu considerei até Vitale falar sobre ela de uma maneira tão depreciativa.

Minha irmã não era alguém que sabia se virar, ela não tinha nenhuma experiência na vida real. Ela era protegida, vigiada de qualquer um que podia tirar vantagem de sua inocência e bondade genuína. Ela era um alvo fácil.

Tentando manter minha compostura, respirei profundamente o ar viciado. Havia muitas perguntas e emoções acontecendo ao mesmo tempo, e eu não conseguia controlar nenhuma delas. Decidindo no último segundo que era melhor me preparar para o pior resultado.

Ari estava aqui?

Sienna estava?

Vitale?

O homem que orquestrou seus sequestros?

Segurando minha arma com mais firmeza na mão direita, abri a porta com a outra. Estava destrancada, esperando que eu entrasse no desconhecido. O ponto de não retorno. Assim que entrei, alcancei as luzes e as acendi. Percebendo rapidamente que esta casa não estava abandonada.

Estava cheia de vida.

Nossa.

Minha.

O ar de meus pulmões foi drenado quando dei um passo atrás, não acreditando na cena que estava observando.

—Que porra é essa? —Eu arfei, balançando minha cabeça. Chocado com o que estava vendo.

Fechando a velha porta de madeira atrás de mim, inclinei-me contra ela. Precisando de apoio para manter meu corpo de pé. Fiquei impressionado com o cenário, uma sobrecarga sensorial das linhas do tempo à minha frente.

Fotos.

Recortes de jornais.

Aniversários

Férias em família.

Momentos monumentais.

A festa de formatura de Sienna.

Nosso casamento.

Não consegui acompanhar todas as fotos, eram muitas. Puxando outra respiração profunda, controlei minhas emoções. Eu precisava disso. Era a única maneira de chegar ao fundo dessa perseguição sem sentido que estava me arrastando para baixo. Empurrando a porta, dei alguns passos adiante no que parecia ser a sala de estar. Lentamente, girando em um círculo com minha arma ainda firmemente em minhas mãos, parei perto do sofá sujo no centro do espaço, esperando o inesperado.

—Que porra. —Eu disse asperamente, meus olhos mudando de um artigo para o outro.

New York Times.

The Guardian.

Daily News.

Um após o outro.

A corrupção de meu pai ao longo dos anos enchia as paredes com papel de parede rasgado, como se fosse um resumo de sua vida.

Da de Ari.

De Sienna.

Da minha mãe.

Minha.

Estávamos todos lá, colados nas paredes em fotos preto e branco. Nenhuma das imagens tinha cor. Algumas delas eram mais

velhas do que outras, enquanto várias eram fotos novas. Incluindo minha esposa andando a cavalo naquela manhã.

—Seu filho da puta. —Eu rugi através de minha mandíbula cerrada.

Eu não entendia, e quanto mais tentava encontrar respostas, menos eu conseguia.

Minha mente girava.

Meu corpo latejava.

Meus olhos estavam arregalados, lamentavelmente tentando conectar os pontos. Um quebra-cabeça que parecia estar faltando mais peças do que eu precisava juntar.

—Que diabos...

Meu telefone tocou, interrompendo meus pensamentos. Enfiei a mão no bolso interno do paletó e o peguei. Olhando para a tela, vi que meu pai estava ligando.

Devo atender?

Eu poderia fingir que não estava na cova dos leões?

Eu ignorei, pensando na ameaça de Vitale.

Venha sozinho ou então...

Quase instantaneamente, ele ligou novamente. Na terceira tentativa, eu sabia que tinha que atender.

—Papá, estou no meio...

—*Cruz...*

Uma voz teve o poder de me colocar de joelhos.

Literalmente.

CAPÍTULO 39

Cruz

Havia várias situações na minha vida que eu sabia que fariam parte de mim para sempre. Gravadas tão profundamente na minha pele, que se misturavam perfeitamente. Completamente impregnadas em meu sangue, tornando-se um em minhas veias. Eu não saberia quem eu era sem sua presença dentro de mim agora.

O dia em que minha irmã foi levada.

Minha primeira morte.

Meu batismo de sangue da máfia.

Esses foram apenas para citar alguns.

No momento em que ouvi a voz da minha irmã na outra ponta da linha do telefone do nosso pai, meu coração veio na minha garganta.

Eu não conseguia respirar.

Eu não conseguia me mover.

Eu não conseguia ver direito.

Um efeito borboleta. Cada ação desencadeava uma reação. Uma vez que algo começava, não havia como mudar a cadeia de eventos que se seguiam.

Eu não queria isso.

Eu nunca orei por isso.

Aquela vozinha na porra da minha mente gritou...

—*É aqui que você morre!*

—Ari?

Ela lamentou: —Você precisa ligar a TV. —Sua voz tremia de ansiedade. Parecia que ela estava chorando muito, mas ela estava tentando manter a calma para mim.

Chame de instinto, nossa conexão, premonição, porra...

Ela não estava segura.

Ele não a resgatou.

Minha intuição estava correta quando ela repetiu. —Você precisa ligar a TV. —No mesmo tom.

—Ari, diga-me onde você está.

Silêncio.

Minha paciência não aguentava mais, eu rebati: —Jesus Cristo, Ari! Diga-me onde você está!

—Você precisa ligar a tv.

—Ari...

—Basta ligar a porra da TV, Cruz!

Engoli o nó na garganta enquanto corria pela sala. Com pressa, procurei freneticamente pelo controle remoto.

—Está em cima da lareira.

Parando completamente, eu senti sua resposta no centro do meu estômago. —Você sabe onde eu estou?

—Eu posso ver você.

Meu olhar voou através da sala de estar. —Você estava aqui, Ari? Foi aqui que eles mantiveram você?

—Não importa. Eu não estou mais aí. Você está.

—Chega de papo furado...

O som brutal de um tapa em seu rosto, seguido por seus gemidos de dor, foi o suficiente para me deixar sem palavras.

—Seu merda! —Papá fervia de raiva pelo telefone. —Tire isso de mim! Minha filha não! Eu!

Corri para a lareira e peguei o controle remoto, clicando no botão. —Tudo bem! Tudo bem! Já chega! Está ligada! —Exclamei, incapaz de fazer nada além de seguir ordens como a porra de um cachorro.

Em questão de segundos, a tela passou de preta para uma transmissão ao vivo. Minha visão se tornou nebulosa e todo o sangue foi drenado do meu rosto.

—Nãoooooooo! —Eu rugi em um só fôlego, segurando o telefone com mais força na minha mão. O desespero em minha voz reverberou nas paredes que agora estavam desabando sobre mim.

Uma por uma.

Eu me rendi à tela.

Uma inegável sensação de desespero tomou conta de todo o meu corpo. Eu estava me afogando na miséria do que estava acontecendo. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser assistir meu maior medo se tornar minha maior realidade.

O diabo caiu por sua própria vontade.

Ensanguentado.

Derrotado.

Nosso pai estava deitado no chão no meio de uma sala que não reconheci.

Destruido.

—Por favor, Deus, não... —Eu gritei com lágrimas frescas acumulando em meus olhos.

Assim que as palavras escaparam dos meus lábios, os homens que cercavam meu pai começaram a chutá-lo de sua cabeça para suas pernas.

Chute.

Após chute.

Após chute.

De novo.

E de novo.

E repetidas vezes.

—Pare! Por favor! Pare com isso! —Adriana berrou enquanto dois outros homens a seguravam. Ela estava na mesma sala que ele. Testemunhando a horrível verdade do nosso mundo enquanto ela era o único anjo presente entre os demônios.

—Leve-me! —Eu implorei enquanto as lágrimas escorriam pelos lados do meu rosto. —Por favor, me leve!

Ele moveu o braço, tentando desesperadamente bloquear o ataque cruel.

Seu corpo surrado rolou no chão, recuando da surra cruel que eles estavam lhe dando.

Sua vida estava sendo arrancada e, pouco a pouco, a luta nele se foi.

—Você está matando-o! Por favor! Estou te implorando! Você está matando-o, porra! —Eu implorei, desmoronando bem ali com ele.

Minha visão ficou turva.

Meus pulmões queimaram.

Meu peito latejava.

Era assim que o inferno parecia. Eu estava sendo queimado vivo. Tudo ao meu redor começou a desvanecer.

Incluindo ele.

—Chega! —Eu exigi. —Ele já teve o suficiente!

Testemunhar o homem mais forte que eu já conheci parecer fraco, um homem que eu respeitei por toda a minha vida levando uma surra, era uma sensação de impotência. Se eu estivesse lá, o estaria defendendo com meu último suspiro, se fosse necessário. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Tudo o que ouvi foram os soluços da minha irmã, sua respiração irregular e seu coração se despedaçando como o meu. Nosso pai não fez nenhum som. Nem um único ruído.

Do nada, a mesma voz auto sintonizada ecoou da tela.

—As paredes falam mal.

Portas escondem verdades.

Monstros enganam.

Serpentes colidem.

Tenha medo da chuva.

Esconda-se da neve.

Cuidado com o homem.

Você acha que conhece.

—O que diabos isso significa?

Nosso pai parou de se mover e a tela ficou preta. Eu não sabia se ele estava inconsciente ou morto.

—Seus monstros! Espero que todos vocês queimem no inferno! —Adriana esbravejou, alto e claro através do telefone.

Eu podia sentir sua dor.

Sua angústia.

Sua devastação absoluta.

—Você me ouve? —Ela gritou, pendurada no mesmo fio fino que eu. —Você está ouvindo? Frite no inferno, filho da puta!

Bang!

Meu peito travou.

Meu corpo congelou.

Toda a batalha em mim desapareceu como havia acontecido momentos atrás por nosso pai.

Instantaneamente, um baque forte de um corpo caiu no chão.

—Nãoooooooooooo! —Eu gritei, reconhecendo aqueles dois sons. —Eu vou matar você! Eu vou te matar, porra!

A adrenalina subiu à minha cabeça. Minha existência inteira explodiu em uma grande labareda ardente. O fogo em minha alma era maior do que as chamas queimando meu corpo, deixando marcas que nunca cicatrizariam. Foi a única razão pela qual sobrevivi e saí do outro lado.

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, a ligação caiu e uma mensagem de texto apitou com um endereço de New York.

A mensagem terminou com... *sem seguranças, sem armas. Você vem sozinho, desprotegido. Agora você sabe do que sou capaz...*

Se você não ouvir.

CAPÍTULO 40

Cruz

Segundos, minutos, horas depois, tudo se misturou enquanto a escuridão se instalava em cada fenda da minha mente. Lembranças de Adriana, Sienna e agora meu pai se instalaram dentro de mim. Eu não conseguia fechar meus olhos sem vê-lo deitado ali.

Derrotado.

Desamparado.

Rendendo-se.

Ele sempre foi tão forte, tão no controle, tão poderoso. Era difícil vê-lo como qualquer outra coisa além dessas características. Nenhuma vez eu o ouvi gemer de dor ou mostrar qualquer sinal de fraqueza enquanto chutavam cada membro de seu corpo. Ele permaneceu forte, e eu sabia que ele fez isso por nós. Nosso pai era velho, mas resiliente. Casar-se com uma mulher vinte anos mais jovem que ele foi sua graça salvadora. Mamá certificou-se de que ele comesse de forma saudável, se exercitasse e mantivesse o corpo ativo. Você não saberia a idade dele a menos que ele lhe dissesse.

Alejandro Martinez era durão e continuei a me lembrar disso durante todo o voo fretado para a cidade de New York. A cidade que nunca dorme era uma representação precisa do que eu estava passando. Fiquei sentado pensando nas consequências do que não poderia mudar. Não tinha medo pela minha vida, estava apavorado pela deles. Não importava quantas vezes eu contemplasse quem estava por trás disso, tudo me levava de volta ao nada.

Ninguém.

Eu estava obcecado por um homem que nem sabia que existia. Minha cabeça girava enquanto vasculhava meu cérebro em busca de pistas que pudessem me apontar a direção certa. Ansiosamente, tentei descobrir quem era o mentor por trás de tudo isso, quem estava controlando as cordas desse pesadelo.

A tarefa era mais fácil de ser dita do que feita.

O som de um tiro solitário ressoava fundo em meus pensamentos como se eu estivesse recebendo o tiro. Seus sequestradores estavam tentando provar algo. Eles queriam que eu soubesse que eles estavam no controle, e eu não tinha nada a dizer sobre o que o futuro reservava.

Para qualquer um de nós.

A única esperança que eu tinha era acreditar que eles ainda estavam vivos, ou então qual era o objetivo de tudo isso?

No que pareceu uma eternidade depois, o motorista de táxi anunciou. —Estamos aqui.

Não me lembrava de ter saído do avião ou entrado neste carro. Foi como se eu tivesse desmaiado, movendo-me em um estado de transe. Entreguei a ele uma nota de cem dólares antes de sair do veículo hesitantemente, examinando a vizinhança com muita precisão. Esta comunidade era muito diferente da anterior. Era a porra dos subúrbios americanos.

Mansões de milhões de dólares.

A casa era enorme. Vários milhares de metros quadrados ascenderam ao céu escuro da noite. A única luz vinha da lua, iluminando o caminho para meu destino final. A última vez que estive

em New York, alguns meses atrás, não foi por Ari. Tive uma reunião com alguns fornecedores para os traficantes que eu comandava.

Havia alguns carros estacionados ao longo do caminho que avistei enquanto subia o calçamento de paralelepípedos. Eu esperava sentir uma intensa e insuportável sensação de raiva pelo que quer que estivesse atrás daquelas portas.

Eu não senti.

Sem armas.

Sem segurança.

Eu me rendi.

Foi a única escolha que tive.

Com as mãos para cima, entrei em casa anunciando: —Estou aqui.

Quando entrei, fixei meus olhos no imbecil de merda que levou minha esposa. Fiquei cara a cara com Vitale. Ele estava encostado na lareira com uma arma na mão, descansando casualmente ao seu lado.

—Bem-vindo ao lar. —Ele cumprimentou com um sorriso sinistro que eu queria cortar de seu rosto. Sua bochecha exibia um corte profundo na lateral.

Quando ele percebeu que eu notei, deu de ombros, declarando. —Sua esposa é uma vagabunda.

Sentindo-me orgulhoso da porra de sua coragem, eu sorri. —Foi por isso que me casei com ela. Ela agora é uma Martinez, afinal de contas.

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu. —Você e sua irmã são muito parecidos. Vocês dois pensam que seu sobrenome é um escudo de defesa, como se eu me importasse com quem você é.

—Você pode não dar a mínima para quem nós somos agora, mas com certeza se importa pra caralho com o homem para quem você trabalha, ou não estaria na minha frente falando merda. Ele está usando você. Você sabe disso, certo? Você é apenas sua vadia.

—Vindo de alguém que costumava ser a de seu pai, isso não significa muito.

—Eu tenho tudo o que você poderia desejar. Eu posso te oferecer dinheiro, poder, o céu é o limite. Basta dizer a palavra e eu farei com que seja tudo seu.

—É aqui que você me diz que se eu for leal a você, você será minha fada madrinha?

—É aqui que eu te digo que se você for leal a mim. —Inclinei minha cabeça para o lado, olhando-o de cima a baixo com uma expressão séria. —Eu não vou te matar, porra.

—Hmm... —Ele ergueu sua arma para a têmpora, batendo-a em um gesto contemplativo antes de apontá-la para mim. —Que tal eu te contar uma história?

Estreitando meu olhar para ele, eu estava curioso em onde ele queria chegar com isso.

—Você cresceu na casa do seu pai com dinheiro e proteção. Prestígio. Afeto. Devoção de dois pais amorosos. Você viveu uma vida dos fodidos contos de fadas e felizes para sempre. Nada lhe faltava e você tinha tudo que pedia. Sua atitude presunçosa e arrogante faz de você um idiota. Você entrou neste mundo já no topo

da hierarquia, sem ter que provar nada. Foi entregue a você por seu pai. Você é um cara que nasceu em berço de ouro e que mata pessoas vestido em ternos Armani de quatro mil dólares, usando um maldito Rolex e sapatos de couro italiano. Dá um tempo, porra. Você é um aspirante a gangster. Dirigindo seu carro esportivo por aí, pensando que você é o diabo porque é o seu legado ou alguma merda assim. — Ele balançou a cabeça, enojado.

—Fui criado por uma prostituta que deixava os homens apagarem o cigarro na minha pele.

Eu me espantei, não esperando que ele compartilhasse essas informações pessoais comigo. Eu me perguntava para onde ele estava indo com essa história triste.

—Ninguém limpou minha bunda, filho da puta. Tudo o que tenho é porque mereci. Eu não respondo a ninguém. Eu faço o que quero, digo o que sinto. Eu não dou a mínima para o que alguém pensa ou tem a dizer sobre mim. Eu sou meu próprio homem e não confio em ninguém nesta vida. No dia em que minha mãe foi enterrada, mijeí em seu túmulo e pedi a eles que a enterrassem ainda mais fundo, para que ela ficasse mais perto do inferno. As mulheres são a raiz de todo o mal, e eu aprendi isso na primeira vez que ela me usou como seu peão para comprar drogas. Então... —Ele sorriu, acenando com sua Glock.

—Querida mamãe é a razão de eu ter problemas de confiança, portanto vou passar sua oferta. Mas vá se foder por assumir que eu me aliaria com um homem que ainda não vi fazer nada que valesse a pena. Sua esposa tem bolas maiores do que você.

—Você confia no homem que você...

—Eu. Não. Confio. Em. Ninguém. Nem em mim mesmo.

—Quem é você então?

—Quem sou eu? —Ele murmurou em um tom zombeteiro. —Tenho tentado descobrir isso nos últimos vinte e oito anos. Minha vida inteira é uma grande *merda*, então me poupe da psicanálise, idiota. Eu sei o que você está fazendo. Não vai funcionar. Você não pode puxar sua besteira de psicologia reversa para mim. Eu não quero ser salvo. Na verdade, adoro ser o vilão. —Ele fez uma pausa, deixando suas palavras serem absorvidas. —Agora é hora de ir.

—Ir aonde?

—Andar de cima. Terceiro quarto à sua direita. Mas primeiro... —Ele pegou o detector de metais de cima da lareira. —Preciso ter certeza de que você está sendo um bom menino, seguindo ordens e não trouxe nenhum brinquedo.

Eu levantei minhas mãos no ar. —Não tenho nada comigo.

—Então você não terá problemas se eu verificar.

Enquanto ele estava pairando o dispositivo sobre o meu corpo, resisti ao desejo de nocauteá-lo. Em vez disso, olhei pela sala, avaliando o que estava ao meu redor e controlando meus instintos para colocá-lo em seu lugar. Seu palavreado ofensivo não significava nada para mim. No mínimo, eu queria provar que ele estava errado. Mostrar a ele o que acontece com os homens que atiram pedras em casas de vidro.

Eles caem.

Duro.

Rápido.

Em nada além de destroços onde pássaros cagam.

Reprimindo o impulso, concentrei-me nos móveis que estavam cobertos por lonas de plástico. Havia teias de aranha em quase todos os cantos da sala em que estávamos. A poeira cobria cada peça da mobília, desde a mesa de centro a arte na parede, até as decorações espalhadas por todo o vasto espaço. A certa altura, alguém morou aqui.

Talvez uma família?

CAPÍTULO 41

Cruz

Depois que Vitale terminou, jogou o detector no sofá empoeirado, apontando para a escada.

—Primeiro as damas. —Ele provocou.

Eu segurei qualquer comentário e simplesmente fiz o que me foi dito. A vida da minha família estava em jogo. Caminhando em direção às escadas, eu estava pronto para acabar com isso. A cada passo, meu coração acelerava um pouco mais rápido, batendo um pouco mais forte. Mais exigente. Ansioso pelo que ainda estava por vir. Observei o ambiente ao redor enquanto subia a escada mal conservada, percebendo que as fotos nas paredes estavam todas cobertas de poeira e teias de aranha também. Eu não conseguia ver as pessoas espiando através da névoa das molduras para me dar uma pista do meu paradeiro.

Uma coisa era certa, ninguém tinha estado aqui há muito tempo. No entanto, pude sentir a presença do amor que uma vez existiu nesta casa. O sentimento não estava aqui nem ali, não importava mais. Quando chegamos ao topo da escada, senti sua arma pressionar ainda mais nas minhas costas.

—Eu não estou armado. Você é assim tão maricas que precisa ter sua arma nas minhas costas? Não pode me enfrentar como um homem? Você tem que usar uma Glock para se garantir?

—Eu prefiro usar meu pau, mas você não faz meu tipo. Vou apenas esperar até que eu possa usar a boceta da sua irmã novamente e foder sua doce bo...

Minha mão estava em volta de sua garganta, batendo-o na parede antes que ele pudesse completar sua frase. Ele riu pra caramba quando a parede de gesso desmoronou aos nossos pés. Eu o empurrei mais fundo. Silenciando-o.

—Não fale sobre minha irmã nunca mais. —Aproximei-me de seu rosto, dizendo. —Você me entendeu?

Ele sorriu. O brilho em seus olhos iluminou todo o seu rosto. Ele estava gostando disso.

Maldito bastardo doente.

Quando dei por mim, sua Glock estava ao lado da minha cabeça. Acolhendo a sensação refrescante do metal frio contra minha pele aquecida, eu o soltei.

—É por isso que prefiro armas. —Ele ajeitou a camisa. —Elas falam mais alto do que qualquer ameaça fraca.

Com isso, ele me bateu com a pistola, mas me segurei na parede. Usando o impulso da minha queda, meu punho foi direto atingindo-o no rosto com tanta força que o jogou no corrimão da escada. Um estalo alto nos informou que seu peso quase o quebrou.

Olhando para mim através de seus olhos semicerrados, ele cuspiu sangue na minha cara. —Nós poderíamos fazer isso a noite toda, mas sua festa está esperando.

Limpando meu rosto com as costas da mão, questionei. —Sienna e Ari estão lá dentro? —Eu perguntei, precisando saber. —Meu pai?

—É uma porra de uma reunião de família. Agora vire sua bunda e continue andando.

Tentei controlar minha respiração, meu sangue ferveu. Fumegante de raiva, orei internamente, *ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois tu estás comigo*, tentando me acalmar.

Embora tenha sido inútil. Parecia minha execução. Eu estava no corredor da morte. Culpado. Punido. Para sempre condenado pelos pecados que cometi e permiti.

—É hora do show. —Vitale afirmou quando eu estava parado na frente da porta fechada. —Vamos ver o que está atrás da porta número um. Podemos?

Peguei a maçaneta e abri, não tendo tempo para me preparar para o que testemunhei imediatamente. Mesmo na penumbra do que parecia ser o quarto de uma menina, eu podia ver o olhar frio, escuro e assassino do meu pai olhando na direção que eu ainda não tinha visto. Muito consumido com a imagem do meu pai amarrado a uma cadeira, espancado quase até a morte. Eu mal conseguia ver seus olhos, eles estavam cobertos de muito sangue.

Era brutal

Real.

Uma tortura excruciante.

—Estou bem. —Afirmou ele, sem olhar para mim nenhuma vez.

Inconscientemente, dei um passo em sua direção, mas Vitale ameaçou atrás de mim: —Nem tente, porra.

Com um olhar arregalado, meus olhos foram de um pesadelo para o outro. Mudando meu olhar para o caminho de sua ira, eu ofeguei alto, incapaz de segurar minhas emoções. Sufocando para minha próxima respiração.

Meu peito se apertou.

Todo o sangue foi drenado de minhas veias.

Eu estava de repente congelando.

Frio pra caralho.

Meus pés estavam grudados no maldito chão sujo embaixo de mim. Arrastando-me direto para o inferno, o diabo me queria em casa.

Através do caos emocional explodindo ao nosso redor, encontrei os olhares petrificados de Ari e Sienna. Elas estavam de joelhos, as mãos amarradas nas costas.

Bochechas machucadas.

Cabelos desgrenhados.

Sangue escorrendo de suas cabeças.

Medo irradiando de cada centímetro de suas peles para minha carne, tornando-se um com minha alma sombria.

Eu ofeguei, experimentando tudo o que elas experimentavam. Naquele momento, não precisava de um revólver, faca, arma alguma para me matar. Ver a expressão em seus rostos era o suficiente para acabar com a minha existência.

Nossos olhos permaneceram conectados por vários segundos. Porra, poderia ter sido por horas. O tempo simplesmente parou.

Meus olhos se ergueram para o homem que as mantinha como reféns com uma arma em cada mão, apontada para suas cabeças.

Eu não pensei duas vezes sobre isso.

Eu caí de joelhos na frente dele e implorei por suas vidas. —
Por favor.

Lágrimas escaparam dos meus olhos, não havia como escondê-las. Eu nunca havia sentido uma devastação assim. Estava me dilacerando, esmagando meus ossos, me despedaçando.

Um por um.

Eu era um monte de cinzas.

—Por favor. —Eu implorei, sem vergonha. Disposto a dar a ele tudo o que ele pedisse.

Minha vida pela deles.

Achei que sabia tudo, vi tudo, vivenciei tudo.

Eu estava errado.

Muito. Errado.

O homem fervia de raiva. —Eu trouxe você de volta para sua casa, para sua casa, filho da puta! —Apenas olhando para meu pai, que não tinha nada além de vergonha e arrependimento estampados em seu rosto.

—Foi aqui que tudo começou. Neste quarto. Neste lugar. Eu era o mocinho! O herói! Tentando avisá-la! Eu sabia quem e o que você era! O maldito diabo! Eu tinha razão! Todas as mulheres ao seu redor morrem! Todas morrem! É uma maldição! Você é malvado! Ninguém merece viver ao seu lado, seu merda! Mas você não pode

perder! Você tinha que vencer! Sophia! Amari! Daisy! Você destruiu todas elas! Você matou sua irmã! Como é estar no quarto dela? Você pode senti-la? Sinta-a! Respirá-la? Diga-me, filho da puta! Porque eu não parei de pensar nela, de senti-la no meu coração, na minha alma, desde que você a tirou de mim! Ela era minha!

Nada que eu tivesse enfrentado...

Feito.

Pactuado...

...Poderia ter me preparado para o que ele gritou em seguida.
—Ela era minha esposa! Minha maldita esposa! Eu a amava! E você a matou!

—Michael...

—Foda-se você e suas besteiras! Eu não morri, filho da puta! E eu estive esperando! Oh Deus, eu estive esperando! Para encontrar a hora certa para finalmente fazer você pagar pelo que fez comigo! Você entendeu? Você está me ouvindo? Nunca foi sobre você! *Jamais!* Você nunca deu a mínima se vivia ou morria até a minha garotinha, Lexi! Eu não poderia matar minha própria carne e sangue! Não sou um monstro como você! Então eu esperei até que pudesse tirar algo de você que realmente iria destruí-lo! —Sua fúria se dirigiu a mim.

—Minha vingança é através de você. Eu queria vocês. Os herdeiros de Satanás! E agora você terá que escolher. Quem vive e quem morre?

No final, ele não precisava me matar.

Suas palavras fizeram isso quando ele rugiu...

—Sua irmã! Ou sua esposa?

CAPÍTULO 42

Cruz

—Oh... isso é bom. —Vitale comemorou, entrando no quarto.

A vibração de suas mãos batendo palmas explodiu nas velhas paredes que guardavam mais memórias do passado de uma jovem.

—Este é o melhor show que vi o ano todo. Honestamente, é um show premiado bem aqui. Vamos estender o tapete vermelho. Está ficando cada vez melhor. Eu não sabia de tudo isso. Você... — Ele apontou sua arma para Michael. —Tem guardado segredos. Eu pensei que éramos parceiros? Malditos companheiros de equipe? Você vê... —Ele acenou com sua Glock ao redor, completamente instável. —É por isto que eu tenho problemas de confiança. Nada mais é sagrado. Nada!

—Cale a boca. —Michael ordenou. —Eu te dei a garota. Você se divertiu. Agora... é minha vez.

Os olhos de Vitale encontraram os de Ari. —Isso significa que posso ficar com ela?

—Por cima da porra do meu cadáver. —Papá cuspiu.

Seus olhos redondos se voltaram para ele. —Eu posso providenciar isso.

—Vitale! —Michael gritou. —Isso é entre *mim* e *ele*. Você não é mais necessário aqui. Você pode ir.

—Hã. Imagine isso. Aqui eu pensando que era um compromisso para toda a vida. —Ele voltou-se para Ari novamente,

olhando para ela com um olhar predatório. —Você me quer aqui, não é, baby?

Em menos de um segundo, o olhar dela disparou do dele para o meu e então pousou em nosso pai.

—Adriana já passou por muito. —Sienna falou com uma voz forte e exigente. —Ela não precisa responder a ninguém. Especialmente a *você*.

Vitale sorriu para minha esposa com um olhar ameaçador. Ela não recuou, mantendo a cabeça erguida em uma postura desafiadora.

—Você realmente é fascinante. —Ele murmurou, absorvendo-a.

Era demais, cada segundo dessa merda. Eu explodi.

Foi barulhento.

Forte.

Boom!

Eu o ataquei, batendo meu ombro tão forte quanto pude no homem que eu desprezava. Atacando-o com tudo o que eu tinha em mim pelo que ele fez à minha irmã e agora à minha esposa.

Nossa família.

Os gritos das mulheres ecoaram no teto.

Suas costas bateram com tanta força que quebrou a parede de gesso e entrou no quarto ao lado. Caímos no chão, cada um tentando levar vantagem sobre o outro.

Um soco nas suas costelas.

Punho na minha cara.

Joelho nas suas bolas.

—Levante-se, porra! —Michael ordenou, atirando em nossa direção. A bala passou zunindo por nossos rostos, acertando uma televisão próxima.

Eu me levantei, chutando-o mais uma vez. Incapaz de resistir. Ele se encolheu, tossindo sangue.

—Quem é a vadia agora, filho da puta? —Eu cuspi nele.

Outro tiro foi disparado em nossa direção, desta vez acertou meu braço direito. Eu me virei e olhei para Sienna, que sabia por que eu reagi. Se eu o pegasse olhando para minha esposa de novo, acabaria com ele.

—Não vou bater em um homem quase até a morte por ser ousado com você na minha presença, Sienna. Vou colocar uma bala entre os olhos dele, porra. Você é minha. Mesmo que eu tenha que matar para provar a qualquer um que não perceba que você é minha esposa. Seu sobrenome é sua proteção e se alguém quiser desrespeitar a santidade disso, então vou fazer com que conheçam seu maldito criador.

Minhas palavras de duas noites atrás exibidas em seu lindo olhar, como se eu as estivesse dizendo neste momento. Ela franziu a testa quando percebeu que eu sabia o que ela estava pensando.

Lembrando nossa noite juntos.

Eu silenciosamente orei para poder segurá-la em meus braços novamente, exceto que se Deus ouvisse minhas orações, eu faria amor com ela desta vez. À minha maneira.

Lento.

A noite toda.

Ela foi a primeira a quebrar nossa conexão, olhando para o chão, reagindo e sentindo o que eu era.

Minha devoção completa a ela.

O idiota de merda se levantou, afundando sua arma nas minhas costas novamente.

—Vitale. —Declarou Michael. —Você precisa ir.

—Não. —Ele balançou a cabeça, me empurrando de volta para o centro da sala, na frente de Michael. —Não gosto que me digam o que fazer, então vou ficar. Além disso, quero ver como tudo isso vai acabar. Se você não o matar, com certeza o farei.

Adriana baixou a cabeça, indefesa. Ela não conseguia encontrar nenhum de nossos olhos. Eu nunca quis saber o que minha irmã estava pensando mais do que naquele instante.

—Você está certo, Michael. —Papá interveio, trazendo nossa atenção de volta para ele. —Isto é entre mim e você. Deixe meus filhos fora disso. Você me quer? Você me tem. Deixe-os ir.

Eu disse a verdade. —Não vou embora sem você. Michael, você disse que me queria. —Seus olhos se encontraram com os meus. —Bem, eu estou bem aqui, porra. Diante de você. Deixe-os ir, incluindo meu pai.

—Crucifixo...

Michael o interrompeu. —Não é assim que funciona. Agora cale a boca e deixe-me terminar o que ainda nem comecei. —Ele apontou sua arma para minha testa. —Fique de joelhos.

Com minhas mãos para o alto, fiz o que me foi dito.

Michael prosseguiu. —Depois de todos esses anos, todo esse tempo, você ainda acha que é intocável, Martinez! Se ao menos eles soubessem quem você é. Quem você realmente é. Eles odiariam você tanto quanto eu! Mas sabe de uma coisa? É hora de eles descobrirem a verdade e serei eu quem contará a eles. É hora de perceberem quem realmente é El Diablo. —Ele abaixou sua arma, mudando o cano para a cabeça de minha irmã.

—Eu vou te contar sobre o seu precioso papai.

—Michael...

—Martinez, se você não calar a boca, vou amordaçá-lo! Eles merecem saber a verdade sobre o pai deles.

—Não importa o que você diga. —Expliquei. —Sempre terei lealdade ao homem que me trouxe a este mundo. Você está perdendo seu tempo se pensa que vai mudar meu amor por ele.

Michael inclinou a cabeça para o lado. —Vou tentar, de qualquer maneira. O primeiro amor do seu papai não foi sua mãe. Ele realmente amou a mãe dela primeiro. Sophia. Ele alguma vez te contou sobre ela?

—Ela se matou. Minha mãe nos contou.

—Sophia nem sempre foi danificada. Ela era cheia de vida. Luz. Seu pai fez isso. Ele a danificou. Então, quando ela se matou por causa dele, ele fodeu a filha dela. Sua mãe.

—Não foi assim que aconteceu, e você sabe disso. —Informou Papá. —*Você* a danificou.

—Eu amava sua irmã. Ela era o amor da minha vida e você também a matou.

—Essa não era minha intenção. —Respondeu meu pai.

—Certo... que tal seu pai? Ele também não era sua intenção?

—O quê? —Eu entrei na conversa, pego de surpresa.

—Oh, você não sabia sobre isso? —Michael disse. —Ele matou o pai porque a mãe dele era uma prostituta mentirosa e traidora. E o seu avô a matou. Veja, o sangue Martinez é a porra de um demônio perturbado. A resposta deles para tudo é assassinato.

—Eu dei a você quatro anos para confessar. Quatro malditos anos para dizer a verdade a Amari. —Papá retrucou. —Ela merecia saber o quanto você era um merda. Você nunca a amou. Eu sabia disso desde o primeiro dia. Amari era cega, ela engravidou da Daisy para te prender, porra. *Essa* é a forma como ela estava desesperada para mantê-lo por perto. *Isso* é o quanto ela te amava. Eu amava minha irmã mais do que tudo neste mundo e não se passou um dia em que eu não tivesse pensado nela. Todos os dias encontro uma nova maneira de me castigar por ter tirado a vida dela.

Não sabíamos de nada disso...

Minha prima Daisy sabia que nosso pai estava por trás da morte de seus pais?

CAPÍTULO 43

Cruz

—Eu a vejo, eu a sinto a cada maldito segundo, me julgando com decepção em seus olhos. —Papá continuou. —Ela era minha luz, exatamente como minha esposa e meus filhos são. Nunca tive a intenção de machucá-la. Se eu pudesse trocar de lugar, não pensaria duas vezes. Amari foi pega no fogo cruzado, assim como Daisy. *Eu queria você*. Elas não. Deixe-me deixar isso bem claro.

—Lexi é minha filha também e essa é a única razão pela qual ela não está aqui. —Michael esclareceu. —Minha outra filha não vai pagar pelos seus pecados. É por isso que Daisy também não está aqui. Elas são as únicas duas coisas que me restam neste mundo. Eu as vi crescer ao seu lado. Eu as vi fazer suas próprias famílias. Criar meus netos, seus filhos. Você sabe o que é assistir de longe? Perder todos os aniversários, celebrações, reuniões familiares. Você tem ideia de quantas vezes eu poderia ter matado você? Atirado a sangue frio. Você viveu esta segunda vida, fugindo para a Itália, agindo como se você merecesse!

—Eu não mereço. Eu sei disso. Eu quis tirar minha própria vida muitas vezes. Não consigo dormir à noite, isso me assombra. Uma arma. Seria tão fácil acabar com tudo. É o que eu mereço e não pense por um segundo que não sei.

Eu estremeci ao ouvi-lo admitir o que sempre me perguntei. Por que eu o encontrava sozinho no meio da noite. Ele estava pensando, contemplando...

Sua morte.

—Eu me odeio pra caralho. Todos. Os. Dias. Olho nos olhos dos meus filhos e tudo que vejo é a minha morte. Eu os amo. Por favor, Michael. Estou te implorando. Tenha misericórdia de mim.

—Como você fez comigo?

—Quatro anos! —Papá repetiu. —Tudo o que você precisava fazer era contar a verdade à minha irmã! O que você esperava de mim?

—*Misericórdia!* Eu fodi tudo. Eu paguei por isso. Você matou o amor da minha vida!

—Como diabos você não morreu, porra? Hã? Como?

—Você nunca pediu para ver meu corpo. Lembra? Você identificou o corpo de sua irmã no necrotério, mas não o meu. Na verdade, é muito fácil fingir sua morte. Você deve saber tudo sobre isso. —Respondeu Michael.

—Desconte isso em mim! Não em meus filhos! Não em seus netos! Deixe-os ir! Agora! Pelo bem de Lexi!

—Vá se foder! —Michael ferveu, olhando diretamente para mim. —É a sua vez, Cruz! Está na hora de escolher!

—Eu vou te matar por isso! Eu juro por Deus! Vou acabar com você por isso! —Papá começou a se debater, tentando se soltar da cadeira.

—Quem vai ser, neto? Sua irmã ou sua esposa? Você tem que escolher! Diga-me! Quem vai viver e quem morre?

Eu congelei, não acreditando na cena que se desenrolava na nossa frente. As expressões petrificadas de Ari e Sienna refletiram de volta para mim, penetrando freneticamente em meu olhar, procurando ajuda. Jamais esquecerei a expressão em seus olhos, nesse

exato momento em que todos nós éramos mantidos em cativeiro por lunáticos com armas apontadas para suas cabeças.

Os segundos seguintes foram como um filme de terror, se tornando minha nova realidade. Onde nenhum de nós jamais seria o mesmo novamente.

—Escolha! Você precisa escolher! Diga-me, filho da puta! Quem será? Diga-me agora!

Eu balancei minha cabeça, incapaz de controlar as emoções fluindo por mim. Tudo estava transcorrendo tão rápido que era difícil acompanhar o que estava realmente acontecendo. O tempo parou mais uma vez, ou talvez tenha se movido mais rápido, eu não sabia mais.

Suas palavras.

Meus sentimentos.

Os olhares das garotas com uma mistura de angústia e terror. Nada fazia sentido. Eu estava lá, mas não estava. Tudo parecia igual, o pânico, as vozes, a vida que ele queria que eu tomasse.

—Mate-me! —Eu despejei em um grito ensurdecido que ressoou do fundo dos meus pulmões. Ecoando no teto abobadado, vibrando dentro do meu núcleo. —Está me ouvindo? Tire minha vida!

—Por favor, Michael! Não faça isso! —Papá rugiu, imitando meu tom. —Não faça isso, porra! Eu estou te implorando! Suplicando a você! Não faça isso!

—Escolha!

—Vá se foder! —Eu me levantei, com urgência, batendo em meu peito. —Mate-me, filho da puta! Porque se você não fizer isso, juro que vou te encontrar e te matar eu mesmo! Esta é *sua* chance! Vou te enterrar vivo, seu filho da puta!

—Você acha que eu me importo com isso? Estou morto desde que seu pai matou minha esposa! Espero que você me encontre e me mate! Eu quero morrer! Mas primeiro, você precisa escolher! Adriana ou Sienna? Quem vai ser? Diga-me! Agora!

—Ela é sua irmã, Cruz. —Afirmou Sienna com desespero em sua voz. —O sangue é mais espesso do que qualquer coisa. Você me entende? Eu conheço essa vida. Eu vivi essa vida. Nunca pensei que chegaria tão longe. Deixe-me ir ficar com minha mãe. Por favor, apenas me liberte.

Meus olhos lacrimejaram.

Meus lábios tremeram.

Meu corpo tremia, porra.

—Sin, não faça isso comigo. Lute! Você me entende? Nunca se entregue a ninguém! Nem mesmo a mim!

—Cruz, eu te amo. —Exclamou Adriana, falando pela primeira vez. —Eu sabia que você me encontraria. —As lágrimas escorreram pelas laterais de seu rosto. —Você me encontrou, ok? Eu estou bem aqui. Não deixe a vida dela em minhas mãos. Eu não quero o ressentimento disso. É melhor me matar, porque não serei capaz de viver comigo mesmo se você me escolher. Por favor, irmão. Eu entendo.

—Ari... eu não posso... —Eu não conseguia respirar. Meu coração estava partindo, meu corpo desmoronando. —Eu não posso fazer isso! Michael! Por favor! Apenas me mate!

O olhar despedaçado em seus olhos e a expressão derrotada em seus rostos provocaram Michael para continuar. —Escolha! Você tem três segundos para decidir, antes que eu faça isso por você!

—Por favor! —Eu puxei o ar, me forçando a continuar. Desejando que minha boca se movesse. A dor, a agonia, o remorso, me atingindo com força e de uma só vez. Meu peito doía e queimava. Meu coração se partiu, sangrando para que todos pudessem ver.

—*Três.*

Eu estava sufocando, hiperventilando, me afogando mais profundamente em meu desespero. Não havia como me salvar de mim mesmo.

—Nãooooooooo! —Papá debateu o corpo, rasgando de dentro para fora.

—*Dois.*

—Eu não posso! Mate-me! Apenas me mate, porra! —Eu repeti, sentindo como se não pudesse continuar mais. Eu queria morrer, eu precisava morrer. Meu corpo lutou ferozmente consigo mesmo de uma forma que nunca havia feito antes.

—*Um.*

O tormento.

O remorso.

Meus demônios.

Entendendo pela primeira vez que meu demônio número um tinha sido o tempo todo Michael, meu avô. A destruição e devastação que ele trouxe para a minha vida desde o minuto em que ele levou Ari e eu entrei neste quarto.

Este inferno.

—O tempo acabou, filho da puta!

—Nãoooooooo! —Eu saltei para frente quando ele puxou o gatilho.

Nunca antecipando o resto.

Bang!

Eu me lembraria desta fração de segundo pelo resto da minha vida. Juro que parecia uma bala em câmera lenta quando o som de tiros sacudiu as paredes. Assistindo enquanto Vitale empurrava Adriana com força para fora do caminho, batendo-a no chão. Seu corpo foi jogado para trás com o impacto da bala que ele levou por ela, na lateral do estômago.

Antes que eu pudesse derrubar Michael no chão, outra bala ressoou pelo ar.

Bang!

No começo, eu não sabia o que diabos tinha acontecido. Tudo o que podia ser ouvido era o som distinto de pólvora explodindo no projétil. Outra bala zunindo no ar e estourando quando atingiu o alvo. Apenas quando a cabeça de Michael explodiu a alguns metros do meu rosto, que percebi que alguém atirou nele por trás. Seu corpo sem vida caiu no chão com um baque forte e alto.

Todos os olhos se voltaram para a direção de onde a bala veio. Por alguns segundos, ninguém se moveu, ninguém fez nenhum som, inclusive eu. Havia uma sensação indiscutível de consciência perfurando a sala. Profundo e árduo. Sufocante e inquietante. Desesperada e impiedosa.

Morte.

—Putá merda. —Eu suspirei, quando a vi parada ali, perto de outra porta. Segurando uma arma firmemente na mão.

—Ninguém fode com a minha família. Nem mesmo... meu pai.
—Declarou mamá.

Quase me derrubando de bunda.

CAPÍTULO 44

Cruz

Ari foi a primeira a quebrar o silêncio. —Oh meu Deus. Christiano, você está bem? Você salvou minha vida.

Christiano? Ela sabia seu primeiro nome?

A expressão de choque no rosto dele espelhava a nossa. Era óbvio que ele estava tão impressionado com suas próprias ações quanto nós. Eu não sabia o que era pior. Salvar a vida da minha irmã por puro instinto ou porque não teve escolha. Simplesmente querendo dizer que lá no fundo...

Ele se importava com ela.

Que porra é essa?

Mamá correu pela sala, indo imediatamente em direção a nosso pai.

—Alejandro. —Ela murmurou, caindo de joelhos. Agarrando instantaneamente seu rosto machucado e ensanguentado.

No entanto, ele afastou o queixo, afirmando: —Estou bem.

Seu ego era uma característica a qual nossa mãe estava acostumada. Ela começou a trabalhar para libertá-lo das amarras que o prendiam à cadeira.

Bati meu punho no espelho da penteadeira, socando-o e pegando um caco de vidro. Caminhei em direção a Ari para cortar suas amarras.

Uma vez que estava livre, ela jogou seus braços machucados em volta do meu pescoço, sussurrando. —Eu te amo. —No meu ouvido.

Eu a abracei por alguns segundos, precisando senti-la em meu abraço. Eu estive sonhando com este momento pelo que pareceram décadas. Assim que a soltei, ela correu em direção a Vitale para ajudá-lo, mas seus esforços foram interrompidos quando nossos homens correram para o quarto.

Armas prontas para a batalha.

Seguidos por El Capo e Gino.

Vitale olhou para eles e empurrou os braços de Ari para fora do caminho. Com a mão segurando firmemente seu abdômen, ele deu um pulo e foi em direção à janela. Protegendo o rosto antes de quebrar o vidro. Ele caiu no telhado, desaparecendo na escuridão como se nunca tivesse estado lá. Nossos homens entraram em ação, perseguindo-o em sua fuga.

—Não! —Adriana os parou, ficando na frente da janela quebrada.

Não hesitei, ordenando: —Encontre-o! Eu quero a cabeça dele.

—Cruz! Ele salvou minha vida!

—Ele não precisaria salvar sua vida, se em primeiro lugar ele não tivesse colocado você em perigo, Ari! Vão. Agora!

Eles correram para fora do quarto, ouvindo meu comando.

—Cruz...

—Não faça isso. —Eu levantei minha mão, silenciando minha esposa. —Ele fodeu com o homem errado.

Eu não esperei pela resposta dela. Em três passos, caí de joelhos. Minhas mãos agarraram os lados de seu rosto, calando-a, beijando-a como se ela fosse meu último suspiro.

—Pelo amor de Deus. —Murmurei contra seus lábios. —Você nunca mais vai sair de casa.

Ela me beijou de volta e, por um instante, nós nos perdemos um no outro, antes que eu a ajudasse a se levantar do chão.

—Papà, tio Gino. —Ela jogou os braços em volta dos dois.

—*Principessa*, você está bem? —Luciano perguntou, agarrando o rosto dela entre suas mãos, examinando-a. —Eles machucaram você?

—Estou bem.

—Gino, chame o piloto. Diga a ele que estamos voltando. Certifique-se de que nossos médicos também estejam lá.

—*Si*, Capo. —Ele assentiu, beijando a testa de Sienna. —Você roubou meu carro.

—Eu sei. Sinto muito.

—Nunca mais faça isso comigo.

—Eu não vou. Prometo.

Ele assentiu novamente e saiu do quarto.

Papá tentou se levantar, mas seu corpo não aguentou.

—Cruz, me ajude. —Mamá entrou em pânico.

—*Cariño*, estou bem.

—Você não está bem. Você não consegue nem ficar em pé.

Luciano e eu corremos em sua direção, colocando seus braços sobre nossos ombros para que se apoiasse em nós, permitindo que seu corpo relaxasse. Mamá, Sienna e Ari caminharam atrás de nós enquanto praticamente o carregávamos escada abaixo. Tínhamos que parar a cada dois passos com a intensa dor que irradiava por ele.

Cuidadosamente, colocamos seu corpo frágil no carro de Luciano. Mamá sentou-se bem perto dele, apoiando a cabeça dele em seu colo. Fechei a porta e acenei para o motorista acelerar até o avião.

Sabendo em meu coração...

Nosso pai nunca mais seria o mesmo depois disso.

Sienna

Cruz não tinha saído do lado do pai desde que chegamos ao avião do papá. Se Martinez não superasse isso, não havia como dizer o que isso faria com seu filho.

Respirando fundo, peguei duas garrafas de água da geladeira e fui até ele. Coloquei a garrafa em frente a seu rosto, sinalizando para ele beber, mas ele balançou a cabeça, negando.

—Você tem que comer ou beber alguma coisa, Cruz. Você não deixou o médico examinar seu braço, você pode pegar uma infecção. Por favor, pegue a água, você precisa se manter hidratado.

Ele não respondeu, ele não estava me ouvindo. Inalando outra respiração profunda, sentei-me ao lado dele, gentilmente colocando minha mão em seu joelho.

—Ele vai ficar bem.

—Você ouviu os médicos, Sin. Todas as suas costelas estão quebradas, seu tórax afundou. Ele está velho. Não sabemos o que vai acontecer.

—Você tem que pensar positivo. Não ajuda ninguém, pensar do jeito que você está pensando.

Novamente, ele ficou quieto.

—Sua família precisa que você continue positivo, Cruz.

—Vou me sentir melhor quando tiver a cabeça de Vitale na porra de uma travessa.

Meus olhos se voltaram para Adriana, que estava em um assento do outro lado do avião, olhando pela janela, parecendo perdida e arruinada.

—Eu sei que você acha que é a coisa certa a fazer, mas e quanto à sua irmã?

—O que você está insinuando, Sienna?

Dei de ombros. —Acho que ela sente algo por ele.

—É a Síndrome de Estocolmo, vai passar.

—Bem, você não pode negar que ele salvou a vida dela.

—E o quê? Devo ignorar o fato de que ele a manteve prisioneira por meses? E te tomou como refém também?

—Não. Eu não sei. Eu só acho que ela passou por muita coisa e... talvez... eu não sei, talvez ela precise dele.

—Você não pode estar falando sério. Você está fodendo comigo agora?

—Claro que não.

—Você se lembra quando disse que era minha esposa? Comece a agir como tal e não questione minhas decisões quando eu sei o que é melhor para minha família.

Mordi minha língua, sabendo que ele estava sendo um idiota porque estava preocupado.

—Você sabe quem eu sou e do que sou capaz. Eu não dou a mínima para o que Vitale fez lá atrás. Eu quero a cabeça dele, e não vou parar até que eu a tenha.

—Eu *sei* do que você é capaz. Testemunhei isso com meus próprios olhos. Eu sei do que meu pai é capaz, e meu tio Gino. Eu sei até do que seu próprio pai é capaz. Eu sei tudo isso. Mas por trás da violência, do sangue, do caos, você tem um coração, Cruz. Você ama e protege sua família, perdendo sua própria vida se for preciso. Não estou dizendo que isso torna certo o que você faz, mas eu já vi seus dois lados. O bom e o mau. —Fiz uma pausa, deixando minhas palavras serem absorvidas. —Então, talvez, Ari tenha visto os dois lados de Vitale também. É tudo o que estou tentando dizer.

Ele estreitou seu olhar para mim, absorvendo o que eu estava declarando. Como não queria discutir com ele, levantei-me e saí. Eu

estaria mentindo se dissesse que não estava chocada por ele ter permitido.

Meus pés se moveram por conta própria e, antes que eu soubesse o que estava fazendo, me vi sentada na frente de Adriana.

—Você está bem? —Eu perguntei a ela, querendo quebrar o gelo entre nós.

—Sim.

—Sinto muito por tudo que aconteceu com você. Não consigo imaginar o que você passou nos últimos meses. Seu irmão ficou arrasado. Toda a sua família ficou quando souberam do seu sequestro. Ele se castigou a cada momento por permitir que algo acontecesse com você. Não se passou um dia sem que ele não estivesse atrás de pistas, usando todos os meios possíveis para obter respostas. Cruz está apenas tentando protegê-la.

Eu tinha conhecido a irmã de Cruz apenas brevemente na minha festa de formatura, e já tinha percebido o quanto ela era parecida com seu irmão. Ela não disse nada, nem sequer olhou para mim. Ela se desligou completamente, aprisionada em seus próprios pensamentos. A única razão pela qual notei foi por reconhecer a expressão em seu rosto. Eu a tinha usado uma ou duas vezes.

Por algum motivo que não consegui explicar ou entender, senti uma conexão com ela como tive com sua mãe. Eu queria ajudar, dar a ela paz de espírito.

Talvez esperança.

—Minha mãe foi morta diante dos meus olhos, quando eu tinha oito anos.

O olhar de Ari encontrou o meu.

—Eu sei em primeira mão como é ter toda a sua vida arrancada de você. É difícil de compreender e você passa noites acordada se perguntando por que? Por que eu? Eu não pedi por isso, eu não queria. Sou uma boa pessoa, não mereço o que está acontecendo comigo, ao meu redor, com as pessoas que amo. Levei muito tempo para me conformar que essa era a vida em que nasci. Em vez de me concentrar nas coisas ruins, tentei ver o lado bom. Meu pai fez algumas coisas horríveis em seu tempo, coisas que eu sei que ele terá que se explicar com Deus. Mas eu vi seu coração. Eu senti seu amor. É difícil separar El Capo do meu papà, e imagino que sua mente esteja confusa com o que descobriu esta noite sobre seu pai. Fique tranquila, eu vi o amor dele por você, Ari. Seu amor por sua mãe, seu irmão. Você é tudo para ele. Eu espero que você saiba disso.

—Eu sei. E por isso que sei que Christiano também é um bom homem.

Meus olhos se estreitaram, esperando que ela continuasse.

—Passei os últimos sete meses com ele. Eu soube de coisas, como que você se casou com meu irmão. Eu soube que eles estavam procurando por mim. Soube tudo o que aconteceu enquanto estive fora.

—Como?

—Ele me mostrou.

—Vitale?

—Sim. Ele estava no seu casamento. Ele foi por mim.

—O quê?

—É difícil de explicar. Eu mal entendo o que aconteceu entre nós. No começo, ele foi cruel, mas... eu não sei. Em algum lugar ao

longo do caminho, seu comportamento mudou. Eu estava assustada. Eu nunca tinha estado longe de casa ou da minha família. E então ser jogada para os lobos, por assim dizer, foi assustador. —Seus olhos se encheram de lágrimas, visivelmente revivendo tudo de novo. —Eu não sou forte como meu irmão. Fui mimada por toda a minha vida e só me dei conta do quão ruim isso era quando fui levada. Tudo o que tinha era tempo para pensar e, pela primeira vez, realmente reconheci como era ingênua. Sou. —Ela encolheu os ombros. —Ainda é muito confuso. Para tornar as coisas ainda mais confusas, Christiano voltou uma noite e começou a me mostrar fotos, vídeos que ele havia feito de todo mundo. Disse que meu irmão ia se casar. Chorei a noite inteira porque eu não estaria lá. Ele apareceu na noite seguinte em um smoking. Ele tinha um vídeo de sua cerimônia de casamento e recepção, e foi a primeira vez que ele foi gentil comigo. Ele me contou sobre a noite, como Cruz parecia feliz. Como você parecia infeliz. As coisas começaram a mudar entre nós depois disso.

—Uau. Não sei o que dizer.

—Não importa o que eu diga, Cruz já deu as ordens. Ele é um homem morto. É apenas uma questão de tempo até que o encontrem. Ele me protegeu. É por isso que eu estava com ele em vez de Michael, que se revelou ser meu avô há muito perdido, aparentemente. O que é ainda mais enlouquecedor, sou sua neta e ele me odiava. Ele nunca me tratou como algo mais do que lixo sob seus pés. Eu sabia que ele era obcecado por nossa família. Ele não tentou esconder isso.

—Ele era louco.

—Fale sobre genes, certo? Michael não me deu para Christiano como ele afirmou. Christiano encontrou Michael me machucando, e quando dei por mim, ele estava me levando com ele. Eu nunca mais voltei para as mãos de Michael.

Abri minha boca para dizer algo, mas ela me deixou sem palavras quando acrescentou...

—Acho que estou apaixonada por ele.

CAPÍTULO 45

Cruz

O médico terminou de verificar os sinais vitais do papá. Ele estava fortemente sedado, desmaiado em sua cama com uma intravenosa em seu braço. Uma mistura de fluídos e analgésicos estava sendo injetada em suas veias para ajudá-lo a ficar confortável, junto com uma máquina para monitorar sua pressão arterial e níveis de oxigênio. Mamá e Sienna estavam com Adriana em seu quarto, acomodando-a depois de sete longos meses longe de casa.

Dr. Sanchez acenou com a cabeça em direção à porta e eu o segui para fora, fechando-a atrás de mim. Ele era um velho amigo da família que tinha estado em nossa casa várias vezes ao longo dos anos tratando de resfriados, gripes, dores e lesões. Ele era pago para manter a boca fechada. Independentemente disso, eu confiava nele.

—Como ele está? —Eu perguntei, colocando minhas mãos nos bolsos da minha calça.

—Ele é forte, Cruz.

—Não preciso da sua delicadeza profissional, doutor, e minha mãe não está por perto. Eu quero a verdade.

—A verdade é. —Ele suspirou, colocando a mão no meu ombro. —Seu pai está mal. Embora, nós dois saibamos o quão resistente ele é. Ele não vai cair sem lutar.

—Seu corpo está lutando contra ele.

—Como é aquela música do Frank Sinatra? Do meu jeito? Bem. —Ele riu. —Seu pai fez tudo do jeito dele. Ele viveu a vida que ele queria. Poucas pessoas podem dizer isso, Cruz.

—Eu não estou pronto para dizer adeus a ele.

—Compreendo. Em tempos como estes, tudo o que podemos fazer é orar e deixar nas mãos de Deus.

—Deus me odeia, doutor.

—Não é assim que ele trabalha. Confie nele. Está bem?

Eu não respondi, o que poderia dizer sobre isso?

—Ele está medicado e com acesso intravenoso até de manhã. Voltarei então. Se alguma coisa mudar, estarei à distância de um telefonema.

Acenei com a cabeça. —Obrigado.

Ele sorriu, dizendo boa noite para mamá no caminho pelo corredor. Ela sorriu, focando sua atenção em mim. Parada na minha frente, com nada além da força escrita claramente em seu rosto.

Lendo minha mente, ela reafirmou: —Ele vai ficar bem, Cruz.

—Como você pode ter tanta certeza?

—Eu posso sentir isso. Eu posso senti-*lo*. Posso sentir seu pai desde os quinze anos, quando o vi pela primeira vez. Ele sempre teve esse efeito em mim. Não importa quantos anos passamos separados. Senti sua alma todos os dias. Então, se eu não estou preocupada, você também não precisa ficar.

Mudei de assunto. —Como está Ari?

—Ela está com Sienna. Elas gostaram uma da outra. É bom. Sua irmã precisa de uma amiga agora, e ela sempre quis uma irmã.

—E você, mamá? Como você está?

—Estou aliviada e grata por ter minha família sob o mesmo teto novamente.

—Parece que uma vida inteira se passou desde que estivemos todos juntos assim. —Eu não pude mais segurar. —Como você descobriu, mamá? Como você sabia que era Michael?

—Recebi uma carta esta manhã que dizia: *Sinto muito. Eu deveria ter estado lá para você.* Com uma foto minha atuando em New York. Seu pai disse que estava indo para a cidade cuidar dos negócios e eu simplesmente sabia. Liguei para Luciano, e voamos para lá. Acho que Michael não pensou que eu iria entender tão rápido. Ele me subestimou. Seu pai tem duas propriedades de sua infância que ele nunca foi capaz de vender. Uma está na Colômbia, a outra em New York. A presença de sua mãe ainda está nessas casas. Como você sabe, seu pai amava muito sua avó. Até hoje, a morte dela ainda o assombra.

Eu pensei que já tinha descoberto tudo sobre meu pai. Embora, o que eu sabia, mal tocava a superfície. Eu não poderia julgá-lo por suas decisões, considerando que eu teria feito o mesmo se ele machucasse minha mãe. Ele não iria. Ele era muitas coisas, mas sua família era tudo. O passado sempre tinha uma maneira de se repetir. Ele matou Michael por sua irmã, e eu queria o túmulo de Vitale pelo mesmo motivo.

Ninguém fode com minha família e consegue viver mais um dia.

—Daisy sabe sobre o papá e os pais dela?

Ela balançou a cabeça. —Não. E eu gostaria de manter assim. Michael deu as costas para minha mãe, para nós duas. Ele nunca foi nada mais do que um doador de esperma, não um pai aos meus olhos. Não sei o que ele te disse, mas sei que é tudo mentira. Seu pai é a melhor coisa que já me aconteceu. Ele desistiu de tudo por nós. Ele criou Daisy da única maneira que sabia, no entanto, ele compensou isso com vocês, seus filhos.

—Eu sei.

—Esta não é a vida que eu queria para você, Cruz. —Ela amorosamente agarrou meu rosto. —Eu preciso que você saiba que você é um bom homem, você precisa se lembrar disso. Eu odeio essa vida, mas você tem um coração de ouro. Você sempre será meu garotinho com olhos verdes brilhantes que podem ver dentro da minha alma. Você é meu coração. Eu te amo, Crucifixio.

—Eu também te amo.

Ela me puxou para seus braços, me abraçando o mais forte que podia. —Você precisa levar sua esposa para casa e descansar um pouco.

—Eu vou em breve. Tome um banho. Eu vou ficar com ele.

—Está bem. —Ela beijou minha bochecha e foi embora.

Voltei para o quarto, surpreso ao encontrá-lo acordado. —Papá, você precisa descansar.

—Vou descansar quando morrer.

—Você quase morreu.

—O Diabo ainda não me quer, filho. Ele não gosta de competição.

Eu bufei com uma risada. —Você está fazendo piadas, eu vejo.

—Como você está se sentindo? Você está bem? —Ele sussurrou sem fôlego.

—Estou bem.

—Estou bem também. Agora, como você realmente se sente?

Não hesitei em responder: —Com medo.

Abrindo os braços, ele murmurou: —Venha aqui.

—Papá...

—Cruz, venha aqui.

—Eu não quero machucar você.

—Você não pode me machucar mais do que eu te machuquei. Vamos ficar quites.

—Eu não sou uma criança.

—Não me importa sua idade. Quantas vidas você já tirou. Quantos demônios o mantêm acordado. Você sempre. Sempre. Será meu filho.

Sentado na lateral de sua cama, inclinei-me para frente. Suavemente deitado sobre seu peito. Ouvir e sentir seu coração contra o meu era um sentimento que eu não esperava. Não havia como controlar as emoções que isso provocou, agitando-me por dentro.

—Eu te amo, Cruz. Estou muito orgulhoso de chamá-lo de meu filho. Nunca quis ser como meu pai. Nunca. Eu soube disso desde o primeiro dia.

—É aí que somos diferentes, papá. Eu sempre quis ser como você.

—Você é melhor do que eu, e já provou isso repetidas vezes desde que era um garotinho. Não sei como Deus me permitiu ter você, sua irmã e sua mãe, mas agradeço a Ele todos os dias pela luz que você trouxe para o meu mundo escuro e sombrio.

—Por favor... fique bem. —Eu engoli o nó na minha garganta. —Eu não posso perder você ainda.

—Você é meu olho direito, e sua irmã é meu esquerdo. Vocês são as pupilas dos meus olhos. Quando chegar a minha hora de partir, saibam que partirei em paz. Não tenho mais nada do que me arrepender. Minha alma se sente salva.

—Eu gostaria de poder dizer o mesmo.

Ele ofegou, tocando o peito. Tentando respirar apesar da dor que falar estava infligindo em suas costelas. Peguei a água e o ajudei a tomar um gole antes de colocá-la de volta na mesa de cabeceira ao lado de sua cama.

—Neste mundo, Cruz. —Ele falou suavemente. —A única coisa que você pode fazer é proteger aqueles que você ama. Família é tudo. Um dia você terá seus próprios filhos para se sentir completo. Eles preencherão o vazio em seu coração pelas vidas que você tirou em nome deles.

—Eu te amo, papá. Você preenche esse vazio agora.

Ele sorriu levemente, fechando os olhos. Foi a primeira vez na minha vida que ele adormeceu profundamente na minha presença. Fiquei sentado ali por um tempo, apenas ouvindo sua respiração tranquila, observando seu peito subir e descer. Encontrando harmonia em tudo.

Depois de todos esses anos, eu finalmente soube...

Seus demônios foram colocados para descansar, permitindo-lhe encontrar o sono que passou toda a sua vida esperando.

CAPÍTULO 46

Sienna

Já era madrugada quando voltamos para casa.

Casa.

Essa palavra era um conceito tão estranho para mim alguns dias atrás. Nunca pensei que pensaria nesta casa como algo diferente de minha prisão atrás das grades da vida da máfia. Era uma loucura como sua perspectiva podia mudar quando você menos esperava. Nunca imaginei que sentiria amor por trás dessas paredes.

Eu senti.

Eu sinto.

Cruz salvou minha vida. Ele teria morrido por mim, e isso não era algo que eu poderia ignorar.

—Ei. —Saí para a varanda do nosso quarto.

Ele estava sentado na espreguiçadeira, observando o nascer do sol declarando um novo dia.

—Você vem para a cama?

—Eu não estou cansado.

—Você virá se deitar comigo então?

Por um breve momento, nossos olhos se conectaram antes que ele assentisse. Eu agarrei sua mão, levando-o para dentro.

Quando passamos por nossa cama, ele questionou: —Onde você está indo?

—Tomar banho com meu marido. Estamos imundos.

—Sienna...

Eu olhei para ele, afirmando: —Confie em mim.

Uma vez que estávamos no banheiro, liguei o chuveiro e em segundos, o vidro embaçou com o vapor da água quente. Sem soltar sua mão, girei para encará-lo.

Seus olhos nunca mentiram para mim, eles estavam cheios de curiosidade sobre até onde eu queria levar isso. Não havia hesitação em minhas mãos quando eu o soltei para desabotoar sua camisa. Um por um, meus dedos se moveram para baixo em seu tronco antes de puxá-la cuidadosamente por seus braços, com cuidado para não machucar a ferida em seu bíceps. Tirando-a, olhei para o ferimento causado por um lunático. Percebendo o quão perto estava de seu coração, o meu disparou.

Se tivesse passado centímetros, ele não estaria parado na minha frente agora. Algo se apoderou de mim, inclinei-me e beijei suavemente seu ferimento enquanto olhava para ele através dos meus cílios.

Minhas mãos alcançaram seu cinto e o botão de sua calça, tirando-a também, deixando-a cair em seus tornozelos. Ele saiu dela, nunca rompendo nossa intensa conexão. Em um movimento rápido, tirei meu vestido, sutiã e calcinha.

Em um instante, seu olhar curioso se tornou predatório com a necessidade. Eu sorri, amando a reação que meu corpo evocou em seu rosto. Voltando para o chuveiro, eu o trouxe comigo.

Ele fechou as portas quando me aproximei dele com cautela, com medo de que ele me afastasse, mas não me importando se o fizesse.

Eu precisava olhar para ele.

Segurá-lo.

Contar tudo a ele.

Com ternura, toquei os hematomas e cortes que arruinaram a pele outrora macia em seu peito, braços e abdômen. Eu queria me lembrar desse momento, de vê-lo vulnerável.

Meu lindo homem danificado.

Meu.

Seu corpo estremeceu quando o toquei, mas não parei.

Eu não podia.

Meus dedos se moveram para seus lados. Eu queria me livrar de toda a mágoa e dor que ele poderia estar sentindo.

Por mim.

Por sua família.

Por seu pai.

Meus dedos encontraram o caminho de volta para seu rosto bonito.

Sob a cascata de água quente acima de nossas cabeças, confessei meus pecados: —Eu não queria te amar, porque no fundo da minha alma... eu não suportava a ideia de perder outra pessoa em minha vida. Eu queria te odiar por medo de que você morresse na

frente dos meus olhos, como minha mãe. —Mordi meu lábio, lutando para não chorar.

Continuei. —Eu mantenho as pessoas à distância para proteger meu coração da dor do luto por outra pessoa. Eu sei o que é este mundo, e o odiei minha vida inteira. Eu queria fugir, ir embora, e de certa forma, eu atendi meu desejo. Ser feita refém só provou o quanto eu queria voltar para casa. *Para você.* Desde o momento em que o vi pela primeira vez na minha festa de formatura, senti uma conexão profunda com você. Foi por isso que me aproximei, para começar. Meu coração queria algo que eu não podia ter. Eu não deixaria. Então minha mente entrou em modo de sobrevivência e eu fui uma vadia completa com você. Sinto muito, Cruz. Você tem sido gentil, amoroso e paciente comigo. Você teria dado sua vida pela minha. — Lágrimas escorreram de meus olhos. Ele levantou a mão para enxugá-las com as costas dos dedos.

Ele parecia cativado por cada palavra que eu estava compartilhando.

—Eu nunca serei capaz de agradecer o suficiente pelo que você fez por mim.

Em um suspiro, ele murmurou: —Eu te amo, Sienna.

Sabendo que ele estava falando sério, desde a primeira vez que disse isso na igreja, eu queria dizer de volta, embora não conseguisse encontrar coragem.

Eu estava louca.

Furiosa.

O amor faz isso com você.

Rendendo-me a ele, finalmente professei meus votos: —Eu, Sienna Luciano, te recebo, Crucifixio Martinez, como meu legítimo esposo, para amar e respeitar de hoje em diante, na alegria e a tristeza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe.

Inclinando-me, beijei sua boca. Raspando contra seus lábios. —Eu também te amo. Então. Agora. Para sempre.

Cruz

—Eu sei que vamos nos amar tão fortemente quanto vamos brigar, bater cabeças e discutir sobre coisas sem sentido. Eu quero tudo isso com você. Eu quero brigar e fazer as pazes. Eu quero rir e chorar com você. Fazer memórias que vão durar a vida toda. Quero envelhecer com você. —Ela expressou com sinceridade.

Ela parou de me beijar, olhando profundamente nos meus olhos. —Eu quero fazer bebês com você. Filhos, filhas, uma família... com você.

A água quente fumegante desceu por nossos corpos nus como se estivesse limpando os erros que nunca seríamos capazes de mudar, melhorar ou esquecer.

Agarrando os lados de seu rosto, eu a empurrei até que suas costas atingissem o azulejo para que eu pudesse devorar sua boca.

Reivindicar seus lábios.

Possuí-la.

Adorá-la.

Eu a amo, porra.

Por um minuto, permiti que ela tirasse meu fôlego. Aos meus olhos, ela nunca pareceu tão linda.

Tão de tirar o fôlego.

Tão minha, porra.

Agarrei seus pulsos e os segurei acima de sua cabeça com uma mão, enquanto a outra deslizou de seu rosto para os seios, amassando-os em minha mão.

Ela gemeu. Eu não desistia, continuava beijando-a, acariciando-a, sussurrando o quanto a amava. Usando meus lábios para enxugar todas as suas lágrimas, provando seus pecados, suas confissões, seus votos para mim.

Movendo-me ternamente até os lábios dela, enquanto seu corpo continuava a estremecer com o meu amor intenso e avassalador. Dominando suas emoções e anulando suas inseguranças do jeito que só eu sabia fazer.

Fazendo amor com ela.

Antes que outro segundo se passasse, eu a beijei por todos os meses que ela não me permitiu, por todas as vezes que não pude, por todos os momentos que eu tão desesperadamente queria. Perdendo-me nela. Quase como se eu estivesse tentando beijar para afastar os últimos dias, o que eu nunca quis que acontecesse com ela. Desejando segurar suas aflições atormentadas, infligidas unicamente por esta vida.

Eu era forte o suficiente para segurar seus demônios com os meus.

—Você tem ideia de quantas noites eu sonhei com as coisas que quero fazer com você? —Eu expressei contra seus lábios, fazendo seus olhos se abrirem.

Prendendo seu olhar com o meu, ela desencadeou uma reação carnal profundamente dentro do meu núcleo. Seus lábios estavam inchados e vermelhos, sua pele quente e corada, seu cabelo despenteado e solto ao redor de seu lindo rosto. Eu soltei seus pulsos, puxando algumas mechas de seu cabelo para longe de seus olhos, não querendo nada no caminho de seu olhar de rendição.

Segurei seu rosto entre minhas mãos, preparado para dizer a ela o que sempre assombraria minha mente.

—Eu protegerei você e nossos filhos com tudo o que sou. Destruirei o mundo, se for preciso. Ninguém vai tirar você de mim novamente. Eu prometo. Você é minha.

Ela acenou com a cabeça, instintivamente agarrando meus pulsos ainda segurando seu rosto, me dando a força para continuar.

—Eu não posso te perder. Por favor, me diga que você sabe disso?

—Eu sei. Eu juro.

Soltei um longo suspiro, que senti como se estivesse segurando desde o nosso noivado. Sentindo emoções que não conseguia identificar.

—Por favor, me torne sua. Eu quero tudo de você, meu marido.

Eu não tive que ouvir duas vezes, deslizando minha língua em sua boca. Ela se agitou, rendendo-se ao meu abraço apaixonado, derretendo-se ao meu toque. Nós nos beijamos pelo que pareciam horas, apenas enredados e explorando a boca um do outro.

Querendo saborear a vida novamente.

CAPÍTULO 47

Cruz

Eu podia sentir seu peito subindo e descendo contra meu tronco. Seus mamilos duros estavam firmemente pressionados contra minha pele maculada. Eu nem tinha tocado nela ainda, e ela já estava derretendo, se desfazendo.

—Cruz. —Ela ofegou, sua voz estrangulada e frenética.

Eu a beijei até que seu corpo inegavelmente se rendeu a mim.

Até que ela estava ansiosa e trêmula, suave e flexível em meus braços.

Até que cada músculo pulsasse com antecipação.

Com necessidade.

Com vontade.

Com desejo de possuir cada centímetro dela.

Essa foi a minha ruína. Eu caí de joelhos. Morrendo de vontade de saborear o paraíso.

Com força, mas suavemente, suguei seu clitóris sensível em minha boca até que ela ficou completamente à minha mercê. Respondendo a cada sensação que minha língua estava causando. Inalando seu cheiro viciante de excitação misturado com o cheiro doce de sua boceta.

—Implore, baby. Implore-me para fazer você gozar. —Eu rosnei, olhando para ela.

Com olhos aquecidos, ela implorou: —Por favor... por favor, me faça gozar...

Fazendo suas costas arquearem, eu mergulhei minha língua em sua abertura.

—Cruz... —Ela ronronou meu nome, agarrando meu cabelo, usando-o como apoio para ficar de pé.

Fiz amor com ela com minha língua.

Lambendo.

Sugando.

Saboreando.

Trabalhei seu clitóris lado a lado, para cima e para baixo enquanto ela movia seus quadris para frente e para trás contra meus lábios e língua. Ela ia arrancar meu cabelo. Fazendo meu pau pulsar tão forte que comecei a me masturbar.

Ela desceu pela minha garganta e peito.

Eu a testemunhei se desfazendo de dentro para fora com sua excitação escorrendo de seu núcleo. Possuindo cada fibra de seu ser, eu a fiz gozar mais um pouco.

Eu zombei: —Quem é você, Sin?

—Sou sua esposa.

—A quem você pertence?

—Você e apenas a você.

—De quem é essa boceta?

—É sua, é toda sua.

—Um dia vou foder sua bunda, mas esta noite... vou fazer amor com você primeiro.

Eu sorri com seu clitóris na minha boca, gemendo. —Goze para mim, baby.

Seu corpo tremia violentamente com a pressão e o prazer, gritando: —Cruz!

Eu a fiz gozar uma última vez com a minha boca, antes de me levantar. Envolvendo suas pernas em torno da minha cintura, desliguei o chuveiro e a carreguei de volta para a nossa cama. Deitando-a, eu parei sobre ela. Colocando meu corpo musculoso em cima do dela.

—Nunca me diga que quer me deixar para ficar com sua mãe. Você me entendeu? —Eu pedi em um tom profundo, escuro e rouco.

—Sim.

—Bom. Agora implore pelo meu pau.

—Por favor... —Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

—Diga. Eu quero ouvir você dizer pau.

Com os olhos semicerrados, ela me deu o que eu desejava.

—Eu quero seu pau dentro de mim. —Minha esposa respondeu com um sorriso malicioso.

—Boa menina.

Precisando me enterrar dentro dela, eu ansiava para sentir sua boceta virgem apertada em torno de mim. Ela não teve que esperar muito, posicionei meu pau em sua abertura e lentamente empurrei

para dentro. Deliberadamente, tomei meu tempo, não querendo machucá-la. Eu perdi minha fodida cabeça em sua maldita boceta apertada e molhada, me extasiando com o quão perfeita ela parecia.

Eu a beijei em todo o rosto.

Seu pescoço.

Seus seios.

De volta aos seus lábios novamente.

Até eu não aguentar mais.

Eu tinha que olhar para ela.

Eu tinha que cuidar dela.

Eu tinha que fazer amor com ela.

—Você está bem? —Sussurrei contra seus lábios, ver seu rosto angustiado foi o suficiente para responder à minha pergunta.

Deslizando minha mão entre nossos corpos, comecei a esfregar seu clitóris. Tentando tornar mais fácil para ela receber meu pau.

—Porra, Sin... você é apertada pra caralho. Eu vou quebrar você.

—Promete?

—Como você é tão perfeita, porra? Apenas o pensamento de você sangrando no meu pau agora está me levando à beira da insanidade. Seu coração. Sua alma. Sua inocência. É tudo meu. Você é toda minha.

—Eu sou sua. —Ela ofegou.

Centímetro por centímetro, eu me afundei nela. Até que finalmente, rompi sua barreira.

Foi escorregadio.

Quente.

Molhado.

E porque eu era um filho da puta doente, eu trouxe meus dedos ensanguentados até meus lábios e os coloquei em minha boca.

Seus olhos se arregalaram, chocados com o que eu tinha acabado de fazer.

—Você mordeu minha língua no nosso casamento, *baby*. Meu sangue está dentro de você. Agora o seu está em mim, onde deveria estar. Eu te amo. Eu te amo pra caralho. —Rosnei, apreciando a sensação de ter quase até as bolas dentro dela.

—Você é realmente perturbador, mas eu também te amo.

Sentindo uma imensa pressão na cabeça do meu pau, comecei a empurrar para dentro e para fora dela. Sentindo seu aperto cada vez mais forte a cada movimento.

Cada gemido que escapava de seus lábios.

Cada impulso do meu pau em seu ponto G.

Cada aperto de sua boceta.

Mexia em minhas bolas.

Não parei de esfregar seu clitóris. Pouco a pouco, pude vê-la começar a se desfazer.

Descansei minha testa na dela e olhei fixamente para seus olhos brilhantes e nebulosos. Nossos corações batendo forte, nossa pele ainda molhada do banho e nossos pulmões completamente sem fôlego. Desvanecemos em nosso abandono.

Em nosso próprio mundo.

Em nosso próprio tudo.

—Sim... —Ela cantarolou, sem fôlego.

Balançando lentamente seus quadris, se acostumando com a sensação do meu pau dentro dela. Fazendo sua cabeça cair para trás com outro gemido. Tudo que eu podia ouvir era seu desejo. Me encorajando a ir mais rápido, mais forte.

—Sim, *baby*. Pegue meu pau. Assim... Foda-me mais forte... assim. —Eu rugi do fundo do meu peito.

Eu podia sentir sua boceta se contrair, apertando meu pau como a porra de um torno. Agarrando sua nuca, eu queria trazê-la para mais perto do meu rosto. Nossos lábios se encontraram, não tendo mais controle sobre nossas ações.

—Eu te amo, Cruz. Eu te amo muito.

Eu explodi, agarrando seus quadris com força. Alimentando a necessidade de fodê-la até que ela não pudesse pensar em mais nada além do meu pau amanhã.

Dolorida.

Exausta.

Pronta para mais.

Nossas bocas se separaram, sem fôlego, voando alto, esperando. Juntos. Eu mergulhei minha língua em sua boca quando senti sua boceta latejar contra meu pau, pulsando longa e duramente.

Seu estremecimento foi minha ruína.

Ela era minha ruína.

Ela gozou com força e eu a segui. Liberando minha semente o mais fundo que pude em sua boceta. Nós dois tentando recuperar o fôlego. Beijando-a de novo, eu não conseguia o suficiente.

Pela primeira vez, o diabo dentro de mim estava saciado.

Pelo meu anjo em meus braços.

CAPÍTULO 48

Sienna

Um mês depois

Durante o último mês, montei Massimo por toda a nossa propriedade. Cruz não brincou depois de tudo o que aconteceu ao nosso redor, ele contratou um monte de novos seguranças para o terreno. Não importava quantos homens novos ele trazia, eu me sentia segura com ele de qualquer maneira. Ele se tornou meu lugar feliz.

Meu marido.

Parecia real.

Sincero.

Intenso.

Pensava nele quando estava sozinha e até mesmo quando estava em seus braços.

Muita coisa mudou no último mês. Seu pai teve uma recuperação completa. No entanto, a surra intensa teve um forte impacto em seu corpo. Lentamente, mas com segurança, ele estava se recuperando no final. Com o amor de sua família, ele teve a vontade e a determinação de se esforçar para ficar o mais saudável possível. O amor entre ele e Lexi era algo que eu me encontrava ansiosa para testemunhar a cada dia que passava. Era tão natural, comovente. Tudo o que sempre quis para o relacionamento dos meus pais.

Era inspirador.

Adriana e eu tínhamos nos aproximado. Ela se abria para mim de mais maneiras do que eu jamais pensei que ela faria. A jornada dela não era minha para compartilhar, então eu não disse uma palavra ao irmão ou aos pais dela. Ela confiava em mim, e eu não quebraria sua confiança para ninguém. Que era o que as irmãs faziam umas pelas outras.

Os homens do meu pai e Cruz ainda não tinham encontrado Vitale, era como se ele fosse apenas uma ilusão. Não foi por falta de tentativas. À medida que os dias passavam sem nenhum sinal dele, isso pesava sobre os ombros de Cruz. Eu acredito que ele sentia que estava decepcionando todo mundo, ficando de mãos vazias a cada vez. Eu sabia que Vitale apareceria quando menos esperássemos. Sabendo que era apenas uma questão de tempo até que ele desse as caras novamente.

Principalmente para Ari.

Ela estava mudando de ideia, agindo um pouco mais como ela mesma, pelo que Cruz e Lexi diziam. Ela não estava tão retraída, aparecendo em nossas reuniões de família que começamos a organizar todos os domingos em nossa casa. Depois do que Michael fez todos passarem, começou a parecer como se tivesse sido uma bênção disfarçada. Isso aproximou nossas famílias, todos nós apreciamos o que significava ter entes queridos ao nosso redor.

Papà também estava passando muito tempo em nossa casa. Ele era inflexível em querer netos, e ele e tio Gino costumavam implicar com Cruz dizendo que suas bolas deveriam estar arruinadas porque eu ainda não estava esperando. —Que tipo de homem era ele que não conseguia me engravidar? —Eles diziam. Aurora se juntou ao tormento. Com o número de horas que meu marido passou dentro de mim, compensando o tempo perdido como ele dizia, fiquei chocada por não estar grávida ainda.

Lexi estava confiante de que isso aconteceria no momento certo. Nesse ínterim, ela começou a comprar coisas neutras para bebês.

Roupas.

Brinquedos.

A lista continua e continua sem fim à vista.

Meu relógio biológico estava correndo no corpo de todos os outros. Eu não conseguia imaginar como seria quando eu estivesse grávida. Nosso bebê seria amado e mimado sem limites, e eu, pelo menos, estava animada com o futuro.

Agarrando as rédeas, eu me inclinei para frente enquanto Massimo saltava outro obstáculo. Nós voamos pelo ar sem esforço, passando sem derrubar o poste todas as vezes. Rapidamente se tornou minha parte favorita sobre cavalgar. A sensação de liberdade por alguns segundos, onde nada mais importava além de ser um só com meu cavalo. Galopamos até a beira para encontrar Cruz nos observando atentamente. Encostado na cerca, vestindo seu terno habitual. Parecendo tão bonito quanto o diabo.

Nunca me saciava dele. Ele me tirava o fôlego.

Sua gentileza.

Seu coração.

Seu amor.

Todas eram qualidades que eu admirava. Claro, ainda discutíamos. Ele era controlador, arrogante e teimoso pra caralho. Era irritante, para dizer o mínimo. Quanto mais eu resistia ao seu autointitulado charme, mais ele tentava provar seu ponto de vista.

Ele estava certo.

Sempre.

Não importa o que aconteça.

—Whoa. —Eu ordenei, parando Massimo na frente dele. Despindo Cruz com meus olhos.

—Você me quer? —Ele provocou, agarrando suas bolas. — Então venha me pegar, baby.

—Ugh! —Eu revirei meus olhos. —Estou com o Massimo. Ele é o único macho que preciso na minha vida.

—Certeza?

—Sim. —Eu dei de ombros, sendo uma pirralha. Eu juro que isso o excitava.

Ele se afastou da cerca, vindo até nós com aquela arrogância de Crucifixio Martinez que só ele conseguia ter. Minhas coxas apertaram, antecipando seu próximo movimento. Rapidamente, ele tirou meu pé do estribo e enfiou seu pé dentro. Saltando para cima de Massimo, ele se posicionou atrás de mim.

—O que você está fazendo? —Eu perguntei, pega de surpresa.

Pegando as rédeas de minhas mãos, ele fez o mesmo som curto com a boca enquanto apertava as pernas nos flancos de Massimo. Fazendo ele ir.

—Como você sabe o que fazer?

—Passei horas vendo você montar outro macho. Você tem sorte de eu ter deixado você ficar com ele.

Eu ri, não pude evitar. Achando engraçado ele ter ciúme do meu cavalo. Eu estava prestes a responder, mas seu nariz começou a esfregar minha nuca. Despertando um desejo inebriante dentro do meu núcleo.

—O que você está fazendo? —Eu repeti, encostando-me contra seu peito. Relaxando em seu corpo firme e musculoso, apreciei as sensações de seu afeto enquanto se agitavam contra minha carne.

Gradualmente, ele colocou beijos no meu pescoço enquanto sua mão segurava meu seio.

—Cruz... os seguranças...

—Não se preocupe com eles. Concentre-se em mim. Você é tão quente, tão macia. Seu cheiro é viciante. Não me canso de você, nem em pequenas doses, nem em grandes. Diga-me, você sabe disso?

—Eu sei. —Ronronei, amando suas mãos em mim.

—Eu quero um filho. Quando você vai me dar um?

—Ummm... quando suas bolas decidirem funcionar, eu acho.

Ele deu um tapa na minha boceta, forte. Ao mesmo tempo, a sensação foi agradável.

—Ai!

—Vou fazer melhor.

Ele me silenciou com sua respiração profunda e suspiros enquanto sua mão deslizava para minha barriga, desabotoando minhas calças de montar.

—Cruz... —Fechei minha boca rapidamente quando ele deslizou seus dedos em minha calcinha.

Ele conhecia meu corpo melhor do que eu. Aprendi muito sobre mim mesma com ele. O que eu gostava, o que amava, o que nunca me cansava.

Ele.

—Você vai ser uma boa menina para mim?

—Mas eu sou tão boa em ser uma pirralha. —Ofeguei quando senti seus dedos começarem a esfregar meu clitóris.

—Apenas boas meninas podem gozar.

Chupeí meu lábio inferior e ele gemeu, fazendo meu núcleo derreter com antecipação.

Meus olhos se fecharam e minha cabeça caiu para trás em seu ombro, vivendo este momento onde éramos apenas nós e nada mais importava.

Ele beijou e lambeu a curva do meu pescoço, o local que me deixava louca e me fazia estremecer. Seus dedos trabalharam em mim como em um violino, gentis no início, depois mais exigentes.

Urgente.

Insistente.

Meu corpo estava quente por toda parte, o calor se espalhando como fogo selvagem, desde a ponta dos dedos dos pés ao topo da minha cabeça. Ele estava em toda parte, se incorporando mais profundamente em meu coração e em minha alma.

—Você tem alguma ideia do que você faz comigo? Você sabe que é minha dona? Que eu sou seu?

Eu gemi em resposta.

Do nada, ele tirou a mão e eu choraminguei com a perda. Segundos depois, eu o senti deslizar os mesmos dedos sobre meus lábios. Me incitando a abri-los. Eu fiz enquanto ele os deslizava para dentro e para fora em uma tortura lenta e deliciosa, me fazendo sentir o meu gosto. Seduzindo minhas terminações nervosas, me deixando selvagem com a necessidade.

Eu apertei minhas coxas juntas para aliviar a dor e ele fez um som de desaprovação do fundo de sua garganta. Massimo entendeu meu comando não intencional, e começou a andar mais rápido.

—Devo ter misericórdia de você e dar-lhe o que você quer? Ou devo fazer você implorar por isso? —Ele me atormentou em um tom com o qual eu estava muito familiarizada.

—Farei o que você quiser, desde que você coloque a mão de volta onde eu quero.

—Onde?

—Você sabe onde.

—Diga.

—Minha boceta.

Assim como tudo que ele fez comigo, foi preciso e calculado.

—Sua o quê?

—Você me ouviu, só quer que eu diga de novo.

—E aqui estou eu, ainda esperando.

Eu sorri, inclinando minha cabeça para olhar em seus olhos.
—Na minha boceta molhada.

—Onde estão suas maneiras, Sin?

—Por favor...

—Boa menina.

Sua mão voltou para dentro da minha calcinha e minha boca se abriu ligeiramente. Ele massageou meu clitóris em um ritmo circular, como uma roda-gigante, subindo e descendo. Senti ele inchar em minutos e eu queria explodir, me estilhaçar nele, por ele. Minhas pernas tremiam e minha cabeça girava. Este orgasmo foi diferente de outros que eu experimentei antes com ele.

Meu estômago apertou.

Minha respiração parou em vez de acelerar.

Foi avassalador.

—É isso... você está quase lá.

—Eu não posso... eu não posso... por favor... —Eu implorei por não sei o quê.

—Vou conseguir o que quero e agora quero que você esguiche na minha mão.

Com isso, ele fez um breve clique com a boca, fazendo Massimo começar a trotar. Meus quadris acompanharam o ritmo de seu trote, mais rápido e mais forte, eu os balançava para frente e para trás contra a mão de Cruz. Eu não tinha controle sobre meu corpo, ele se movia por conta própria.

Ele mergulhou sua língua em minha boca, saboreando minha doçura salgada. Incapaz de aguentar mais, gritei, gozando com muita força. Ele não parou, prolongando meu êxtase. Manipulando meu clitóris. Meu corpo tremia, eu não conseguia parar de gozar. Era um

após o outro, me atingindo em uma velocidade rápida. Não tive tempo para me recompor, nem ele queria que eu o fizesse.

—Eu te amo. —Suspirei, uma e outra vez, repetindo como se fossem as únicas palavras no mundo.

—Nunca me diga que Massimo é o único macho de que você precisa em sua vida, a menos que queira que eu te foda neste cavalo da próxima vez.

Eu sabia o tempo todo...

Esse era o ponto desta reivindicação.

EPÍLOGO

Sienna

Três meses depois

Entramos na recepção para Violet. Ela era filha do senador Chase Abandonato, e hoje ela estava se casando com a realza. Não me incomodou nem um pouco que Cruz tinha o senador de Illinois na palma de sua mão. Além disso, era uma desculpa para fazer uma pausa na vida normal do dia-a-dia na Itália. Esta era a minha primeira vez em Seattle, onde o casamento e a recepção estavam sendo realizados.

Estávamos bem no Lago Washington, em uma enorme mansão. Alguns rostos eu reconheci, a maioria não. Cruz parecia conhecer todos à vista, o que provavelmente significava que essas pessoas eram tão obscuras e corruptas quanto ele. Embora eu me sentisse em casa, pois havia muitos italianos por perto, fazendo o que fazíamos de melhor.

Discutindo.

Depois que ele me apresentou a centenas de pessoas, pudemos nos esgueirar para um momento a sós. Agarrando sua mão, eu o levei em direção à varanda com vista para o belo lago que circundava a maior parte da propriedade.

Encostando-me à grade, sorri.

—Que olhar é esse? —Ele perguntou.

—Talvez eu tenha uma surpresa para você.

—Isso inclui você estar nua?

—Não. —Eu ri.

—Então eu não estou realmente interessado.

—Cruz...

Ele enjaulou meu corpo com os braços, colocando suas mãos na grade atrás de mim.

—Eu não gosto de surpresas.

—É porque você é um maníaco por controle?

—Precisamente.

—Espero que nossos filhos herdem meus genes calmos e descontraídos. Se eles herdarem o seu, estou ferrada.

Esfregando o nariz no meu pescoço, depois na lateral da minha bochecha, ele sussurrou em meu ouvido: —Não me provoque.

—Eu não estou.

Ele congelou.

Nossos olhos se encontraram.

—Minha surpresa já está dentro do meu vestido. Na verdade, crescendo dentro da minha barriga.

—Sienna...

—Olhe para baixo, marido.

Ele se afastou, seus olhos se voltando para a minha barriga, onde eu estava segurando a foto do ultrassom entre nós.

—Tenho quase certeza de que você me engravidou depois que me fez gozar no meu cavalo e depois fez amor comigo no estábulo.

Seu olhar não tinha se movido da imagem em minhas mãos.

—Por que parece que há quatro mãos?

—Porque, Crucifixio Martinez, você não marcou só um gol, você fez dois. Estou grávida.

Seu olhar se fixou no meu novamente.

—De meninos gêmeos.

Cruz

—Meu pai e tio Gino vão ficar muito orgulhosos.

Eu sorri. Antes que eu pudesse reclamar seus lábios, caí de joelhos na frente dela e beijei sua barriga primeiro.

Meus meninos.

Meus filhos.

Meu mundo inteiro.

Quando olhei para ela, ela estava chorando.

—Eu te amo, Sienna Martinez.

—Eu te amo mais.

Levantando-me, agarrei os lados de seu rosto, batendo minha boca na dela.

—Eu te amo pra caralho. —Eu respirei, incapaz de controlar as emoções que tomavam minha alma sombria.

Beijei seus lábios, incitando-a para que ela os abrisse para mim. Quando ela finalmente o fez, gemi em sua boca e ela sorriu contra a minha.

Nós nos amávamos demais.

Sentindo-a.

Precisando dela.

Amando-a.

Ela me consumia.

Minha família.

—Oh merda. —Uma forte voz masculina exclamou atrás de nós, interrompendo nosso momento.

Eu me virei.

—Porra. —Acrecentou ele, quando meu olhar foi de seu rosto para suas mãos.

—Romeo! —Outra voz masculina soou, correndo em nossa direção.

Eu sabia que acabaria conhecendo Romeo Sinacore, mas nunca imaginei que seria...

Com sangue em suas mãos.

O fim.

Para Cruz e Sienna.

É apenas o começo ou é *o fim* de... Romeo Sinacore.

O próximo é uma colaboração independente de suspense romântico com a autora mais vendida do New York Times, Rachel Van Dyken

Mafia Casanova

17 de novembro

Mata como um demônio, fode como um deus.